

REMARQUE

★
CENTELHA
DE VIDA



OUTROS ROMANCES DE
REMARQUE

DOIS ROMANCES: SEM NOVIDADES NO FRONT

*O REGRESSO

Traduções de *José Geraldo Vieira*

O ARCO DO TRIUNFO

Tradução de *Wanda Murgel de Castro*

E ASSIM ACABA A NOITE

Tradução de *Rachel de Queiroz*



LIVRARIA *JOSE' OLYMPIO* EDITORA

Rio de Janeiro: Rua do Ouvidor, 110

São Paulo: Rua dos Gusmões, 104

Belo Horizonte: Rua Curitiba, 482

Recife: Avenida Manuel Borba, 23-C

Pôrto Alegre: Rua dos Andradas, 717



ERICH MARIA REMARQUE

Centelha de
Vida

Romance



TRADUZIDO DO ALEMÃO

POR

BEATRIZ-SYLVIA ROMERO PORCHAT



Livraria JOSÉ OLYMPIO EDITORA

Rio de Janeiro — São Paulo — Belo Horizonte —
Recife — Porto Alegre — 1954

TÍTULO DO ORIGINAL ALEMÃO:

DER FUNKE LEBEN

Capa de *Luis Cannabrava*

Direitos de tradução reservados para a língua portuguesa.
Copyright da LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA,
Rio de Janeiro, Estados Unidos do Brasil.

O “esqueleto” 509 ergueu o crânio com lentidão e abriu os olhos. Não sabia se estivera desmaiado ou simplesmente dormindo. Entre uma e outra cousa era já mínima a diferença. Fome e esgotamento há muito vinham completando êsse trabalho. Dormir ou desmaiar não era mais do que escorregar numa profundeza lodosa da qual era quase impossível emergir.

509 espreitou. Era uma velha regra do acampamento. Não se sabendo nunca de que lado se estava ameaçado, era melhor ficar imóvel contando com a *chance* de passar despercebido ou ser tomado por morto, — uma simples lei da natureza que nenhum besouro ignora.

Nada de suspeito havia em redor. Nas tôrres das metralhadoras as sentinelas cochilavam. Tudo estava em silêncio. Virou a cabeça cauteloso para trás.

O campo de concentração de Mellner dormitava ao sol serenamente. O pátio de chamada que, por ironia, os “SS” denominavam “tablado de dança”, estava quase vazio. De postes de madeira à direita do portão, pendiam quatro infelizes com as mãos amarradas nas costas e os braços deslocados. Da janela do crematório, dois foguistas divertiam-se atirando-lhes pedrinhas de carvão. Nenhum dos quatro, porém, fazia o menor movimento. Já estavam pendurados há meia hora e tinham desfalecido.

As barracas estavam desertas. Os destacamentos que trabalhavam fora ainda não tinham regressado. Os poucos encarregados da faxina interna deslizavam pelos caminhos. Em frente ao calabouço, à esquerda do portão, o chefe de destacamento, o “SS” Breuer, refestelado numa poltrona de vime em frente a uma mesa redonda, bebia uma xícara de café. Na primavera de 1945 um bom café puro era cousa rara, mas tendo há pouco es-

trangulado dois judeus que há seis semanas apodreciam no calabouço, achava natural que um tal ato de humanidade fôsse recompensado. O cabo da cozinha juntara ao café um pedaço de bôlo que Breuer saboreava devagar, apreciando guloso as passas sem caroço que, em abundância, pontilhavam a massa. O judeu mais velho não tinha proporcionado grande diversão, mas o outro ainda estava forte, estrebuchara e gemera durante um bom momento. Breuer arreganhou os dentes, sonolento, e ficou ouvindo os sons fugidios da banda do acampamento que, por detrás do jardim, tocava a valsa "Rosas do Sul", a peça predileta do comandante do campo, Neubauer.

509 estava do outro lado junto a um grupo de barracas de madeira separadas do "grande acampamento" por uma cêrca de arame farpado. Aquilo ali era chamado o "pequeno acampamento." Os presos que já não agüentavam mais o trabalho, eram enviados para lá, onde morriam pouco depois. Chegavam, porém, constantemente novos prisioneiros mesmo que os antigos não tivessem morrido, de modo que as barracas estavam sempre superlotadas. Muitas vêzes os moribundos ficavam deitados uns por cima dos outros pelo caminho ou se arrastavam para o lado de fora. Em Mellner não havia câmaras de gases, fato de que muito se orgulhava o Comandante que, aliás gostava de repetir que ali os prisioneiros morriam de morte natural. Seção protetora, era o nome oficial do "pequeno acampamento"; no entanto, poucos dos seus ocupantes dispunham ainda de vigor bastante para resistir àquela proteção por mais de uma ou duas semanas. Um pequeno grupo dos mais rijos ocupava a barraca 22. Com um resto da alegria dos desesperados, êles se intitulavam "os veteranos". 509 pertencia àquele grupo. Para lá fôra enviado há quatro meses e parecia-lhe um verdadeiro milagre estar ainda vivo.

A fumaça negra do crematório esvoaçava sôbre o acampamento, impregnando as barracas de suas emanções. Era um cheiro de gordura adocicado que provocava vômito. Apesar de já estar há dez anos no campo de concentração, 509 ainda não se habituara àquelas exalações. Talvez fôssem os restos de dois "veteranos" mortos de manhã e já levados para o crematório: o relojoeiro Jan Sibelski e o professor de Universidade Joel Bucha-

baum. Um dêles, aliás não estava completo; faltavam-lhe três dedos, 17 dentes e parte do membro genital. A mutilação processara-se durante o período de “instrução para tornar-se uma pessoa útil”. A história do membro genital causara grande hilaridade numa noite de sessão cultural dos “SS”. Uma idéia do chefe de bloco, Günther Steinbrenner, simples como tôdas as grandes idéias — uma injeção com grande porcentagem de ácido clorídico —. Há pouco chegado àquele acampamento, Steinbrenner granjeara com isso a admiração dos camaradas.

A tarde de março estava agradável, o sol já espalhava um certo calor, mas 509 tiritava apesar de vestir, além das próprias roupas, o casaco de Joseph Bucher, o capote do ex-comerciante Lebenthal e a malha rasgada do defunto Joel Buchsbaum, salva pelo pessoal da barraca antes de despacharem o cadáver. Quando, porém, uma pessoa com 1 metro e 78 de altura pesa menos de 35 quilos, é provável que nem mesmo peliças a possam aquecer.

509 tinha direito a mais uma meia hora de sol. Depois deveria entrar para devolver as roupas emprestadas e mais as suas, a fim de que outro pudesse sair. Isto fôra estipulado entre os “veteranos” logo que o frio melhorou. Alguns, no entanto, já não tinham interêsse por coisa alguma. Sentiam-se demasiado enfraquecidos depois das agruras do inverno e nada mais desejavam do que poder morrer quiéto dentro das Barracas. Berger, o fiscal do alojamento, insistia para que todos que ainda pudessem se arrastar, saíssem para o ar livre durante algum tempo. Agora seria a vez de Weshof, depois a de Bucher. Lebenthal desistira porque tinha algo de melhor para tratar.

509 virou-se novamente para trás. O campo de concentração ficava numa elevação e através a cerca de arame farpado êle podia ver a cidade situada no vale mais baixo. Acima da confusão dos telhados sobressaíam as tôrres dos templos. Era uma velha cidade com muitas Igrejas e bastiões; com alamêdas de tílias e becos tortuosos. Para o Norte a parte nova com ruas largas, a estação principal, casernas, fábricas e fundições de ferro e cobre onde trabalhavam os destacamentos do campo de concentração. Alargando-se num vasto arco, serpentea-

va um rio e nêle se espelhavam sonolentas as pontes e as nuvens.

509 deixou a cabeça descair. Só conseguia levantá-la por pouco tempo. Um crânio pesa muito quando os músculos do pescoço se transformaram num amontoado de filamentos encarquilhados. Além disso, o espetáculo da fumaça saindo das chaminés aguçava ainda mais a fome. A fome que cresce no cérebro, não sômente a fome do estômago. Esse, há anos, vinha sendo domesticado e já estava incapaz de outra sensação além de uma constante avidez embotada. Ter fome no cérebro era coisa muito pior. Despertava incansáveis alucinações que o devoravam durante o sono. Já no inverno precisara de três meses para se livrar do desejo de batatas fritas. Sentia-lhes o odor em tôda a parte, até no mau cheiro das privadas. Agora estava atormentado pelo pensamento de toicinho com ovos.

Consultou o relógio de níquel que estava no chão a seu lado. Lebenthal lho emprestara — era uma preciosidade da barraca —. O polonês Julius Silber, morto há anos, tinha-o escondido no acampamento. 509 viu que ainda dispunha de dez minutos para ficar ali, mas resolveu voltar para a barraca. Não queria adormecer. Receava nunca mais despertar. Perscrutou novamente os caminhos, e nada viu que representasse perigo. Aliás não era provável nenhum perigo no momento. Aquêlê cuidado era mais uma rotina do que mêdo. O “pequeno acampamento”, por causa da disenteria estava numa espécie de quarentena relaxada, de modo que os “SS” quase não apareciam por ali. Além do mais nos últimos tempos a guerra se estava fazendo sentir cada vez mais fortemente e uma parte dos “SS” que até então só tinha mostrado o seu heroísmo em torturar e matar prisioneiros indefesos, fôra finalmente, enviada ao campo de batalha. Na primavera de 1945, só um têrço das tropas de “SS” guarnecia o campo de concentração. A direção interna do acampamento estava quase tôda entregue a prisioneiros. Cada barraca tinha um fiscal de grupo e vários fiscais de alojamento. Os pelotões que trabalhavam fora, estavam subordinados a cabos e a ajudantes e o campo a fiscais de acampamento. Eram prisioneiros controlados, por sua vez, por chefes de acampamento,

chefes de blocos e chefes de grupos, todos homens da "SS". No começo só havia no campo presos políticos, mas, no correr dos anos, grande quantidade de criminosos comuns veio das superlotadas prisões da cidade e da província. Os grupos se diferenciavam pela cor dos triângulos de fazenda costurados, além do número, na roupa de cada prisioneiro. Os dos presos políticos eram vermelhos; os dos criminosos, verdes. Os judeus tinham, além disso, um triângulo amarelo formando com o outro uma estrêla de Davi.

Com o capote de Lebenthal e o casaco de Joseph Bucher pendurados nas costas, 509 começou a se arrastar para a barraca. Achava-se mais fatigado do que em geral. Até o arrastar-se tornava-se-lhe penoso. Pouco depois começou a sentir como se o solo trepidasse embaixo dêle. Procurou refazer as forças, fechou os olhos e respirou profundamente para descansar. No mesmo instante soaram as sireias de alarme. Primeiro, somente duas, poucos segundos depois os sons se multiplicaram como se irrompessem de todos os cantos da cidade. Soavam dos telhados e das ruas; das tôrres e das fábricas. Aquela cidade que ainda há pouco se espreguiçava ao sol, como se nada fôsse capaz de alterá-la, começou de repente a estertorar como um animal que, paralisado, vê a morte se aproximar e não pode fugir. Com suas sireias e apitos bradava ao céu, onde tudo permanecia silencioso.

509 coseu-se imediatamente ao chão. Era proibido ficar fora das barracas durante o alarme antiaéreo. Ele poderia tentar erguer-se, mas sentia-se muito fraco para alcançar com rapidez a barraca relativamente distante; entrementes uma sentinela novata, poderia, por nervosismo, mandar-lhe umas balas. Arrastou-se uns metros para trás, tão depressa quanto lhe foi possível e tratou de achatar-se no vão de uma valeta cobrindo-se com as roupas. Dava assim a impressão de alguém que tivesse caído morto. Como isso era uma coisa freqüente, aquela posição nada tinha de suspeita. Além do mais, aquilo não duraria muito. Últimamente os alarmes se repetiam quase todos os dias, nada, porém acontecia. Os aviões surgiam, mas continuavam na direção de Hanover e Berlim.

As sereias do acampamento silenciaram para logo depois recommear com o segundo sinal. O barulho crescia de vez em quando como se proviesse de enormes discos girando em gramofones descomunais. Os aviões aproximavam-se da cidade. 509 já conhecia aquelas manobras. No momento o inimigo que receava, era o homem da mais próxima metralhadora de defesa, que percebesse que elle não estava morto. O que se desenrolava do outro lado do arame farpado, não era da sua conta.

Principiou a respirar com dificuldade. O ar confiado debaixo das roupas parecia uma pasta de algodão escuro que ia se avolumando cada vez mais sôbre a sua cabeça. Sentia-se, naquela valeta, como se estivesse numa cova. Pouco a pouco essa impressão, dêle se foi assenhoreando; estava realmente dentro de uma cova, de onde não mais se levantaria; chegara ao fim; ficaria ali estendido para sempre aniquilado pe'a enorme fraqueza que o estava arrasando, mas contra a qual, até agora, sempre tinha conseguido reagir.

Em vão tentava dominar-se. Cada vez mais era subiugado por uma sensação de expectativa que se expandia sôbre tudo. Era como se à espera de algo estivessem a cidade, o ar, a luz. Qual no principio de um eclipse, quando como que sôbre as côres um sôpro de chumbo se difunde e distante já se pressente um anagado mundo sem sol; havia em tudo o vazio de uma incerteza — a dúvida se a morte, mais uma vêz passaria adiante sem se deter —.

O choque não fôra violento, apenas imprevisto, vindo de um lado que parecia ser o mais seguro. 509 sentira, como se de dentro da terra, lhe desferissem um sôco no estômago. Em seguida o ulular das sereias foi cortado por um zumbido que ia sempre aumentando assustadoramente. Era um ruído que se assemelhava ao barulho das sereias, mas ao mesmo tempo, era diferente. 509 não sabia o que começara primeiro, se o choque, o zumbido ou o fragor que se fizera ouvir; sabia apenas que nada daquilo havia sucedido durante os outros alarmes e que agora, cada vêz mais próximo e cada vêz mais forte, estava se repetindo por baixo e por cima dêle; sabia tam-

bém o que significava aquilo: pela primeira vez os aviões não tinham seguido para adiante — a cidade estava sendo bombardeada.

O solo tornou a estremecer, como se fôsse sacudido por marteladas subterrâneas. De repente 509 sentiu a mente se desanuviar. Estava lúcido. Sua profunda fadiga se desvanecera como fumaça num turbilhão de vento. Cada estremecimento do solo repercutia-lhe no cérebro. Durante mais algum tempo, ainda permaneceu imóvel, depois, quase sem reparar no que fazia, esticou cauteloso uma das mãos e puxou a coberta da cabeça, tanto quanto lhe permitisse observar a cidade.

Lá embaixo, como um brinquedo, a estação desmoronava e estilhaços voavam pelos ares. Arrojada por cima das árvores do parque, a cúpula dourada, numa trajetória quase graciosa, desaparecera atrás dos ramos. As explosões que se seguiram, eram estranhas àquela cena que se desenrolava com tanta lentidão. A artilharia da defesa lembrava o latido de um cachorrinho esgançado, sufocado pelo possante ladrar de um grande cão. Mais um abalo fortíssimo. Uma das tôrres da Igreja de Sta. Catarina principiou a se inclinar. Foi tombando devagar, enquanto se espatifava em mil pedaços. Era um espetáculo irreal, como uma filmagem em câmara lenta. Colunas de fumo cresciam como cogumelos por entre as casas. 509 ainda não assimilara a idéia de uma destruição, parecia-lhe que gigantes invisíveis andavam brincando pelo vale. Na parte da cidade que não fôra atingida, a fumaça saía das chaminés serenamente como dantes; o rio continuava a refletir as nuvens como há pouco e os tiros da artilharia orlando o céu, davam-lhe o aspecto de uma inofensiva almofada, de onde se escapavam pardos flocos de algodão.

Uma bomba veio cair fora da cidade, perto do caminho que subia até o acampamento, mas 509 continuava a não ter medo. Aquilo tudo se desenrolava muito distante do estreito mundo onde êle vegetava. Ali dentro receava-se a brasa de um cigarro encostada à pupila ou aos testículos; tinha-se medo de passar semanas no calabouço; de um ataúde de pedra, onde não se podia ficar nem de pé nem deitado; do cavalete sobre o qual os rins eram

moídos de pancada; da câmara de torturas, na ala esquerda da porta de entrada; — de Steinbrenner, de Breuer, do chefe de Campo Weber. Mas mesmo essas lembranças estavam esmaecidas, agora que fôra atirado ao “pequeno acampamento”. Urgia esquecer, a fim de conservar forças para continuar vivendo. Além disso, depois de 10 anos, o próprio campo de concentração de Mellner, principiava a se fatigar dos seus processos de tortura. Até um jovem “SS”, cheio de reservas de idealismo, acaba se enfadando de martirizar “esqueletos” que além de poucas reações já quase não resistem. O velho fanatismo só bruxuleava quando chegava um reforço de prisioneiros ainda robustos. Nessas ocasiões, voltava-se a ouvir durante a noite os já familiares urros de desespero, enquanto a tropa de “SS” andava mais animada como depois de um bom jantar de assado de porco com batatas e repolho roxo. No mais, os campos de concentração da Alemanha, durante a guerra, eram até quase humanos. Se acontecia que os prisioneiros fôsem asfixiados, estrangulados, ou postos a trabalhar até caírem de fome ou de fraqueza, e se às vezes, se jogava ao forno algum ainda com vida, era mais por excesso de trabalho dos encarregados e fiscais ou por ficar algum “esqueleto” muito tempo imóvel, do que mesmo por má intenção do pessoal da “SS”. Tais coisas, aliás, só aconteciam, no caso de chegarem novos transportes de prisioneiros e se fazer mister uma liquidação em massa para se arranjar vaga com rapidez. Tampouco a questão alimentar era tratada com excessiva dureza... Mesmo para o “pequeno acampamento” havia rações e ali “veteranos”, como 509, logravam bater um recorde permanecendo vivos.

O bombardeio cessara bruscamente. Só a artilharia continuava. 509 afastou um pouco mais a cobertura para poder observar a torre de metralhadoras, mais próxima. O posto estava vazio. Olhou para a direita e para a esquerda, não havia sentinelas em nenhuma. A guarnição de “SS” tinha se pôsto em lugar seguro, pois perto das casernas havia ótimos abrigos antiaéreos. 509 empurrou as cobertas e se arrastou até a cêrca de arame farpado. Apoiado nos cotovelos espraçou o olhar pelo vale.

Tôda a cidade estava em chamas. O que pouco antes parecera uma representação, mostrava-se agora em tôda

a realidade: fogo e destruição. Preta e amarela, a fumaça, como um enorme molusco se estendia pelas ruas invadindo as casas. Labaredas avultavam. Da estação espocou um feixe luminoso. A torre destrocada da Igreja de Santa Catarina começou a ser lambida por línguas de fogo. O sol na sua glória de ouro e o céu azul e branco tão risonhos como antes, indiferentes a tudo o que estava acontecendo continuavam a brilhar sobre os tranqüilos bosques e prados em derredor. Era um contraste chocante: parecia que somente a cidade fôra atingida pela maldição de um poder sobrenatural. Esquecendo toda a prudência, 509 observava a cidade. Ele só a conhecia através os fios de arame farpado. Nunca estivera dentro dela, mas durante aqueles 10 anos de reclusão, tinha se tornado para ele, mais do que uma simples cidade.

Contemplá-la era contemplar a liberdade perdida. Dia após dia, depois de ter passado por um dos "tratamentos especiais" administrados por Weber, e quando já mal podia se arrastar ficava a espreitar-lhe a descuidada vida cotidiana. Suspenso ao madeiro com os braços meio deslocados, vira-lhe muitas vêzes as igrejas e as casas; os barcos sobre os rios e os automóveis que passavam. Era um espetáculo que queimava os olhos, um tormento maior do que o sangue que gotejava dos rins macerados, um suplício a mais para torturar os prisioneiros.

Foi quando principiou a odiá-la. Os dias escoavam-se e, tanto como cá em cima, tudo lá embaixo permanecia igual. A fumaça das suas cozinhas continuava a subir pelas chaminés, indiferente à fumaça que saía da chaminé do crematório. Seus parques e seus campos de esporte continuavam cheios da mesma algazarra festiva, enquanto no "tablado de dança", eram aviltadas centenas de criaturas perseguidas. Seus bosques, aos domingos, eram invadidos por bandos alegres, enquanto no campo de concentração colunas de prisioneiros arrastavam seus mortos e feridos pelos duros caminhos de pedras. Odiou-a porque imaginava que ela os esquecera para sempre.

Por fim até aquêlê ódio foi esmorecendo. A luta por uma còdea de pão era muito mais importante do que todo o resto, e além disso, tinha consciência de que ódio e recordações acabam aniquilando o invidíduo tanto

quanto as dores físicas. 509 aprendera a se abster de qualquer idéia ou preocupação. Vivia a vida de cada momento. A cidade tornara-se-lhe indiferente e o espetáculo da sua vida imutável, mais um símbolo da imutabilidade da sua própria existência.

Agora as chamas a envolviam. Sentiu que seus braços estavam tremendo. Tentou conter-se, mas foi inútil. O tremor aumentava. Dentro dêle, de repente, parecia que tudo estava solto, sem coerência. A cabeça doía-lhe como se estivesse ôca e alguém tocasse tambor dentro dela.

Fechou os olhos. Não desejava que quaisquer sensações o viessem atormentar novamente. Já tinha recalcado tôdas as esperanças que agora jaziam enterradas. Deixou os braços escorregarem e apoiou o rosto nas mãos.

Nada tinha e nada queria ter com aquela cidade. Queria indiferente como antes, que o sol brilhasse sobre o pergaminho encardido que era a pele de seu rosto; queria respirar, matar os piolhos, mas não queria pensar; queria apenas vegetar como já vinha fazendo há tempo.

No entanto aquilo não lhe era mais possível. Não mais podia sufocar a excitação. Deitou-se de costas bem esticado. Por cima dêle alargava-se o céu cheio de nuvenzinhas. Era a fumaça de artilharia que depressa se desfazia, empurrada pelo vento. Por um momento quedou imóvel, não podia porém, suportar mais a inação por muito tempo. O céu transformara-se num abismo azul e branco, para onde êle tinha sensação de voar. Virou-se e acabou se sentando. Não olhava mais para a cidade. Olhava para o acampamento pela primeira vêz, como se dali esperasse algum auxílio.

As barracas continuavam a dormir sob os raios de sol. No "tablado de dança" as quatro vítimas ainda pendiam como antes; somente o chefe de destacamento, Breuer, tinha desaparecido. Do crematório saía agora uma tênue coluna de fumaça. Talvez naquele momento estivessem incinerando crianças, ou então, tivesse havido uma ordem para interromper o trabalho.

509 esforçava-se por fixar a atenção nesses detalhes. Aquêles era o seu mundo. Nenhuma bomba o havia atingido, ali continuava inexoravelmente.

Só o que estava dentro da cêrca de arame farpado devia preocupá-lo. Do outro lado daquela cêrca, nada lhe dizia respeito. Ao cessar a artilharia, pareceu-lhe que, no silêncio, uma corda muito retesada se havia partido. Durante um segundo julgou que tudo não passava de um sonho, do qual acabava de despertar. Bruscamente virou-se para o outro lado.

Não fôra um sonho. Lá estava a cidade queimando devagar. Lá estavam as ruínas e a fumaça e êle tinha, sim, alguma coisa que ver com aquilo tudo! Era-lhe impossível distinguir o que fôra atingido. Tudo desaparecia sob o fogo e a fumaça; mas não importava. A cidade estava em chamas; aquela cidade que êle imaginara imutável, imutável e inatingível como o campo de concentração.

509 teve um estremecimento; julgou sentir as metralhadoras de todo o acampamento apontadas para êle. Esquadrinhou os arredores. Não havia nada de novo; as metralhadoras continuavam abandonadas e os caminhos desertos. Apesar disso foi tomado de pânico, com a sensação de um punho ameaçando esmagá-lo. Não queria morrer. Agora não. Agora já não queria. Pegou ligeiro nas roupas que o cobriam, mas embarçou-se no capote de Lebenthal. Praguejando e bufando, afastou-o dos joelhos e aremessou-se rápido para a frente em busca da barraca, profundamente agitado e perturbado, como se estivesse fugindo de alguma coisa terrível.

2

A barraca 22 tinha duas alas, dirigidas, cada uma, por um fiscal de alojamento. Na segunda seção da segunda ala, moravam os "veteranos". Era a parte mais estreita e a mais úmida, mas isto não os preocupava; o importante era que pudessem estar reunidos. Assim sentiam-se com mais ânimo para resistir. A morte era tão contagiosa quanto o tifo. Isolados recebavam acabar ainda mais depressa. Amontoados tinham a impressão de melhor resistir.

Quando um fraquejava, os camaradas ajudavam-no a vencer o desfalecimento. Se os "veteranos" do "pe-

queno acampamento" eram mais duros, não era porque se alimentassem melhor, mas porque aquele grupo se nutria de um resto de desesperada energia que ainda conseguira conservar.

Naquele canto, agüentavam-se, no momento, 134 "esqueletos", apesar de só haver lugar para 40. As camas compunham-se de tábuas, colocadas, quatro a quatro, umas sôbre as outras. Não tinham colchão. Algumas eram cobertas com um pouco de palha podre. Havia uns poucos cobertores imundos que eram açodadamente disputados quando morria um dos seus possuidores. Em cada cama, deitavam-se três e até quatro pessoas. Era pouquíssimo espaço mesmo tratando-se de "esqueletos" porque os ossos não ficam mais delgados. Deitados de lado, como sardinhas podiam se arranjar um pouco melhor, mas não era raro, durante a noite, ouvir-se o baque surdo de alguém caído no chão durante o sono. Alguns dormiam agachados e quando tinham a sorte dos companheiros morrerem à noite, podiam então se esticar comodamente pelo menos, até chegarem novos hóspedes.

Os "veteranos" tinham reservado para êles o canto à esquerda da entrada. Do grupo, só 12 haviam sobrevivido. Há dois meses apenas, ainda eram 44 homens, mas o inverno os havia aniquilado. Todos sabiam que não lhes restava mais muito tempo de vida; as rações diminuía dia a dia e às vêzes se passavam dois dias absolutamente sem nada para comer. Nessas ocasiões o número de mortos aumentava consideravelmente.

Dos 12 restantes, um enlouquecera e dizia ser um mastim alemão. Perdera as orelhas quando o tinham nôsto como alvo para treinamento de cães das fôrças da "SS". O mais jovem do grupo chamava-se Karel, era um garôto da Tcheco-Eslováquia. Seus pais tinham sido mortos e agora serviam para adubar as plantações de batatas de um camponês fanático. Com as cinzas do crematório, enchiam-se saquinhos que eram vendidos como adubo artificial, rico em fósforo e cálcio. Karel trazia o distintivo dos presos políticos e tinha 11 anos de idade.

O "veterano" mais velho tinha 72 anos. Era um judeu que lutava para conservar a barba. A barba fazia parte de sua religião e apesar de o proibirem terminan-

temente os "SS" êle sempre arranjava um jeito de a deixar crescida. Por causa disso já estivera várias vezes preso ao cavalete para ser açoitado. No "pequeno acampamento" tivera mais sorte. Ali os homens da "SS" não se preocupavam tanto com o regulamento e controlavam menos. Os piolhos, o tifo, a disenteria e a tuberculose inspiravam-lhes pavor.

O polonês Julius Silber apelidára o septuagenário de Ahasverus porque êle tinha sobrevivido a quase uma dúzia de campos de concentração na Holanda, na Polônia, na Áustria e na Alemanha. Silber tinha morrido e já estava adubando uma primula no jardim do comandante Neubauer, que recebia, de graça, as cinzas dos recém-queimados. Mas o nome de Ahasverus tinha ficado. No "pequeno acampamento", o rosto do velho tinha se encarquilhado, porém a barba crescera e se tornara uma densa floresta onde habitavam gerações de robustos parasitas.

O chefe de alojamento da seção, o ex-médico Dr. Ephraim Berger, era uma figura importante na luta que a barraca mantinha contra a morte. Durante o inverno, quando os "esqueletos" caindo na neve, quebravam algum osso, conseguira muitas vezes encanar-lhes os membros e salvá-los. O Hospital não recebia ninguém do "pequeno acampamento". Nêle só entravam os presos que estivessem em condições de trabalhar ou gente importante. Além disso os caminhos no "grande acampamento" não eram tão perigosos porque sôbre o gêlo espalhava-se cinza, vinda do crematório. Não que os ali segregados merecessem tal cuidado, mas os braços para o trabalho, precisavam ser conservados, sobretudo agora que o campo de concentração tinha sido anexado ao esforço comum de produção. É verdade que as tarefas exigidas apressavam a morte dos presos, mas isso não tinha importância. Diariamente se efetuavam detenções suficientes para compensar as baixas.

Berger era um dos raros prisioneiros que tinha permissão para transpor a cêrca do "pequeno acampamento". Algumas semanas antes fôra convocado para trabalhar na sala do crematório. Em geral os chefes de alojamento não estavam sujeitos a nenhum outro serviço, mas, havendo poucos médicos, naquela época era preciso utilizar

os que estavam à mão. Isso foi de grande utilidade para a barraca. O cabo da enfermaria era um antigo conhecido, e, por meio d'êle, Berger arranjava um pouco de lisol, algodão, aspirina e outras dessas ninharias que, para os "esqueletos", eram de grande utilidade. Escondido na palha da sua cama, havia também um vidro de iôdo.

No entanto o "veterano" mais importante era Leo Lebenthal. Êsse mantinha segretos entendimentos com o "grande acampamento" e, segundo se dizia, até fora dali. Como era que conseguia tudo isso, ninguém jamais ficou sabendo exatamente. Sabia-se apenas que duas prostitutas do "O Morcego", um estabelecimento situado na cidade trabalhavam com êle. Afirmava-se também que até um "SS" estava comprometido no negócio, mas nunca se soube nada ao certo e Lebenthal nada deixava transpirar.

Comerciava com tudo. Por seu intermédio, podia-se obter um tóco de cigarro, uma cenoura, às vêzes batata, restos da cozinha, um osso e, de vêz em quando, até um pedaço de pão. Não enganava ninguém. Era sômente o intermediário. Nunca pensava em obter as coisas só para si. Comerciante de corpo e alma, não importava com o que podia comerciar, o importante era poder comerciar.

509 esgueirou-se para dentro da barraca. O sol, do lado de fora, incidiu sôbre as suas orelhas côr de cêra que, por um momento, sobressaíram amarelas dos dois lados da massa escura da cabeça.

— Bombardearam a cidade, sussurrou êle.

Ninguém respondeu. 509 ainda não acomodara a vista à escuridão do interior da barraca.

Fechou os olhos e abriu-os novamente.

— Vocês não ouviram?

Ainda dessa vêz não obteve resposta. Agora já podia distinguir Ahasverus sentado no chão, perto da porta, alisando a cabeça do "Mastim". O infeliz resfolegava de mêdo. Através dos lanudos cabelos que cobriam seu rosto cortado por cicatrizes, os olhos brilhavam apavorados.

— Uma tempestade, nada mais do que uma tempestade, murmurou Ahasverus. Quietos Wolf, fique quietos.

509 arrastou-se mais para diante. Não podia compreender que os outros continuassem indiferentes.

— Onde está Berger, perguntou?

— No crematório.

Colocou no chão o capote e o paletó e perguntou:

— Nenhum de vocês quer sair?

Encarou Westhof e Bucher, mas nenhum respondeu.

— V. sabe que é proibido sair durante o alarme antiaéreo, respondeu finalmente Ahasverus.

— Já terminou o alarme.

— Ainda não.

— Já terminou sim, os aviões bombardearam a cidade e já se foram embora.

— V. já contou isso, rosnou alguém de um canto escuro.

— Como castigo, talvez fuzilem uma dúzia dos nossos, disse Ahasverus, erguendo os olhos.

— Fuzilar?, riu baixinho Westhof, desde quando aqui alguém é fuzilado?

— O "Mastim" ladrrou, Ahasverus serenou-o.

— Na Holanda, depois de um bombardeio aéreo, fuzilavam dez ou vinte prisioneiros polonêses, para que os outros não comesçassem a afagar falsas ilusões.

— Aqui nós não estamos na Holanda.

— Já sei. Estou só dizendo como é que eles faziam na Holanda.

— Fuzilar! bufou Westhof com desprêzo. Por acaso é V. algum soldado para ter tais pretensões? Aqui se é enforcado ou massacrado.

— Talvez experimentassem para variar.

— Calem essa boca desgraçada, tornou a gritar a voz do canto escuro.

509 acocorou-se ao lado de Bucher e fechou os olhos. Ainda estava sentindo o cheiro da cidade queimando e o abafado trovejar das explosões.

— Vocês acham que hoje teremos a ração da noite? — perguntou Ahasverus.

— Desgraçado, urrou a voz do canto escuro, que é que V. pretende ainda? Primeiro fala de fuzilamentos e depois pergunta se teremos comida!

— Um judeu precisa conservar a esperança.

— Esperança! riu de novo Westhof baixinho.

— Que mais pode ter? perguntou Ahasverus com calma.

Westhof engasgou-se e, de repente, desatou em soluços; há dias estava sofrendo a chamada vertigem da barraca.

Abrindo os olhos 509 murmurou:

— Talvez hoje à noite não haja comida, como vingança pelo bombardeio.

— “E V. a dar com êsse excomungado bombardeio”, rugiu a voz do escuro, “veja se cala êsse bico de uma vez.”

— Algum de vocês tem ainda alguma coisa que se coma? — perguntou Ahasverus.

— Que coisa! bradou a voz do escuro, quase sufocada por aquela nova idiotice.

Ahasverus continuou sem ligar importância.

— No campo de concentração de Theresienstadt, aconteceu uma vez um dos presos ter um pedaço de chocolate sem saber. Escondera-o na palha da cama ao ser internado. Era um pedaço de chocolate com leite, dêsses que a gente compra nos automáticos; trazia uma figura com o retrato de Hindenburg.

— E o que mais? — escarneceu a voz do escuro, — não tinha também um passaporte?

— Não, mas com o chocolate nós conseguimos agüentar dois dias.

— Quem é que está berrando dêsse jeito? — perguntou 509 a Bucher.

— Um dos que chegaram ontem. É um novato, logo ficará mais tranqüilo.

Ahasverus escutou com atenção:

— Pronto, acabou.

— O quê?

— Lá fora, o alarme antiaéreo.

De repente tudo ficou completamente silencioso. Logo depois ouviram-se passos.

— Trate de esconder o “Mastim” — sussurrou 509.

Ahasverus puxou-o para o vão entre as camas.

— Quietos, deitados!

Ahasverus tinha-o habituado a obedecer à voz de comando. Se o pobre louco fôsse descoberto por um “SS”, teriam de entregá-lo para ser injetado com a droga que liquidava os doidos.

Voltando da porta Bucher anunciou:

— É Berger.

O dr. Ephraim Berger era um homem pequeno, de ombros caídos, com uma cabeça de feijão completamente calva, de olhos inflamados e lacrimejantes.

— A cidade está em chamas — disse êle ao entrar.

509 ergueu-se perguntando:

— Que é que dizem a respeito?

— Não sei.

— Como? V. deve ter ouvido alguma coisa.

— Nada, respondeu Berger fatigado, suspenderam a cremação logo que soou o alarme.

— Por quê?

— Como posso saber? Veio uma ordem e pronto.

— E os “SS”? Viu você algum?

— Não.

Berger seguiu para adiante, por entre as camas. 509 acompanhou-o com a vista. Esperava por Berger para conversarem e ali estava êle, tão indiferente como os outros todos. 509 não podia entender uma coisa dessas.

— Não vai lá para fora? — Perguntou a Bucher.

— Não.

Bucher era um rapaz de 25 anos, dos quais 7 consumira no campo de concentração. Seu pai fôra redator de um jornal social-democrata e isso bastara para prenderem o filho. “Saindo daqui, êle poderá ter ainda uns quarenta anos de vida”, refletiu 509. “Uns 40 ou 50, enquanto eu, que já estou com 50, não disporei de mais do que uns 10 ou 20 anos.” Tirou um pedaço de madeira de dentro do bolso e começou a trincá-la enquanto imaginava porque estaria a pensar em tudo isso.

— Lohmann quer falar com V. — disse-lhe Berger ao voltar.

Lohmann deitava-se no fundo da barraca, numa cama, das debaixo, sem nenhuma palha. Êle a queria assim, porque sofrendo de disenteria e não podendo mais se levantar para nada, achava que era mais limpo. Não adiantava coisa alguma, mas já estavam habituados com aquilo, porque todos, mais ou menos, sofriam de diarréia. Para Lohmann, porém, era uma tortura. Às portas da morte, ainda se desculpava das contorções dos seus intes-

tinós. A côr de seu rosto era terrosa, como a de um negro a quem tivessem tirado todo o sangue. Acenou para que 509 se curvasse sôbre sua cama. As pupilas brilhavam amareladas.

— Está vendo isto aqui? — E escancarou a bôca.

— O quê? — perguntou 509 olhando o céu da bôca azulado.

— No fim, à direita, é uma coroa de ouro.

Lohmann virou a cabeça na direção da estreita janela. O sol, por detrás da barraca iluminava-a com uma fraca luz côr-de-rosa.

— Sim — disse 509; nada, porém, estava vendo.

— V. precisa arrancá-la.

— O quê?

— É preciso arrancá-la — sussurrou Lohmann com impaciência.

509 olhou para Berger, que do outro lado acenou-lhe que não.

— Está muito firme ainda — disse 509.

— Então arranque com dente e tudo. Berger sabe fazer isso, pois faz no crematório. Vocês dois juntos conseguirão com mais facilidade.

— Para que é que V. quer arrancá-la?

Lohmann levantou e abaixou as pálpebras lentamente. Pareciam os olhos de uma tartaruga; não tinham mais nenhuma pestana.

— Vocês sabem perfeitamente. É uma coroa de ouro. Vocês podem trocá-la por comida. Lebenthal tratará disso.

509 nada respondeu. Negociar com ouro era uma empresa muito perigosa. Em geral as obturações a ouro eram registradas à chegada dos prisioneiros e mais tarde, no crematório, arrancadas antes da incineração e arrecadadas com tudo que tivesse valor. No caso de um "SS" notar a falta de alguma que tivesse sido registrada, tôda a barraca seria responsabilizada.

Ninguém receberia comida até ser encontrado o objeto desaparecido. Aquêlo com quem fôsse encontrado, seria enforcado.

— Tratem logo de arrancá-la — arquejou Lohmann — com um alicate ou com um pedaço de arame.

— Nós não temos alicate.

— Então dobrem um pedaço de arame que faz o mesmo efeito.

— Não temos arame, tampouco.

Lohmann cerrou os olhos esgotado, continuou a mover os lábios, mas não pôde articular nenhum som. O corpo ficou imóvel e achatado. Só os lábios ressequidos se moviam. Um fiapo de vida, quase petrificada manifestando-se apenas num hálito de chumbo.

509 levantou-se e olhou para Berger. A tábua da cama superior escondia-os de Lohmann.

— Como está êle?

— Muito mal, não há mais nada a fazer.

509 sacudiu a cabeça. Aquilo se repetia tantas vezes que já não causava muita emoção. O sol, vindo de lado, bateu em cima de 5 criaturas que acoradas na tábua de cima, pareciam verdadeiros macacos.

— Êste aí vai logo esticar a canela? perguntou um que bocejava enquanto esfregava a axila.

— Por quê?

— Vamos ficar com essa cama, Kaiser e eu.

— Logo vocês a terão.

509 observou um momento o clarão dourado que nada parecia ter com aquela barraca malcheirosa. A pele do homem que há pouco fizera a pergunta, era semelhante ao couro de um leopardo, estava inteiramente coberta de manchas pretas. O homem começou a mastigar um pouco de palha podre. Numa das camas além, dois presos brigavam alto com vozes esganiçadas. Ouviam-se alguns trancos dados sem fôrça.

509 sentiu um leve puxão na perna; Lohmann o estava segurando pela calça. Curvou-se outra vez.

— Trate de arrancá-la — sussurrou.

509 sentou-se na beira da tábua.

— Não podemos trocar nada por esta coroa de ouro. É muito perigoso e ninguém ousaria arriscar.

A bôca de Lohmann principiou a tremer.

— Eles não a terão, — articulou com dificuldade. — Esta não. Em 1929 paguei 45,00 marcos por ela. Não será para êles. Trate de arrancá-la.

Começou a torcer-se e a gemer, mas só a pele dos olhos e dos lábios se contraía. Nequele corpo não havia

mais nenhum músculo que pudesse se retesar para expressar a dor.

Passado um momento conseguiu esticar-se de novo. Um som lamentoso se lhe escapou do peito.

— Deixe de se preocupar com isso — disse Berger — nós ainda temos um pouco de água aqui dentro e num instante limpamos tudo.

Lohmann permaneceu imóvel algum tempo.

— Prometam-me que vocês a arrancarão antes dêles virem buscar meu corpo. Depois de eu liquidado fica mais fácil para vocês a arrancarem.

— Está bem, — disse 509 — quando V. chegou, a obturação não foi registrada?

— Não, mas prometam com tãda a certeza.

Os olhos de Lohmann cobriram-se de névoa e ficaram tranqüilos.

— O que foi aqui'o ainda agora, lá fora?

— Bombas, — disse Berger. — Bombardearam a cidade pela primeira vez. Aviãos americanos.

— Oh!

— É — disse Berger, com voz baixa e dura — estão se aproximando. V. será vingado, Lohmann.

509 ergueu a vista com vivacidade, Berger estava porém de pé e êle não lhe pôde ver mais do que as duas mãos que se abriam e se fechavam como se estivessem apertando um pescoço invisível que abandonavam de vez em quando para recomençar a estrangular.

Lohmann estava deitado, imóvel. Fechára os olhos e só respirava fracamente. 509 levantou-se. Ignorava se êle ainda apreendera as palavras de Berger.

— Já morreu? — perguntou o homem da outra cama, enquanto continuava a se coçar.

— Não.

509 dirigiu-se a Berger.

— Por que foi que V. contou?

— Por quê? — O rosto de Berger se contraiu. — Porque sim. V. não pode compreender?

Uma auréola rosa envolveu-lhe a cabeça de feijão que parecia fumegar dentro daquela atmosfera pestilenta. Os olhos brilhavam cheios d'água, mas isso era por conta da inflamação crônica.

509 bem podia compreender porque Berger falara do bombardeio a Lohmann, mas de que consôlo poderia servir isso a um moribundo? Podia ser até que então, a certeza da morte ainda se tornasse mais cruel. Reparou numa môsca pousada no ôlho de um daqueles autômatos. O homem nem pestanejava.

“Talvez tenha sido mesmo um consôlo,” pensou 509, “talvez seja até o único consôlo para uma pessoa que está se acabando.”

Berger virou-se e se insinuou pela estreita passagem. Era preciso pular por cima dos homens que estavam deitados pelo chão. Parecia um marabu passando um atoleiro. 509 acompanhou-o.

— Berger — chamou êle, quando alcançaram o outro lado.

Berger parou. 509 perdera o fôlego de súbito.

— V. crê realmente?

— Em quê?

509 não podia se decidir a repetir a pergunta.

— Naquilo que V. disse a Lohmann?

— Não — disse Berger encarando-o.

— Não?

— Não. Eu não creio em nada disso.

— Mas... — 509 apoiou-se, na cama mais próxima — por que foi que lhe disse então?

— Eu disse a Lohmann, mas não creio. Nenhum será vingado. Nenhum, nenhum!

— E a cidade? A cidade ainda está queimando!

— A cidade está queimando. Muitas cidades já se queimaram, mas isso não significa nada, nada, nada.

— Não. Isto precisa significar alguma coisa!

— Nada, absolutamente nada.

Berger murmurava essas palavras rapidamente, com desespero, como alguém que tivesse dado vida a uma esperança fantástica e em seguida tivesse de enterrá-la.

Sacudia o rosto pálido, dos olhos inflamados escorriam lágrimas.

— Uma pequena cidade está em chamas. O que é que nós temos que ver com isso? Nada. Nada será alterado. Nada.

— Êles vão fuzilar alguns — disse Ahasverus.

— Fechem a bôca — uivou ainda uma vez a voz lá

do escuro. — Fechem logo essas bôcas excomungadas!

509 agachou-se no seu lugar perto da parede. Por cima da sua cabeça havia uma das raras janelas da barraca. Era estreita e ficava bem no alto, mas naquele momento um pouco de sol entrava por ali. A luz chegava até a terceira fileira de camas. O resto estava sempre envôlto em trevas.

Havia um ano que aquela barraca tinha sido montada. 509 ajudara a levantá-la, quando ainda pertencia ao “grande acampamento”. Era uma velha barraca de madeira vinda de um campo da Polônia. Quatro daquelas tinham sido desembarcadas na estação, transportadas num caminhão para o campo, onde tinham sido armadas novamente. Cheiravam a percevejos, a mêdo, a sujeira e a morte e com elas foi inaugurado o “pequeno acampamento”. O primeiro transporte de prisioneiros incapazes para o trabalho, vindo do ocidente, fôra enfiado ali dentro, onde ficaram entregues a êles mesmos. Em poucos dias estavam todos liquidados. Continuaram então a enviar para lá todos os doentes, aleijados e incapazes e, assim, aquilo se tornou uma instituição definitiva.

O sol, projetando um quadrado de luz na parede, à direita da janela, punha à mostra velhas inscrições já meio apagadas. Eram nomes e palavras sôltas que os presos da Polônia e da Alemanha Oriental, ali tinham escrito a lápis, ou riscado simplesmente com um pedaço de arame, ou mesmo com a própria unha.

509 já decorara uma porção delas. Sabia, por exemplo, que, agora no quadrado luminoso, ia emergir da sombra, um nome cercado por um risco forte, — Chaim Wolf 1941 —. Provavelmente Chaim Wolf o escrevera ao saber que ia morrer e aquêlo círculo fôra supersticiosamente bem estreito para que nenhum outro nome ali coubesse. Pretendera, assim, esconjurar o perigo que ameaçava os outros da sua família. Último esforço de um pai que ainda tem esperança de que os filhos sejam poupados. No entanto, logo abaixo, bem juntinho do risco, dois outros nomes apareciam: Ruben Wolf e Moische Wolf. O primeiro era incerto e enviesado como caligrafia de um menino de escola. O segundo resvalara obliquamente de uma mão desanimada. Alguém escrevera ao lado; todos asfixiados.

Um pouco para baixo, sôbre um nó da madeira, arranhado com um prego, lia-se: Jos. Meyer — Lt. d. R. EK 1&2, isto é: Joseph Meyer, tenente da Reserva, cruz de ferro de 1a. e 2a. classe. Parece que Meyer nunca pudera esquecer aquela condecoração, lembrança que, provavelmente ainda lhe amargurava mais os últimos dias de vida. Na frente de batalha, durante a primeira guerra mundial, fôra promovido e condecorado. Por ser judeu, precisara fazer muito mais do que os outros para merecer tanto e também por ser judeu fôra agora prêso e esmagado como um verme. Sofrera com a convicção de que devido a seu anterior heroísmo, a injustiça que lhe faziam era ainda maior do que a que faziam aos outros. Enganava-se, porém: o seu passado heróico era apenas ironia.

O quadrado de luz ia escorregando para a frente. Chaim, Rubem e Moisch desapareceram na sombra enquanto outras duas inscrições foram surgindo. A primeira compunha-se de duas letras unicamente: F. M. Aquêlê que as traçara com a própria unha, fôra mais sóbrio do que o tenente Meyer. O próprio nome já se lhe tornára indiferente, quisera apenas deixar um pequeno sinal antes de se extinguir de todo. Em seguida aparecia um nome inteiro escrito a lápis: Tevje Leibesche e os seus. Ao lado, fracamente esboçado, o princípio de uma oração judaica o *kaddi* — *Jis gadal...*

509 sabia, que em poucos minutos, a luz atingiria outras palavras: “Escrevam a Lea Sanders — Nova Iorque —” o nome da rua não se podia ler mais. Depois vinha: “Vat” e, passando um pedaço de madeira apodrecida: “morto. Procurem Leo.” Parece que Leo tinha desaparecido. No entanto, tudo aquilo era perfeitamente inútil. Ninguém dali poderia jamais avisar Lea Sanders em Nova Iorque, porque dali jamais alguém sairia com vida.

509 olhava para as paredes distraído. O polonês Silber quando ainda ali estava com os intestinos sangrando, dera-lhes o nome de “muro das lamentações.” Sabia de cor quase tôdas as inscrições e até apostava qual apareceria primeiro na zona luminosa. Silber morrera, mas as letras continuavam a surgir todos os dias, fantasmagoricamente, por alguns minutos, para em seguida afundarem na escuridão. No verão, quando o sol estava mais

alto, apareciam outras palavras rabiscadas mais abaixo na parede. No inverno o quadrilátero de luz clareava só por cima. Havia, porém, muitas mais: russas, polonesas, judaicas que permaneceriam para sempre na sombra porque a luz nunca as alcançaria. A barraca fôra montada com tanta pressa que os "SS" nem se preocuparam em raspar as tábuas. Os presos ainda se importaram menos com aquilo. Nunca ninguém tentara decifrar o que ficava no escuro. Ninguém era tão imbecil de sacrificar um fósforo para ler alguma coisa que só lhe aumentaria o desespero.

509 virou-se; não desejava observar aquêles sinais. Súbitamente sentiu-se muito só. Como se os outros, por um motivo desconhecido, se lhe tivessem tornado estranhos e êle não os pudesse mais compreender. Hesitou um momento, mas não resistiu. Alcançou a porta tateando e escorregou para fora.

Vestido só com os seus trapos, começou a tiritar.

Do lado de fora, ergueu-se, encostou-se na parede da barraca e olhou para o lado da cidade. Não sabia porque, mas o fato era que não queria mais se arrastar agachado. Queria ficar de pé. As tôrres das metralhadoras do "pequeno acampamento" continuavam desertas. Daquele lado a fiscalização não era muito rigorosa. Cria-turas que mal conseguiam andar, decerto não tentariam fugir.

509 se achava no ângulo direito da barraca. O acampamento formava uma curva seguindo as elevações do terreno. Dali, não só podia divisar a cidade, mas também o quartel das tropas "SS", situado fora da cêrca de arame farpado, por detrás de uma fileira de árvores, naquela época ainda sem fôlhas. Observou grande número de homens andando de cá para lá em grupos. Agitados olhavam para a cidade. Um grande automóvel cinza subiu rapidamente a ladeira e parou em frente à casa do comandante, um pouco afastada das outras construções. Neubauer que estava esperando do lado de fora, instalou-se dentro do carro e abalou pela ladeira abaixo. 509 lembrava-se de ter ouvido dizer que Neubauer tinha uma residência na cidade, onde morava a família. Tão absorvido estava olhando o automóvel que não ouviu o ruído de uns passos abafados que se aproximavam pelo caminho

entre as barracas. Era o fiscal de bloco da barraca 22, Handke, um homem atarracado que deslizava sempre com solas de borracha. Trazia o triângulo verde dos criminosos. Em geral era inofensivo, mas quando tinha uma crise, não era raro esbordoar um prisioneiro até aleijá-lo.

Aproximou-se com displicência. 509 poderia ter tentado evitá-lo, — sentir que era temido, satisfazia-lhe a vaidade — mas continuou onde estava.

— Que está fazendo aqui?

— Nada.

— Nada, hein? — esgarrou nos pés de 509 — escarvelho de estêrco, com certeza já estás imaginando coisas, não? — ergueu as sobrancelhas ralas — não tenhas ilusões. Nenhum sairá daqui. Todos os cães políticos serão os primeiros atirados ao forno do crematório.

Soltou outra cusparada e se afastou. 509 prendera a respiração. Por um momento uma nuvem escura se agitou em sua mente. Sabia que Handke não o suportava. Em geral o evitava, mas daquela vez quisera enfrentá-lo. Observou-o até desaparecer atrás das privadas. A ameaça não o assustava. No campo de concentração as ameaças eram o pão de cada dia. Interessava-lhe porém, descobrir o que aquelas palavras ocultavam. Handke tinha também notado alguma coisa de extraordinário. Do contrário não teria falado como falara. Podia ser até que tivesse ouvido algum comentário do pessoal da "SS". 509 respirou fundo. Ah! seus pensamentos não eram tão loucos assim.

Voltou a contemplar a cidade. A fumaça engrossara sobre os telhados. As sereias agudas do corpo de bombeiros chegavam-lhe aos ouvidos. Detonações irregulares como se houvesse munição explodindo, pareciam vir do lado da estação. O carro do comandante derrapou ao entrar com velocidade numa curva. Nesse momento o rosto de 509 se crispou num sorriso que se transformou numa risada. Riu, riu em silêncio, convulsivamente. Não sabia quando tinha rido pela última vez. Seu riso agora não era uma manifestação de alegria mas não podia parar. Olhando em volta cauteloso, ergueu o punho sem força e continuou a rir até que o riso se transformou num forte acesso de tosse.

3

O “Mercedes” corria pelo vale. O comandante Neubauer estava sentado ao lado do motorista. Era um homem pesado, com as feições de um bebedor de cerveja. As luvas brancas que calçavam suas mãos largas, resplandeciam ao sol. Notando isso, êle as tirou. Selma, pensava êle, Freya! A casa. Ninguém atendera ao telefone.

— Pise mais, Alfred, acelere.

Ao alcançarem os primeiros bairros principiaram a sentir um cheiro de queimado que foi ficando cada vez mais forte à medida que iam avançando. Na altura do mercado novo, avistaram os primeiros vestígios das bombas. A Caixa Econômica tinha sido atingida e estava ardendo. Os bombeiros tentavam isolar as casas vizinhas, mas as mangueiras pareciam muito delgadas para tamanhas labaredas. De uma verdadeira cratera, na praça, saía um horrível cheiro de enxofre e de ácido. O estômago de Neubauer se embrulhou.

— Siga pela rua Haken, Alfred, por aqui não é possível.

O motorista manobrou para a parte sul da cidade. Ali as casas continuavam tranqüilas dentro de jardinsinhos ensolarados. O vento soprava do norte e o ar estava transparente. Ao atravessarem o rio recomeçaram a sentir o cheiro de queimado ainda mais forte de que antes. A fumaça enchia as ruas, parecendo um nevoeiro de outono.

Neubauer mordeu o bigode que era curto e espetado como o do “Führer”. Outrora usara-o de pontas erguidas como Guilherme II. Seu mal-estar crescia! “Selma, Freya. Sua bela casa!” A barriga, o peito, tudo se contorceu numa câibra de estômago.

Por mais duas vezes tiveram de alterar o itinerário. Primeiro, por causa de uma loja de móveis cuja fachada fôra arrancada. Uma parte dos móveis continuava lá dentro, enquanto a outra se espalhava em chamas pelo meio da rua. Depois, por causa dos manequins de cêra de

um cabeleireiro que projetados em várias direções, se derretiam grotescamente pelas calçadas.

Finalmente o carro dobrou a esquina da rua Liebig. Neubauer debruçou-se ansioso. Ali estava a sua casa! O jardim com os anões de terracota e o cachorro de porcelena vermelha. Tudo intato. As janelas inteiras. O mal-estar no estômago desaparecera imediatamente. Subiu com rapidez as escadas e abriu a porta. "Tive sorte", pensou. "Puxa! Uma sorte danada!" Afinal porque iria acontecer alguma coisa logo a êle?

Pendurou o quepe num cabide de chifre de veado e entrou no salão.

— Selma! Freya! Onde estão vocês?

Ninguém respondeu. Neubauer dirigiu-se para a janela e escancarou-a. Embaixo, no jardim, trabalhavam dois prisioneiros russos que ergueram os olhos um segundo e continuaram logo a sua faina.

— Ei! Bolchevistas!

Um dos presos interrompeu o serviço.

— Onde está minha família? — gritou Neubauer.

O homem respondeu qualquer coisa em russo.

— Deixe de falar esta língua de porco, idiota, sabes falar alemão! Ou queres que eu desça para te ensinar? O russo olhava-o com fixidez.

— A patroa está no porão — disse uma voz atrás dêle.

Neubauer virou-se. Era a empregada.

— No porão? Ah, sim, naturalmente. E V. onde é que andava?

— Saí só um instantinho — respondeu a empregada em pé na porta com o rosto vermelho e os olhos brilhantes como se viesse de uma festa. — Disseram que há uns cem mortos. Na estação, na fundição de cobre e até na Igreja!

— Cale a bôca, — interrompeu Neubauer, — quem é que está dizendo isso?

— O pessoal, lá fora.

— Quem? — Neubauer deu um passo à frente. — Inimigos do Estado! Estão dizendo... Quem foi que disse?

A rapariga afastou-se um pouco.

— Lá fora, eu não, o pessoal, todo mundo.

— Traidores. Trapos! — Trovejou Neubauer.

Podia enfim descarregar os nervos tensos.

— Canalha! Cachorros! Linguarudos. E você?
Que é que V. tinha a fazer lá fora?

— Eu? nada.

— Abandonando o serviço, não é? Armazenando mentiras e atrocidades. Havemos de esclarecer tudo isso. Medidas devem ser tomadas. Medidas muito sérias. Marche para a cozinha.

A empregada escapuliu. Neubauer, resfolegando, foi fechar a janela. “Não aconteceu nada”, pensou êle. “Estão no abrigo. Eu deveria ter imaginado”.

Procurou um charuto e acendeu. Alisou o dólmã, esticou o peito e dando uma olhadela no espelho, desceu para o porão.

Mulher e filha estavam sentadas, juntas, num divã encostado à parede, da qual pendia um retrato colorido do “Führer”.

O porão, em 1941, tinha sido transformado em abrigo antiaéreo. Neubauer mandara prepará-lo como pura encenação para dar um bom exemplo de patriotismo.

Naquele tempo, ninguém pensava sèriamente que a Alemanha pudesse vir a ser bombardeada.

A declaração de Goering, segundo a qual, êle passaria a se chamar Meier no dia em que aviões inimigos, não obstante a “Luftwaffe”, penetrassem na Alemanha, era mais do que suficiente para um alemão sincero. Infelizmente as coisas não correram bem assim. Gesto típico de plutocratas e judeus — fazerem-se passar por mais fracos do que eram na realidade!

— Bruno!

Selma Neubauer levantou-se e começou a soluçar.

Era uma mulher loura e rechonchuda. Estava com um roupão cõr de salmão de sêda francesa, enfeitado com rendas. Neubauer trouxera-o de Paris numas férias em 1941. Seu rosto tremia e de sua bôca demasiado pequena as palavras não conseguiam sair.

— Já passou, Selma, acalme-se.

— Já passou? — Ela mastigava como se as palavras fôsem grandes nhoques. — Por quanto tempo?

— Para sempre. Já acabou tudo e agora não voltarão mais.

Selma segurava o roupão rente ao peito.

— Quem foi que disse, Bruno? Onde foi que V. ouviu isso?

— Abatemos, pelo menos a metade. Não se arriscarão a voltar.

— Mas quem foi que contou isso?

— Eu sei. Dessa vez eles nos apanharam desprevenidos, mas da próxima, nós estaremos a postos para recebê-los.

A mulher parara enfim de mastigar as palavras.

— É só isso o que V. tem para nos informar?

Neubauer sabia que não era suficiente, mas perguntou.

— E isso não basta?

A esposa olhou-o fixamente. Tinha os olhos de um azul claro, aguado.

— Não! — gritou de repente. — Não basta. É besteira, não significa nada. Já ouvimos tanta coisa! Primeiro afirmaram que estávamos tão fortes que nunca um avião inimigo ousaria entrar na Alemanha, um belo dia porém eles apareceram. Então nos disseram que nenhum mais chegaria até aqui, porque nós os abasteríamos logo nas fronteiras. Em lugar disso, apareceram 10 vezes mais do que antes e as sereias de alarme viviam alertando a cidade sem parar. Até que hoje nos bombardearam desse jeito. E ainda vem V. muito importante, nos dizer que mais nenhum experimentará outra vez. Tem coragem de supor que uma pessoa normal ainda vai acreditar nessas histórias?

— Selma! — Sem querer, Neubauer olhou para o retrato do “Führer”. Em seguida foi até a porta e fechou-a com violência.

— Arre! Controle-se! V. quer nos arrastar à miséria? Ficou maluca para gritar assim?

Ele estava de pé rente a ela. Por cima dos seus ombros gordos, o “Führer” continuava a olhar orgulhoso a paisagem de Berchtdsgaden. Por um momento Neubauer chegou a rezear que ele tivesse ouvido tudo.

Selma não estava vendo o “Führer”.

— Maluca? Quem é que está maluca? Com certeza não sou eu — prosseguiu gritando. — Antes da guerra

tínhamos uma vida formidável e agora? E agora eu quero saber qual de nós dois é o mais maluco?

Neubauer segurou-lhe o braço com as duas mãos e sacudiu-a até que ela parasse de gritar. Dos cabelos desmanchados, caíram algumas travessas.

Engasgou-se e principiou a tossir. Neubauer largou-lhe o braço, e ela caiu pesadamente sobre o divã.

— Que quer dizer isso? — perguntou à filha.

— Nada demais. Mamãe está muito nervosa.

— Mas por quê? O que foi que aconteceu?

— Nada aconteceu — recomeçou a mulher. — A V. lá em cima, naturalmente não aconteceu nada, mas nós duas aqui embaixo sôzinhas?

— Silêncio! Que diabo! Não berre assim. Quer que o duro trabalho de 15 anos seja arruinado num momento com essa gritaria? Pensa, por acaso, que não há uma porção de gente esperando para agarrar o meu pôsto?

— Foi o primeiro bombardeio, — disse Freya com calma. — Até agora só tínhamos tido alarmes. Mamãe ficou nervosa, mas com o tempo se acostumará.

— O primeiro?

— Naturalmente, o primeiro e nós deveríamos estar satisfeitos de não ter acontecido nada, mas em lugar disso faz-se tôda essa barulheira.

— Mamãe está nervosa, acabará se acostumando.

— Nervosa! — A calma da fi'ha o irritava. — Quem é que não está nervoso? V. pensa que eu não estou nervoso? Mas se a gente não se controlar, como é que vai ser?

— A mesma coisa.

Deitada no divã, com as pernas abertas, sua mulher ria. Os pés estavam metidos em sandálias de sêda rosa. Achava ela a sêda côr-de-rosa muito elegante.

— Nervoso! Habituar-se! V. pode falar dessas coisas.

— Eu? Como assim?

— A V. não acontecerá nada.

— O quê?

— A V. não acontecerá nada, mas nós estamos aqui na armadilha.

— Isto é uma insensatez. O perigo existe tanto para um como para outro. Por que razão a mim não pode acontecer nada?

— Lá em cima V. está seguro no seu acampamento.

— Como? — Neubauer atirou o charuto no chão e pisou-o. — Lá não há abrigos tão seguros como os daqui.

Isso era uma mentira.

— Lá em cima vocês não precisam porque estão fóra da cidade.

— Como se isso fizesse alguma diferença! Quando uma bomba cai, os efeitos são os mesmos em qualquer lugar.

— O acampamento não será bombardeado.

— Ah! Isso é uma novidade. De onde veio essa informação? Será que os americanos jogaram um aviso, ou será que enviaram uma comunicação radiofônica especial para V.?

Neubauer olhou para a filha, esperando um aplauso pela piada, mas Freya continuou a brincar silenciosamente com as franjas da coberta de pelúcia, estendida sobre uma mesa ao lado do divã. Sua mulher respondeu no entanto:

— Eles não bombardearão a sua própria gente.

— Besteira. Lá em cima não há americanos e muito menos ingleses. Somente russos, poloneses, uma canalha dos Balcãs, alemães traidores, judeus e assassinos.

— Eles não bombardearão nem russos, nem poloneses, nem judeus, — continuou Selma a teimar. Neubauer virou-se com raiva.

— V. sabe uma porção de coisas, — disse contendo o furor — mas agora vou lhe contar uma coisa também. Ninguém sabe que espécie de acampamento é aquele nosso, compreendeu? Avistam-se barracas que podem ser tomadas por um acampamento militar. Avista-se o quartel dos "SS". Avistam-se os edifícios onde trabalha o pessoal. Podem tomá-los por fábricas e alvejá-los. Lá em cima é 100 vezes mais perigoso do que aqui. É por isso que eu não quero que vocês vão morar lá. Aqui embaixo não há quartéis nem fábricas nas proximidades. Acabou compreendendo afinal?

— Não!

Neubauer encarou a mulher. Nunca fôra assim, não podia compreender o que se havia passado dentro dela. Só o efeito do medo não deveria ser.

De repente considerou-se abandonado pela família; justamente agora que precisariam agüentar juntos.

Irritado, tornou a olhar para a filha.

— E V.? Que diz de tudo isso? Por que é que não abre a bôca?

Freya Neubauer levantou-se. Tinha 20 anos de idade, um rosto amarelado, de testa saliente, era esguia. Não se parecia nem com o pai, nem com a mãe.

— Creio que mamãe já se acalmou.

— Como? O quê? — Neubauer ficou silencioso esperando que a mulher dissesse alguma coisa. Por fim articulou:

— Muito bem.

— Podemos subir? — perguntou Freya.

Neubauer lançou um olhar desconfiado para Selma. Ainda não tinha muita confiança nela. Era preciso esclarecer que, em caso nenhum, aquêlê assunto deveria ser tratado com quem quer que fôsse e muito menos com a empregada.

— Lá em cima deve estar mais agradável, papai, tem-se mais ar.

Ele ainda permanecia indeciso. “Está largada como um saco de farinha,” pensou Neubauer. “Por que será que não trata logo de dizer alguma coisa acertada?”

— Preciso ir ao Conselho. Dietz nos convocou para as 6 horas. Devemos examinar a situação.

— Não acontecerá nada, papai. Está tudo em ordem. Agora precisamos preparar o jantar.

— Muito bem.

Neubauer resolveu-se afinal. Pelo menos sua filha conservava a cabeça no lugar.

— Muito bem. Vamos esquecer tudo, não é, Selma? Isso pode acontecer, não tem tanta importância.

Olhou-a com frieza.

— Não é?

Não obteve resposta. Passou-lhe o braço pelos ombros gordos.

— Vamos subir agora e V. vai fazer o jantar. Prepare alguma coisa bem gostosa para nos fazer esquecer o susto, hein?

Selma acenou indiferente.

— Está bem.

Agora Neubauer já tranqüilo achava que sua filha tinha razão. Selma não seria capaz de andar tagarelando a torto e a direito.

— Preparem um jantar bem gostoso. Afinal, Selma, é por vocês que eu conservo esta bela casa e mais o abrigo, onde estarão perfeitamente seguras em caso de perigo. Não gostaria de vê-las morando lá em cima nas proximidades daquela canalha imunda. Além disso várias noites por semana venho dormir em casa. De qualquer jeito precisamos agüentar firme. Não deixem de fazer alguma coisa especial para hoje. Seria bom abrírmos uma daquelas garrafas de champanha francês. Ainda temos bastantes, não?

— Temos — disse Selma. — Daquilo ainda temos bastante.

* * *

— E ainda uma questão — declarou a voz cortante de Dietz. — Ouvi dizer que algum dos senhores pretendiam retirar as famílias da cidade. Que há de verdade nesse boato?

Ninguém respondeu.

— Isso não poderia ser tolerado. Nós, oficiais da "SS", temos o dever de dar o exemplo. Se nossas famílias abandonarem a cidade sem que haja ordem de evacuação, os comentários desagradáveis começarão a circular. Há sempre espíritos mal-intencionados que se servem de qualquer pretexto, espero, portanto, que nenhuma deliberação seja tomada sem o meu conhecimento.

Fino e elegante, dentro do seu uniforme bem talhado, Dietz estava diante do grupo, fixando cada um com atenção. Todos sustentavam-lhe o olhar franca e abertamente. Era geral o desejo de afastar as famílias para longe dali, mas nenhuma fisionomia traiu tal pensamento. Sabiam que para o chefe era fácil falar; sua

família estava distante. Viera da Saxônia e sua preocupação era parecer um oficial prussiano. Não havia dificuldade em dar certas ordens. Sempre se tem muita coragem quando o caso não nos diz respeito diretamente.

— Isso é tudo, meus senhores, e lembrem-se: nossa última arma secreta está pronta e sua produção em massa já está em andamento. As bombas V 1 não são nada comparadas a êsse novo invento. Londres está reduzida a cinzas. A Inglaterra vem sendo bombardeada sem interrupção. A maior parte dos portos franceses está em nosso poder. As tropas atacantes esbarram com os piores obstáculos. A contra-ofensiva está iminente. Acabamos de lançar mão de reservas colossais. Quanto à nossa nova arma... bem, sôbre isso não devo dar maiores esclarecimentos. Posso apenas repetir o que ouvi de superiores: dentro de 3 meses a vitória será nossa. Precisamos agüentar ainda êsse curto período.

Erguendo o braço:

— Cada um para o seu pôsto. *Heil Hitler!*

— *Heil Hitler* — trovejou o grupo.

Neubauer abandonou o Conselho, pensando: “não disse nada sôbre a Rússia; sôbre o Reno, nem falou; na linha de defesa rompida a Leste, nem tocou. Agüentar! É bom de dizer, sobretudo quando não se tem nada a perder. É um fanático. Se tivesse, como eu, uma casa de modas nas proximidades da estação ou se fôsse acionista do “Diário de Mellner”... mas êle nada possui, nem ao menos, uma casa ou um terreno. Eu tenho tudo isso e se alguma coisa voar pelos ares, quem vai me indenizar?” Num instante as ruas se encheram. A praça de frente ao Conselho estava totalmente ocupada. Na escadaria fôra instalado um microfone. Dietz ia falar. Do alto da fachada de pedra, Carlos Magno e Henrique, o Leão, sorriam imperturbáveis. Entrando no “Mercedes”. Neubauer ordenou:

— Para a rua Hermann Göring.

A casa de negócio de Neubauer ficava situada na esquina da rua Hermann Göring com a Alamêda Frederico. Era um prédio grande. Embaixo funcionava uma loja de modas. Nos dois andares superiores havia escritórios. Deixando o carro dirigiu-se para a loja e passou a inspecioná-la. Só estavam quebrados dois vidros de vi-

trinas. O resto estava intato. Olhou para cima. Os escritórios estavam envoltos na fumaça que vinha da estação, mas na casa não havia fogo. No máximo haveria algumas vidraças partidas.

Duzentos mil marcos, refletiu Neubauer. Pelo menos isso, valia aquêle imóvel, talvez mais. Em 1933 o judeu Joseph Blank quisera vendê-lo por cem mil marcos, garantindo que ainda perdia dinheiro na transação. No entanto depois de passar 15 dias no campo de concentração, concordara em fechar o negócio por cinco mil. "Ainda fui muito decente," pensou Neubauer. "Poderia ter ficado com tudo inteiramente de graça. Blank me teria feito presente de tudo, depois que os "SS" o amaciaram; paguei porém 5.000 marcos em bom dinheiro. Não dei tudo de uma vez, naturalmente. Naquele tempo eu estava longe de possuir tal soma. Mas logo que recebi os primeiros aluguéis, paguei tudo direitinho." Blank estava de acôrdo. Um negócio legal e espontâneo, com tudo reconhecido no tabelião. Se Joseph Blank, numa queda no acampamento, perdera um olho, quebrara um braço e ainda ficara todo machucado, fôra por pura falta de sorte. Gente de pé chato cai com facilidade. Neubauer não dera nenhuma ordem naquele sentido; aliás, nem estivera presente. Só fizera prender Blank para evitar que algum "SS" exagerado lhe causasse aborrecimentos. O resto ficara a cargo de Weber.

Virou-se aborrecido. Para que rememorar uma história tão velha? Que lhe estaria acontecendo? Tudo fôra encerrado há anos. Era preciso cavar a vida, e se não fôsse êle outro "SS" qualquer teria aproveitado a ocasião. Custara baratíssimo, praticamente nem custara coisa nenhuma, mas agira dentro das normas legais. O próprio Führer, tinha dito que aquêles que lhe eram fiéis mereciam ser recompensados. E o que era aquela ninharia comparada com os lucros de outros? Göring, por exemplo? ou Springer, que de porteiro de hotel chegara a milionário? Bruno Neubauer não tinha roubado coisa alguma. Estava a coberto, tinha recibo de tudo. As transações estavam tôdas registradas no notário.

Uma chama subiu da estação. Explosões se seguiram. Decerto, vagões de munição. Um reflexo vermelho envolveu o edifício, dando a impressão de uma

nuvem de sangue. “Asneira”, pensou Neubauer, hoje realmente nervoso. Os advogados judeus que naquele tempo foram arrancados lá de cima, já foram esquecidos há muito. Mas, subindo para o auto continuou a pensar: “Muito perto da estação. Ótimo ponto para negócio, porém muito perigoso durante um bombardeio. Quando se pensa nisso, tem-se razão de ficar nervoso”.

— Para a rua Grande, Alfred.

O edifício do “Diário de Mellner” estava intato. Neubauer já tivera a informação pelo telefone. Naquele momento acabava de sair uma edição extra. Os jornais eram furiosamente arrancados das mãos dos vendedores. Neubauer via desaparecer os maços inteiros. Ganhava um *pfennig* em cada número. Novos vendedores trazendo grandes pilhas tomaram bicicletas e logo desapareceram. Uma edição especial produzia lucros suplementares. Cada vendedor levava, no mínimo duzentos jornais. Neubauer contou dezessete jornaleiros. Aquilo representava trinta e quatro marcos de lucro extra. Com o dinheiro poderia cobrir o prejuízo das vitrinas quebradas. Bobagem, estava tudo no seguro. Isto é, se o Seguro pagasse. Se pudesse pagar, depois de tantas perdas. Claro que o Seguro pagaria — pelo menos a êle —. Aquêles trinta e quatro marcos eram lucro líquido.

Comprou um dos números da edição extraordinária. Uma pequena advertência de Dietz já ali estava — ... agira depressa — e a notícia de que dois aviões inimigos tinham sido abatidos sôbre a cidade, e a metade dos outros em Mindem, Osnabrücke e Hanover. Havia ainda um artigo de Goebbels sôbre a desumanidade e o barbarismo de bombardearem pacíficas cidades alemãs; algumas observações lapidares do “Führer” e a notícia de que a “juventude hitleriana” andava a procura de aviadores que teriam descido em pára-quedas. Neubauer atirou fóra o jornal e entrando na tabacaria da esquina pediu:

— Três charutos “Sentinela Alemã”.

O vendedor apresentou uma caixa. Neubauer escolheu com indiferença. Os charutos eram péssimos. Pareciam feitos com fôlhas de mato. Em casa, êle tinha melhores, importados de Paris e da Holanda. Comprava “Sentinela Alemã” somente porque a loja era de sua

propriedade. Quando o partido subira ao poder, a tabacaria pertencia à firma judaica Lesser & Sacher; em seguida caíra nas mãos de Freiberg, um “chefe” “SS” que a conservou até 1936. — Uma verdadeira mina de ouro — Neubauer mordeu a ponta de uma “Sentinela Alemã”. Não fôra sua culpa se Freiberg tivera a levianidade de fazer comentários injuriosos sôbre o “Führer”. Seu dever, como membro sincero do partido, era levar ao conhecimento dos superiores tais comentários. Pouco tempo depois Freiberg desaparecera e Neubauer comprara, da viúva, a charutaria. Aconselhando-a a vender, prestara-lhe um enorme serviço, visto lhe terem informado que os bens de Freiberg seriam confiscados. Dinheiro sempre seria mais fácil de esconder do que uma casa comercial. Ela ficara-lhe muito grata e vendera-lhe o negócio por um quarto do valor, naturalmente. Neubauer fôra obrigado a explicar que não dispunha de maior quantia livre no momento, mas uma transação assim precisava ser logo ultimada. A viúva reconheceu que êle tinha razão. O confisco não se realizou, mas isso também Neubauer explicou: “Usara seu prestígio em favor dela. Ninguém a incomodaria mais.” Agira com decência — o dever era dever — além do mais, não era improvável que a loja fôsse realmente confiscada e mesmo que tal não acontecesse, aquela senhora não estaria em condições de dirigi-la e o primeiro espertalhão ficaria com tudo por menos dinheiro ainda.

Neubauer tirou o charuto da bôca. Porcaria! O povo, porém, comprava quanto houvesse. Pena que estivesse racionado. Do contrário vender-se-ia dez vezes mais. Olhou a loja outra vez. Tivera sorte. Estava tudo em ordem. Deu uma cusparada. Sentiu de repente um gosto ruim na bôca. Seria o charuto ou?... Não tinha acontecido nada. Nervosismo? Por que seria que dera para recordar tôdas as velhas histórias de sua vida? Jogou fora o charuto e entrou no carro.

— Eis aqui, Alfred, uma coisa gostosa para logo de noite, — deu os outros charutos ao motorista. — E agora vamos para a chácara.

A chácara, num grande terreno perto da cidade, era o orgulho de Neubauer.

A maior parte estava plantada com verduras e frutas, mas havia também flôres e criação. Russos do campo de concentração cuidavam de tudo. Não custava nada. Até seria o caso de pagarem alguma coisa a Neubauer. Em lugar de trabalho pesado nas usinas de cobre, trabalhavam ao ar livre e em serviços leves.

O jardim estava envôlto em penumbra. Do firmamento claro a lua se destacava por cima das macieiras. Da terra revirada exalava um cheiro forte. Nos canteiros germinava a primeira verdura da estação; nas árvores, as frutas se anunciavam em lindos botões e a delicada ameixeira do Japão que durante o inverno era transportada para a estufa, estava coberta por uma nuvem de tímidas pétalas brancas e côr-de-rosa. Os presos estavam trabalhando do outro lado guardados por sentinelas de cujos fuzis apareciam as pontas das baionetas voltadas para o céu. A sentinela era exigida pelo regulamento. Os russos não fugiam. Para onde iriam eles com o uniforme dos prisioneiros e sem falarem uma palavra de alemão? De um saco de papel retiravam cinza vinda do crematório, com a qual adubavam os canteiros de aspargos e morangos, onde estavam ocupados naquela tarde. Neubauer gostava tanto das duas coisas que nunca achava suficientes os cuidados que lhes dispensavam. O saco de papel continha as cinzas de 60 pessoas entre as quais, 12 crianças.

Na obscuridade fresca e azulada, brilhavam pálidamente as primeiras prímulas e os primeiros narcisos. Estavam plantados rente ao muro do lado sul e cobertos com vidros. Neubauer abriu uma das janelinhas e se inclinou para dentro. Os narcisos não tinham cheiro, mas pairava no ar um delicioso perfume de violetas invisíveis dentro do crepúsculo.

Respirou fundo. Aquela chácara era sua. Custaria-lhe preço real. Antiquadamente honesto, pagara o que lhe haviam exigido, não a tirara de ninguém. Ali era o seu lugar. O lugar onde se sentia verdadeiramente humano depois de trabalhar duro pela pátria e pela família. Inteiramente satisfeito olhou em derredor. Viu

os galhos de madressilva e as roseiras-trepadeiras, viu os buxos, a gruta artificial e os lilás; aspirou o ar ainda um pouco áspero, onde se pressentia a primavera. Apalpou com ternura as hastes dos pessegueiros e das pereiras, plantados ao longo do muro; então abriu a porta do galinheiro, não deu porém atenção às galinhas, que pareciam velhotas acoradas, nem tampouco aos dois leitões dormindo na palha. Dirigiu-se ao lugar dos coelhos. Eram coelhos angorá, cinzentos ou brancos, de pêlo longo e macio. Estavam dormindo quando acendeu a luz, mas começaram logo a se movimentar. Enfiou um dedo pela tela de arame e se pôs a acariciar-lhes a penugem. Não conhecia nada tão macio. Retirou de uma cesta fôlhas de couve e algumas rodela de beterraba e meteu-as nas coelheiras. Os bichos aproximaram os focinhos rosados e começaram a roer com lentidão e delicadeza.

— Mucki! Vem cá, Mucki.

A quentura dos animais principiou a entorpecê-lo. O cheiro da criação fazia pensar vagamente numa inocência olvidada. Era um pequeno mundo recluso animado de existências puramente vegetativas, alheio às bombas, às intrigas e às lutas pela vida. Um mundo de fôlhas de couve e rodela de beterraba; de pelos macios que são tosquiados e tornam a crescer; de crias que sempre vão nascendo. Neubauer vendia os pelos, mas não permitia que se matasse um só animal.

— Mucki!

Um grande macho todo branco delicadamente arrebatou-lhe da mão uma fôlha de couve. Os olhos vermelhos brilhavam como rubis. Neubauer acariciou-lhe o pescoço. Suas botas rincharam quando se curvou. O que era mesmo que Selma tinha dito? “Seguro! No acampamento êle estava seguro!” Quem é que estava seguro? Quando é que se estivera seguro?

Enfiou mais fôlhas de couve pela tela da coelheira. “Doze anos” — pensou êle. — “Antes do Partido ter subido ao poder eu era secretário numa agência de correio e ganhava 200 marcos. Com êsse dinheiro não podia nem viver nem morrer. Acabei conseguindo alguma coisa e agora não quero perder o que consegui”.

Olhou os olhos vermelhos do macho. Por hoje tudo tinha corrido bem. Tudo continuaria a correr bem. O

bombardeio poderia ser atribuído à inexperiência de tropas recém-convocadas. A cidade em si, não tinha importância, do contrário já teriam antes tentado destruí-la. Neubauer sentiu-se mais calmo.

— Mucki! — disse êle e pensou: — “seguro?” Seguro, naturalmente.

Quem é que no último momento quer virar de cabeça para baixo?

4

-- **B**ando de porcos desgraçados! Vamos recomeçar a chamada.

Os destacamentos de trabalho do “grande acampamento” mantinham-se em posição de sentido, em fileiras de 10 homens por ordem de bloco, no pátio da revista. Tinha escurecido; os presos em seus uniformes listados, na penumbra, lembravam uma tropa de zêbras sonolentas.

A chamada já vinha se repetindo há mais de uma hora, sem resultado. A culpa era do bombardeio. As bombas caídas nas fundições de cobre tinham matado e ferido bom número de presos. Além disso, receando que alguém tentasse fugir, os guardas atiraram a esmo e, assim, houve mais uma dúzia de mortos entre o pessoal do campo de concentração.

Depois do bombardeio, os presos trataram de recolher dentre os escombros os feridos e os defuntos ou, pelo menos, o que restara de alguns dêles. Era importante que o número de homens estivesse certo na hora da chamada. Apesar de ser mínima a atenção que se dispensava à vida dos prisioneiros, e da indiferença com que eram tratados pelos “SS”, na hora da revista mortos ou vivos, o número dêles tinha que conferir com a lista da chamada. A burocracia não se detinha ante cadáveres.

Os destacamentos haviam reunido cuidadosamente tudo o que puderam encontrar. Muitos transportavam um braço, uma perna, ou uma cabeça decepada. As poucas padiolas que conseguiram arranjar foram utilizadas para transporte dos feridos que tivessem perdido algum

membro ou estivessem com os intestinos esmagalhados. O resto dos feridos se arrastara amparando-se nos companheiros. Não era possível pensar em fazer ligaduras e outros curativos com o pouco material de que dispunham. Com arame e barbante conseguiram precariamente diminuir algumas hemorragias. Nas padiolas, os que tinham ferimentos no ventre, comprimiam os intestinos com as mãos.

Fôra penosa a marcha de volta ao acampamento. No trajeto, dois dos feridos haviam morrido, o que não impediu que continuassem a ser arrastados para a frente. Disso, aliás, resultou um incidente do qual o chefe de destacamento, Steinbrenner, saiu coberto de ridículo. À entrada do acampamento, a banda estava executando, como de costume, a marcha "Fredericus Rex".

Foi ordenado o passo de parada e os homens com as cabeças levantadas, olhando para a direita e erguendo convenientemente as pernas, desfilaram diante do chefe de campo, o "SS" Weber e seus ajudantes. Até os que jaziam nas padiolas gravemente feridos, viraram as cabeças e tentaram manter a posição de sentido enquanto agonizavam. Só os mortos não tinham feito a continência. Steinbrenner observou que um dos presos que vinha sustentado por outros dois, continuara com a cabeça abaixada. Não reparara, todavia, que os pés do homem iam arrastados pelo chão; pulou para o meio da fileira e deu uma coronhada na testa do infeliz. Steinbrenner era jovem e ardoroso, e, na precipitação, julgara tratar-se de um desmaio. Com a pancada a cabeça do morto pendeu para trás e o queixo caiu num movimento grotesco dando a impressão de que a bôca sangrenta queria morder o revolver. Os "SS" estouraram numa gargalhada que deixou Steinbrenner furioso. Aquela cena destruíra o prestígio que conquistara com a idéia de aplicar injeções de ácido clorídrico. Seria preciso recuperar a admiração dos companheiros na primeira ocasião que se oferecesse.

A volta ao acampamento fôra muito demorada e a revista começara mais tarde do que os outros dias. Os mortos e os feridos foram colocados militarmente em fila junto aos grupos dos blocos a que pertenciam. Nem mesmo os que tinham ferimentos graves foram levados ao hospital para receberem socorro. Primeiro a chamada.

— Vamos, mais uma vez! É preciso dar certo.

O “SS” Weber, chefe do acampamento, estava escanchado numa cadeira colocada no pátio. Tinha 35 anos, estatura mediana e era muito forte. Em seu rosto largo e moreno havia uma cicatriz que descia de um canto do lábio até o queixo. Recordação de uma disputa em 1929.

Com os cotovelos nas costas da cadeira, Weber olhava caceteado os presos, por entre os quais, “SS”, fiscais de blocos e cabos corriam exasperados de cá para lá distribuindo pancadas e injúrias.

Os fiscais de bloco começaram monòtonamente a contagem: um, dois, três...

Tôda a confusão provinha da destruição da fundição de cobre. Os presos tinham juntado braços, pernas e cabeças do melhor modo possível, mas, ainda assim, parecia que faltavam dois homens.

Os pelotões, valendo-se da obscuridade, disputavam a posse de membros esparsos. Sobretudo cabeças. Cada bloco, fazia o possível para escapar do castigo infligido ao grupo, cujo número não correspondesse ao número da lista de chamada. Continuariam se engalfinhando se uma voz de comando não se fizesse ouvir:

— Sentido!

Com a pressa, os fiscais de bloco não tinham tido tempo de organizar as coisas e estavam faltando dois corpos que talvez tivessem voado em estilhaços por cima dos muros da fundição.

O encarregado da chamada se aproximou de Weber:

— Agora só falta um homem e meio. Os russos tinham completado um morto com três pernas e os poloneses tinham um braço a mais.

Weber bocejou:

— Faça a chamada por nomes para ver quem é que está faltando.

Um movimento, apenas perceptível, percorreu as fileiras dos prisioneiros. A chamada por nomes significava ficar de pé ainda uma ou duas horas se não mais. Os russos e os poloneses não compreendiam alemão, enganavam-se a tôda hora.

A chamada começou. As vozes se elevavam. De vez em quando ouvia-se uma imprecação e pancadas. Os

“SS” estavam irritados com aquela perda de tempo e distribuíam bordoadas a torto e a direito. Os fiscais e os cabos batiam porque estavam com medo. Aqui e ali começaram a cair homens. Entre os feridos alargava-se um rasto de sangue escuro. Os rostos macilentos foram ficando afilados e brilhavam no escuro, como um reflexo de agonia. Erguiam o olhar angustiado para os camaradas de pé com as mãos nas costuras das calças e que não os podiam socorrer. Para muitos, aquela floresta de pernas de zêbra foi a última visão do mundo.

A lua, cercada por uma auréola, aparecera por detrás do crematório. O ar estava pesado. Por algum tempo ficou escondida pela chaminé, zombando-a com um pálido clarão como se no forno estivessem sendo queimados espíritos cujas chamas saíssem sem calor. Continuando a subir, a lua foi ficando visível e a curta chaminé do crematório surgiu como a bôca de um lança-minas atirando uma bola incandescente para o céu.

Numa das primeiras fileiras do bloco 13 achava-se o prêso Goldstein. Era o último da ala esquerda e a seu lado estavam os mortos e os feridos daquele bloco. O ferido que estava mais próximo era justamente o seu amigo Scheller. Goldstein com o canto do olho reparou que a mancha escura na perna ferida de Scheller crescia com uma rapidez surpreendente. A precária ligadura tinha afrouxado e o infeliz estava se esvaindo. Goldstein deu uma cotovelada em seu vizinho Münzer e escorregou, caindo de lado, como se estivesse desmaiado. Arranjou-se de modo que caiu por cima de Scheller. Estava tentando uma coisa perigosa. O “SS” chefe do bloco cruzava a todo instante as fileiras como um cão furioso. Um pontapé daquela bota, dado na têmpora, teria liquidado Goldstein. Os presos continuaram impassíveis, mas todos que estavam perto, observavam a manobra de Goldstein. O chefe do bloco tinha parado na outra extremidade, ouvindo uma comunicação qualquer que o fiscal lhe fazia no intuito de prender-lhe a atenção por alguns instantes e, assim, dar tempo a Goldstein, cujo estrategema também não lhe passara despercebido.

Goldstein tateava à procura do barbante que amarrava o ferimento. Rente ao rosto, sentia o sangue e o cheiro de carne crua.

— Deixa estar, sussurrou Scheller.

Goldstein encontrara afinal o barbante que escorregara. Desfez o nó. O sangue jorrou com fôrça.

— Com essa perna assim de todo jeito eles me aplicarão a injeção que liquida.

A perna estava presa só por alguns tendões e uns farrapos de carne. A queda de Goldstein a tinha afastado um pouco, de modo que estava enviesada e com o pé retorcido como se tivesse uma terceira articulação. As mãos de Goldstein estavam empapadas de sangue. Aperitou o nó, mas o barbante escorregou outra vez. Scheller estremeceu:

— Deixe.

Era preciso recomeçar. Sentia as lascas dos ossos sob os dedos. O estômago se embrulhou e êle teve de fazer um grande esforço para se conter. Mergulhou as mãos novamente na carne viscosa. Tornara a achar o barbante mas teve de ficar imóvel. Münzer tocára-lhe no pé advertindo-o. As imprecações do chefe "SS" se aproximavam:

— Mais um cachorro? O que foi que aconteceu com êle?

— Desmaiou, chefe.

O fiscal já estava ali perto.

— Levanta-te, imundície!

Urrando, pisou nas costelas de Goldstein, mas o golpe não fôra tão violento quanto parecera. O fiscal conseguira desviá-lo um pouco e para impedir que o "SS" voltasse a carga, continuou êle mesmo a bater.

— Vamos, vamos. Deixe êste aí.

O fiscal o acompanhou.

— Não acabaremos com isso hoje?

Goldstein ainda permaneceu quieto uns segundos. Depois voltou ao trabalho com ardor. Pegou na perna de Scheller, apertou a atadura, refez o nó, virou a tala de madeira que tinha escapado. O sangue parou de jorrar. Pingava gôta a gôta. Goldstein retirou as mãos com cuidado. A ligadura tinha ficado firme.

A chamada terminara. Acabaram concordando que faltavam 3/4 de um russo e a metade superior de Sibolski, da barraca 5. Não era bem assim porque os

braços de Sibolski tinham sido encontrados, mas a barraca 17 tinha se apossado dêles como sendo os de Joseph Binswangers, cujos restos tinham desaparecido completamente. Em compensação dois homens da barraca 5 tinham roubado a metade inferior do russo e a tinham apresentado como sendo Sibolski. A identificação de pernas era coisa difícil. Por felicidade havia ainda alguns pedaços sobressalentes que serviram para completar o homem e um quarto que estava faltando. Dêsse modo ficava provado que nenhum dos presos fugira, se aproveitando da confusão causada pelo bombardeio. Do contrário todos teriam de continuar no pátio de chamada até o amanhecer e voltar à usina para prosseguir as buscas entre os escombros até encontrarem aquêles que estivesse faltando. Semanas antes todo o acampamento permanecera de pé durante dois dias, até ser descoberto um que estava faltando por ter se suicidado dentro de um chiqueiro.

Durante todo o tempo, Weber ficara impassível em sua cadeira, com o queixo apoiado nas mãos. Levantou-se lentamente e fêz estalarem as articulações.

— Êsses homens ficaram muito tempo parados. Exercício no solo!

Ordens ecoaram no pátio:

— Mãos na nuca! Curvar os joelhos! O pulo do sapo! Para a frente! Saltem!

As longas fileiras iam obedecendo. Pulavam lentamente com os joelhos curvados. Entrementes a lua, alta no céu, brilhava com esplendor, iluminando um trecho do pátio. Na outra parte obscurecida pelas sombras que as construções projetavam, desenhavam-se nítidamente no chão, os contornos do crematório, do portão e do patíbulo.

— Saltar para trás.

As fileiras afundaram na zona sombria. Homens caíam. “SS”, fiscais e cabos levantavam-nos a pontapés. Os gritos eram abafados pelo barulho de pés sem conta:

— Para a frente! Para trás! Para a frente! Para trás! Descanso!

Agora ia começar o exercício propriamente dito. Consistia em se atirarem ao chão, se arrastarem, erguerem-se; atirarem-se ao chão, arrastarem-se e assim su-

cessivamente. Ficavam conhecendo o terreno do pátio de uma maneira bem dolorosa. Dentro em pouco o "tablado de dança" era só um fervilhar de vermes riscados, onde, dificilmente se poderiam reconhecer seres humanos!

Evitavam os feridos tanto quanto lhes era possível mas na atrapalhação e com o mêdo, nem sempre o conseguiam.

Passado um quarto de hora, Weber ordenou descanso. Aquêlo quarto de hora, no entanto, tinha aniquilado os prisioneiros exaustos. Por tôda parte havia feridos que não podiam mais se mexer.

— Em ordem por blocos!

Os homens se agruparam penosamente. Ergueram os que ainda podiam se conservar de pé e mantiveram-nos amparados. Enfileiraram os outros junto com os feridos.

O acampamento estava em silêncio. Weber se aproximou:

— O que acabaram de efetuar foi no interêsse de cada um. Aprenderam assim o que devem fazer no caso de um bombardeio aéreo.

Alguns "SS" riram-se com escárnio. Weber lançou-lhes um olhar e continuou:

— Verificaram hoje com que espécie de inimigo desumano temos de lutar.

A Alemanha que só deseja paz, foi atacada com brutalidade. O inimigo, batido em tôdas as frentes, em desespero de causa, lança mão de um último recurso, contra tôdas as regras do Direito, bombardeia covardemente pacíficas cidades abertas. Destrói Igrejas e hospitais, assassina mulheres e crianças indefesas. De bêstas inumanas não se poderia esperar outra coisa, mas nossa resposta não se fará esperar. Os destacamentos do acampamento, a partir de amanhã, terão trabalho suplementar. Sairão uma hora mais cedo para o serviço de remoção de escombros. Até nova ordem não haverá descanso aos domingos. Durante dois dias os judeus não receberão pão. Podem ir apresentar agradecimentos aos assassinos incendiários.

Weber calou-se. Os destacamentos continuaram imóveis. Subindo a montanha, ouvia-se o possante ron-

ronar de um carro. Era o “Mercedes” de Neubauer que regressava.

— Cantar! Ordenou Weber. *Deutschland, Deutschland über alles.* (1)

O canto não rompeu imediatamente. Todos estavam surpreendidos. Nos últimos tempos já não havia ordem para cantar e quando havia, era para cantar canções populares. Em geral tinham de cantar durante a aplicação das penas corporais. Os presos eram forçados a acompanhar com estrofes líricas os gritos dos açoitados. O velho hino nacional datava da época pré-nazista; há anos, não era entoado.

— Vamos! Cães!

Münzer, do bloco 13 começou a cantar. Os outros o imitaram. Quem não se lembrava exatamente dos versos, pronunciava qualquer coisa. O importante era mexer os lábios.

— Por quê? perguntou Münzer sem mover a cabeça, a Werner que lhe ficava mais perto, enquanto fingia que continuava a cantar.

— O quê?

A melodia morreu num cacarejo. Não tinham principiado num tom bastante grave que permitisse chegar às notas altas com que jubilosamente termina o hino. Os presos, aliás, já estavam sem fôlego.

— Que porcaria é essa? — perguntou o segundo chefe de acampamento.

— Recomecem desde o princípio e, enquanto não sair direito, não haverá descanso.

Os presos recomeçaram num tom mais baixo, estavam cantando melhor.

— O quê? — repetiu Werner.

— Por que cantar justamente *Deutschland, Deutschland über alles*?

— Talvez depois do que aconteceu hoje, já não tenham tanta confiança nas belas canções nacional-socialistas.

(1) N. da T. — Hino Nacional Alemão. (Alemanha, Alemanha, acima de tudo).

Todos os presos olhavam para a frente fixamente. Werner sentiu-se possuído de um estranho sentimento de exaltação. Súbitamente, teve a sensação de que não era só êle. Tanto Münzer, como Goldstein, ali no chão, e, até o pessoal da "SS", todos estavam sentindo dentro de si um sentimento novo que os ia dominando. Num momento, o velho hino irrompeu de maneira diversa daquela que, até ali, vinha sendo entoado. As vozes se elevaram claras e quase provocantes de ironia.

As palavras já nada mais significavam. "Contanto que Weber não perceba, pensou Werner, olhando o chefe do acampamento, do contrário teremos outros mortos, além daqueles que já estão amontoados por aí."

Goldstein, deitado no chão, estava com o rosto quase encostado ao de Scheller que movia os lábios. Goldstein não podia entender, mas pela expressão dos olhos meio cerrados, compreendeu o que o outro dizia:

— Bobagem! O cabo enfermeiro está conosco. Êle vai ajudar.

Olhando a pele porosa e acinzentada do companheiro, continuou cantando o último compasso:

— V. não será injetado. Temos o cabo enfermeiro que arranjará as coisas com o médico!

— Atenção!

O canto se interrompeu imediatamente. O Comandante aparecera no pátio.

Weber comunicou:

— Fiz-lhes um pequeno sermão e empurrei-lhes uma hora de serviço suplementar.

Neubauer ouvia sem interesse. Olhando para o céu, comentou:

— Acha que haverá alguma coisa durante a noite?

Weber escarneceu:

— Segundo as últimas informações radiofônicas, 90% dos aviões inimigos foram abatidos.

Neubauer não achou graça. "Êste é um Dietz em miniatura que também não tem nada a perder".

— Dê ordem de recolher, se tudo já está pronto — disse mal-humorado.

— Recolher!

Os blocos marcharam para as barracas, arrastando os feridos e os mortos dos quais deveria ser feita uma

lista antes de serem entregues no crematório. O rosto de Scheller estava afilado como se fôsse de um anão. Werner, Münzer e Goldstein carregavam-no. Ele dava a impressão de não passar daquela noite. Na ocasião do exercício, Goldstein levava um pontapé no nariz que começou a sangrar durante a marcha. Um filete de sangue escorria, escuro, por cima da boca.

Dobram o caminho que ia para a barraca. O vento que vinha da cidade, soprando mais forte, bateu em cheio em cima deles. Sentiram cheiro forte do incêndio que lavrava lá embaixo.

A expressão das fisionomias dos prisioneiros transformou-se como por encanto.

— Estão sentindo também? — Perguntou Werner.

— Estamos — disse Münzer erguendo a cabeça.

Goldstein sentiu o gosto adocicado do sangue que lhe cobria os lábios. Cuspiu longe e abriu a boca para saborear o cheiro de queimado:

— Está cheirando como se o incêndio já estivesse se estendendo até aqui!

— É...

Agora podiam até enxergar a fumaça que, subindo da cidade, enchia os caminhos como neblina tênue e se enfiava pelo meio das barracas.

Por um momento Goldstein se admirou que a cerca de arame farpado não a pudesse deter. Sentiu como se agora o campo estivesse menos defendido, menos inacessível que antes.

Atravessaram o caminho, avançando pelo meio da fumaça. Seus passos ecoavam mais seguros. Marchavam de peito esticado! Carregavam Scheller com toda a precaução.

— Respira este cheiro, — balbuciou, curvando-se ansiosamente sobre aqueles traços afilados.

Há muito, porém, Scheller desmaiara.

5

A barraca estava envolvida pela treva e pelo mau cheiro. Fazia muito que já não tinham mais luz

— 509 — chamou Berger, — Lohmann quer falar com V.

— Está terminando?

— Ainda não.

509 arrastou-se às apalpadelas até às tábuas que serviam de cama a Lohmann. Ouviu um leve murmúrio.

— Berger está aí também?

— Não.

— Vá buscá-lo.

— Para quê?

— Vá buscá-lo!

509 bateu de volta e ia pisando os que estavam deitados pelo caminho, que o cobriam de imprecações. Alguém mordeu-lhe a barriga da perna. Esmurrou a cabeça do desconhecido até que ele abriu os dentes.

Em alguns minutos voltava acompanhado por Berger.

— Que é que V. deseja?

— Segurem! — Lohmann estendeu o braço.

— O quê? — perguntou 509.

— Estique a palma da mão embaixo da minha.

— O que é isto? Será...?

— Isto mesmo... A coroa do meu dente.

— O quê? — Berger se aproximou. — Quem foi que arrancou?

Lohmann começou a rir. Era um risinho silencioso:

— Fui eu mesmo.

— V.? Como?

A satisfação do moribundo era evidente. Parecia infantilmente orgulhoso e completamente tranqüilo.

— Com um prego. Um preguinho que eu achei. Em duas horas descarnei a gengiva e arranquei o dente.

— Onde está o prego?

Lohmann entregou-lhe o prego. Berger ergueu-o à altura da janela e o observou com cuidado.

— Sujo e enferrujado. Sangrou muito?

Lohmann escarneceu:

— Berger V. não acha que eu posso arriscar uma infecção?

— Espere. — Berger apalpou os bolsos. — Alguém aí tem um fósforo?

Fósforos eram preciosos.

— Não tenho nenhum, — disse 509.

— Tomem aqui, — disse alguém da cama do meio.

Berger riscou. A chama iluminou fracamente, mas Berger e 509 fecharam os olhos para acomodarem a vista e poderem aproveitar melhor a claridade.

— Abra a boca!

Lohmann olhou-o fixamente.

— Não seja ridículo. Trate de vender o ouro.

— Abra a boca!

Sobre o rosto de Lohmann expandiu-se alguma coisa que poderia ser um sorriso:

— Deixe-me em paz. Foi bom poder enxergar vocês dois mais uma vêz.

— Vou pincelar com iodo, espere, vou buscar o vidro.

Berger entregou o fósforo a 509 e tateou em busca do iodo:

— Apaguem a luz! — Grunhiu alguém.

— Não diga besteira, — protestou o homem que tinha fornecido o fósforo.

— Apaguem a luz — esbravejou outro. — Querem que a sentinela atire aqui para dentro?

509 mantinha-se de um jeito que o seu corpo inclinado para a frente, se interpunha entre a parede e o fósforo. Na cama do meio o homem tapava o quadrado da janela com a coberta, enquanto 509 protegia a pequena chama com o paletó.

Os olhos de Lohmann eram claros. Muito claros. 509 olhou o fósforo que ainda continuava queimando e encarou Lohmann. Conhecia-o há sete anos e sabia que o estava vendo pela última vêz. Tinha visto bastantes rostos iguais àquele para poder se enganar.

Sentiu o fogo queimando-lhe os dedos, mas continuou segurando até não suportar mais. Ouviu os passos de Berger voltando, mas de repente tudo recaiu na mais profunda escuridão, dando-lhe a impressão de que ficara cego.

— Tem mais um fósforo? Perguntou na direção da cama do meio.

— Aqui está. É o último.

O último, pensou 509. 15 segundos de claridade para os 45 anos que Lohmann viveu.

O pequenino círculo de luz brilhava novamente.

— Apaguem a luz — berrou uma voz.

— Arranquem-lhe êste fósforo.

— Idiota! Nenhuma carcaça enxergaria essa luz!

509 abaixou o fósforo. Berger se aproximou com o vidro de iodo.

— Abra, a...

Berger interrompeu-se. Podia agora observar nitidamente as feições de Lohmann. Era realmente idiota uma pincelada de iodo. Aliás tinha ido buscar o medicamento só para fazer alguma coisa. Vagorosamente, enfiou o vidro no bolso. Lohmann observava-o sem pestanejar. 509 desviou a vista. Oíhou para a palma da mão, onde brilhava o pequenino pedaço de ouro. A chama queimava-lhe os dedos. Uma sombra se estendeu sobre o braço e o fósforo se apagou.

— Boa noite Lohmann, — disse 509.

— Mais tarde eu voltarei, — avisou Berger.

— Pode deixar, — murmurou Lohmann. — Agora isso vai terminar depressa.

— Talvez ainda consiga mais um fósforo.

Lohmann não deu mais nenhuma resposta.

509 sentia o bloco de ouro áspero e duro encostado à sua pele.

— Vamos sair, — segredou a Berger. — Lá fora estaremos sòzinhos e poderemos combinar melhor.

Foram tateando até a porta e saíram para o lado da barraca que era abrigado do vento. A cidade estava às escuras. O incêndio fôra quase completamente extinto. Só a torre da Igreja de Santa Catarina brilhava como um facho gigantesco. Era uma Igreja muito velha cheia de madeirame sêco. As mangueiras do corpo de bombeiros tinham sido impotentes. Continuava ardendo lentamente.

— Que é que vamos fazer com isso? — Perguntou 509.

Berger esfregou os olhos inflamados:

— Se o ouro estiver registrado, nós estamos perdidos. Investigarão até descobrir algum indício e enforçarão alguns de nós, sendo eu o primeiro.

— Êle garantiu que não havia nenhum registro. Há 7 anos, quando entrou, arrancavam os dentes de ouro, mas não registravam obturações. Isso veio muito depois.

— Tem certeza?

509 encolheu os ombros.

Ficaram silenciosos por algum tempo.

— Poderemos também dizer a verdade ou enfiar o dente de novo na bôca de Lohmann depois que êle morrer, opinou 509.

Tinha o dente apertado dentro da mão:

— Se quiser poderemos fazer isso.

Berger sacudiu a cabeça. Ouro seria a alimentação garantida por alguns dias. Ambos sabiam que de posse daquele dente, nenhum o entregaria por coisa alguma desta vida.

— Não poderia êle mesmo há anos ter arrancado o dente e vendido o ouro?

— Não estaria agora com a cicatriz fresca na bôca.

— Isso é o de menos. Se êle ainda agüentar uns dias haverá tempo para a gengiva secar. Além disso é um molar bem do fundo e se o cadáver já estiver duro quando for entregue, o contrôle será muito difícil. Se êle morrer esta noite, amanhã cedo já estará rígido. Se morrer de manhã, teremos de escondê-lo até ficar bem duro. Isso não é impossível porque poderemos enganar Handke na chamada da manhã.

509 encarou Berger.

— Precisamos arriscar. Necessitamos dinheiro, sobretudo agora.

— É, mesmo porque, já não poderemos arranjar outra coisa. Quem se encarregará de negociar?

— Lebenthal é o único que faz disso.

Abriu-se uma porta por detrás dêles, apareceram dois homens arrastando um defunto que colocaram no monte onde jaziam os corpos dos que morriam depois da chamada da noite.

— Será Lohmann?

— Não. Não é ninguém dos nossos. São os “mulmanos”.

Os homens que haviam transportado o morto, voltaram para a barraca.

— Alguém terá notado que ficamos com o dente? perguntou Berger.

— Não creio. Naquele canto quase só há “muçulmanos”. O único que poderia ter notado foi o que nos deu o fósforo.

— Ele disse alguma coisa?

— Até agora não, mas a qualquer momento pode aparecer para reclamar a sua parte.

— Isso não seria nada. A questão é se ele não achará um negócio mais vantajoso nos denunciar.

509 refletiu um momento. Sabia que, por um pedaço de pão, havia gente capaz de tudo.

— Não parece dêsse tipo — disse afinal — mostrou boa vontade nos dando os seus últimos fósforos.

— Isso tudo não quer dizer nada. Precisamos agir com muita cautela, do contrário estaremos perdidos e Lebenthal também.

509 sabia disso perfeitamente. Por muito menos já vira outros serem enforcados.

— Precisamos observá-lo, pelo menos enquanto o cadáver de Lohmann não for queimado e Lebenthal não tiver trocado o dente. Depois ele poderá fazer o que quiser.

Berger sacudiu a cabeça.

— Vou entrar, talvez descubra alguma coisa.

— Está bem. Fico aqui esperando por Leo. Ele ainda deve andar pelo “grande acampamento”.

Berger ergueu-se e se encaminhou para a barraca. Tanto ele como 509 teriam arriscado a vida para salvar Lohmann, mas sabendo-o perdido, falavam dêle como se se tratasse de uma pedra. O longo tempo passado no campo de concentração ensinara-lhes a refletirem objetivamente.

509 se agachara na sombra das privadas. Era um bom lugar, onde não despertaria a atenção de ninguém. O “pequeno acampamento” dispunha de uma única latrina para tôdas as barracas. Fôra armada justo entre os dois acampamentos e diante dela, constantemente se arrastava uma fila interminável de “esqueletos” que, gemendo, iam e vinham das barracas. Quase todos sofriam de disenteria, quando não de coisa pior. Frequentemente havia corpos estendidos por ali, esperando reunir um pouco de fôrça para poderem voltar às barracas. A

cêrca de arame farpado que separava os dois acampamentos, corria paralela aos dois lados da comua.

509 se instalara de maneira a poder observar a passagem entre o arame farpado. Era uma abertura reservada aos chefes de blocos, ao transporte de víveres e aos caminhões que conduziam os cadáveres. Da barraca 22 somente Berger podia utilizá-la quando se dirigia ao crematório. Para qualquer outro, aquela passagem, era absolutamente proibida. O polonês Silber dera-lhe o apelido de "passagem dos mortos" porque o pessoal do "pequeno acampamento" só a transpunha quando ia de pés juntos. As sentinelas tinham ordem de atirar no primeiro "esqueleto" que tentasse atravessá-la. Quase nenhum arriscava tal coisa. Do "grande acampamento", só vinham aquêles, que eram forçados pelas ocupações.

Já não era mais uma quarentena. Os outros presos, consideravam aquêles acampamento como um pequeno cemitério, onde os mortos se arrastavam algum tempo antes de desaparecer completamente.

Através os fios de arame, 509 podia observar os caminhos do "grande acampamento", onde naquele momento fervilhavam prisioneiros aproveitando os últimos minutos antes da ordem de recolher. Observava como formavam grupos, como falavam uns com os outros ou caminhavam juntos. E apesar daquele lado não ser mais do que o outro lado do mesmo campo de concentração, teve a impressão de se achar separado por um abismo que o isolava da terra condenada, mas onde apesar de tudo, ainda havia vida e camaradagem. Por detrás ouviu os passos surdos dos presos que se dirigiam à privada e não precisou virar a cabeça para ver-lhes os olhos sem vida. Podiam apenas emitir alguns sons. Arfavam um pouco, discutiam sem cessar, mas já eram incapazes de raciocinar. No acampamento tinham-nos apelidado de muçulmanos, em vista da absoluta resignação com que se deixavam arrastar pelo destino.

Moviam-se como verdadeiros autômatos, não tinham mais vontade própria.

Tudo nêles se havia extinguido, salvo algumas funções fisiológicas. Eram verdadeiros cadáveres ambulantes e morriam como môscas. O "pequeno acampamento"

estava repleto dêles. Alquebrados, perdidos, nada mais os poderia salvar — nem mesmo a liberdade.

509 sentia a frescura da noite penetrar-lhe os ossos. Um murmúrio entrecortado de suspiros rolava atrás dêle, como uma torrente ameaçando tragá-lo. Era a constante tentação de deixar subjugar pelo desespero contra o qual os “veteranos” lutavam sem descanso. Involuntariamente 509 mexeu-se e virou a cabeça. Precisava sentir que ainda estava vivo e possuía uma vontade própria. Naquele momento soou o toque de recolher, no “grande acampamento”. Em menos de um minuto os grupos se dissolveram, todos desapareceram.

Do outro lado as barracas eram providas de latrinas que eram truncadas durante a noite. Ficou tudo um deserto; naquele canto, apenas o lamentável cortejo continuava na sombra — esquecidos pelos camaradas, proscritos isolados, últimos farrapos de vida oscilando no território da morte inevitável.

Lebenthal surgiu sem ter atravessado a passagem. 509 avistou-o de repente atravessando o pátio. Devia ter entrado por qualquer lugar por detrás das comuas. Ninguém sabia como é que êle se arranjava, mas parece que, em caso de necessidade, seria capaz até de conseguir a braga-deira de um chefe de bloco, ou as divisas de um cabo:

— Leo!

Lebenthal parou:

— Que é que há! Cuidado! Os “SS” ainda estão rondando, andam por aí. Vamos por aqui.

Alcançaram as barracas:

— Conseguiu qualquer coisa?

— Que coisa?

— Que se coma, naturalmente.

Lebenthal ergueu os ombros:

— Naturalmente, — repetiu amuado. — Pensa que sou o cabo da cozinha?

— Não.

— Então que é que V. quer que eu faça?

— Nada. Perguntei apenas se V. tinha conseguido qualquer coisa que se coma.

Lebenthal continuou parado:

— Comida! — disse com amargura — sabe que os judeus vão ficar dois dias sem pão por ordem de Weber?
509 encarou-o:

— Será possível?

— Não; é troça, gosto de fazer piadas.

— Meu Deus! Haverá mortes em quantidade!

— Um monte. E V. ainda vem perguntar se eu arranjei alguma coisa que se coma!

— Acalme-se Leo! Vamos sentar um pouco. Isso é uma coisa horrível. Justamente agora que nós mais precisaríamos de comida!

— Ah! E'? Quem sabe se não é por minha culpa, hein?

Lebenthal começou a tremer. Tremia sempre que se excitava e era facilmente excitável. Aquêlê tremor nêlê não significava mais do que, para outros, o tamborilar sôbre uma mesa. Era o resultado de uma fome constante que exagerava tôdas as emoções. No campo de concentração, histeria e apatia andavam de braço dado.

— Fiz o que pude — articulou Lebenthal numa voz aguda, próxima das lágrimas. — Arrisquei-me, especulei, tentei dar um jeito e V. ainda vem me dizer — nós precisamos...

Sûbitamente sua voz morreu num gorgolejar ininteligível. Parecia um rádio mal sintonizado. Lebenthal com as duas mãos, explorava o chão ansiosamente. Perdera a fisionomia de morto ultrajado; era só uma testa com um nariz, dois olhos de batráquio, com uma massa de carne mole por baixo, onde havia um buraco. Finalmente encontrou a dentadura, limpou-a no casaco e tornou a enfiá-la na bôca. O rádio estava de novo bem sintonizado e a voz ergueu-se aguda e indignada.

509 deixou-o falar sem prestar atenção até que, percebendo, Lebenthal calou-se.

— Já ficamos sem pão muitas vêzes e por mais de dois dias. Por que é que hoje V. está fazendo tanto teatro? — disse já acalmado.

509 olhou-o um instante fixamente. Depois apon-tou para a cidade e a igreja em chamadas:

— Por que é? Por causa daquilo lá.

— O quê?

— Aquilo lá embaixo. Como é mesmo que está escrito no Velho Testamento?

— Que é que V. quer com o Velho Testamento?

— Não tem qualquer coisa assim em Moisés? “Uma coluna de fogo que mostrava ao povo o caminho da libertação?”

Lebenthal franziu as sobrancelhas:

— “Uma nuvem de fumaça de dia e uma coluna de fogo de noite” recitou em voz firme. — E’ isso que V. quer dizer?

— E’. Não será isso um sinal de Deus?

— De Jeová?

— Jeová, se você prefere: E lá embaixo, sabe V. o que aquilo significa?

509 esperou alguns segundos:

— É algo de semelhante — disse por fim. — É a esperança, Léo. A esperança para nós. Arre! Nenhum de vocês ainda percebeu isso?

Lebenthal não respondeu. Continuou sentado, encolhido, olhando para o vale. 509 deixou-se cair ao lado dêle. Tinha enfim falado! Era um pensamento que mal se podia enunciar, uma idéia terrível que quase sufocava! Evitara-a durante anos. Teria sido arrasado se se deixasse dominar por ela, mas agora tornara-se uma imposição; não ousara ainda avaliar tôda a sua extensão, mas era uma necessidade que se impunha e não havia mais alternativa: seria aniquilado ou a veria realizada!

— Leo — disse — aquilo significa que isto aqui também irá pelos ares.

Lebenthal ponderou:

— Só se êles perderem a guerra, mas quem é que sabe?

Instintivamente lançou um olhar amendrontado em redor.

Durante os primeiros anos, o acampamento tivera sempre notícias dos movimentos nas frentes de batalha. Mais tarde, quando os grandes feitos foram-se tornando raros, Neubauer proibiu a entrada de jornais no campo de concentração bem como quaisquer notícias radiofônicas. Depois disso, os comentários mais extravagantes circularam pelo acampamento de modo que em pouco tem-

po ninguém mais se entendia. A guerra ia mal, isso todos sabiam, mas a revolução que muitos esperavam há tanto tempo, nunca arrebentou.

— Leo! Eles estão perdendo. É o fim! Se isto que está acontecendo lá embaixo tivesse acontecido nos primeiros anos da guerra, não teria importância, mas depois de 5 anos de luta, é sinal de que os outros estão ganhando.

Lebenthal inspecionou os arredores de novo:

— Para que é que está falando dessas coisas?

509 conhecia a superstição das barracas: Aquilo que se exprimia com palavras, perdia a força e a segurança, e uma decepção era sempre uma grande perda de energia. Daí a prudência de todos.

— Estou falando, porque agora chegou a hora de se falar nisso. Este pensamento nos ajudará a agüentar. Esta fé não é mais uma fórmula vã. Essa situação não poderá durar muito tempo. É preciso que nós...

Não pôde continuar:

— O quê? — Perguntou Lebenthal.

509 não sabia mais exatamente. Agüentar, pensou ele, agüentar e mais alguma coisa também.

— É uma corrida — disse enfim — é uma corrida com...

Com a morte, pensou, mas não pronunciou a palavra. Fêz apenas um gesto na direção do quartel dos "SS".

— Com aqueles lá! Não devemos fraquejar quando a meta já está a vista, Leo.

Segurou o braço de Lebenthal.

— É preciso tentar tudo!

— O que é que poderemos tentar?

509 sentiu a cabeça vazia como se tivesse bebido. Já não estava mais acostumado a pensar e a falar tanto. Havia muito que não fazia tanto esforço de reflexão.

— Olhe, — disse tirando o bloco de ouro do bolso — era de Lohmann. Talvez não esteja registrado. Poderemos vendê-lo?

Lebenthal sopesou o dente na mão sem mostrar nenhuma surpresa:

— É perigoso. Só pode ser com alguém que possa sair do acampamento ou tenha ligação com gente de fora.

— Como o negócio será feito é indiferente. A questão é que seja feito e com rapidez. O que é que se poderá obter com isso?

— Isso não pode ser com tanta pressa, senão nos arriscaremos a ir parar no patíbulo ou a ficar sem o ouro e sem um níquel. É preciso trabalhar com prudência.

— V. não poderá tentar ainda hoje?

Lebenthal deixou cair a mão que segurava o dente:

— 509 — disse êle — até ontem V. era um homem de juízo.

— Ontem está muito longe.

Um violento estrondo subiu do vale, acompanhado por uma clara vibração de sino.

O fogo tinha devorado o madeirame do campanário e o sino desabara.

Lebenthal encolhera-se sobressaltado:

— Que foi isso?

509 contraiu os lábios:

— Um sinal Leo, sinal de que ontem está muito longe!

— Foi um sino! Como é que naquela igreja ainda havia um sino? Há muito tempo todo o bronze foi fundido para se fazerem canhões!

— Não sei, talvez tivessem se esquecido daquele. Como é, então? Poderemos vender o dente ainda hoje? Necessitamos de alimento para os dois dias sem pão.

Lebenthal abanou a cabeça:

— Hoje precisamente não, porque é 5.a feira, noite de reunião dos "SS".

— Ah! Então hoje as prostitutas vêm?

Lebenthal encarou-o:

— V. também sabe? Como foi que soube disso?

— É indiferente. Eu sei disso, Berger sabe disso, Bucher sabe disso, Ahasverus sabe disso.

— Quem mais ainda?

— Mais ninguém.

— Muito bem! Então vocês todos já sabem! Ignorava que me observavam. Preciso tomar mais cuidado. Pois é isso, esta noite elas virão.

— Leo, faça o possível para liquidar hoje o negócio do dente. É muito importante. Eu posso me encarregar

do que for preciso aqui. Dê-me o dinheiro e eu experimentarei. Não é tão complicado.

— Sabe como é que se faz?

— Sei, de dentro do fôssô.

Lebenthal refletia: Há um cabo da coluna de caminhões de transportes que vai à cidade amanhã. Quem sabe se êle morde a isca. Talvez eu possa liquidar o negócio e ainda voltar a tempo de controlar êsse outro aqui.

Estendeu o dente a 509:

— Que é que eu vou fazer com isto? V. precisa dêle para realizar o negócio.

Lebenthal sacudiu a cabeça desdenhosamente:

— Bem se vê que V. não percebe nada de comércio. Está pensando que me darão alguma coisa depois que tiverem abocanhado o objeto? Isso é feito de outro jeito. Se tudo corre bem, então eu volto para buscar o ouro. Esconda-o por enquanto e preste atenção.

509 deitou-se num fôssô pouco afastado da cêrca de arame farpado, a uma distância, porém, onde já era proibido ficar. Ali a paliçada formava um ângulo, de modo que de noite, sôbretudo havendo neblina, a sentinela da torre de metralhadoras dificilmente distinguiria alguma coisa. Os "veteranos" já tinham descoberto aquêle canto há muito tempo, mas fazia poucas semanas que Lebenthal o transformara num ponto estratégico.

Num raio de cem metros em volta do acampamento o terreno era interdito a qualquer pessoa que não estivesse munida de uma autorização dos "SS". As árvores tinham sido cortadas numa larga faixa de terreno para onde apontavam bôcas de metralhadoras.

Lebenthal, que parecia possuir um sexto sentido para tudo que se relacionasse com comida, observara que há alguns meses, tôdas as noites de 5.ª feira, duas raparigas utilizavam o caminho que passava ao lado do "pequeno acampamento" para irem ao quartel, onde os "SS" tinham as suas reuniões semanais. As duas vinham do "Morcego", um cabaré que ficava a meio caminho da cidade e para evitar-lhes uma caminhada mais longa, os "SS", cavalheirescamente lhes tinham permitido a passa-

gem pela zona interditada, tomando a precaução, no entanto, de interromper a corrente elétrica daquele lado durante os poucos minutos em que as duas atravessavam. O comando do campo ignorava, naturalmente tudo aquilo. Aproveitando-se de uma certa confusão que principiava a reinar, os "SS" subalternos tinham tomado aquela iniciativa, sem maiores cuidados.

Não corriam risco; nenhum dos presos do "pequeno acampamento" estava em condições de se evadir.

Num assomo de generosidade, uma das rameiras tinha certa noite atirado um pedaço de pão por baixo da cerca, justamente quando Lebenthal se achava por ali. Algumas palavras trocadas na escuridão e a proposta de uma remuneração foram o bastante. As raparigas passaram a trazer freqüentemente alguma coisa, sobretudo quando o tempo estava chuvoso ou com neblina. Manobravam enquanto fingiam que ajeitavam uma meia ou sacudiam a terra dos sapatos. O acampamento sempre mergulhado na treva, as sentinelas daquele lado, aproveitavam para cochilar. Mesmo que de algo desconfiassem, não iriam atirar nas mulheres e até que alguém ali chegasse, qualquer vestígio já teria desaparecido completamente.

509 ouviu o fragor que os restos da torre da Igreja produziam ao desabar. Um feixe de luz listrou o céu e retombou em fagulhas. Distante, ouvia-se a sereia do corpo de bombeiros.

Não lhe seria possível dizer durante quanto tempo esperara. A noção do tempo perdera todo o significado no campo de concentração. Afinal, através a obscuridade inquieta, ouviu passos e distinguiu vozes. Eram passos leves que vinham da esquerda. Deu uma olhadela em volta: a escuridão era profunda, mesmo os "muçulmanos" que se arrastavam para a privada estavam invisíveis. Ouviu a voz de uma das sentinelas se dirigindo às moças:

— A meia-noite eu saio do serviço, ainda vou encontrar vocês lá.

— Ótimo, Arthur.

Os passos se aproximavam. Custou um pouco até que 509 pôde divisar vagamente duas silhuetas. Olhou para o lado onde ficava a torre de metralhadoras. A treva

era tão densa que não conseguiu ver a sentinela que, tampouco o poderia ver. Então assobiou baixinho:

— Onde está V.?

509 acenou com o braço.

— Ah! Aí! Está com o dinheiro?

— Estou. Que é que vocês trazem?

— Passe primeiro a gaita. 3 Marcos.

O dinheiro, dentro de um saquinho, estava amarrado na ponta de uma vara que Lebenthal tivera a precaução de passar por baixo do arame farpado. Uma das raparigas abaixou-se, retirou as moedas, contou-as rapidamente dizendo:

— Agora V. preste atenção!

Ambas juntaram as batatas que traziam nos bolsos dos capotes e começaram a atirá-las pela cêrca. 509 esforçava-se para pegá-las e escondê-las no casaco de Lebenthal:

— Agora vai o pão — disse a mais gorda.

509 pegou todos os pedaços com presteza.

— Pronto, não tem mais.

As jovens preparavam-se para ir adiante. 509 assobiou.

— Que é que há? — Indagou a gorducha inclinándose um pouco.

— Vocês não poderão trazer mais nada?

— Na semana que vem.

— Não, hoje quando voltarem do quartel. Eles dão tudo o que vocês quiserem.

— V. é o mesmo das outras vezes? — perguntou a mais gorda.

— Eles todos se parecem, Fritz, — disse a outra.

— Vou ficar esperando, — sussurrou 509, — ainda tenho algum dinheiro.

— Quanto?

— 3 Marcos.

— Precisamos continuar, Fritz.

Enquanto não andavam, marcavam passo com os pés para a sentinela não perceber que estavam paradas.

— Posso esperar a noite inteira, ouviu? 5 Marcos!

— V. não é o mesmo. Onde está o outro, morreu?

— Está doente, vim no lugar dêle. 5 Marcos, ouviu? Talvez até mais.

— Vamos Fritz! Não podemos ficar aqui eternamente!

— Está bem. Espere a minha volta se quiser.

As duas prosseguiram o caminho. 509 ouvia o ruído das suas saias. Arrastou-se de volta trazendo o casaco de Lebenthal e se estirou no chão. Estava exausto. Tinha a impressão de estar transpirando, no entanto continuava completamente sêco. Virando-se avistou Lebenthal:

— Conseguiu?

— Consegui. Pão e batatas.

Lebenthal se abaixou:

— Que cachorras! Umas verdadeiras sanguessugas! São quase os preços aqui do acampamento. 1 Marco e 50 seria mais do que suficiente. Por 3 Marcos deviam trazer também, no mínimo, um pedaço de salchicha. Isso acontece quando a gente mesmo não faz as coisas. 509 não o estava escutando.

— Vamos repartir, Leo.

Agacharam-se atrás da barraca e principiaram a dividir:

— As batatas eu preciso para negociar amanhã, disse Lebenthal.

— Não! Agora nós mesmos necessitamos de tudo.

— É assim? E de onde é que eu vou tirar dinheiro para a próxima vêz?

— V. ainda possui alguma coisa.

— V. anda bem informado, não?

Puseram-se de quatro, como bichos e encararam-se fixamente:

— Elas vão trazer mais quando voltarem hoje. Serão coisas melhores que V. poderá trocar mais facilmente. Eu disse que ainda tinha 5 Marcos.

— Ouça — começou Lebenthal, mas, erguendo os ombros, disse simplesmente: — Isso é lá com V. se é que tem êsse dinheiro. — 509 encarava-o com fixidez. Por fim Lebenthal desviou os olhos e escorregou sôbre os cotovelos.

— V. está me esgotando — gemeu fracamente. — Que é que V. quer afinal? Por que é que deu para se meter em tudo de repente?

509 reprimia a ânsia de enfiar uma batata na bôca e outra mais ainda, antes que alguém tivesse tempo de impedir.

— Como é que V. supõe que essas coisas se fazem? — ciciava Lebenthal. — Come-se tudo de uma vez. Larga-se todo o dinheiro como um idiota e depois? De que jeito se consegue mais?

Aquelas batatas! 509 sentia-lhes o cheiro. Aquêlê pão! Suas mãos não queriam mais se subordinar ao raciocínio. Seu estômago dilatava-se numa sofreguidão horrível. Comer! Comer! Devorar tudo depressa!

— Temos o dente, — articulou com dificuldade, desviando a vista.

— O dente, e que mais?

— Que mais? Vamos conseguir fazer negócio com o ouro!

— Hoje não obtive nenhuma troca, ainda vai demorar um pouco. Temos de contar com aquilo que já está em nossas mãos.

“Ele não sentirá fome?” pensava 509. “Está fazendo um discurso. Será que não está com o estômago varado?”

— Leo, — disse, com a língua pastosa, — pense em Lohmann. Quando chegarmos ao estado a que êle chegou, já nada mais adiantará. Agora temos de pensar em cada dia, não há mais necessidade de prever para daqui a meses.

Do lado do acampamento das mulheres ouviu-se um grito agudo como o de um pássaro assustado. Adiante, um “muçulmano”, de pé sobre uma perna só, esticava os braços para o céu. Um outro tentava ampará-lo e os dois juntos, davam a impressão de estarem ensaiando um grotesco passo de dança no horizonte. Um instante depois, ambos despencaram no chão como dois galhos secos. O grito silenciara.

— Quando tivermos chegado à situação daqueles dois já será tarde, nada mais poderá salvar-nos. Precisamos nos defender, Leo!

— Defender? Como?

— Defender — repetiu 509 com tranqüilidade.

A vertigem tinha passado; podia tornar a olhar tudo calmamente. O cheiro do pão não o sufocava mais. Aproximou o rosto do ouvido de Lebenthal:

— Para podermos nos vingar!

Lebenthal afastou a cabeça.

— Não quero me meter em nada disso.

509 riu fracamente:

— Você não precisa se meter nisso. Basta providenciar os meios de alimentação.

Lebenthal permaneceu em silêncio. Depois puxou uma carteirinha, contou as moedas bem perto dos olhos e entregou a 509:

— Aqui estão 3 Marcos. São os últimos. Está contente agora?

509 pegou o dinheiro sem dizer nada. Lebenthal começou a dividir os pedaços de pão e as batatas.

— Doze porções. Dá uma ninharia para cada um.

— Onze porções. Lohmann não tem mais necessidade de nada.

— Bem, então onze.

— Leve para Berger, lá dentro. Estão todos esperando.

— Está certo. Aqui está a sua porção. Vai ficar aqui fora aguardando a volta das duas?

— Vou.

— Mas V. ainda tem muito tempo. Elas não voltam nunca antes de uma ou duas da manhã.

— Não faz mal, vou ficar esperando.

Lebenthal sacudiu os ombros:

— Se não trouxerem mais do que ainda há pouco, não vale a pena o trabalho de esperá-las. Por êsse preço eu consigo a mesma coisa no “grande acampamento.” Aquelas cachorras!

— Está certo, Leo. Vou ver se desta vez consigo um pouco mais.

509 meteu-se por baixo do capote. Estava frio. Aperitava na mão as batatas e o pedaço de pão que recebera. Meteu o pão no bolso e pensou: “hoje de noite não vou comer mais nada. Vou esperar até amanhã. Se conse-

guir fazer isso, então... não sabia o que, então... Qualquer coisa. Qualquer coisa importante." Tentou imaginar o que. Impossível. Conservara as batatas na mão, uma grande e uma pequenininha. Não agüentou. A tentativa era forte demais. Comeu as duas! Devorou a pequena com uma dentada só. A grande foi mastigando lentamente. Não avaliou que a fome ainda aumentaria mais, era sempre a mesma coisa. Já deveria saber disso. Lambeu os dedos avidamente e mordeu a mão para impedí-la de tirar o pão de dentro do bolso. "Não quero engolir o pão de uma vez como fiz com as batatas. Vou deixá-lo para amanhã. Hoje tive forças para vencer Lebenthal. Cheguei a convencê-lo. Ele não queria, mas acabou me entregando os 3 Marcos. Não estou ainda liquidado. Ainda sou senhor de minha vontade. Se eu conseguir guardar o pão até amanhã..." Sentiu a vista escurecer "então..." Fechou o punho e fixou as chamas que devoravam a igreja... "então ainda não estou reduzido a um irracional, a um "muçulmano", a uma máquina. "É preciso..." Foi tomado de nova vertigem... "É preciso..." A fome cruciava-o novamente. "Eu disse tudo isso a Lebenthal, mas naquele momento ainda não tinha o pedaço de pão dentro do bolso — dizer é fácil, mas resistir... É preciso voltar a ser um ente humano, é preciso recomeçar..."

6

Neubauer estava sentado diante da escrivaninha. Do outro lado, achava-se o Capitão médico Wiese, homem pequenino, de aspeto simiesco, com o rosto coberto de sarda e um bigodinho ruivo franjado.

Neubauer estava de mau humor. Era um daqueles dias em que tudo parecia conjurar contra êle. As notícias dos jornais eram dadas com sobriedade inquietante. Selma resmungara a manhã inteira; Freya andara pela casa, com olhos vermelhos de chorar. Dois advogados, seus inquilinos, tinham desistido da locação. Ainda por cima, aparecia-lhe aquêlê morrinheiro manipulador de pílulas, cheio de pretensões.

— Quantos homens o Sr. precisaria? — Perguntou sombriamente.

— Por enquanto 6, já bem enfraquecidos, seriam suficientes.

Wiese não fazia parte do pessoal do acampamento. Possuía um pequeno hospital perto da cidade e ambicionava tornar-se um grande cientista. Como muitos outros médicos, fazia suas experiências em criaturas ainda vivas, e o campo de concentração tinha-lhe fornecido material em várias ocasiões. Mantendo relações de amizade com o “ex-Gauleiter” da província, ninguém investigava o que acontecia aos presos fornecidos pelo acampamento, visto os cadáveres serem regularmente enviados ao crematório.

— E o Sr. deseja êsses homens para fazer experiências científicas?

— Precisamente. Estou fazendo pesquisas para o exército, secretas, naturalmente.

Wiese sorriu. Seus dentes apareceram enormes por baixo do bigode.

— Imaginem! Secretas?

Neubauer bufava. Decididamente não podia mais suportar os ares superiores dos homens que haviam frequentado Universidade. Metiam-se em tudo querendo passar por cima até de antigos combatentes.

— Pode levar quantos quiser. Ficamos satisfeitos que essa gentinha ainda sirva para alguma coisa. Precisamos apenas de uma ordem de transferência.

Wiese ergueu a vista surpreso:

— Uma ordem de transferência?

— Evidente. Uma ordem de transferência do meu superior.

— Mas como? Não percebo.

Neubauer disfarçou a satisfação. Esperara a surpresa do médico.

— Realmente não percebo — repetiu o Capitão. — Até agora nunca foi necessário nada disso.

Neubauer estava ciente de tudo: Wiese não precisava de nenhuma permissão oficial porque era amigo do “Gauleiter”, que agora em consequência de uma negociação um tanto obscura, fôra enviado para as linhas de fren-

te. Era uma excelente oportunidade que se apresentava a Neubauer para criar dificuldades ao capitão.

— Não é mais do que uma formalidade. Se o exército se responsabiliza pela transferência, o Sr. terá quantos homens quiser.

Wiese não tinha nenhum propósito de meter o exército no seu mistifório. Mencionara-o apenas como pretexto. Neubauer não o ignorava tampouco. O médico mordia o bigode.

— Não estou entendendo nada. Até agora sempre levei os homens de que tive necessidade, sem precisar preencher nenhuma formalidade.

— Para experiências? Concedidos por mim?

— Aqui do acampamento.

— Deve haver algum engano. Vamos esclarecer o caso.

Neubauer pegou o telefone. Não carecia de nenhum esclarecimento. Sabia perfeitamente de tudo. Depois de algumas perguntas repôs o fone no gancho:

— Exatamente como eu imaginava. O doutor requereu gente para trabalhos leves e obteve todos os que desejou. Isso é uma coisa para a qual estamos autorizados. Diariamente, dúzias de prisioneiros dêsse acampamento se encontram em atividade em diferentes indústrias desta cidade, mas todos continuam sujeitos ao campo de concentração. O caso hoje é completamente diverso. Agora o Sr. está requisitando homens para experiências clínicas. Para isso, faz-se mister uma permissão. Os presos só podem deixar o campo com ordem de transferência.

Wiese sacudiu a cabeça.

— Tudo isso vem a dar no mesmo, voltou irritado. Naquela ocasião foram todos aproveitados para experiências também.

— Ignoro tudo a êsse respeito.

Neubauer recostou-se no espaldar da cadeira.

— Só tenho conhecimento do que consta nas atas. E acho melhor continuar assim. Seguramente o Doutor não tem nenhum interesse em chamar a atenção das autoridades para semelhante equívoco.

Wiese permaneceu em silêncio. Compreendeu que ele mesmo se havia traído.

— Poderia obter os homens se os requisitasse para trabalhos leves?

— Seguramente. Para isso é que estamos aqui.

— Muito bem. Então requisito 6 homens para trabalhos leves.

— Mas senhor Doutor!

Neubauer gozava a situação cheio de triunfo.

— Falta-me compreensão para avaliar uma tal mudança em seus objetivos! Primeiro deseja homens totalmente enfraquecidos e agora requisita-os para trabalhos leves? Isso é uma contradição! Aqui no campo os que estão totalmente enfraquecidos, não serviriam nem para cerzir meias! Creia-me, nosso acampamento está sujeito a uma disciplina prussiana.

Wiese engoliu em sêco. Levantou-se bruscamente e pegou no quepe. Neubauer levantou-se também. Estava radiante de ter podido aborrecer o médico, mas não desejava transformá-lo em seu inimigo. Ninguém sabia se o "Gauleiter" voltaria ao antigo pôsto.

— Doutor, eu teria uma outra proposição a fazer-lhe.

Wiese virou-se. No rosto pálido as sardas sobressaíam.

— Tenha a bondade!

— Se o Sr. tem tanta urgência de material, poderia solicitar voluntários. Isso dispensaria as formalidades. Se um preso deseja livremente prestar uma contribuição à ciência, nós não nos podemos opor. Não seria uma providência oficial, mas seria uma solução da qual eu poderia assumir a responsabilidade. Especialmente tratando-se daquelas bôcas inúteis do "pequeno acampamento". Os presos assinam uma declaração e pronto.

Wiese não respondeu imediatamente.

— Neste caso nem se teria de pagar uma remuneração por trabalhos prestados, — disse Neubauer cordial. — Oficialmente os homens continuam no acampamento. O Dr. vê que eu facilito as coisas na medida do possível.

Wiese continuava desconfiado.

— Não compreendo porque está criando tantas dificuldades. Estou servindo o país.

— Todos nós estamos servindo o país e eu não criei dificuldades. Há um regulamento que para um gênio da ciência como o Sr. pode parecer inútil; nós, porém, sem a burocracia, não poderíamos entender a vida.

— Quer dizer que, assim, eu obteria os 6 voluntários?

— 6 ou mais. Quantos desejar. Terá Weber, o 1.º chefe do acampamento, à sua disposição, Weber um rapaz de grande mérito que o acompanhará ao “pequeno acampamento” e o ajudará no que for necessário.

— Muito grato!

— Não há nada a agradecer, foi um prazer.

Wiese retirou-se. Neubauer pegou o telefone para instruir Weber:

— Deixe o homem desembrulhar-se sozinho. Nada de ordens. Somente voluntários. Pouco se me dá que êle arrebente a garganta de tanto falar. Não havendo voluntários, nós não poderemos fazer nada.

Neubauer sorria ao repor o fone no gancho. Seu mau humor desaparecera completamente. Exultava ao pensar que pudera mostrar a um dêses sabichões que a palavra dêle também pesava. A idéia de voluntários que lhe ocorrera fôra ótima. Duvidava que Wiese conseguisse convencer alguém. Os presos já conheciam aquelas manobras. O próprio médico do acampamento, que também se tinha na conta de sábio, arcava com as maiores dificuldades para catequizar uma vítima para as suas experiências. Neubauer sorria satisfeito. Não deixaria, mais tarde, de se informar como terminara o caso.

* * *

— Vê-se a cicatriz? — Perguntou Lebenthal.

— Muito dificilmente.

— Dificilmente, sobretudo para um “SS”. Era o penúltimo molar e o queixo já está duro.

Tinham colocado o corpo de Lohmann fora da barraca. A chamada da manhã já tinha sido feita. Só estavam esperando o caminhão que transportava os mortos. Ahasverus, perto de 509 movia os lábios vagarosos numa oração,

— Para êste V. não precisa dizer o “Kaddisch”, velho, êle era protestante.

Ahasverus voltou tranqüilamente:

— Não lhe fará mal nenhum. E prosseguiu a oração.

Bucher e Karel o garôto tcheco, vieram juntar-se ao grupo. As pernas do menino pareciam dois palitos. Sobre o rosto minguado, sobressaía a cabeça desproporcionalmente grande. Caminha vacilando.

— Volte para dentro, Karel, aqui fora está muito frio para V. — disse 509.

O menino sacudiu a cabeça. 509 sabia porque o rapazinho queria ficar ali. Lohmann dava-lhe frequentemente pedaços do seu pão, e aquilo ali representava a cerimônia do enterro de Lohmann; era o acompanhamento ao cemitério; as coroas e as flôres que tinham um perfume amargo; as orações e os lamentos; tudo o que podiam fazer pelo companheiro morto — ali de pé, com os olhos sêcos, contemplá-lo deitado na terra sob o céu da manhã.

— Lá vem o caminhão — disse Berger.

No começo os mortos do acampamento eram transportados à mão. Quando o número aumentou muito, arranjaram uma carroça puxada por um cavalo branco que ao morrer fora substituído por um velho caminhão reformado para o transporte de gado. O calhambeque ia de barraca em barraca recolhendo os cadáveres:

— Trazem carregadores?

— Não.

— Então somos nós mesmos que vamos ajudar a carregar o carro. É melhor chamar Westhof e Meyer.

— Os sapatos! observou Lebenthal agitado.

— Esquecemos de tirá-los. Ainda estão aproveitáveis.

— É, mas êle não pode ir sem nada nos pés.

— Os sapatos arrebatados que tiramos de Buchsbaum ainda estão na barraca. Vou buscá-los.

— Fiquem aí em volta depressa, de modo que não me possam vêr — disse 509.

Ajoelhou-se perto de Lohmann, enquanto os outros se colocaram de maneira que do caminhão parado em

frente da barraca 17 e da torre de metralhadoras, ninguém percebesse o que se estava passando. Não foi difícil descalçar os sapatos enormes daqueles pés esqueléticos.

— Onde estão os outros? Rápido, Leo!

— Pronto!

Lebenthal saía da barraca com o par de sapatos esburacados e escondidos embaixo do paletó. Passou para o meio dos camaradas e deixou os sapatos escorregarem ao lado de 509 que, ao mesmo tempo, punha-lhe nas mãos o calçado de Lohmann. Lebenthal enfiou-os por baixo do casaco de modo que os pudesse prender com o braço e se encaminhou para a barraca. 509, terminada a troca, levantou-se cambaleando, no momento justo em que o caminhão parava defronte da barraca 18.

— Quem é que está na direção?

— O próprio cabo Strohschneider.

Lebenthal já vinha voltando:

— E nós que íamos esquecendo! As solas ainda estão perfeitas.

— Poderemos vendê-los?

— Trocá-los.

— Ótimo.

O caminhão se aproximava. Lohmann jazia ao sol com a boca meio aberta num rictus. Pela pálpebra mal cerrada, via-se um olho amarelo como um botão de chifre. Todos estavam calados olhando o morto fixamente. Lohmann se achava infinitamente distante.

Os cadáveres das seções B. e C. já estavam no carro.

— Vamos! — Berrou Strohschneider. — Será que estão esperando uma prédica? Joguem logo êste fedorento aqui para dentro.

— Vamos — disse Berger.

Na seção D havia só 4 defuntos. Para os 3 primeiros ainda se arranjou lugar, mas o carro ficara atopeçado. Os “veteranos” não encontravam um canto onde enfiar Lohmann. Os outros corpos, uns sobre os outros, enchiam totalmente o veículo. Quase todos já estavam rígidos.

— Vão jogando aí por cima, gritou Strohschneider. Querem que vá ajudá-los? Tratem de subir alguns para irem ajatando lá dentro, cambada de porcos. Só mesmo para isso é que esta corja ainda serve.

Não conseguiam içar o corpo!

— Bucher! Westhof! Venham ajudar.

Tinham posto o corpo no chão novamente. Lebenthal, 509, Ahasverus e Berger ajudaram Bucher e Westhof a subirem para o caminhão. Bucher já estava quase em cima quando escorregou e caiu. Procurando apoio, segurou-se num corpo que ainda não estava duro e ambos rolaram no chão. Foi um espetáculo triste ver a passividade com que aquêlê homem rolava, como se no seu corpo só houvesse articulações.

— Canalha! — injuriou Strohschneider, que porcaria estão fazendo aí?

— Depressa, Bucher. Tente outra vez — soprou Berger.

— Primeiro o outro que ainda está mole e é mais fácil de levantar.

Era o corpo de uma mulher e pesava mais do que os outros mortos. Ainda tinha carnes. Aquela não morrera de inanição. Seguramente não pertencia à seção de mulheres do “pequeno acampamento”. Do contrário não seria mais do que um feixe de ossos. Provavelmente viera do acampamento de trocas, onde havia judeus munidos de documentos sul-americanos. Ali ainda existiam famílias inteiras.

Strohschneider descera do assento e mirava a mulher:

— Estão se babando, hein? seus bodes nojentos.

Riu-se da piada. Como cabo não tinha necessidade de dirigir caminhão de defuntos, mas gostava de dirigir. Sempre fôra motorista e estando sentado a um volante ficava sempre de bom humor.

Reunindo-se 8 “veteranos”, haviam conseguido, enfim, levantar o primeiro corpo. O esforço deixara-os tremendo, mas num último arranco içaram Lohmann também, justo no momento em que Strohschneider o home-nageava com uma cusparada de saliva cheia de fumo mascado. O corpo do “veterano” era levíssimo em comparação com o da mulher.

— Prendam-no bem — sugeriu Berger, — amarrem um braço no outro.

Conseguiram passar um braço de Lohmann pelas tábuas da carrosseria. Ficava um pouco para fora, mas ao menos, ficava firme.

— Tudo pronto — disse Bucher escorregando para baixo.

— Pronto, afinal? Espantalhos!

Strohschneider teve um acesso de riso: Os 10 “esqueletos” reunidos lembravam-lhe 10 enormes espantalhos carregando um outro espantalho.

— Espantalhos — repetiu mirando os “veteranos”.

Ninguém se ria. Ofegantes, olhavam a traseira do caminhão, onde se baralhavam os pés dos mortos. Havia muitos pés, dentre os quais uns pèzinhos de criança calçados com uns sapatos brancos já sujos.

— E vocês, aí da confraria do tifo, qual será o primeiro que eu virei buscar?

Ninguém respondeu.

— Excrementos, resmungou Stroschneider, seu bom humor se evaporara, nem para a morte vocês prestam mais. Subindo para o assento, deu partida com tal violência, que o motor roncou como uma metralhadora. Os “esqueletos” mal tiveram tempo de pular para o lado. Strohschneider sorriu e, fazendo uma curva, deixou para trás uma nuvem de fumaça. Lebenthal tossindo engasgado esbravejava:

— Êste porco cevado!

509, parado no meio da fumaça, objetou:

— Talvez seja bom contra piolhos.

O caminhão seguiu aos solavancos pelo caminho de chão desigual, enquanto o braço de Lohmann que ficara para fora era sacudido como se estivesse acenando-lhes um adeus.

509 acompanhando a cena com o olhar, apalpou o bolso onde se encontrava a coroa de ouro. Por um momento tivera a impressão de que o dente seguira com Lohmann. Sentiu também o pedaço de pão da véspera. Apercebeu-se de que não havia comido e pungiu-lhe o sarcasmo daquela consolação. Lebenthal continuava a tossir. 509 virou-se e perguntou:

— E os sapatos? Servem para alguma coisa?

Berger se dirigia ao crematório quando avistou Weber e Wiese que vinham para aquêles lados. Fêz meia volta e correu para avisar os companheiros:

— Weber e Handke vêm aí acompanhados de um civil que, se não me engano, é o “Dr. Cobaia”. Cuidado.

As barracas ficaram alvoroçadas. Oficiais superiores “SS” nunca apareciam no “pequeno acampamento” sem que para isso houvesse uma razão especial.

— O “Mastim”, Ahasverus, trate de escondê-lo, — gritou 509.

-- Acha que vão inspecionar as barracas?

-- Talvez não. Estão em companhia de um civil.

— Onde é que êles estão, ainda temos tempo? — perguntou Ahasverus.

— Temos. Depressa!

O “Mastim” deitou-se obediente e enquanto Ahasverus o acariciava, 509 amarrava-lhe os pés e as mãos, de modo que êle não pudesse correr para fora. Em geral o infeliz permanecia quieto sem estar amarrado, mas com semelhante visita em perspectiva era melhor não arriscar. Ahasverus enfiou-lhe um trapo na bôca, de modo que êle pudesse respirar, mas não pudesse ladrar, e arrasaram-no para o canto mais escuro da barraca:

— Quietos!

Ahasverus ergueu a mão:

— Deitado, quieto!

O infeliz tentara levantar-se:

— Deitado e bem sossegado!

O louco se acomodou.

Do outro lado a voz de Handke berrou:

— Todos para fora!

Os “esqueletos”, apressados, colocaram-se em filas. Os que não se agüentavam eram amparados ou simplesmente deitados no chão. Era um lamentável amontoado de homens semimortos, arquejantes e esfaimados.

Voltando-se para Wiese, Weber perguntou:

— É disso que o Dr. está precisando?

As narinas de Wiese palpitarão como se estivessem sentindo o odor de um bom assado.

— Excelentes espécimes — murmurou.

Colocando uns óculos de tartaruga, passou a examinar as fileiras com ar benevolente.

— Deseja escolhê-los pessoalmente? — Perguntou Weber.

Wiese tossiu levemente.

— Sem dúvida... mas há a informação de que devem ser voluntários.

— Muito bem, disse Weber e elevando a voz: Para a frente 6 homens para serviços leves.

Ninguém saiu do lugar. Weber ficara escarlate. Fiscais de blocos repetindo a ordem começaram a empurrar gente para a frente. Weber aborrecido, passeava pelo meio das filas quando descobriu Ahasverus em frente à barraca 22.

— Esse da barba, para a frente. Não sabe que é proibido deixar a barba crescer?

Continuou gritando:

— Fiscal de bloco, que é isto? Para o que é que serve, então? Faça este sujeito vir para a frente.

Ahasverus se aproximou:

— Velho demais — disse Wiese e voltando-se para Weber: — Um momento, acho que temos de fazer de outra maneira.

Elevou a voz:

— Pessoal! disse macio. Vocês todos precisam de um hospital. Nas enfermarias do acampamento não há mais lugar. Eu tenho espaço para 6 de vocês em outra parte. Estão precisando de sopas, de carne, de um alimento forte. Aproximem-se os 6 mais necessitados!

Ninguém se aproximou. Nenhum deles acreditava mais naquelas fábulas. Os "veteranos" tinham reconhecido Wiese e sabiam que daqueles que êle tinha levado da outra vez nenhum tinha voltado.

— A ração ainda é muito gorda, não? Vamos dar um jeito nisso. 6 homens para a frente e rápido!

Um esqueleto da seção B aproximou-se vacilante:

— Muito bem, disse Wiese mirando-o, V. tem juízo, homem. Vai ver como será alimentado.

Aquele seguiu-se um segundo e mais um outro. Todos pertencentes aos transportes de recém-chegados.

— Depressa, mais 3 — comandou Weber irritado.

Considerava a história de voluntário como uma piada de Neubauer. Uma ordem dada na administração e os presos seriam entregues.

Os cantos da boca de Wiese estavam tremendo:

— Garanto-lhes uma alimentação sadia — pessoal, carne, cacau, sopas nutritivas!

— Sr. Dr. — comentou Weber — essa gente não entende quando se fala assim.

— Carne? — perguntou o esqueleto Wassja que, hipnotizado, se mantinha ao lado de 509.

— Naturalmente, meu amigo, carne, carne diária-mente.

Wassja mastigava em sêco. 509 tentou adverti-lo com uma cotovelada, mas apesar de ter sido um movimento imperceptível, não passara despercebido a Weber que gritou imediatamente:

— Cão imundo.

Deu-lhe um pontapé no ventre. Não um pontapé de punição, à sua moda, apenas um tranco corretivo, mas o suficiente para jogar 509 no chão.

— Levante-se, mistificador!

— Assim não, assim não — protestou Wiese se interpondo. — Preciso dêles inteiros.

Curvou-se e apalpou cuidadosamente 509 que logo abriu os olhos, mas não o olhou, encarou Weber.

— Deve ir para o hospital, homem. Vamos tratá-lo convenientemente.

— Não estou ferido — arquejou 509 levantando-se com dificuldade.

Wiese sorriu:

— Como médico, sei melhor do que é que V. precisa. Virando-se para Weber:

— Com êste, são mais dois, falta só um.

E apontou Bucher que, na fila, ficava ao lado de 509:

— Aquêlê talvez.

— Para a frente!

Bucher se encaminhou para junto dos outros escolhidos.

Pelo espaço aberto com a saída dos outros, Weber divisou o pequeno Karel:

— Alí está uma meia dose, não quer levar como contrapêso?

— Obrigado. Preciso somente de adultos. Muito obrigado.

— Muito bem. Os 6 que se apresentem na administração dentro de 15 minutos. Fiscal de bloco, tome nota dos números. Lavem-se um pouco seus imundos.

* * *

Continuaram todos imóveis como se um raio tivesse caído ali junto. Ninguém pronunciava uma palavra. Todos sabiam o que aquilo significava. Somente Wassja sorria. Com o cérebro debilitado pela fome, acreditava nas promessas de Wiese. Os outros três novatos fixavam o vazio com indiferença. Não raciocinavam mais, não tinham mais vontade, seguiam qualquer ordem, mesmo que fôsse para se atirarem contra a cerca, onde o arame era eletrizado. Ahasverus, prostrado na terra gemia. Depois da partida do médico e de Weber, Handke surrara com o cassette.

— Joseph! — Uma voz fraca partira do acampamento das mulheres.

Bucher ficara impassível. Berger sacudiu-o:

— Lá está Ruth Holland.

A seção das mulheres ficava do lado esquerdo do “pequeno acampamento”, do qual era separado por uma dupla cerca de arame farpado, que não era eletrizado. Compunha-se de duas barracas armadas durante a guerra quando as prisões em massa principiaram a ser efetuadas. Até então, naquele campo de concentração não havia mulheres.

Dois anos atrás, Bucher lá estivera algumas semanas fazendo qualquer trabalho de marcenaria. Encontrara Ruth e conseguiram algumas vezes conversar a sós. Depois fôra enviado a outra seção e, somente quando viera para o “pequeno Acampamento” tinham tornado a se ver. De raro em raro à noite ou quando havia neblina, aproximando-se da cerca conseguiam sussurrar algumas palavras um com o outro.

Ruth Holland estava por detrás do arame que separava os dois acampamentos. O vento enrolava o avental riscado nas suas pernas magras.

— Joseph! — chamou de novo.

Bucher ergueu a cabeça.

— Afaste-se da cêrca. Podem vê-la aí parada.

— Ouvi tudo. V. não deve ir!

— Afaste-se da cêrca, Ruth. A sentinela pode atirar.

Ela sacudia a cabeça, onde os cabelos curtos estavam completamente grisalhos.

— V. não fique aqui. Não vá Joseph!

Bucher olhou desamparado para 509:

— Nós voltaremos — afirmou 509.

— Ele não voltará. Eu sei que não voltará. V. também sabe disso.

Segurou-se no arame da cêrca:

— Nunca volta ninguém.

— Vá-se embora, Ruth. É perigoso permanecer aí — disse Bucher olhando a tôrre de metralhadoras:

— Ele não voltará. Vocês todos sabem disso.

509 não respondeu mais nada. Não havia mais nada a responder. Estava absorto, insensível. Não tinha mais sensibilidade nem para si, nem para os outros. Tudo se acabara. Tinha consciência ainda, mas não sentia. Sentia apenas, que não sentia nada.

— Ele não voltará. Ele não deve ir, repetia Ruth Holland.

Bucher olhava para o chão. Estava demasiado comovido para poder responder.

— Ele não deve ir, continuava Ruth Holland numa ladainha monótona. Alguém deve ir em seu lugar. Ele é moço, alguém tem de ir em seu lugar.

Ninguém respondia. Todos sabiam que Bucher tinha de ir, Handk já anotara todos os números e, de qualquer modo, quem tomaria o seu lugar?

Continuavam imóveis, olhando-se em silêncio. Os que tinham de ir e os que podiam ficar. Se um raio tivesse fulminado 509 e Bucher, seria mais suportável. A falsidade daquela situação era intolerável; cada olhar refletia a muda interrogação. “Por que justamente eu?” ou então “Graças a Deus não fui eu!”

Ahasverus levantou-se vagaroso. Olhou em volta ainda completamente aturdido, então recordando-se murmurou alguma coisa. Berger voltou-se.

— Foi por minha culpa, arquejou, por causa da minha barba é que êle se aproximou, do contrário teria ficado do outro lado. Oh!

Com ambas as mãos começou a puxar a barba furiosamente. Lágrimas desciam-lhe pelas faces, mas estava muito fraco para poder arrancar os pelos com as mãos. Sentou-se na terra sacudindo a cabeça da direita para a esquerda:

— Entre para a barraca — disse Berger àesperamente.

Ahasverus encarou-o e deixou-se cair para a frente soluçando:

— Precisamos ir — disse 509.

— Onde está o dente? — perguntou Lebenthal.

509 sacou-o do bolso e apresentou-o a Lebenthal:

— Aquí!

Lebenthal tremia ao segurá-lo. “O teu Deus!” gaguejou fazendo um movimento em direção à cidade, com a igreja carbonizada. “O teu sinal! A tua coluna de fogo!”

Ao tirar o dente, 509 sentira o pedaço de pão da véspera: de que lhe servira deixar de comê-lo na noite anterior? Deu-o a Lebenthal:

— Não, coma-o V. mesmo — disse Lebenthal numa raiva desesperada. — E’ seu.

— Para mim já não vale mais a pena.

Um “muçulmano” tinha visto o pão e corra oscilante com a bôca escancarada. Pendurou-se no braço de 509, mas êste dando-lhe um encontrão meteu rapidamente o pedaço na mão de Karel, que durante todo o tempo ficara ao lado dêle. O “muçulmano” agarrou-se ao garoto que não hesitou em enviar-lhe uma canelada certeira, enquanto outros tratavam de afastar o intruso. Karel encarou 509 e perguntou com objetividade:

— Vocês vão ser asfixiados com gás?

— Aquí não há câmaras de gás, Karel, V. já devia saber — resmungou Berger irritado.

— Isso foi o que nos disseram em Birkenau, mas se derem a vocês umas toalhas e disserem para irem se lavar, então é gás.

Berger empurrou-o para o lado:

— Trate de comer logo o pão, antes que um outro venha roubá-lo.

— Não tem perigo — e enfiou o pedaço na bôca.

Fizera a pergunta como alguém que se informa sôbre um roteiro de viagem. Não tivera má intenção. Crescera nos campos de concentração e não conhecia outras coisas.

— Vamos — disse 509.

Ruth Holland pôs-se a chorar. Suas mãos pendiam do arame como duas asas de pássaro. Cerrava os dentes e gemia. Já não tinha lágrimas para chorar.

— Vamos embora — repetiu 509.

Encarou os que estavam em redor. A maior parte, já indiferente voltara para as barracas. Ali se encontravam os “veteranos” e alguns dos outros. Sûbitamente 509 foi tomado da sensação de que tinha uma comunicação importante a fazer, algo de que todos dependiam. Fêz um grande esforço, mas não conseguiu traduzir em palavras o que o preocupava. Disse simplesmente:

— Não se esqueçam disso!

Ninguém respondeu. Era evidente que dentro em pouco nenhum mais se lembraria de nada. Tais episódios eram freqüentes. Bucher por ser muito jovem, talvez não esquecesse tão depressa, mas infelizmente êle era uma das vítimas.

Puseram-se a caminho. Não se tinham lavado. Aquilo não passara de uma tirada de Weber. No acampamento nunca havia água suficiente. Caminhavam sem se olhar. Atravessaram a “Passagem dos defuntos”. Wassja estalava a língua e os outros três marchavam como autômatos. Passaram diante das barracas dos destacamentos que trabalhavam; os homens já estando fora, as barracas desertas tinham um ar desolado; ainda assim, 509 as olhava como o abrigo mais desejável do mundo, um abrigo onde se estava seguro, de onde não se era arrancado. Desejaria poder esconder-se ali, fugindo àquela implacável marcha para a morte. “Mais dois meses, pensava obscuramente. Talvez duas semanas. Tudo foi inútil. Tudo.”

— Camarada — chamou alguém a seu lado.

Estavam em frente à barraca 13, em cuja porta se enquadrava um homem com a cara escurecida por uma barba cerrada.

509 ergueu a vista:

— Não se esqueça disso!

Não conhecia aquêlê homem.

— Não esqueceremos. Onde vão vocês?

Os presos do acampamento de trabalho que não tinham saído com os destacamentos, haviam avistado Weber acompanhado de Wiese e logo suspeitaram que aquilo significava alguma coisa.

509 deteve-se olhando o prisioneiro, sentiu o cérebro tornar-se lúcido e imediatamente lhe veio à lembrança a coisa importante que desejara dizer e que não se deveria perder.

— Não se esqueça disso, disse ansiosamente. Nunca! Nunca!

— Nunca, repetiu o outro com voz firme. Para onde vão?

— Para um hospital servir de cobaias para experiências. Não se esqueça. Como é que V. se chama?

— Lewinsky Stanislaus.

— Não esqueça, Lewinsky!

Parecia-lhe que pronunciando o nome, a frase tinha mais força: "Lewinsky, não se esqueça".

— Não esquecerei!

Lewinsky pousou a mão no ombro de 509. Aquêlê gesto penetrou-lhe até as entranhas. Encarando-o mais uma vez, sentiu que aquêlê o compreendera. Sua cara não se parecia às caras dos prisioneiros do "pequeno acampamento". Prosseguiu o caminho.

Bucher ficara esperando: Em pouco alcançaram os outros quatro que tinham continuado a andar.

— Carne, sussurrava Wassja. Sopa e carne.

* * *

A administração cheirava a cigarro apagado e a couro úmido. O cabo já estava com os papéis preparados. Olhou os seis homens com indiferença.

— Devem assinar isto.

509 olhou para a mesa admirado. Não compreendia o que era que precisava assinar. Prisioneiros recebem ordens e pronto. Sentiu os olhos de alguém fixos nêle. Era um dos escriturários que se sentava atrás do cabo. Tinha cabelos vermelhos. Quando notou que 509 percebera, moveu quase imperceptivelmente a cabeça da esquerda para a direita e abaixou novamente a vista para o trabalho.

Weber entrou. Todos se perfilaram.

— Continuem — ordenou tomando os papéis de cima da mesa. — Ainda não está pronto? Vamos! Tratem de assinar.

— Não sei escrever, anunciou Wassja que estava em primeiro lugar.

— Faça três cruces, então.

Wassja fez as três cruces.

— O próximo!

Os três novatos seguiram um após o outro. 509, num esforço doloroso, tentava concentrar-se. Parecia-lhe que deveria haver um meio qualquer de escapar. Voltou o olhar para o escriturário, mas êste estava completamente absorto em suas ocupações.

— Agora V., — rosnou Weber. — Vamos! Está sonhando?

509 pegou o papel. Seus olhos estavam enevoados. As poucas linhas datilografadas se baralhavam.

— Ainda por cima vai ler! — Weber deu-lhe um tranco. — Assine, cão leproso.

509 tinha lido o suficiente: “o abaixo assinado declara-se voluntário...” Deixou cair a folha sobre a mesa. Ali estava a derradeira e desesperadora oportunidade. Era aquilo que o escriturário quisera dizer.

— Vamos, cão! Quer que eu ajude?

— Não sou voluntário — disse 509.

O cabo encarou-o. Os escriturários levantaram as cabeças e as mergulharam outra vez no serviço. Silêncio absoluto pesou por um momento.

— O que? — perguntou Weber incrédulo.

509 respirou fundo e repetiu:

— Não sou voluntário.

— Nega-se a assinar?

— Nego-me.

Weber passou a língua pelos lábios:

— Nega-se, não é?

Pegou na mão esquerda de 509 e torceu-a com o braço até encostá-lo nas costas. 509 caiu para a frente. Weber mantendo firme a mão retorcida, puxou com violência, depois pisoteou-lhe as costas. 509 deu um grito e ficou imóvel.

Com a outra mão Weber puxou-o pela gola até levantá-lo, mas o infeliz retombou em seguida.

— Fraquinho! — rosnou Weber.

Abrindo uma porta, chamou:

— Kleinert! Michel! Levem este sujeito lá para cima. Tratem de despertá-lo. Eu subo logo.

509 foi arrastado.

— Agora V. — disse voltando-se para Bucher. — Assine.

Bucher estava tremendo. Não queria tremer, mas era mais forte do que êle. Tinha ficado sôzinho. 509 não estava mais ali. Era preciso fazer com rapidez o mesmo que 509 tinha feito. Do contrário seria tarde demais e, como um autômato, faria tudo quanto lhe ordenassem.

— Eu também não assino, gaguejou.

Weber sorriu:

— Vejam só, mais um! Até parece que voltamos aos bons dias dos primeiros tempos.

Bucher quase nem sentiu a pancada. Uma treva onde havia ruídos o envolveu completamente. Quando acordou, Weber estava de pé em cima dêle. “509, pensou confusamente, tem vinte anos mais do que eu. Com êle fizeram a mesma coisa. Eu preciso agüentar.” Sentiu que lhe rasgavam, lhe estraçalhavam, lhe queimavam os ombros. Não sentiu que estava gritando, remergulhou no vácuo.

Quando, pela segunda vêz, recobrou os sentidos, achava-se completamente encharcado, deitado ao lado de 509 no cimento de uma outra peça. A voz de Weber chegava-lhe fracamente aos ouvidos:

— Eu poderia fazer assinar por vocês e com isso o negócio ficaria resolvido, mas não quero. Prefiro vencer calmamente a obstinação de ambos. Vocês mesmos irão assinar direitinho. Vocês vão me pedir de joelhos para assinar, caso até lá ainda estejam em condições de pedirem alguma coisa.

509 via a cabeça de Weber sombriamente emoldurada pela janela. Parecia uma cabeça enorme com o céu azul por detrás. Aquela cabeça representava a morte e o céu; subitamente representou-lhe a vida. Vida, não importa onde nem como. Cheio de piolhos, surrado, sangrando... vida a despeito de tudo. Aquela sensação durou um minuto, logo recaiu na insensibilidade. Os nervos amoleceram e não percebeu mais do que uma zoada confusa. “Para que essa luta?” — dizia-lhe vagamente qualquer coisa dentro d’êle, quando tornou a recobrar os sentidos — “era indiferente morrer aqui sob um açoite, ou assinar e ser liquidado no hospital com uma injeção qualquer, mais depressa do que aqui, sem dor nem sofrimento.”

Ouviu então uma voz a seu lado, a sua própria voz dialogando com êle mesmo:

— Não assinarei ainda que me matem de pancada. Weber ria:

— Isso é o que V. queria, hein, carcaça? Assim acabaria depressa. Não. Matar de pancada aqui é uma coisa demorada. Leva semanas. Estamos apenas começando.

Levantou o chicote novamente. O golpe alcançou 509 sôbre os olhos, mas não os feriu. Estavam, felizmente, muito encovados. O segundo cortou-lhe os lábios que se rasgaram como um velho pergaminho. Mais alguns golpes com o cabo de metal, tornaram a fazê-lo perder os sentidos.

Weber afastou-o e atirou-se a Bucher, que tentou se proteger com muito mais lentidão do que a chicotada que caiu em cheio no nariz.

Bucher encolheu-se. Weber deu-lhe um pontapé entre as pernas. Bucher gritou. Sentiu então o cabo do chicote bater-lhe umas vezes na nuca e afundou mais uma vez na inconsciência.

Ouviu vozes confusas, mas continuou sem se mexer. Enquanto estivesse desacordado não correria perigo de apanhar. As vozes vogavam no ar. Ele não tentava escutar o que diziam, mas pouco a pouco as palavras foram-lhe penetrando pelos ouvidos e pelo cérebro:

— Lamento Dr., mas se os homens não querem se declarar voluntários... O Sr. está vendo, Weber fez tudo para convencê-los.

Neubauer exultava. Seu objetivo fôra ultrapassado.

— Foi o Sr. quem ordenou estas medidas? — perguntou Wiese.

— Seguramente que não!

Bucher tentava arriscar uma olhadela, mas não podia mais controlar as pálpebras que batiam sem parar como as de um boneco mecânico. Enxergou o médico e o comandante, depois 509 que estava com os olhos abertos. Weber tinha desaparecido.

— Seguramente que não... como homem culto...

— Como homem culto, interrompeu-o Neubauer, o Sr. tem necessidade dêsses homens para experiências, não é?

— É uma questão científica. Nossas experiências ajudam a salvar a vida de dezenas de milhares de criaturas. É uma coisa na qual o Sr. não atentou.

— Não, mas no que o Sr. não atentou é que damos valor à disciplina, o que também é de muita importância.

— Cada um com as suas atribuições, declarou Wiese com ênfase.

— Certamente, certamente. Estou desolado de não poder servi-lo melhor, mas não podemos forçar os que estão sob a nossa proteção e parece que os nossos homens não querem abandonar o campo de concentração.

Virou-se para Bucher e 509:

— Então vocês preferem ficar no acampamento? 509 moveu apenas os lábios.

— O quê? — perguntou àsperamente o comandante.

— Prefiro, conseguiu articular.

— E V. aí?

— Eu também.

— Está vendo, Capitão? Neubauer sorria. Nossos homens tomaram-se de apêgo por isso aqui. Não há nada a fazer.

Wiese estava sério:

— Idiota, — disse voltando-se para 509, — dessa vez queríamos realmente fazer apenas experiências com alimentos.

Neubauer soprou a fumaça do charuto:

— Tanto melhor. Foram duplamente punidos pela insubordinação. Se, em todo o caso, desejar fazer mais uma tentativa, o “pequeno acampamento” está à sua disposição.

— Muito obrigado, respondeu Wiese sêcamente.

Fechando a porta atrás do médico, Neubauer voltou para o meio da cela, cercado pela nuvem azulada da fumaça do seu charuto. Aquêlê cheiro despertou em 509 uma desesperada necessidade de fumar. Era uma sensação estranha, independente da sua vontade, que se incrustava em seus pulmões. Inconscientemente aspirou com força, e observando Neubauer, sentiu a fumaça penetrá-lo. Não compreendeu logo porque é que êle e Bucher não tinham sido enviados ao hospital de Wiese. Depois pensou compreender: tendo desobedecido a um oficial superior “SS”, deveriam ser punidos no acampamento. Era fácil adivinhar qual seria a punição. Já se tinha visto enforcarem presos por deixarem de obedecer à ordem de um cabo. “Fôra um êrro não ter querido assinar”, pensou. “Wiese talvez lhes tivesse proporcionado uma oportunidade. Agora estavam perdidos”.

Foi invadido por um arrependimento acerbo que lhe oprimia o estômago, lhe comprimia as órbitas, confundindo-se tudo num furioso desejo de fumar.

Neubauer examinou o número pregado no peito de 509. Era um número baixo:

— Há quanto tempo já está aqui?

— Há dez anos, senhor comandante.

Dez anos! Neubauer ignorava que ainda houvesse presos de tanto tempo atrás no acampamento. “Afinal é um sinal de que ajo com brandura”, pensou. “Aposto como não haverá disso em outros campos de concentração.” Tirou uma baforada do charuto. “Um caso dêsses podia até ser de alguma utilidade. Não se sabia nunca o que viria a acontecer.”

Weber entrou. Neubauer retirou o charuto da boca para arrotar. De manhã tinha comido chouriço com ovos mexidos, um dos seus pratos prediletos.

— Chefe de campo Weber, não foram estas as minhas ordens.

Weber encarou-o, esperando o fim da piada, mas a piada não veio.

— Hoje à noite, na hora da chamada, serão enforcados, disse, consciente de que encerrava assim o assunto.

Neubauer arrotou de novo:

— Não foram estas as minhas ordens. Aliás por que é que V. faz essas coisas pessoalmente?

Weber não respondeu imediatamente. Não percebia porque Neubauer gastava palavras com semelhantes ninharias.

— Há homens suficientes para fazerem essa espécie de trabalho, disse Neubauer.

Últimamente Weber estava se tornando um tanto independente, era oportuno fazer-lhe sentir quem era que mandava ali.

— Que é que está se passando com V.? Os nervos não estão em ordem?

— Não, nada.

Neubauer observou 509 e Bucher novamente, “enforcá-los,” dissera Weber. “Justo até um certo ponto, mas afinal de contas para quê? — O dia tomara uma feição mais agradável do que fôra de esperar, — além disso seria muito bom mostrar a Weber que as coisas nem sempre corriam como êle as determinava.”

— Não se trata de desobediência a uma ordem, declarou; eu determinara que só fôssem aproveitados os que se apresentassem como voluntários. Isto não se parece com o que eu mandei. V. vai dar a êstes homens dois dias de calabouço. Nada mais, absolutamente nada mais, Weber, compreendeu? Desejo que minhas ordens sejam cumpridas.

— Perfeitamente!

Neubauer retirou-se. Sentia-se superior e satisfeito. Weber o via afastar-se olhando-o com desprêzo. “Nervos! Quem é que anda nervoso? Quem é que não tem mais fibra? Dois dias de calabouço!” Irritado virou-se para

os presos. Um raio de sol caía sôbre o rosto macerado de 509. Weber observou-o com atenção:

— V. eu já conheço. De onde?

— Não sei, senhor chefe de campo.

509 sabia muito bem, mas esperava que Weber não se recordasse.

— De algum lugar eu conheço V. Acabarei por me lembrar de onde. Onde foi que se feriu?

— Levei um tombo, senhor chefe de campo.

509 respirou aliviado. Aquilo já era velha rotina. A antiga piada dos primeiros tempos: ninguém devia dizer que fôra surrado.

Weber encarou-o outra vez:

— De algum lugar eu conheço êste focinho — murmurou entre dentes.

Abrindo a porta gritou:

— Despachem êstes dois para o calabouço por dois dias.

E virando-se para 509:

— Não fiquem pensando que escaparam. Eu ainda os acabarei enforcando.

Arrastaram-nos para fora. 509 fechou os olhos de dor, mas ao sentir o ar fresco, abriu-os novamente. Lá estava o céu azul e infinito. Virou a cabeça e olhou para Bucher: “Tinham escapado, pelo menos por enquanto. Parecia incrível.”

7

Quando, dois dias depois, o chefe de destacamento, Breuer, abriu as portas do calabouço, os dois rolaram pelo chão. Nas últimas trinta horas, ambos tinham estado oscilando entre uma meia inconsciência e a inconsciência completa. No primeiro dia, tinham se comunicado de vez em quando por meio de pancadas na parede, mas depois nenhum dera sinal de vida.

Trouxeram-nos para fora e deitaram-nos no “tablado de dança” de encontro ao muro do crematório. Centenas de homens passaram por ali, mas todos fingiram não enxergar os dois infelizes. Ninguém se aproximou ou se

deteve. Não havia nenhuma ordem sôbre o que deveria ser feito com os dois. Portanto, não existiam. Qualquer um que tentasse uma aproximação, seria imediatamente enviado ao calabouço.

Duas horas depois, os últimos mortos da tarde tinham sido conduzidos ao crematório.

— E com êsses dois, que é que se faz? Vão para o forno também? — perguntou o “SS” de serviço.

— São os dois que saíram do calabouço.

— Já esticaram as canelas?

— Está parecendo.

O “SS” viu que a mão de 509 começava a se abrir e a se fechar lentamente.

— Ainda não acabaram completamente.

Estava com as costas doloridas. A última noite passada com Fritz no “Morcego” tinha sido uma parada dura. Fechou os olhos rememorando. Ganhara de Hoffmann e de Wilmm. Uma garrafa de “Hennessy”, um ótimo conhaque, mas agora estava na última lona.

— Pergunte no calabouço ou na administração o que é que devemos fazer, disse a um dos padioleiros.

O homem voltou acompanhado do escriturário ruivo.

— Êstes dois foram soltos do calabouço. Pertencem ao “pequeno acampamento” e já deviam ter sido enviados para lá. Ordens do comando.

— Então tratem de retirá-los daqui.

O “SS” examinava uma lista com ar fatigado:

— Da lista constam trinta e oito mortos.

Contou cuidadosamente os cadáveres alinhados perto da porta.

— Está certo, trinta e oito. Tratem de levar êstes dois antes que dê confusão.

— Quatro homens — berrou o cabo do crematório.

— Levem êstes dois para o “pequeno acampamento”.

Quatro homens se aproximaram.

— Por aqui — soprou o secretário ruivo — afastem-nos dos mortos. Depressa, por aqui.

— Já estão mais para lá do que para cá — disse um dos padioleiros.

— Fêche a boca e vamos.

Afastaram-nos do muro do crematório. O escriturário curvou-se sobre eles e auscultou-os. Não estão mortos. Rápido, duas padiólas. Inspeccionou os arredores. Receava que Weber aparecesse e recordando tudo, resolvesse mandar enforcá-los.

Permaneceu ali perto, até trazerem as padiólas. Eram duas simples pranchas de carregar defuntos.

— Vamos, depressa!

O pátio, entre a entrada e o crematório, era um lugar perigoso. Os “SS” passavam por ali a tôda hora. O chefe de destacamento, Breuer, andava por perto e ele não gostava que alguém saísse com vida do calabouço. Soltando-os, a ordem do comandante fôra cumprida; eles voltavam a ser prêsas fáceis à mercê de todos que quisessem descarregar a bilis. Sem falar de Weber, cuja honra exigia que os dois fôssem liquidados, caso tivesse sabido que ambos haviam escapado.

— Que estupidez — dizia um dos padioleiros — mal-humorado, fazer agora todo êsse caminho até o “pequeno acampamento” para amanhã cedo trazê-los de volta. Não agüentam nem duas horas mais.

— Idiota, isto é da sua conta? — explodiu o escriturário. — Tratem de andar e rápido. Não haverá ninguém equilibrado entre vocês?

— Eu! — disse um dos presos já velhote, pegando num dos lados da padiola de 509. — O que foi que aconteceu com eles? Alguma coisa especial?

— São dois da barraca 22. — O escriturário olhou em volta e se aproximou do padioleiro. — São os dois que anteontem se negaram a assinar.

— A assinar o quê?

— Uma declaração para o Dr. Cobaia. Só levou os outros quatro.

— O quê? E êstes aqui não vão ser enforcados?

— Não. — O escriturário ainda caminhou algum tempo ao lado das padiolas. — Eles devem ser levados de volta para a barraca. Foi a ordem, por isso trate de andar depressa antes que alguém venha atrapalhar.

— Ah, sim. Já compreendi.

O padioleiro principiou a andar com tanta velocidade que a padiola bateu nas curvas das pernas do homem que ia na frente:

— Que é que aconteceu? Ficou maluco?

— Não. Vamos tratar de nos safar daqui quanto antes. Depois eu conto porque.

O escriturário ficou para trás: Os quatro padioleiros marchavam agora em silêncio e rapidamente até se afastarem dos edifícios da administração. O sol se punha no horizonte. 509 e Bucher tinham ficado meio dia a mais no calabouço. Esta variação era por conta de Breuer.

O padioleiro da frente virou-se:

— Afinal que é que há? São alguns bonzos especiais, êstes dois?

— Não, mas são dois daqueles seis que Weber foi buscar sexta-feira no “pequeno acampamento”.

— Que é que fizeram com êles? Parecem que foram macetados.

— E foram mesmo, porque se negaram a acompanhar o capitão médico que os queria levar, para fazer experiências. O escrevente ruivo disse que já têm sido levados alguns.

O homem que ia na frente assobiou.

— Puxa! E ainda saíram com vida?

— V. está vendo.

O outro sacudiu a cabeça:

— Foram soltos do calabouço, não estão pendurados... Que será que está acontecendo? Nunca vi um caso dêsses!

Tinham alcançado as primeiras barracas do “grande acampamento”. Os presos, depois de trabalharem durante o dia todo, tinham regressado há pouco. Os caminhos estavam cheios de prisioneiros. A notícia se espalhou num abrir e fechar de olhos. Todos sabiam para que tinham vindo buscar os seis; sabiam também que 509 e Bucher estavam no calabouço. A notícia vinda da administração, se espalhara rapidamente, para logo ser esquecida. Ninguém tivera a menor esperança de revê-los com vida, e agora apareciam êles carregados de volta. Mesmo aquêles que não sabiam do caso, podiam verificar que os dois não tinham sido devolvidos porque não servissem para tais experiências. Nesse caso, não toriam sido espancados daquele jeito.

— Vamos — disse alguém do meio da turba para o padioleiro que ia atrás — vou ajudar um pouco. Assim é melhor.

Pegou num dos lados. Um outro prêso tomou conta do outro lado. A padiola agora, era transportada por quatro homens. Não era preciso tanta fôrça. 509 e Bucher não eram pesados, mas os prisioneiros queriam mostrar a sua solidariedade e, no momento, era tudo o que podiam fazer. Agora iam sendo levados como se fôsem de vidro, enquanto a grande notícia os precedia como se fôsse conduzida nas asas de um espírito: dois homens que se tinham negado a obedecer, estavam voltando vivos. Dois homens do “pequeno acampamento”. Dois das barracas dos moribundos “muçulmanos”. Era inacreditável. Todos ignoravam que aquêles fato era unicamente devido a um capricho de Neubauer, mas isso não tinha importância. Importante era que aquêles dois se haviam negado a obedecer e estavam voltando com vida.

Lewinsky estava defronte à barraca 13. Muito antes das padiolas se aproximarem, perguntou:

— É verdade?

— São os mesmos ou não?

Lewinsky se acercando, inclinou-se sôbre os dois corpos:

— Acho que são... são sim. Este é o que falou comigo. Os outros quatro morreram?

— No calabouço só havia êstes dois. O escrivão disse que os outros tinham ido com o médico. Êstes ficaram porque se negaram a obedecer.

Lewinsky ergueu-se lentamente. Goldstein estava a seu lado:

— Negaram-se. Podes imaginar uma coisa dessas?

— Não. Sobre tudo partindo de homens do “pequeno acampamento”.

— Não é isso que estou dizendo. Estou dizendo é que os deixaram voltar com vida.

Goldstein e Lewinsky se entreolharam. Münzer parou perto deles:

— Parece que os caras do “reino milenário” comecem a afrouxar.

— O quê? Lewinsky virou-se. Münzer externara justamente aquilo que êle e Goldstein não tinham ousado pronunciar.

— Como é que soube disso?

— Foi o escriturário ruivo quem contou. Êle ouviu na administração.

Lewinsky ficou imóvel por alguns momentos, depois voltou-se para um homenzinho grisalho e disse:

— Vá contar ao Werner. Diga-lhe que aquêle que nos incitou a não esquecer, é um dos que voltaram.

O homem fêz que sim com a cabeça e se afastou ao longo das barracas. Entrementes os padioleiros tinham seguido e já se encontravam distantes.

De tôdas as portas surgiam prisioneiros. Alguns se aproximavam timidamente e olhavam as vítimas de perto. Um dos braços de 509 escorregara e arrastava pelo chão; dois homens se apressaram a erguê-lo e o acomodaram cuidadosamente.

Lewinsky e Goldstein acompanhavam com a vista o pequeno cortejo:

— Tiveram um bocado de coragem êsses dois cadáveres ambulantes, para se negarem a obedecer! Nunca teria esperado isso da seção de moribundos, disse Goldstein.

— Nem eu.

Lewinsky continuava a seguir as padiolas com o olhar:

— É preciso que êstes continuem vivendo, disse por fim. Não devem ser liquidados. Sabe por quê?

— Posso imaginar. Acha que a coisa vai começar de verdade?

— Justamente. Se êstes morrerem, amanhã o incidente estará esquecido, mas se escaparem...

"Se escaparem serão um exemplo para mostrar ao acampamento que as coisas mudaram", pensava Lewinsky, mas não exprimiu seu pensamento. Disse apenas:

— Isto pode nos ser muito útil. Principalmente agora.

Goldstein sacudiu a cabeça.

As padiolas seguiam o caminho do "pequeno acampamento". No céu alastrava-se um crepúsculo de púrpu-

ra. As barracas da direita estavam banhadas de luz, enquanto as da esquerda desapareciam já, dentro de uma sombra azulada. As fisionomias que se acotovelavam nas portas e janelas da esquerda estavam como de costume, com os traços lívidos e apagados, mas aquêles que apareciam do lado direito, tinham os rostos iluminados como se uma rajada de vida secreta os tivesse invadido. Os padioleiros caminhavam em plena luz, cujos raios caíam em cheio sôbre os corpos lambreados de sangue e de sujeira. De repente, não eram mais dois simples prisioneiros agoitados que voltavam, era um regresso trágicamente triunfal. Eles tinham resistido. Respiravam ainda. Não tinham sido vencidos.

* * *

Berger se encarregou dos infelizes. Lebenthal arranjara um pouco de sôpa de couve-nabo. Depois de beber água, meio inconscientes, tinham adormecido. Mais tarde, 509 emergindo lentamente daquele torpor, sentiu uma coisa quente em sua mão. Uma lembrança fugidia, temerosa, distante, um pouco de calor... abriu os olhos.

Era o "Mastim" que lhe lambia a mão.

— Água — sussurrou.

Berger pincelara com iodo tôdas as articulações feridas. Levantou-se, foi buscar a lata com a sôpa e aproximou-a da boca de 509, dizendo:

— Beba isso.

509 bebeu.

— E Bucher? — Perguntou com dificuldade.

— Está deitado ao seu lado.

509 queria continuar fazendo perguntas:

— Está vivo — informou Berger — trate de repousar.

Para a chamada, foram levados ao pátio e deitados junto àqueles que já não podiam mais se agüentar de pé. Tinha anoitecido, mas estava claro.

O chefe de bloco, Bolte, fêz a chamada. Examinou 509 e Bucher, como quem examina insetos esmagados:

— Êstes dois estão mortos. Por que se encontram deitados com os doentes?

— Não estão mortos, Sr. chefe de bloco.

— Ainda não estão, corrigiu Handke.

— Podem apostar as cabeças, como amanhã ambos já estarão dentro do forno.

Bolte retirou-se apressado. Estava com algum dinheiro e queria arriscar uma partida de cartas.

— Recolher! — gritaram os fiscais de bloco. — Os homens do rancho para fora.

Com cuidado os “veteranos” carregaram de volta 509 e Bucher.

Handke observou e escarneceu:

— Estes dois agora são de porcelana, hein?

Não houve resposta. Handke ficou ainda um momento por ali, depois retirou-se.

— Este porco — rosnou Westhof cuspidinho. — Este porco infecto.

Berger olhou-o com atenção. Há algum tempo já, Westhof vinha sofrendo a chamada “crise da barraca”; andava inquieto, ruminando de um lado para o outro, falando sozinho, provocando brigas.

— Fique quieto — impôs Berger com rudeza — trate de não criar complicações. Todos nós sabemos quem é Handke.

Westhof encarou-o fixamente:

— Um preso como todos nós e um porco ainda por cima. É o que êle é.

— Ninguém ignora isso. Há uma dúzia de outros ainda muito piores do que êle. O poder endurece as criaturas, V. já deveria saber disso. E agora basta, venha nos ajudar um pouco.

Para conseguirem uma tábua para cada um dos feridos, seis dos presos estavam dormindo no chão. Entre êles Karel, o garoto tcheco, que ajudando a transportar os dois para dentro, comentava:

— O chefe de bloco não entende nada.

— V. acha? — perguntou Berger.

— Eles não vão parar no forno amanhã. Amanhã não vão com certeza. A gente podia ter apostado com êle.

Berger encarou o menino. O pequenino rosto refletia uma compreensão prática das coisas. “Ir parar no forno” significava na gíria do acampamento ir para o crematório.

— Ouça, Karel — disse Berger. — Com um “SS” só se aposta quando se sabe que se vai perder e, mesmo assim, é melhor não apostar,

— Mas êstes não vão para o forno amanhã. Aquêles lá sim. E apontou para três “muçulmanos” deitados no chão.

Berger olhou a criança novamente e disse:

— Tem razão.

Karel balançou a cabeça sem vaidade. Era um especialista naqueles assuntos.

* * *

Só na tarde seguinte começaram a poder falar. Os rostos já estavam tão escaveirados que seria difícil ficarem intumescidos. Das pancadas, os únicos vestígios, eram as manchas verdes e azuis por tôda a parte. Os olhos não tinham sofrido nada e nos lábios só havia rachaduras.

— Não mexam com os lábios para falar — aconselhou Berger.

Não era difícil. Nos anos de cativeiro haviam treinado aquela arte. Qualquer que passasse largo tempo num campo de concentração, sabia falar sem mover um único músculo da face.

Passada a hora do rancho, bateram na porta da barraca. Por um momento, os corações se confrangeram — teriam vindo buscar os dois?

Tornaram a bater cautelosamente, quase sem ruído.

— 509! Bucher! Finjam que estão mortos — aconselhou Ahasverus.

— Abra, Leo — resolveu 509. — Não é nenhum “SS”. Êles se apresentam de outra maneira.

Interromperam as batidas. Segundos depois apareceu uma sombra na pálida claridade da janela e uma mão acenou.

— Abra logo, Leo. É alguém do “grande acampamento”.

Lebenthal abriu a porta e uma sombra se esgueirou para dentro.

— Lewinsky — apresentou-se a sombra dentro da treva — Stanislaus. Quem é que ainda está acordado aqui?

— Todos. Venha,

Lewinsky tateou na direção de Berger que acabara de falar.

— Onde? Não quero pisar ninguém.

— Fique parado. — Berger se aproximou. — Sente-se aqui.

— Os dois ainda estão vivos?

— Ambos. Estão deitados à sua esquerda.

Lewinsky enfiou qualquer coisa na mão de Berger.

— É para os dois.

— O quê?

— Iodo, aspirina, algodão, um rôlo de gaze e um pouco de água oxigenada.

— Isto é uma farmácia completa — disse Berger assombrado. — Onde arranjou tudo isso?

— Roubado no hospital. Um dos nossos é que arruma lá dentro.

— Ótimo. Precisamos bem dessas coisas.

— Trouxe também um pouco de açúcar em tabletes. Dê-lhes com água. Açúcar faz bem.

— Açúcar? — admirou-se Lebenthal. — Onde foi que cavou isso?

— Não importa. Em qualquer lugar. V. é Lebenthal, não? perguntou dirigindo-se à escuridão.

— Sou, por quê?

— Porque mostrou tanto interesse.

— Não foi por isso que perguntei — revidou Lebenthal ofendido.

— Não sei de onde é que veio. Alguém da barraca 9 deu para os dois. Tenho também um pouco de queijo e da barraca 11 mandaram êstes seis cigarros.

Cigarros! Seis cigarros! Um tesouro inestimável. Todos ficaram em silêncio, por um momento.

— Leo — disse Ahasverus. — Êste é melhor do que V.

— Besteira. — Lewinsky falava aos arrancos, rapidamente, como se estivesse sem fôlego. — Deram-me estas coisas antes das barracas serem trancadas, porque sabiam que eu viria até cá, quando não houvesse mais perigo.

— Lewinsky — sussurrou 509 — é V.?

— Sou.

— Pôde sair?

— Claro, senão, não estaria aqui. Sou mecânico... com um pedaço de arame é muito simples. Eu me entendendo bem com as fechaduras. Além disso, sempre se pode pular uma janela. Como é que vocês fazem aqui?

— Aqui não trancam as barracas. A privada fica do lado de fora — respondeu Berger.

— É mesmo. Tinha esquecido.

Lewinsky fêz uma pausa. Depois perguntou na direção de 509:

— Os outros assinaram? Aquêles que foram com vocês?

— Assinaram.

— E vocês, não?

— Nós, não.

Lewinsky inclinou-se para a frente:

— Não imaginávamos que fôssem capazes.

— Nem eu tampouco — disse 509.

— Não me admiro só de que vocês tenham agüentado firme, fico espantado de que só tenha acontecido isso a vocês.

— Pois é, eu também.

— Deixe os dois descansarem. Estão muito fracos. O que é que adianta saber de tudo exatamente? — disse Berger.

Lewinsky se agitou dentro da escuridão:

— Isso tudo é muito mais importante do que V. supõe.

Levantou-se:

— Tenho de ir-me embora, mas volto breve. Trarei mais alguma coisa. Preciso conversar com vocês.

— Muito bem.

— Fazem contrôle com freqüência, de noite, aqui?

— Para quê? para contar cadáveres?

— Ótimo, então não fazem?

— Lewinsky — sussurrou 509 — V. voltará com certeza?

— Com tôda a certeza.

— Ouça — 509 procurava ansiosamente as palavras — nós ainda não estamos... nós ainda não estamos liquidadados... nós ainda servimos para alguma coisa.

— É por isso que vou voltar. Não é por amor ao próximo.

— Está bem. Então está bem. Sei que V. voltará.

— Com tôda a certeza.

— Não nos esqueça.

— Isso V. já me disse uma vez. Não esqueci e voltei. Tornarei a voltar.

Lewinsky bateu em direção à saída. Lebenthal fechou a porta, atrás dêle.

— Espere — sussurrou Lewinsky já do lado de fora — tinha esquecido isto, tome.

— V. não poderia indagar de onde veio o açúcar? — Perguntou Lebenthal.

— Não sei. Vou ver. — Lewinsky continuava a falar aos arrancos e sem fôlego. — Tome isto... leia...

Meteu um papel dobrado na mão de Lebenthal e desapareceu na escuridão.

Lebenthal fechou a barraca.

— Açúcar! — Disse Ahasverus. — Deixe-me pegar num pedaço. Únicamente apalpá-lo.

— Ainda temos água? — Perguntou Berger.

— Temos. — Lebenthal entregou-lhe uma tigela.

Berger dissolveu dois tabletes de açúcar num pouco de água e se esgueirou para perto de 509 e Bucher:

— Bebam um pouco. Devagar. Uma vez um, uma vez outro.

— Quem é que está comendo? — perguntou alguém de uma das camas do meio.

— Ninguém. Quem é que poderia estar comendo?

— Estou ouvindo engolir.

— V. está sonhando, Ammers — disse Berger.

— Não estou sonhando nada. Quero a minha parte. Vocês devoram tudo aí embaixo. Quero a minha parte.

— Espere até amanhã.

— Até amanhã vocês já devoraram tudo. É sempre assim. Cada vez eu ganho menos. Eu... Ammers principiou a soluçar. Ninguém se importa comigo.

Já estava doente há uns dias e imaginava que todos o enganavam.

Lebenthal dirigiu-se às apalpadelas, para junto de 509;

— Aquilo do açúcar ainda agora... não perguntei para fazer negócio — cochichou acanhado — queria apenas ver se conseguia um pouco mais para vocês.

— Eu sei.

— O dente ainda está aqui. Não quis fazer nenhum ajuste. Fiquei esperando. Agora vou tratar de liquidar a coisa.

— Está bem Leo. O que foi mais que Lewinsky deu ali na porta?

— Um pedaço de papel. Não é dinheiro. — Lebenthal apalpava com os dedos. — Parece um pedaço de jornal.

— Jornal?

— Parece.

— O quê? — perguntou Berger. — V. tem um pedaço de jornal?

— Veja se é mesmo — pediu 509.

Lebenthal foi até a porta e abriu-a.

— É. Um pedaço de jornal rasgado.

— V. não pode ler?

— Agora?

— Quando, então? — perguntou Berger.

Lebenthal levantou o recorte:

— Não há claridade suficiente.

— Escancare a porta. Escorregue lá para fora. Hoje tem lua.

Lebenthal abriu mais a porta e se acorou do outro lado, mantendo o pedaço de jornal na claridade incerta e oscilante. Estudou-o longamente:

— Creio que se trata de um comunicado do exército — disse finalmente.

— Leia, criatura — sussurrou 509. — Leia de uma vez, criatura!

— Ninguém terá um fósforo? — perguntou Berger.

— Remagem — disse Lebenthal — no Reno.

— O quê?

— Os americanos estão em Remagem. Atravessaram o Reno.

— O que, Leo? Terá lido direito? Atravessaram o Reno. Não há mais nenhum outro nome? Um rio francês?

— Não. — “Reno — em Remagem — americanos”.

— Deixe de bobagens. Leia direito. Leia, pelo amor de Deus! Direito, Leo!

— Está certo — disse Lebenthal. — É isso mesmo, agora estou enxergando bem.

— Passaram o Reno. Como é possível? Então eles estão na Alemanha! Leia adiante. Leia! Leia!

Estavam amontoados uns sobre os outros. 509 nem sentia como seus lábios se rachavam.

— Passaram o Reno! Mas de que jeito? Com aviões? Com barcos? De pára-quedas?

— Leia mais, Leo!

— “Pontes”, — soletrava Lebenthal, — “construíram uma ponte — cruzaram — a ponte — sob pesado fogo alemão”.

— Uma ponte? — perguntou incrédulo Berger.

— É, uma ponte na altura de Remagem.

— Uma ponte — repetia 509. — Uma ponte. Uma ponte sobre o Reno? Então o exército... leia mais, Leo. Deve haver mais alguma informação!

— As letras pequenininhas, eu não posso ler.

— Ninguém terá mesmo um fósforo? — perguntou Berger desesperado.

— Aqui. Ainda existem dois — disse alguém do meio da escuridão.

— Entre, Leo.

Fizeram um grupo junto da porta.

— Açúcar — lamentava-se Ammers — sei que vocês têm açúcar, eu ouvi. Quero a minha parte.

— Dê um pedaço a este desgraçado, Berger — pediu 509.

— Não. — Berger procurava riscar o fósforo.

— Tapem a janela com as cobertas e os casacos. Meta-se naquele canto, embaixo da coberta e leia.

Riscou o fósforo e Lebenthal começou a leitura com tanta rapidez quanto lhe era possível. Eram os engodos habituais. A ponte não valia nada. Os americanos tinham alcançado a margem debaixo de pesadíssimo fogo da artilharia alemã. As tropas que não tinham tentado destruir a ponte responderiam a um conselho de guerra.

O fósforo se acabara.

— “Os que não destruíram a ponte” — disse 509 — isto significa que êles a atravessaram intata. Sabem o que isso quer dizer?

— Seguramente foram surpreendidos.

— Isso quer dizer que o “Westwall” foi rompido — disse Berger, timidamente, como se receasse estar sonhando. — O “Westwall” rompido! Êles passaram!

— Deve ter sido a infantaria. Uma tropa de paraquedistas teria saltado do outro lado do Reno.

— Meu Deus! E nós não sabíamos de nada! Pensávamos que os alemães ainda estavam dominando uma parte da França.

— Leia outra vez, Leo. Precisamos saber com exatidão. De quando é a notícia, tem data?

Berger acendeu o outro fósforo.

— Apaguem a luz — berrou alguém.

Lebenthal voltara à leitura, mas 509 o interrompeu:

— De quando é o jornal?

Lebenthal procurava:

— De 11 de Março de 1945.

— De 11 de Março de 1945. Que dia é hoje?

Ninguém sabia exatamente se estavam no fim de Março ou no princípio de Abril. No “pequeno acampamento” tinham perdido o hábito de marcar o tempo. Sabiam, porém, que o dia 11 de Março já estava bem atrás.

— Deixe-me ver, depressa — disse 509.

Esquecendo as dores que o torturavam, 509 se arrastou até o canto, onde as cobertas protegiam a janela contra a luz. Lebenthal se encolheu para lhe dar lugar. 509 curvando-se sobre o jornal, lia atentamente. O estreito círculo de claridade se extinguindo, iluminava apenas o título.

— Acenda um cigarro, Berger, depressa!

Berger executou a ordem. O fósforo se apagara. Metendo-lhe o cigarro na bôca, perguntou:

— Para que é que V. se arrastou até aqui?

— Dê-me esta fôlha de jornal — pediu 509 a Lebenthal.

Recebendo o pedaço de papel, dobrou-o e meteu-o por baixo da camisa. Sentia-lhe o contato sobre a pele.

Então puxou uma baforada do cigarro e entregou-o a Berger:

— Passe para os outros.

— Quem é que está fumando? — perguntou o homem que dera os fósforos.

— Já vai chegar a sua vez. Cada um uma fumaça.

— Não quero fumar, — lamentou-se Ammers — só quero açúcar.

509 voltou para a sua cama novamente. Berger e Lebenthal o ajudaram a subir.

— Berger, — perguntou depois de uns momentos, numa voz quase imperceptível — acredita agora?

— Acredito.

— Eu tinha razão com a história do bombardeio e do incêndio da cidade!

— Tinha.

— V. também acredita, Leo?

— Acredito.

— Nós sairemos daqui. Precisamos sair.

— Amanhã falaremos sobre tudo isso. Agora V. precisa dormir.

509 estava largado. Sentia-se tomado de vertigem. Talvez fôsse a baforada de fumo; o pequenino ponto rubro da brasa do cigarro, sempre escondido pelas mãos, circulava pela barraca.

— Tome, beba um pouco mais de água com açúcar.

509 bebeu e aconselhou:

— Guarde os outros pedaços. Talvez seja possível trocá-los por alimento. Comida de verdade é mais necessária.

— Vocês ainda têm cigarros, — tartamudeou uma voz — passem também os outros para cá.

— Não temos mais nenhum — afirmou Berger.

— Têm sim, passem para cá os que sobraram.

— Os cigarros que temos, foram dados para os dois do calabouço.

— Besteira. Passem para cá os cigarros.

— Fique prevenido, Berger, pegue o cassetete. Precisamos dos cigarros para trocar por comida. V. também, Leo, fique prevenido — avisou 509.

— Estou atento.

Os “veteranos” se agruparam. Alguns homens avançaram às apalpadelas dentro da escuridão. Tropeçavam, injuriavam, caíam, distribuindo golpes ao acaso, gritavam. Os que tinham continuado nas camas, puseram-se também a fazer alarido.

Berger esperou um momento e depois berrou:

— Aí vem a “SS”.

Num momento tôda a algazarra se reduziu a passos que deslizavam, alguns encontros, alguns suspiros e logo tudo caiu em silêncio absoluto.

— Não devíamos ter fumado — comentou Le-benthal.

— Tem razão. Esconderam os outros cigarros?

— Há muito tempo.

— Devíamos ter economizado aquêles também, mas com uma notícia dessas...

509 sentiu-se completamente esgotado. Perguntou ainda:

— Bucher, V. também ouviu?

— Ouvi.

509 sentiu a vertigem se acentuar. “Atravessaram o Reno”, pensava êle, enquanto sentia que o fumo lhe tinha penetrado nos pulmões. Lembrou-se de uma sensação idêntica... não fôra há muito tempo... mas quando? Um desejo de fumar angustiante, irresistível. Neubauer... ah, sim... as baforadas do seu charuto, enquanto êle, 509, se achava jogado no chão úmido... Pareceu-lhe algo já muito distante e só por um segundo ainda teve um calafrio de medo. Passou logo, porém, e o cheiro de fumo foi substituído pelo cheiro idêntico da cidade que atravessava o arame farpado. Fumaça da cidade, fumaça do Reno... Sentiu como se estivesse repousando num gramado nebuloso que se inclinava, se inclinava... tudo se tornava muito suave, pela primeira vez escurecia e êle não tinha medo.

8

A privada estava repleta de “esqueletos”. Uma longa fila aguardava a sua vez e gritava para que os outros andassem depressa. Uma parte dos que esperavam, estava deitada pelo chão se torcendo de cólicas. Outros agachados de encontro às paredes, cheios de medo, faziam as necessidades ali mesmo, quando já não agüentavam mais. Um homem de pé sôbre uma perna só, como uma cegonha, se apoiava com um dos braços à parede da barraca, os olhos fixos no vácuo, a bôca escancarada. Ficou assim uns instantes, depois tombou no chão. Estava morto. Eram coisas que aconteciam algumas vêzes. “Esqueletos” que já mal podiam se arrastar, levantavam-se subitamente, permaneciam eretos e depois caíam mortos. Parecia que sentindo se aproximar o fim, o último desejo era ficarem de pé como todos os racionais.

Lebenthal pulou cautelosamente por cima do “esqueleto” morto e se aproximou da passagem. Imediatamente se levantaram protestos dos que julgaram que êle queria furar a fila. Tentaram segurá-lo e algumas mãos descarnadas se abateram sôbre êle, mas nenhum se atrevia a abandonar o lugar na fila, os outros não os deixariam voltar para a mesma situação. Contudo, conseguiram derrubá-lo e pisoteá-lo, o que aliás não lhe causou grande dano. Os infelizes quase não tinham fôrça. Afinal libertou-se. Não queria prejudicar ninguém, estava à procura de Bethke, encarregado dos transportes. Tivera informação de que Bethke andava por ali. Esperou algum tempo junto da passagem, a uma distância conveniente da fila exaltada. Bethke era um possível freguês para o dente de Lohmann.

Bethke não apareceu. Lebenthal não podia compreender o que é que o poderia trazer à proximidade daquelas horrorosas comuas. Era certo que ali se traficava um pouco, mas um individuo como Bethke dispunha de outras oportunidades.

Lebenthal acabou desistindo da espera e se encaminhou para o lavabo instalado numa barraca diminuta, ao lado da privada provida de pias de cimento, sôbre as

quais havia canos, de onde a água saía por buraquinhos. Pencas de prisioneiros se aglomeravam constantemente ali. A maior parte para beber ou para apanhar água em cuias de folha. Não havia nunca água suficiente para se lavarem de verdade. Além do mais, não ousavam despir-se com medo que as roupas fôsem furtadas.

O lavabo era onde se processava uma determinada espécie de mercado negro. No W.C. trocava-se, no máximo, uma côdea de pão, um tóco de cigarro, ou alguns restos de cozinha. No lavabo, em compensação, se reuniam os pequenos capitalistas. Ali chegavam até homens do “grande acampamento”.

Lebenthal, devagar, forçou passagem até lá.

— Que é que tem hoje? — perguntou alguém.

Leo mirou o homem que o interpelara. Era um prêso esfarrapado, com um olho só.

— Nada.

— Tenho cenouras.

— Não me interessa.

No lavabo, Lebenthal adquiria uma desenvoltura que estava longe de ostentar na barraca 22.

— Crápula.

— É V. mesmo.

Lebenthal conhecia alguns dos negociistas. Teria, certamente, se interessado pelas cenouras se não estivesse no encalço de Bethke. Ofereceram-lhe ainda chucrute, um osso e algumas batatas por preços escorchantes. Recusou tudo e continuou a sua busca. Num dos cantos mais afastados da barraca, reparou num rapaz com jeito afeminado e que não se parecia com o pessoal do acampamento. Comia com avidez alguma coisa dentro de uma lata de conserva. Lebenthal notou que não se tratava de uma sôpa magra, estava mastigando. Ao lado achava-se um prisioneiro, visivelmente bem alimentado, que poderia ter uns quarenta anos, e que também diferia dos demais. Sem dúvida pertencia à aristocracia do campo. Sua cabeça nédia, inteiramente calva, reluzia, enquanto a mão, vagarosamente, deslizava pelas costas do moço cujos cabelos não estavam tosquiados, mas penteados com esmero, tendo uma risca do lado. Tampouco estava sujo.

Decepcionado, Lebenthal ia voltar ao mercador das cenouras, quando avistou Bethke, acotovelando grosseiramente os outros, dirigir-se para o canto onde o jovem se encontrava. Lebenthal se atravessou no caminho, porém Bethke o empurrou sem cerimônia e foi plantar-se na frente do rapazola.

— Assim, hein? Então é aqui que tu te escondes Ludwig? Mas acabei te apanhando, marafona!

O adolescente encarou-o amedrontado, e tratou de engolir com rapidez sem responder coisa alguma.

— Com um careca desgraçado, com um macho da cozinha — completou Bethke, venenoso.

O careca não dava a mínima atenção ao rival:

— Come, meu pequeno — disse pachorrento. — Se no fim ainda estiveres com fome, podes repetir.

Bethke ficou vermelho. Deu um soco na lata de conserva, cujo conteúdo se esparramou na cara de Ludwig. Um pedaço de batata caiu no chão. Dois “esqueletos” avançaram e começaram a disputar-lhe a posse, até que Bethke os afastou.

— Não te dou o suficiente? — perguntou, então.

Ludwig com as duas mãos apertava a lata contra o peito. Contraía o rosto assustado, seus olhos iam de Bethke para o careca que respondeu em seu lugar:

— Parece que não.

E virando-se para o mancebo:

— Não te importes, vai comendo. Se ainda ficares com fome, eu te darei mais. De mim tu não apanhas pancada.

Pareceu num momento que Bethke ia se atirar contra o competidor, mas resolveu não arriscar. Ignorava até que ponto o outro era protegido e, proteção, era algo tremendamente importante no acampamento.

E se o careca gozasse do inteiro apoio do cabo da cozinha, uma briga com êle, causaria grandes complicações.

A cozinha dispunha de excelentes relações. Era sabido que executava inúmeros negócios escusos, com diferentes “SS”. Por cúmulo do azar, o cabo de que Bethke dependia não o considerava muito. Bethke não engraxara suficientemente e sabia que no caso de surgir qualquer

difficuldade, nada teria a esperar daquele seu superior. O acampamento estava cheio de intrigas semelhantes. Se fôsse imprudente, perderia o posto e voltaria a ser um simples prisioneiro como os outros. Nesse caso acabariam-se as possibilidades de transações fora do acampamento, enquanto fazia transportes para a estação e para o depósito.

— Que quer dizer tudo isso? — perguntou mais tranqüilo ao impassível careca.

— Que é que V. tem que ver com isso?

Bethke engoliu em seco.

— Tenho muito que ver com isso.

Virou-se para o rapaz:

— Não fui eu quem te arranjou as roupas?

Nesse momento, Ludwig que continuara a comer depressa enquanto aquêle diálogo se trocava, atirou a lata no chão e num movimento rápido e inesperado, enfiou-se pelo meio dos grupos em direção à saída.

Dois “esqueletos” atiram-se imediatamente à lata abandonada na esperança de ali ainda encontrarem uns restos para lamber.

— Volta — gritou-lhe o careca. — Terei sempre, — acrescentou rindo — alguma coisa para te dar.

Bethke tentara deter o jovem; tropeçou, porém, nos “esqueletos”. Furioso conseguiu equilibrar-se, pisando nos dedos de um dos infelizes que se pôs a guinchar como um camundongo, ao passo que o outro se escapava de posse da lata vazia.

O rival de Bethke, passando pela frente dêste com ar provocante, principiou a assobiar a valsa “Rosas do Sul”. Era barrigudo e estava bem nutrido. Sua nádega gorda bamboleava. Quase todos os presos que trabalhavam na cozinha eram bem nutridos.

Bethke atirou-lhe uma cusparada pelas costas, mas com o devido cuidado para que somente Lebenthal a recebesse em cheio.

— V. também está aí? — disse com brutalidade. — Que é que quer? Venha. Quem foi que disse que eu estava aqui?

Lebenthal não deu resposta a nenhuma das perguntas. Estava a negócios, não havia tempo para esclare-

cimentos ociosos. Tinha dois sérios concorrentes para o dente de Lohmann: Bethke e um inspetor dos comandos exteriores. Ambos estavam necessitados de dinheiro. O inspetor andava embeigado por uma tal Matilde que trabalhava na mesma fábrica que êle, e, com a qual, por meio de muita sedução, conseguia se encontrar a sós de vez em quando. Apesar dela pesar cem quilos, parecia-lhe paradisiacamente bela. Devido à fome nunca satisfeita do acampamento, gordura era padrão de beleza. Propusera alguns quilos de batatas e meio quilo de banha em troca do bloco. Lebenthal rejeitara e agora se felicitava pela recusa. Tendo observado a cena entre os rivais, calculara com a velocidade do relâmpago as vantagens que poderia obter do atrapalhado Bethke. O amor anormal é capaz de maiores abnegações do que o amor normal. Depois do que tinha presenciado, resolvera elevar consideravelmente o preço da sua mercadoria.

— Trouxe o dente? — perguntou Bethke.

— Não.

Tinham vindo para o lado de fora.

— Não compro nada sem ver primeiro.

— Uma coroa, é uma coroa. Um molar. Ouro de antes da guerra.

— Bôrra! Primeiro quero ver. Do contrário nada feito.

Lebenthal sabia perfeitamente que o outro, muito mais forte do que êle, uma vez com o dente na mão nunca mais restituiria. Nada poderia fazer porque se caísse na asneira de se queixar, seria enforcado.

— Muito bem. Então não queira. Há outras pessoas menos complicadas.

— Outras pessoas! Imbecil. Trate de descobri-las primeiro.

— Já as descobri. Agora mesmo uma delas estava aqui.

— É? Êste cara eu gostaria de ver.

Bethke olhou em volta com ar de desprezo. Sabia que aquêlê ouro só seria de interêsse para alguém que se comunicasse com o lado de fora.

— Não faz muito V. estêve em frente do meu cliente.

— Quem? o homem da cozinha?

Lebenthal ergueu os ombros:

— Não foi à toa que eu vim até aqui. Talvez alguém esteja querendo comprar um presente para determinada pessoa e para isso precisa de dinheiro. Lá fora ouro tem muita procura. Comida há bastante para se trocar.

— Você é um patife! patife miserável!

Lebenthal levantou as pálpebras pesadas e baixou-as de novo.

— Qualquer objeto que não se encontre no acampamento. Talvez alguma coisa de sêda. — Continuou imperturbável.

Bethke estava quase sufocado. Conseguiu articular:

— Quanto quer?

— Setenta e cinco. Preço de ocasião.

Antes tivera a intenção de pedir apenas trinta.

Bethke encarou-o:

— Sabe que uma palavra minha bastava para levá-lo ao patíbulo?

— Naturalmente, se V. puder provar. Mas o que é que lucraria com isso? Deseja ficar com o dente, então falemos comercialmente.

Bethke ficou calado algum tempo, depois disse:

— Nada de dinheiro. Só comida.

Lebenthal não respondeu.

— Uma lebre já morta, atropelada por um carro. Que tal?

— Que espécie de lebre: um gato ou um cachorro?

— Estou dizendo que é uma lebre. Fui eu que a atropelei.

— É um gato ou um cachorro?

Encararam-se um momento. Lebenthal não pestanejou.

— Um cachorro, disse Bethke.

— Um cão policial?

— Um cão policial? Não quererá um elefante? É de tamanho médio, mais ou menos gordo.

Lebenthal continuava impassível, mas um cachorro representava carne, uma sorte incalculável.

— Não o poderemos cozinhar. Nem mesmo assá-lo ligeiramente. Não dispomos de nenhum meio para isso.

— Posso fornecê-lo ligeiramente passado.

Bethke estava ansioso. Sabia que no que se referia à cozinha, seu rival podia suplantá-lo com facilidade. Precisava quanto antes, trazer qualquer coisa da cidade para poder vencê-lo aos olhos de Ludwig. Talvez umas cuecas de sêda artificial. Impressionaria bem, além de causar-lhe prazer, pensava.

— Bom, posso mesmo trazê-lo já cozido.

— Não adianta muito. Precisaríamos também de uma faca.

— Uma faca? para quê?

— Não temos nenhum objeto cortante. Precisaríamos de uma faca para cortar a carne. O homem da cozinha tinha prometido...

— Muito bem, — interrompeu Bethke impaciente. — Arranjarei também uma faca.

Compraria as cuecas azuis ou lilás? Lilás era melhor. Perto do depósito havia uma loja daqueles artigos... O cabo deixá-lo-ia ir à loja, venderia a coroa ao dentista. Pensou: "Que seja; uma faca também, mas com isso basta".

Lebenthal sentiu que no momento, não arranjaria muito mais:

— Um pão também, é lógico. Quando, então?

— Amanhã de noite, quando estiver escuro, por detrás da privada. Traga o dente, se não...

— É um cachorro novo?

— Como é que posso saber? Você enlouqueceu? É mais ou menos. Por quê?

— Se fôr velho precisa cozinhar mais tempo.

— Um mólho de amoras vermelhas e um pouco de caviar?

Bethke encarou Lebenthal como se quisesse saltar-lhe na cara.

— Nada disso, mas um pão.

— Quem foi que falou em pão?

— O homem da cozinha.

— Cale o focinho. Vou ver se arranjo.

Estava apressado. Queria espicaçar o interêsse de Ludwig, acenando-lhe com o futuro presente. O careca da cozinha podia enchê-lo de comida, mas tendo as cuecas

de reserva, o golpe seria certo. Ludwig era vaidoso. Uma faca, ele poderia furtar em qualquer lugar. Pão, tampouco era difícil. O cachorro era um *basset*.

— Então: Amanhã de noite — disse. — Espere atrás da privada.

Lebenthal retirou-se. Ainda não acreditava bem na sorte que tivera. Na barraca diria uma lebre. Não que comer carne de cachorro assustasse alguém. Havia alguns que até já tinham tentado comer carne de cadáveres. Mas exagerar fazia parte do negócio. Além disso estimara Lohmann. Precisava valorizar o seu dente. A faca poderia ser vendida e, com o dinheiro, haveria possibilidade para novas operações comerciais.

* * *

A transação fôra terminada. A noite caíra com forte neblina, brancos farrapos de névoa ondulavam sobre o acampamento. Lebenthal deslizava dentro da bruma escondendo cautelosamente sob o casaco, a carne e o pão.

Pouco antes de alcançar a barraca, divisou uma sombra que vacilava na escuridão. Viu logo que não se tratava de nenhum dos prisioneiros. Nenhum andava assim. Pouco depois reconheceu Handke. Caminhava como se estivesse a bordo de um navio. Lebenthal percebeu imediatamente o que estava acontecendo. Handke se encontrava num dos seus dias. Tinha conseguido álcool em qualquer lugar. Não era mais possível passar pelo fiscal do bloco sem se fazer notar e ir para a barraca esconder o assado e alertar os outros. Por isso resolveu escorregar silenciosamente por detrás da parede posterior do alojamento e ali se ocultar na escuridão.

Westhof foi o primeiro que Handke cruzou.

— Olá! — Gritou.

Westhof parou.

— Por que é que não está dentro da barraca?

— Vou à latrina.

— V. mesmo já é uma latrina. Aproxime-se.

Westhof se aproximou. Via indistintamente as feições de Handke no nevoeiro.

— Como se chama?

— Westhof.

Handke oscilava.

— V. não se chama Westhof. Seu nome é judeu porco e fedorento. Como é que V. se chama?

— Eu não sou judeu.

— O quê? — Handke deu-lhe um bofetão. — A que bloco pertence?

— Ao bloco 22.

— Ainda mais essa! Justamente do meu bloco! Trapo! De que alojamento?

— Alojamento D.

— Deite-se!

Westhof não se atirou por terra. Continuou de pé. Handke deu um passo a frente. Westhof agora distinguia-lhe a fisionomia. Quis fugir, mas Handke deu-lhe um pontapé na canela. Como fiscal de bloco era melhor alimentado e, portanto, mais forte do que qualquer dos infelizes do “pequeno acampamento”. Westhof tombou e Handke montou-lhe no peito.

— Deitado, seu judeu imundo.

Westhof coseu-se com o chão.

— Alojamento D para fora, berrou.

Os “esqueletos” saíram. Todos sabiam o que ia acontecer. Alguns teriam de ser surrados. Os dias de bebedeira de Handke terminavam sempre assim.

— Estão todos? Chefe de alojamento, chamou.

— Pronto. — Berger se apresentou.

Handke, através a neblina, fixava as fileiras. Nelas se encontravam Bucher e 509. Com grande esforço conseguiram manter-se de pé e andar. Ahasverus ficara na barraca com o “Mastim”. Se Handke tivesse perguntado, Berger o teria dado como morto. O fiscal do bloco, porém, estava bêbedo e mesmo que não estivesse, não se lembrava de todos exatamente. Não gostava de entrar nas barracas, com medo de apanhar tifo ou disenteria.

— Quem é aqui que ainda quer desobedecer? Asquerosos. Judeus asquerosos!

Sua voz tornara-se mais grossa:

— Perfilem-se. Como gente civilizada.

Handke observou-os um minuto, depois voltou-se para Westhof que continuava no chão e começou a pisá-lo. O desgraçado tentava proteger a cabeça com as mãos.

Handke pisou-o algum tempo. O silêncio era absoluto. Ouvia-se apenas as botas do alucinado calcando as costelas de Westhof. 509 sentiu que Bucher se agitava. Pegou-lhe no pulso e o manteve seguro. A mão de Bucher tremia. 509 não o largou. Handke continuava cegamente a sapatear. Fatigou-se finalmente. Pulou umas vezes sobre as costas de Westhof que já não se mexia e parou. Estava com a cara banhada de suor.

— Judeus. Devem ser esmagados como piolhos. Que é que vocês são? Apontava um dedo incerto para os “esqueletos”.

— Judeus — respondeu 509.

Handke concordou com um gesto e ficou absorvido, contemplando o chão. Depois fez meia volta e se encaminhou para a cerca que separava o departamento das mulheres. Ouviram-no resfolegar. Tipógrafo de profissão, fôra prêso por atentado ao pudor. Há um ano tinha sido elevado à categoria de fiscal de bloco. Decorridos alguns momentos, volveu e continuou o caminho sem se importar mais com os prisioneiros.

Berger e Karel viraram Westhof que estava desacordado.

— Estará com as costelas quebradas? — perguntou Bucher.

— Apanhou pontapés na cabeça. Eu vi, — respondeu Karel.

— Vamos levá-lo para dentro?

— Não, — disse Berger. — Vamos deixá-lo aqui, por enquanto. Na barraca não há quase lugar. Temos ainda um pouco de água?

Tinham uma lata com água. Berger abriu a camisa da pobre vítima.

— Não seria melhor, em todo caso, carregá-lo para dentro? — perguntou Bucher. — Aquêlê desgraçado é capaz de voltar.

— Hoje êle não volta. Eu o conheço. Agora já descarregou.

Lebenthal apareceu no canto da barraca.

— Está morto?

— Ainda não.

— Handke pisou-o como um louco. Em geral só dá pancadas. Hoje deve ter tomado uma dose de aguardente muito maior do que a habitual.

Lebenthal apertava o braço por cima do casaco: — Trouxe comida.

— Fale baixo, senão a barraca inteira ouvirá: que é que trouxe?

— Carne — segredou Lebenthal. — Troquei pelo dente.

— Carne?

— Bastante e pão também.

Não ousou falar mais da lebre. Perdera o entusiasmo. Olhava para a massa escura estirada no chão, junto da qual Berger estava ajoelhado.

— Talvez ele possa comer um pouco também. Está cozida.

* * *

A neblina era cada vez mais densa. Bucher estava junto à dupla cerca de arame farpado que separava o “pequeno acampamento” das barracas das mulheres.

— Ruth, — chamou baixinho — Ruth.

Uma sombra se aproximou. Olhava para o outro lado, sem conseguir identificar a silhueta.

— Ruth — chamou de novo. — É V. que está aí?

— Sou.

— Está me enxergando?

— Estou.

— Trouxe um pouco de comida. Está vendo minha mão?

— Estou, estou.

— É carne. Vou jogar pelos arames. Agora!

Atirou o pequeno pedaço de carne, a metade da porção que lhe coubera. Ouviu quando caiu do outro lado. A sombra curvou-se e começou a procurar pelo chão.

— À esquerda, à esquerda. Mais ou menos um metro à esquerda do lugar onde você está. Achou?

— Não.

— À esquerda. É um pedaço de carne cozida. Procure mais, Ruth.

A sombra ergueu-se.

— Achou?

— Achei.

— Que bom! Coma logo. Está gostoso?

— Está. Tem mais um pouco?

Bucher estranhou.

— Não. O resto eu comi.

— Tem sim, jogue para cá mais um pouco.

Bucher chegou-se tão perto da cêrca que o arame farpado o arranhou. As cêrcas que separavam o interior do campo não eram eletrizadas.

— V. é Ruth? Não, V. não é Ruth.

Naquele instante teve certeza de que aquela não era Ruth. Ela não teria falado assim. O nevoeiro, a agitação, a sombra e a fala em voz baixa o tinham enganado.

— V. não é Ruth. Diga como é que eu me chamo.

— Chiu, baixinho. Jogue outro pedaço.

— Como é que eu me chamo? Como é que eu me chamo?

A sombra não respondeu.

— A carne era para Ruth — insistia Bucher. — Dê a ela. Não compreende? Dê a ela!

— Sim, sim. Tem mais um pouco?

— Não. Dê a ela. Foi para ela, não foi para V.!

— Eu sei, naturalmente.

— Dê a ela, se não eu... eu...

Calou-se. Que poderia fazer? Sabia que a sombra há muito tinha devorado o mísero pedaço de carne. Desesperado, deixou-se cair no chão, como se uma mão invisível o tivesse derrubado.

— Cachorra... estourar... V. devia estourar!

Era demais! Depois de tanto tempo um pedaço de carne e perdê-lo como um idiota. Soluçava, soluçava sem lágrimas.

Do outro lado a sombra continuava a tartamudear.

— Dê mais um pouco... eu mostro... olhe...

Pareceu-lhe que aquilo levantava as saias. A névoa, deformando os movimentos, dava a impressão de uma cabra num bailado grotesco.

— Esterqueira — murmurou Bucher. — Morrer, estourar, era o que devia! E eu idiota...

Deveria ter prestado atenção antes de jogar do outro lado o precioso alimento, ou ter esperado até clarear um

pouco. Mas se ficasse muito tempo com a carne, não teria resistido e a teria comido êle mesmo. Quisera dá-la imediatamente a Ruth. O nevoeiro parecera-lhe até uma sorte... e agora gemia, esmurando a terra.

— Que idiota! Que é que fui fazer?

Um pedaço de carne era um pedaço de vida. O estômago se contraía em ânsia de vômito. Estava aniquilado.

* * *

O frio da noite despertou-o. Encaminhou-se para a barraca. Em frente à porta tropeçou num corpo; depois percebeu 509.

— Quem é êste? Westhof?

— É.

— Está morto?

— Está.

Bucher curvou-se rente ao rosto do companheiro estendido no chão. Estava úmido de neblina, e cheio de manchas negras das pisadelas de Handke. Vendo aquela fisionomia, lembrou-se do pedaço de carne perdido. Os dois acontecimentos misturaram-se em seu cérebro:

— Excomungado! Por que não tentamos ajudá-lo? 509 encarou-o.

— Para que está dizendo besteiras? Que é que poderíamos ter feito por êle?

— Sim. Talvez. Por que não? Já pudemos mais do que isso.

509 ficou em silêncio. Bucher deixou-se cair ao lado dêle:

— Conseguimos escapar de Weber.

509 olhava o nevoeiro. “Estava recomeçando”, pensou “o falso heroísmo, a velha miséria. Aquêlê rapaz vira que, depois de anos, um pequeno gesto não tinha tido as conseqüências habituais... poucos dias depois já fantasiava, falsificando românticamente os riscos esquecidos”.

— Acha que porque escapamos ao chefe do acampamento em pessoa, poderíamos aventurar com um fiscal de bloco completamente êbrio?

— Sim. Por que não?

— E o que é que deveríamos ter feito?

— Não sei. Alguma coisa, mas não deixar Westhof ser morto a patadas.

— Deveríamos, seis ou oito de nós, ter caído em cima de Handke.

— É isso que V. acha? Não. Isto não teria adiantado. Ele é mais forte do que nós.

— Então que era que deveríamos ter feito? Conversar, dizer-lhe que deveria agir de maneira razoável?

Bucher ficou calado. Sabia perfeitamente que nada disso adiantaria. 509 observou-o por alguns momentos:

— Ouça! Com Weber não tínhamos nada a perder. Não obedecemos e tivemos uma sorte inacreditável. Hoje, porém, se tivéssemos ousado uma atitude qualquer contra Handke, ele teria esmagado mais um ou dois e dado parte da barraca como revoltada. Berger e outros ainda, seriam enforcados. Westhof com tôda a certeza e V. provavelmente também. Haveria uma ração diminuída durante alguns dias e, com isso, mais uma dúzia de mortes. Tenho razão?

Bucher hesitava:

— Talvez — disse por fim.

— Encontra outra solução?

Bucher refletiu:

— Não.

— Nem eu. Westhof ultimamente andava com a “crise da barraca”; Handke, aliás, também. Se tivesse dito exatamente o que o outro queria, teria escapado depois de levar umas duas cacetadas. Era um bom camarada. Poderia nos ser de utilidade, mas era um louco.

509 voltou-se para Bucher. Sua voz estava cheia de amargura:

— Pensa que V. é o único que está pensando nêle?

— Não.

— Talvez tivesse ficado calado, se nós não tivéssemos escapado a Weber e a esta hora ainda estivesse vivo. É provável que a nossa feliz experiência o tivesse levado à imprudência. Já pensou nisso alguma vez?

— Não. — Bucher encarava 509. — Terá sido isso?

— É possível! Já vi loucuras maiores e em homem de maior responsabilidade. Quanto mais importantes eram os homens, maior a loucura quando se sentiam na obrigação de demonstrar coragem. Desgraçada literatice. Conhece Wagner da barraca 21?

— Conheço.

— É uma ruína, mas foi um homem e possuía coragem. Demasiada coragem. Defendia-se. Durante dois anos fêz as delícias dos “SS”. Weber tinha-lhe quase amor, mas um dia pronto. Tudo se acabou. Inútil. Poderíamos precisar dêle agora, porém não pôde dominar a coragem. Assim tem havido muitos. Poucos restam, e são ainda menos os que não estejam inteiramente alquebrados. Por isso é que hoje, quando Handke espiroteava em cima de Westhof segurei o seu pulso e também por isso é que respondi quando perguntou o que éramos nós. Compreendeu afinal?

— Acha então que Westhof...?

— Agora já é diferente. Ele está morto...

Bucher silenciou. Avistava o companheiro nitidamente. Pela névoa esgarçada em alguns lugares, coava-se a luz do luar. 509 esticou o corpo. Tinha o rosto cheio de equimoses roxas, pretas e verdes. De repente, Bucher lembrou-se de velhas histórias que ouvira contar sobre Weber e 509. Em outros tempos êle mesmo devia ter sido como um daqueles homens dos quais falara há pouco.

— Ouça, — disse 509 — mas ouça com atenção uma frase de romance absolutamente condenável: “o espírito é inquebrantável”. Conheci criaturas que nada mais eram do que animais ululantes. Quase tôda a resistência pode ser vencida, quando para isso se dispõe de tempo e ocasião. Disso dispõem aquêles lá de cima — fêz um gesto designando o quartel dos “SS” — não o ignoram e trataram sempre de aproveitar. Resistir para obter alguma vantagem, não unicamente pela satisfação de resistir. Coragem mal orientada é o caminho seguro para o suicídio. Nosso pouquinho de resistência é a única coisa que ainda possuímos. Devemos escondê-la para que êles não a possam encontrar. Só usá-la num caso de necessidade extrema como nos aconteceu com Weber — do contrário...

Os raios de lua batiam sobre Westhof, iluminando-lhe o rosto e o pescoço.

— Alguns de nós ficarão, — suspirou 509 — para mais tarde. Tudo isso não terá sido inútil. Alguns que não estejam completamente devastados.

Recostou-se exausto. Pensar fadiga tanto quanto uma caminhada. Em geral a fome e a fraqueza obscureciam a imaginação, mas sem se esperar, algumas vezes a mente clareava tanto... tudo se tornava extraordinariamente claro e, por pouco tempo, enxergava-se distante... até que a nuvem de fadiga envolvesse tudo como antes.

— Alguns que ainda não estejam devastados e que não queiram esquecer — completou 509.

Olhou fixamente para Bucher e refletiu: “êle tem menos 20 anos do que eu. Pode fazer muita coisa ainda. Não está completamente alquebrado. E eu? O tempo!...” pensou com desespêro, “vai devorando tudo. Só se iria sentir quando aquela fase tivesse passado. Só então poder-se-ia saber quem estava literalmente liquidado... quando lá fora, se tivesse de recomeçar a vida. Os dez anos de campo de concentração contavam em dôbro e em triplo para cada um. Quem ainda teria vigor? E quanto vigor seria necessário...”

— Quando sairmos daqui, ninguém irá se prostrar a nossos pés, se realmente sairmos daqui — disse. — Desejarão esquecer tudo e tudo relegar ao passado. Muitos dentre nós também desejarão esquecer.

— Eu não esquecerei, — afirmou Bucher em tom sombrio. — Nem isto, nem nenhuma outra coisa.

— Está bom.

A onda de exaustão envolveu-o de novo. Cerrou os olhos, mas tornou a abrí-los imediatamente. Havia ainda alguma coisa que desejava explicar. Bucher precisava saber. Talvez fôsse o único a sair vivo dali. Era importante explicar-lhe:

— Handke não é um nazi — articulou com esforço. — É um prisioneiro como nós. Em liberdade, é provável que não fôsse capaz de cometer um assassinato. Aqui êle não hesita em fazê-lo porque dispõe de um relativo poder. Sabe que não conseguiríamos nada apresentando queixa contra êle. Está a salvo, não tem responsabilidade. Esta é que é a questão — poder e ausência de responsabilidade. Demasiado poder em mãos incapazes... demasiado poder em quaisquer que sejam as mãos... entende?

— Perfeitamente — respondeu Bucher.

509 fez um gesto afirmativo:

— Isso e mais outra coisa — a preguiça do coração — o medo — a corrupção da consciência — essa é a nossa miséria — foi nisso que fiquei pensando todo o tempo hoje.

A fadiga envolvia como uma pesada nuvem negra, que se aproximava rumorosamente. Tirou um pedaço de pão do bolso:

— Tome... não estou precisando... comi a minha porção de carne... dê a Ruth.

Bucher mirou-o sem mover.

— Ouvi tudo ainda agora — disse 509 com a voz pesada de um homem que está submergindo. — Dê isto a ela... é...

A cabeça tombou para a frente, mas êle tornou a erguê-la. A face cheia de cicatrizes e manchas de sangue pisado iluminou-se num sorriso:

— É muito importante... dar alguma coisa de vez em quando...

Bucher pegou o pão e foi para a cêrca que separava os dois acampamentos.

A névoa esvoaçava à altura de um homem. Para baixo a atmosfera estava transparente. Os “muçulmanos” que se dirigiam à privada pareciam fantasmas sem cabeça. Um pouco depois Ruth apareceu. Ela também parecia decapitada.

— Abaixese — murmurou Bucher.

Estavam ambos de cócoras. Bucher passou-lhe o pão. Estava incerto se lhe contaria o episódio da carne. Resolveu não contar nada.

— Ruth, eu acredito que sairemos daqui.

Ela não pôde responder. Estava com a boca cheia, escancarou os olhos.

— Agora estou quase certo.

Não sabia porque estava certo. 509 e o que êle tinha dito o deviam estar influenciando. Quando voltou, 509 estava profundamente adormecido. A cabeça repousava ao lado da cabeça de Westhof. Entre os dois rostos manchados, mal se podia distinguir o que estava respirando. Bucher não tentou acordá-lo. Sabia que nas duas últi-

mas noites êle já dormira do lado de fora à espera de Lewinsky. A noite não estava muito fria. Bucher tirou o casaco de Westhof e mais os de outros dois mortos e cobriu 509.

9

O seguinte bombardeio aéreo efetuou-se dois dias mais tarde. As sereias começaram às oito horas. Logo em seguida principiaram a cair as primeiras bombas. Caíam cerradas como um aguaceiro, mas os estampidos mal cobriam o ruído de artilharia da defesa. Só para terminar, explodiram as bombas de grosso calibre.

O "Diário de Mellner" não publicou nenhuma edição extra. Estava queimando. As máquinas se derretiam. Os rolos de papel crepitavam dentro do céu escuro. Em minutos todo o edifício desabava.

"Cem mil marcos", pensava Neubauer. "Ali estão se queimando cem mil marcos que me pertencem. Cem mil marcos! Nunca supus que tanto dinheiro queimasse tão depressa. Estes cães. Se eu soubesse teria me associado a uma empresa exploradora de minas. Mas as minas também podem queimar. Podem ser igualmente bombardeadas. Não oferecem mais garantia do que o resto. Não há nada mais seguro no momento. Parece que o Reno foi arrasado."

Estava com o uniforme pardacento da cinza do papel. A fumaça deixara-lhe os olhos vermelhos. A tabacaria, ao lado, que também lhe pertencera, era um montão de ruínas. Ainda ontem uma mina de ouro. Hoje um amontoado de cinzas. Trinta ou quarenta mil marcos. Podia-se perder muito dinheiro numa noite! O Partido? Cada um pensava em si próprio. O seguro? Abriria falência se tivesse de pagar tudo o que fôra danificado só naquela noite. Ainda por cima tinha avaliado os imóveis muito baixo. Economia mal orientada. Era preciso saber também se danos causados pelos bombardeios seriam reconhecidos, o que era muito problemático. Depois da guerra, dizia-se, haveria o reajuste, a compensação. Depois da vitória. O inimigo teria de pagar tudo.

Ter-se-ia alguma coisa disso tudo? Para tanto ainda se precisava esperar muito. Agora era já demasiado tarde para começar alguma coisa. Também, para quê? Quem é que sabia o que iria arder no dia seguinte!

Examinou as paredes calcinadas da loja. "Deutsch Wacht", 5.000 charutos tinham sido queimados. "Perfeito! De que lhe tinha servido denunciar Freiberg? O dever? Que estultícia o dever! Ali estava o seu dever. Tudo queimado. Cento e trinta mil marcos. Mais alguns incêndios iguais àquele, umas bombas na loja de Josef Blank, outras tantas na sua chácara e na sua residência — poderia até acontecer amanhã — e êle estaria no mesmo ponto em que tinha começado. Nem ao menos isso! Mais velho, em piores circunstâncias!" Silenciosamente qualquer coisa o foi dominando. Qualquer coisa que sempre o espreitara, de todos os lados, mas que estivera abafada, escondida, sufocada, enquanto o que lhe pertencia ficara intacto, — a dúvida, o medo, até então contidos postos em xeque por um mais forte, inesperadamente romperam as amarras e o encaravam. De cima dos destroços da tabacaria passaram para os escombros do edifício do jornal. Sorriam-lhe e os seus esgares eram uma ameaça ao futuro. A vermelha e roliça nuca de Neubauer estava enfiada de suor. Recuou com nassos trôpegos. Durante minutos não enxergou mais nada, não desejava mesmo enxergar nada, não queria confessar a si próprio que a guerra não poderia mais ser ganha.

— Não — disse em voz alta. — Não, não — é preciso o "Führer" — um milagre — naturalmente.

Olhou em volta. Não havia ninguém. Nem mesmo uma pessoa para apagar o incêndio.

* * *

Selma Neubauer calou-se afinal. Estava com o rosto inchado e o roupão de sêda francesa manchado pelas lágrimas. As mãos gorduchas tremiam.

— Não voltarão mais esta noite — dizia Neubauer sem convicção. — Tôda a cidade já está em chamas. Que é que poderiam bombardear ainda?

— Nossa residência, a loja, a chácara não continuam de pé?

Neubauer controlou a raiva e o medo de que aquilo viesse mesmo a suceder.

— Bobagem. Não voltariam expressamente por causa disso.

— Há ainda outras residências, outras lojas, bastantes fábricas, não?

— Selma!

Ela o interrompeu.

— Você pode dizer o que quiser, mas eu vou lá para cima! — O rosto tornou a se avermelhar. — Vou subir para o acampamento, ainda que tenha de dormir junto com os presos! Não continuo aqui na cidade. Nesta ratoeira. Não quero ser aniquilada! Para V. é tudo indiferente enquanto estiver no quentinho. Bem longe das balas. Nós devemos aguentar tudo. Foi sempre assim!

Neubauer olhou-a com ar ofendido.

— Nunca fui assim e você bem sabe disso. Repare nos seus vestidos, nos seus sapatos, nos seus roupões. Tudo de Paris. Quem foi que encomendou? Eu. E as rendas! As mais finas da Bélgica. Fui eu quem arranjou para você o casaco e a coberta de peles! Ambos encomendados em Varsóvia. Examine a sua despesa. A sua casa. Sempre cuidei bem de vocês!

— Em tudo isso você esqueceu de uma coisa, um caixão. — É possível que ainda consiga encomendar um agora, a tôda pressa. Os caixões amanhã cedo terão subido de preço. Já há grande falta em tôda a Alemanha, mas você poderá mandar fabricar um no acampamento. Lá você dispõe de muita gente para trabalhar.

— Isso! Então é êsse o agradecimento. O agradecimento por tudo o que tenho arriscado. Êste é o agradecimento!

Selma não ouvia o marido:

— Não quero morrer queimada. Não quero ser es-traça'hada em mil pedacos.

Virou-se para a filha:

— Freya! Está ouvindo seu pai! O seu próprio pai! Tudo o que desejamos é dormir lá em cima com êle. Nada mais. Garantir nossas vidas e êle se onõe poroue o partido... que dirá Dietz? Que é que êle diz das bombas? Por que é que o Partido não faz alguma coisa? O Partido!!!

— Calma, Selma!

— “Calma, Selma”. Está ouvindo Freya? Calma! Ficar calada! Morrer calada. É só isso que êle sabe!

— 50.000 pessoas se encontram nas mesmas condições — disse Neubauer fatigado.

— Não tenho nada que ver com essas 50.000 pessoas. Nenhuma delas se importará se eu esticar a canela. Guarde a estatística para os discursos do Partido!

— Meu Deus!

— Onde é que está Deus? Vocês o escorraçaram! Não venha agora com Deus!

“Por que não lhe pespego uma?” pensava Neubauer. “Por que estou me sentindo de repente tão cansado? Deveria meter-lhe a mão com energia. Cento e trinta mil marcos perdidos e ainda o berreiro dessa criatura! Assentar-lhe a mão com força é o que eu devia fazer! Salvar! o quê? Salvar o quê? Ir para onde?”

Sentou-se numa poltrona. Ignorava que era um raro *gobelin* do século XVIII que pertencera à casa da condessa Lambert — para êle tratava-se apenas de uma poltrona de aspeto suntuoso. Por isso a tinha comprado, junto com outras peças, a um major que voltava de Paris.

— Traga-me uma garrafa de cerveja, Freya.

— Traga-lhe uma garrafa de champanha, Freya. É bom que beba antes de voar pelos ares. Poque! Poque! Poque! Vamos deixar estourar a rolha. Bebamos às vitórias!

— Deixe disso, Selma.

A filha dirigiu-se à cozinha. A mulher levantou-se:

— Então, sim ou não, vamos ou não vamos com você hoje lá para cima?

Neubauer olhava as suas botas cheias de cinza. Cinza no valor de cento e trinta mil marcos.

— Vai haver falatório, se, logo hoje, tomarmos essa resolução. Não que seja proibido, mas até agora ainda ninguém fez isso. Dirão que eu me aproveito de vantagens, enquanto outros são forçados a permanecer aqui embaixo. A'ém do que, há mais perigo lá do que aqui. O acampamento será o próximo alvo para o bombardeio por causa das importantes instalações de guerra de que dispomos.

Tinha razão em alguns pontos, mas o motivo principal da sua recusa, era desejar ficar só. Lá em cima tinha a sua vida particular, como chamava. Jornais, co nhaque e, vez por outra, uma mulher que, no mínimo, pesava trinta quilos menos do que Selma. Alguém que o escutava quando falava e que o admirava como pensador, como homem e como cavalheiro amável. Um inocente prazer, imprescindível para relaxar os nervos depois da luta pela existência.

— Deixe falar quem quiser — comentou Selma. — Você tem obrigação de se preocupar com a sua família.

— Podemos falar disso depois. Agora preciso dar um pu'lo até o Partido para ver o que é que se vai deliberar. Talvez tenham sido tomadas medidas nesse sentido e as famílias sejam encaminhadas para aldeias afastadas. Certamente para os que ficaram sem teto, mas talvez vocês possam ser incluídas.

— Nada de talvez. Se eu tiver de ficar na cidade, vou correr por tôda parte, gritando...

Freya trouxe a cerveja. Não estava gelada. Neubauer provou-a, fêz esforço para se controlar e se levantou.

— Sim ou não? — perguntou Selma.

— Quando voltar trataremos de resolver o caso. Primeiro tenho de ouvir as deliberações.

— Sim ou não?

Neubauer viu que, por detrás da mulher, a filha lhe fazia sinal que aquiescesse, ao menos por ora.

— Muito bem, sim — disse irritado.

Selma Neubauer abriu a bôca. A tensão desaparecera como o ar de uma bola de gás. Deixou-se cair no sofá que pertencia à poltrona do século XVIII. Num momento não era mais do que um monte de carnes flácidas sacudidas pelos solugos.

— Não quero morrer... não quero acabar junto com as nossas belas coisas... ainda não.

Acima dos cabelos revoltos de Selma os pastores e as pastoras do *gobelin* com os seus irônicos sorrisos do século XVIII olhavam alegres e indiferentes para o vácuo.

Neubauer contemplou-a com rancor. Para ela era fácil, podia gritar e chorar, mas ninguém indagava o que ia dentro d'êla. Devia engolir tudo, ser compreensivo, uma montanha dentro do oceano. Cento e trinta mil marcos! Nem uma palavra ela lhe dissera àquele respeito.

— Tome conta de sua mãe — disse sêcamente para a filha.

* * *

No quintal atrás da casa estavam os dois prisioneiros russos. Continuavam trabalhando, apesar de já ter escurecido. Fôra uma recente ordem de Neubauer que desejava remover a terra ràpidamente para ali plantar umas tulipas. Tulipas, um pouco de salsa, manjeriço, basilicão e outras ervas aromáticas. Gostava dos molhos e das saladas temperadas com êsses condimentos.

Dera aquela ordem há uns dias apenas, mas o curto lapso de tempo parecia-lhe uma eternidade. Agora poderia plantar ali charutos carbonizados e o chumbo derretido das oficinas do seu jornal.

Os presos curvaram-se sôbre as pás ao avistarem Neubauer:

— Que é que estavam olhando? — A raiva concentrada explodiu num minuto.

O mais velho dos dois respondeu qualquer coisa em russo.

— Que é que tem de estar olhando? Foi o que eu disse. E ainda continua seu porco bolchevista. Insolente, ainda por cima! Está satisfeito de ver como as propriedades privadas de burgueses honestos são destruídas, não é?

O russo não respondeu.

— Adiante com o trabalho, cães preguiçosos!

Os russos não entendiam nada. Olhavam-no na esperança de perceber o que é que êle queria. Neubauer exaltado deu um pontapé no ventre de um dos dois. O homem caiu e tornou a se levantar com dificuldade. Amparou-se no cabo da pá e continuou segurando-o. Neubauer viu-lhe o olhar e as mãos que agarravam a ferra-

menta. Amedrontou-se. Sentiu como uma lâmina atravessando-lhe o estômago.

Sacou do revólver:

— Trapo! Quer opor resistência, hein?

Deu-lhe uma coronhada entre os olhos. O russo tombou e não tornou a se levantar.

Neubauer respirou profundamente:

— Poderia matá-lo — resfolegou. — Opor resistência! Queria levantar a pá contra mim. — Matar — eu poderia. — Ainda sou muito correto. Um outro o teria matado — disse olhando para a sentinela perfilada. — Um outro o teria matado. V. viu como êle quis agredir-me com a pá.

— Perfeitamente senhor comandante.

— Muito bem. Vamos, despeje-lhe um regador de água pela cabeça.

Neubauer virou-se para o outro russo que continuava a remexer a terra curvado sobre a enxada, a fisionomia sem nenhuma expressão.

Do jardim do vizinho um cão ladrava furiosamente. Roupas esvoaçavam penduradas para secar. Neubauer sentiu a boca seca. Deixou o quintal. Tinha as mãos trêmulas. “Que é isto?” pensou. “Mêdo? Não tenho mêdo. Eu não. Não tenho mêdo de um russo imbecil. De que então? Que há comigo? Não há nada. Sou apenas muito correto, nada mais. Weber o teria morto calmamente. Dietz o teria abatido sem hesitação. Eu não. Sou muito sentimental. Êste é que é o meu defeito. Sentimental com todos, com Selma também.”

O carro estava esperando do lado de fora. Neubauer esticou o peito:

— Para a nova casa do Partido, Alfred. As ruas estão desimpedidas até lá?

— Só se contornarmos a cidade.

O carro manobrou. Neubauer observou o rosto do motorista:

— Aconteceu alguma coisa, Alfred?

— Minha mãe foi-se com o bombardeio.

Neubauer sacudiu-se excitado. “Ainda mais essa! Cento e trinta mil marcos, o berreiro de Selma e agora ainda tenho de apresentar condolências”.

— Meus pêsames, Alfred — disse militarmente curto, para acabar logo com aquilo. — Porcos, assassinos de mulheres e crianças.

— Nós os bombardeamos primeiro — retrucou Alfred olhando para frente. — Em Varsóvia, em Rotterdam, em Coventry. Também estive lá até que recebi o tiro e tive baixa.

Neubauer encarou-o surpreendido. Que é que estava acontecendo? Primeiro Selma, depois o motorista.

— Foi coisa diferente, Alfred. Completamente diferente. Tratava-se de pontos estratégicos. Aqui é um simples assassinato.

Alfred não comentou mais nada. Pensava em sua mãe, em Varsóvia, em Rotterdam, em Coventry, no gordo marcial da aviação alemã. Virou o carro por uma rua lateral.

— Não se devem dizer coisas semelhantes, Alfred. Já é quase traição. Levo em consideração o seu sofrimento, mas não é permitido. Façamos como se eu não tivesse ouvido nada. Ordens são ordens. Isto basta para nossa consciência. O arrependimento é anti-alemão. Idéias erradas também. O “Führer” sabe exatamente o que está fazendo. Nós lhe obedecemos e pronto! Esses assassinos receberão o devido pagamento. Em dobro e em triplo. Nós os liquidaremos com as nossas armas secretas. A Inglaterra já está sendo bombardeada dia e noite com a nossa “V1”. Reduziremos a ilha inteira a um montão de cinzas com tôdas as nossas novas invenções. Justo no último momento. E a América juntamente. Todos têm de pagar em duplo e em triplo. Em duplo e em triplo — repetiu Neubauer que ganhava confiança com as próprias palavras e começava quase a acreditar no que estava dizendo.

Tirou um charuto de um estojo de couro e mordeu a ponta. Queria falar. Sentia grande necessidade de continuar falando, mas interrompeu-se, vendo os lábios contráídos do motorista. “Quem é que se importa comigo?” pensou. Cada um cuida de si. Devia ir para a chácara, longe da cidade. Lá estavam os coelhos com seus pelos macios e suaves. De olhos vermelhos na obscuridade.

Desde criança desejara criar coelhos. O pai proibira. Agora possuía os desejados coelhos e aquêlê bom cheiro de feno, de pelos e de fôlhas frescas. A despreocupação dos tempos de criança. Sonhos esquecidos. Às vêzes a gente se sente horrivelmente só. Cento e trinta mil marcos. O máximo que tivera em menino foram 75 *pfennigs* que dois dias depois lhe tinham sido roubados.

* * *

Labaredas cruzando labaredas subiam para o ar. A cidade antiga quase tôda de casas de madeira queimava como um maço de fósforos. E o rio reverberando o fogo, parecia que também estava em chamas.

Os “veteranos” que ainda podiam se movimentar, formavam um grupo sombrio em frente à barraca. Na treva avermeilhada, distinguiam as tôrres de metralhadoras desertas. O céu estava encoberto. A leve camada de nuvens cinzentas tinha reflexos rubros como a penugem de um flamingo. O fogo cintilava até nos olhos dos mortos amontoados atrás dêles.

Um ruído leve chamou a atenção de 509. O rosto de Lewinsky emergiu do chão. 509 respirou profundamente e se levantou. Esperara por aquêlê momento desde que pudera se arrastar de novo. Poderia ter continuado sentado, mas desejava mostrar a Lewinsky que não era nenhum aleijado.

— Já está tudo em ordem? — Perguntou Lewinsky.

— Claro. Não é assim tão depressa que podem nos liquidar.

Lewinsky aquiesceu com um gesto:

— Pode-se conversar em algum lugar?

Passaram para o outro lado do monte de cadáveres. Lewinsky inspecionou os arredores:

— As sentinelas ainda não voltaram aos postos, aqui.

— Por cá não existe praticamente o que controlar.

— É o que estou vendo. E de noite não há inspeção?

— Pode-se dizer que nunca.

— E de dia? Os “SS” vêm fazer vistoria?

— É raríssimo. Têm medo dos piolhos, do tifo e da disenteria.

— E o chefe do bloco?

— Só aparece nas horas da chamada. Praticamente ignora a nossa existência.

— Como é que êle se chama?

— Bolte, chefe de destacamento.

Lewinsky acenou com a cabeça:

— Os fiscais de bloco não dormem nas barracas, não é? Só os fiscais de alojamento. Como é o de vocês?

— Conversou com êle na outra noite. É Berger. Não poderíamos ter um melhor.

— É o médico que agora está trabalhando no crematório?

— É. V. está bem informado.

— Quem é o fiscal do bloco?

— Handke. Traz o sinal verde. Há dias matou um daqui a pontapés.

— Severo?

— Não. Ordinário. Não nos conhece exatamente. Só a alguns e as fisionomias se alteram aqui muito depressa. Receia também o contágio da barraca. O chefe do bloco ainda sabe menos a nosso respeito. Somos quase que exclusivamente controlados pelo fiscal do alojamento. Aqui dentro podem-se fazer muitas coisas. É isso que V. quer saber, não?

— Era isso precisamente o que eu queria saber. V. me entendeu.

Lewinsky, surpreendido, fixou o triângulo vermelho no peito de 509.

Não tinha esperado tanto. Perguntou:

— Comunista?

509 abanou a cabeça.

— Social-democrata?

— Não.

— O que então? Alguma coisa V. deve ter sido.

509 levantou a vista. A pele em volta dos olhos ainda estava escura de equimoses. Em contraste, as pupilas pareciam ainda mais claras. Brilhantes, quase transparentes aos reflexos do incêndio, como se não pertencessem àquele rosto manchado e macerado.

— Uma criatura humana, se isso basta a V.

— Quê?

— Está bem. Nada.

Lewinsky hesitara um momento:

— Percebo, um idealista — disse com uma pontinha de desprezo. — Que seja, caso possamos confiar em vocês aqui.

— Isso vocês podem. No nosso grupo, aquêles que estão sentados ali. Somos os mais antigos — e contraíndo os lábios — os “veteranos”.

— E os outros?

— Não há nada a temer dos outros. “Muçulmanos”. Tão inofensivos quanto os mortos. Brigam ainda por um pouco de alimento ou por um lugar onde possam morrer deitados. Não possuem mais energia para trair.

Lewinsky encarou 509:

— Pode-se, então, esconder alguém aqui por alguns dias?

— No caso de não ser muito gordo.

Lewinsky deixou passar a ironia. Chegou-se mais para perto:

— Há qualquer coisa no ar. Em muitas barracas os fiscais de blocos com sinal vermelho foram substituídos por outros de sinal verde. Fala-se em transportes noturnos ou de neblina. Sabe o que quer dizer?

— Sei. Transportes para os campos de exterminação.

— Isso mesmo. Sussurra-se também algo como uma exterminação em massa. Presos chegados de outros campos de concentração trouxeram estas notícias. Precisamos estar prevenidos. Organizar nossa defesa. Os “SS” não vão abandonar tudo isto, assim sem mais aquela. Até agora não tínhamos pensado em vocês.

— Estavam convencidos de que nós aqui não fazíamos outra coisa, senão morrer como peixes fora d’água.

— Pois é, mas agora mudou. Podemos vir a precisar de vocês. Alguns dos nossos mais importantes desaparecerão aqui, quando do outro lado a coisa ficar muito apertada.

— A enfermaria deixou de apresentar segurança? Lewinsky encarou-o de novo:

— Ah! Sabia disso também?

— Sei disso ainda.

— Estêve conosco na ocasião do movimento?

— É indiferente. Como é que está a enfermaria agora?

— A enfermaria, — explicou Lewinsky num tom já bem diverso do de há pouco — não está mais como antigamente. Ainda temos alguns dos nossos lá dentro, mas ultimamente começaram a fazer inspeções minuciosas.

— E as seções para febre infecciosa e tifo?

— Estas ainda podemos controlar, mas não são suficientes. Precisamos de outras possibilidades para esconder gente. Nas nossas barracas podemos nos arranjar por um ou dois dias, mas estamos sujeitos a freqüentes inspeções noturnas.

— Percebo. Vocês precisam de um lugar como este, onde tudo se transforma rapidamente e onde quase não há fiscalização.

— Exato. E ainda alguns sujeitos com os quais se possa contar.

— Podem contar conosco.

“Estou pondo o “pequeno acampamento” nas alturas, como se se tratasse mesmo de alguma coisa de valor”, pensou 509.

— E aquelas perguntas sobre Berger? O que é que há com êle?

— É por êle trabalhar no crematório. Não temos ninguém lá. Poderia nos ir informando do que acontecesse.

— Poderá certamente. A obrigação dêle é arrancar dentes que tenham obturações e assinar certidões de óbito, creio eu. Já está lá há uns dois meses. O último médico que trabalhou no crematório foi trocado junto com todo o destacamento de incineração e desapareceu, com os outros, num transporte noturno ou de neblina. Em seguida estêve trabalhando um dentista que morreu logo depois e, então chamaram Berger para êsse serviço.

— Então ainda terá uns dois ou três meses. Isto nos basta para começar.

— É. Isto basta.

509 levantou o rosto manchado de preto e de verde. Sabia que os pelotões do crematório eram substituídos de dois ou de três em três meses e transportados a um campo de exterminação. Era a maneira mais simples de se desfazerem de testemunhas que tinham presenciado coisas

demais. Por isso, Berger não podia contar com mais de uns três meses de vida, mas três meses era muito tempo. Muitas coisas poderiam acontecer, sobretudo com a cooperação do “grande acampamento”.

— E o que é que poderemos esperar de vocês, Lewinsky?

— O mesmo que tivermos de vocês.

— Para nós o caso é diferente. Não temos ninguém para esconder. Precisamos é de bóia.

Lewinsky ficou em silêncio alguns minutos:

— Não podemos arranjar comida para a barraca inteira — disse então. — Você já sabe.

— Não é nada disso. Somos apenas uma dúzia de homens. Os “muçulmanos” estão perdidos de qualquer maneira.

— Nós mesmos temos uma insignificância. Do contrário não estariam sempre vindo “esqueletos” para cá.

— Sei perfeitamente. Não pretendo que haja alimento em abundância, trata-se apenas de não morrer de fome.

— O que conseguimos arranjar, temos de dar aos que estão escondidos. Para eles não há ração, mas trataremos de fazer por vocês, aquilo que nos fôr possível. Está bem?

509 achou que poderia estar bem, mas que poderia também não valer nada, não tinha, porém, direito de exigir uma promessa enquanto a barraca não tivesse se mostrado eficiente.

— Está bem — disse.

— Bom. Então fale com Berger. Servirá de intermediário, visto ter permissão para entrar no nosso acampamento. Isso é o de menos. Os outros ficam a seu cargo. É importante que o menor número dêles saiba quem eu sou. Sempre um único homem como intermediário de grupo para grupo e um substituto. Velhas regras básicas que V. conhece, não é?

Lewinsky olhou penetrantemente para 509.

— Velhas regras básicas que eu conheço — respondeu.

Lewinsky esgueirou-se, na sombra avermelhada, por detrás das barracas, tomou o caminho da privada e sumiu na passagem para o "grande acampamento". 509 voltou às apalpadelas. Sentia-se horivelmente cansado. Parecia-lhe que estivera falando durante dias inteiros, forçado a uma constante concentração. Desde a saída do calabouço, tinha depositado toda sua confiança naquele entendimento. Estava com a cabeça rodando. A cidade em púrpura lá embaixo, se assemelhava a um assado gigantesco. Alcançou Berger do outro lado:

— Ephraim, acho que escaparemos.

Ahasverus aproximou-se, vacilante.

— Fa'ou com êle?

— Falei, velho. Eles vão nos ajudar e nós a êles.

— Nós a êles?

— Sim, nós a êles.

Disse e ergueu o corpo; a tontura tinha passado.

— Nós a êles também. Nada é por nada.

Um orgulho pueril soava em sua voz. Não receberiam nada de presente. Retribuiriam o que recebessem. Ainda serviam para alguma coisa. Podiam até auxiliar o "grande acampamento". A sua miséria física era tão grande que um vento qualquer poderia derrubá-los, mas naquele momento não se sentiam assim.

— Escaparemos — disse 509. — Restabelecemos contato com o exterior. A quarentena terminou.

Equivalia a dizer: não estamos mais condenados à morte. Temos uma pequena *chance*. Era a incommensurável diferença entre o desespero e a esperança!

— De agora por diante, devemos pensar nisso constantemente. Devemos nos alimentar dessa esperança como se fôsse pão e carne. Estamos perto do fim, com toda a certeza. Em outra ocasião isto nos teria matado. Vai longe essa época. As decepções se sucediam. Agora acabou-se. A esperança surgiu e nos ajudará a viver. Devemos nutrir com ela os nossos cérebros como se fôsse carne.

— Não trouxe nenhuma notícia, um pedaço de jornal ou qualquer outra coisa? — perguntou Lebenthal.

— Não. Tudo é proibido, mas êles construíram um rádio em segredo com pedaços achados no lixo e peças

roubadas. Dentro em pouco estará funcionando. É possível que o escondam aqui. Então ficaremos ao corrente do que for acontecendo.

509 retirou dois pedaços de pão de dentro do bolso: — Tome Ephraim, divida. Lewinsky deixou para nós. Disse que vai trazer mais.

Cada um recebeu a sua porção. Comeram devagar, enquanto, no vale, a cidade continuava ardendo. O pequeno grupo acorçado, comia lentamente aquele pão de sabor delicioso, diferente de qualquer outro que já tivessem comido. Era como uma estranha comunhão que os distinguia dos outros da barraca, dos “muçulmanos”. Dominavam o terreno. Haviãr encontrado camaradas. Tinham um objetivo. Olhavam para os campos, para as montanhas, para a cidade e para a noite afora e, naquele instante, nenhum enxergava a cerca de arame farpado nem as tôrres de metralhadoras.

10

Neubauer retomou os papéis que estavam sôbre a escrivaninha. “É tudo muito fácil para êstes fulanos”, pensou. Uma das tais disposições elásticas. Inocentes para se lerem, mas passíveis de várias interpretações. Uma lista completa de todos os presos políticos importantes — no caso de ainda haver alguns no campo — estava acrescentada. Ali estava o subentendido. Tinha-se de ler entre as linhas. A conferência com Dietz naquela manhã nem teria sido necessária. Dietz fôra concludente: “Extermine tudo o que for perigoso. Nos tempos que atravessamos, não podemos conservar declarados inimigos do país e ainda por cima sustentá-los”. Falar era sempre muito simples, era porém indispensável alguém para executar e aí é que estava a diferença. Coisas daquêlê teor deveriam ser redigidas exatamente, mas Dietz não tinha dado nada por escrito. Naquela desgraçada incumbência, não havia nenhuma ordem positiva; deixavam ao executante a inteira responsabilidade.

Neubauer empurrou o papel para um lado e escolheu um charuto, artigo aliás que já estava se tornando raro.

Tinha ainda de reserva quatro caixas e mais alguns "Deutsche Wacht", mas também não eram muitos. A maior parte se queimara. Deveria ter se precavido melhor nos tempos da abastança, quem imaginaria, porém, que chegassem àquêle extremo?

Weber apareceu. Depois de leve hesitação, Neubauer estendeu-lhe o estojo de charuto:

— Sirva-se, é uma raridade, Partagas legítimos — disse com falsa cordialidade.

— Obrigado, só fumo cigarros.

— É verdade! Sempre me esqueço. Fume, então, os seus pregos de caixaõ.

Weber conteve um sorriso de mofa. "O velho devia estar em dificuldades, mostrava-se acolhedor", pensou enquanto tirava do bolso uma cigarreira de ouro, de forma achatada e batia um cigarro convenientemente. A cigarreira em 1933 pertencera ao conselheiro jurídico Aron Weizenblut. Fôra um achado porque o monograma correspondia ao seu: Anton Weber. Por sinal tratava-se da sua única pilhagem durante todos aquêles anos. Não tendo grandes ambições, não se interessava em possuir muita coisa.

— Chegaram novas instruções — disse Neubauer. — Leia, por favor.

Weber empunhando o documento lia lenta e atentamente. Neubauer impacientou-se:

— O resto não tem importância. É só o trecho referente aos presos políticos. Quantos dêles ainda teremos, mais ou menos?

Weber largou as fôlhas que escorregando na superfície polida, esbarraram num vasinho de cristal cheio de violetas.

— Não sei no momento com absoluta exatidão. Deve ser a metade dos prisioneiros, um pouco mais, um pouco menos. Todos os que têm o triângulo vermelho. Não contando os estrangeiros, naturalmente, a outra metade é de criminosos comuns, uns poucos homossexuais, adventistas etc.

Neubauer levantou os olhos. Não sabia se Weber estava se fazendo de tolo propositalmente. Em sua fisionomia nada transparecia.

— Não é isso o que estou dizendo. Os presos de triângulo vermelho não são todos criminosos políticos. Pelo menos não são da maneira daqueles que estas linhas sugerem.

— Evidentemente não. O triângulo vermelho é uma classificação bastante imprecisa. Entre eles há judeus, católicos, democratas, social-democratas, comunistas e sabe-se lá o que mais.

Neubauer também sabia disso. Depois de dez anos não precisava que Weber lhe viesse ensinar nada daquilo. Teve a vaga sensação de que o seu chefe de acampamento estava se divertindo à sua custa, mas perguntou sem trair o pensamento:

— E a respeito dos verdadeiros presos por crimes políticos?

— Na maior parte comunistas.

— Pode-se saber isso com exatidão, não é?

— Aproximadamente. Está tudo nas fichas.

— Além desses há aqui presos políticos de importância?

— Posso mandar averiguar. Parece que há jornalistas, social-democratas e democratas.

Neubauer soprou a fumaça do seu "Partagas". Curioso como um charuto acalmava e tornava o indivíduo otimista!

— Muito bem — disse com amabilidade. — Procure averiguar. Mande fazer uma lista. Poderemos então regular quantos homens devemos inscrever na nossa comunicação. Não acha?

— Certamente.

— Não é muito urgente. Temos uns quinze dias para responder. É um prazo razoável para se tomarem determinadas medidas, não?

— Certamente.

— Além do mais, aqui e ali pode-se antedatar, quero dizer, coisas que de qualquer modo iriam acontecer. Não é necessário anotar os nomes dos presos que já estão quase no fim. Seria um trabalho inútil, que acarretaria uma chusma de novas perguntas.

— Certamente.

— Tanta gente nessas condições não haverá aqui sem dúvida, isto é, tanta que chamasse a atenção.

— Não é imprescindível que justamente aqui se encontre tanta dessa gente — respondeu Weber imperturbável.

Sabia muito bem o que era que Neubauer pretendia e Neubauer sabia que Weber o compreendera.

— Com discrição, naturalmente — acrescentou. — Devemos arranjar tudo com a devida discrição. Confio em V.

Levantou-se e prendeu com um clipe a ponta do charuto. Tinha mordido a extremidade com muita força e agora a fumaça não estava puxando direito. Um bom charuto não deve ser mordido. Quebra-se delicadamente a ponta, ou, quando muito, corta-se com uma lâmina bem afiada.

— Como é que vão os serviços? Tem-se bastante o que fazer?

— A fundição de cobre foi quase totalmente destruída com o último bombardeio. Alguns dos nossos destacamentos estão fazendo a remoção do entulho. Os outros, quase todos continuam nas ocupações habituais.

— Remoção de entulho? boa idéia. — O charuto estava puxando de novo. — Dietz falou-me hoje a êsse respeito. Limpeza de ruas, remoção de escombros das casas bombardeadas. A cidade está precisando de centenas de braços. É um caso de emergência e aqui dispomos da mais barata mão-de-obra. Dietz é dessa opinião e eu também. Tem alguma objeção?

— Nenhuma.

Neubauer estava de pé junto à janela e olhava para fora:

— Há ainda uma nota sobre o aprovisionamento. Devemos economizar. Poderemos conseguir?

— Distribuindo rações menores — respondeu lacônicamente Weber.

— Realizável só até um certo ponto. Se os presos sucumbirem perdemos braços para o trabalho.

— Poderemos economizar no “pequeno acampamento”. Lá só existe um monte de bôcas inúteis. Quem morrer não terá mais necessidade de comida.

Neubauer balançou a cabeça:

— Ainda assim, V. conhece o meu princípio: ser humano na medida do possível.

— Quando se torna irrealizável — ordem é ordem.

Ambos estavam agora à janela fumando. Conversavam calma e objetivamente como dois honestos comerciantes de gado em um matadouro. Lá fora se achavam os presos trabalhando nos canteiros que circundavam a casa do comandante.

— Vou fazer um alegrete plantado de iris e narcisos — disse Neubauer. — Amarelo e azul, uma linda combinação de côres.

— É, comentou Weber sem entusiasmo.

Neubauer riu-se:

— Não lhe interessa muito, não é?

— Não muito, realmente. Prefiro jogar bola.

— Não é mau.

Neubauer observou os trabalhadores por algum tempo ainda:

— E a banda do acampamento? Aquêles sujeitos vivem à tripa forra.

— Tocam à saída, à entrada dos destacamentos e duas tardes por semana.

— A música da tarde, os destacamentos de serviço não aproveitam nunca. Dê ordem para que, depois da chamada, tôdas as noites, toquem durante uma hora. Faz bem ao pessoal. Distrai um pouco, especialmente se tivermos de diminuir as rações.

— Darei ordem nesse sentido.

— Então já discutimos todos os assuntos e estamos de acôrdo.

Neubauer voltou para a sua escrivaninha e, abrindo a gaveta, retirou um pequeno escrínio:

— Aqui está uma surpresa para V. Weber. Chegou hoje. Julgo que lhe dará prazer.

Weber levantou a tampa. Era a cruz de mérito militar. Neubauer admirado viu Weber enrubescer. Não esperara tanto.

— Aqui está o certificado que a acompanha. V. já deveria ter recebido há mais tempo. De um certo modo, nós aqui, também estamos na frente de combate.

Estendeu a mão a Weber:

— Vivemos em tempos muito duros, devemos vencê-los.

Weber se retirou. Neubauer abanou a cabeça. O pequeno truque da condecoração, obtivera mais sucesso do que imaginara. Todos tinham o seu ponto fraco. Durante algum tempo ficou de pé contemplando o grande mapa da Europa pendurado na parede, defronte ao retrato de Hitler. As bandeirinhas ali fixadas já não correspondiam à realidade. Continuavam espetadas bem no interior da Rússia. Neubauer conservara-as assim com a superstição de que talvez aquelas posições voltassem a ser conquistadas. Suspirou e tornou para junto da mesa. Suspendeu o vasinho de cristal e aspirou deliciado o perfume suave das violetas. Um pensamento impreciso aflorou-lhe à mente. “Somos assim”, pensou, quase emocionado. “Em nossas almas há espaço para tudo — disciplina férrea nos momentos históricos e ao mesmo tempo uma profunda sensibilidade: o “Führer” cheio de amor pelas crianças, Goering com sua amizade pelos animais.” Aspirou mais uma vez o perfume das violetas. “Perdera cento e trinta mil marcos, e já se tinha controlado. Incapaz de se deixar abater, ali estava de novo, sensível ao que era belo”. A idéia da música à noite fôra boa. “Selma e Freya vão mudar-se cá para cima. Terão uma ótima impressão”. Sentou-se em frente à máquina de escrever e datilografou com dois grossos dedos a ordem referente à música da noite. Era sômente para seu *dossier* particular. Ajuntou uma nota dispensando os presos muito fracos de trabalhos pesados. Não correspondia exatamente às disposições que iam ser tomadas, mas resolveu fazer a anotação como se aquela fôsse verdade. A maneira de agir de Weber, era lá com êle. Weber sabia o que fazer. A cruz do mérito tinha chegado no momento oportuno. Os *dossiers* privados de Neubauer, estavam repletos de notas, onde a brandura e a justiça do seu caráter estavam largamente comprovadas. Junto, encontrava-se também pesada documentação contra superiores e colegas do partido. Quando se está dentro do fogo, nenhuma precaução é demasiada.

Satisfeito, Neubauer fechou a pasta azul do seu arquivo particular e pegou o telefone: Seu advogado lhe tinha feito uma excelente sugestão para a compra de

imóveis bombardeados; estavam baratíssimos, aliás os outros também. Naquela transação, podia-se recuperar os prejuízos. Imóveis conservavam sempre um determinado valor, mesmo que fôssem bombardeados cem vezes. Era indispensável aproveitar aquêlê momento de pânico.

* * *

Regressavam os destacamentos incumbidos da remoção do entulho na fundição de cobre. Tinham sido doze horas de trabalho exaustivo. Uma parte da grande galeria desabara, derrubando vários departamentos. Havia poucas pás e enxadas disponíveis, a maior parte dos prisioneiros dispunham, para o serviço, unicamente das próprias mãos que ficavam sangrando, arreventadas. Estavam todos semimortos de fome e de fadiga. A razão do meio-dia fôra uma sopa rala, onde boiavam algumas ervas estranhas, generosidade da diretoria da fundição e cuja única vantagem era estar quente. Em compensação, os engenheiros e os vigias apertaram os presos como se fôssem escravos. Eram todos civis, porém comportavam-se pior do que muitos "SS". Lewinsky marchava no meio da formação, tendo ao lado Willy Werner. Arranjaram-se, na divisão dos pelotões, de maneira a ficar no mesmo grupo. Não tendo sido escolhidos individualmente por números, mas, apenas, requisitados quatrocentos homens para aquela tarefa e não tendo havido muitos voluntários, não fôra difícil aos dois, aquêlê manejo. Tinham boas razões para desejarem estar juntos, e já de outras vezes haviam conseguido a mesma combinação.

Os quatrocentos homens marchavam vagarosos. Durante o trabalho, dezesseis dêles tinham entregue os pontos. Doze podiam ainda se arrastar, amparados nos companheiros. Dois dos outros quatro, vinham colocados em tôscas padiolas e dois simplesmente carregados pelos pés e pelas cabeças.

O caminho para o campo era longo. Faziam os presos darem uma volta enorme para evitarem o centro da cidade. Os "SS" não desejavam que o mísero cortejo fôsse visto pelo povo e, agora, também queriam impedir que os detentos tivessem uma idéia da devastação que reinava.

Aproximavam-se de um bosquezinho de bétulas, cujos troncos tinham reflexos sedosos à luz do crepúsculo. Os guardas "SS" e os cabos se distribuíram pelo meio da formação. Os "SS" estavam atentos com os fuzis prontos para atirar. Os presos prosseguiram marchando. Pássaros chilreavam entre os ramos aureolados por uma penugem verde que anunciava a primavera. Nas valas cresciam os primeiros botões de neve e as primeiras primúlas. Ouvia-se o rumorejar de água, mas os homens passavam indiferentes, aniquilados de fadiga. Saindo do bosque, encontraram-se de novo nos campos e nos prados. Os guardas, afrouxando a vigilância, reuniram-se outra vez num grupo.

Lewinsky caminhava bem rente a Werner. Estava agitado:

— Onde guardou? — perguntou sem mexer os lábios.

Werner fez um pequeno movimento apertando o braço de encontro à costela.

— Quem foi que achou?

— Münzer, no mesmo lugar.

— Da mesma marca?

Werner acenou que sim.

— Já temos tôdas as peças?

— Já. Münzer poderá montá-lo.

— Encontrei um punhado de cartuchos. Não sei se servem. Tive de escondê-los imediatamente. Tomara que sirvam!

— De qualquer modo precisaremos dêles.

— Alguém arranjou mais alguma coisa?

— Münzer achou várias peças de revolver.

— No mesmo lugar de ontem?

— Foi.

— Alguém deve ter pôsto ali.

— Claro. Alguém de fora.

— Algum dos operários.

— Com esta é a terceira vez que achamos qualquer coisa naquêlê lugar. Não pode ser um acaso.

— Terá sido um dos nossos que trabalha na seção de munições?

— Não. Nenhum dêles passa por aqui. Além do mais nós o saberíamos. Deve ser alguém de fora.

Havia muito tempo que o bloco de resistência subterrânea tentava arranjar algumas armas. Era muito provável que no último momento os "SS" desesperados, tentassem liquidar todos os que tivessem à mão. Por isso os presos se esforçavam para não estar completamente indefesos, mas até então, tinha sido quase impossível obter qualquer coisa. Só depois dos bombardeios, durante a remoção do entulho, é que começaram a aparecer num certo sítio, armas ou peças avulsas. Estavam sempre dissimuladas sob os escombros, evidentemente escondidas por gente que trabalhava ali e que se aproveitava da confusão do desmoronamento. Essa foi a razão pela qual, de um dia para outro, tantos voluntários se tinham apresentado para aquêlê serviço. Eram todos homens de confiança.

Atravessavam um campo, onde havia um pasto cercado de arame. Duas vacas de pêlo branco e avermelhado se aproximaram da cêrca resfolegando. Uma delas mugiu. Os grandes olhos brilhavam cheios de doçura. Poucos prisioneiros viraram a cabeça. Aquêlê espetáculo ainda os tornava mais famintos.

— Acha que antes da ordem de dispersar, vão nos examinar?

— Por quê? Ontem não examinaram ninguém. Nosso destacamento não está trabalhando nas proximidades das munições. Só no serviço de desentulho, não costumam examinar.

— Não se pode saber. Talvez tenhamos de jogar tudo fora.

Werner olhou para o céu iluminado de ouro, rosa e azul.

— Já estará mais para escuro quando chegarmos. Veremos o que acontecerá. Enrolou bem os cartuchos?

— Enrolei num trapo.

— Está bom. Havendo alguma dúvida V. passa tudo para Goldstein que está atrás, êle passará para Münzer, que por sua vez, passará a Remme e assim por diante. Um dêles acabará jogando fora. Se estivermos de azar e houver "SS" por todos os lados, deixe cair no meio do grupo. Não atire para um lado. Assim não saberão exatamente quem foi. Espero que o destacamento de desmonte chegue junto conosco. Müller e Ludwig estão

avisados. No caso de inspeção corporal, êles farão como se tivessem compreendido mal a ordem e se movimentarão ao mesmo tempo que nós; na confusão dar-se-á um jeito de sumir o pacote.

A estrada fazia uma curva e atingia a cidade numa comprida reta ladeada de hortas e caramanchões, onde homens em mangas de camisa estavam trabalhando. Poucos levantavam a cabeça para olhar. Todos já conheciam os prisioneiros. Dos quintais subia o cheiro da terra revolvida. Um galo cantou. Aos lados viam-se placas com avisos aos automobilistas: Atenção — Curva 27 Km até Holzfelde.

— Que é aquilo lá adiante? — Perguntou Werner. — Será o destacamento do desmante?

Distante, via-se uma massa ondulante. Estavam muito afastados para se poder distinguir.

— Provavelmente — disse Lewinsky.

— Estão chegando antes de nós. Pode ser que ainda os alcancemos.

Virou-se. Atrás dêle Goldstein, com os braços passados pelos ombros de dois outros, se arrastava trôpegamente.

— Vamos trocar — disse Lewinsky aos dois. — Perto do acampamento vocês tornarão a segurá-lo.

Amparou Goldstein de um lado, enquanto Werner fazia o mesmo do outro lado.

— Êste miserável coração — sussurrou Goldstein. 40 anos de idade e o coração arrebatado. O tipo da idiotice.

— Por que é que veio? — Perguntou Lewinsky. — Poderia ter sido mandado para a seção de sapatos.

— Quis ver que cara as coisas tinham do lado de fora da prisão. Um pouco de ar puro. Foi um êrro.

Goldstein teve um sorriso penoso no rosto acinzentado.

— V. vai se restabelecer — ponderou Werner. — Apoie-se bem em nossos ombros. Poderemos carregá-lo com facilidade.

O céu perdera as côres brilhantes de ainda há pouco. Estava desmaiado. Das colinas se projetavam sombras azuladas.

— Ouçam — soprou Goldstein — escondam tudo o que fôr preciso nas minhas roupas. Se fizerem inspeção, só vocês serão examinados e talvez as padiolas. Nós, os molambos, êles deixarão de lado. Já nos consideram liquidados.

— Se examinarem, não deixarão nenhum escapar — afirmou Werner.

— Não. Não a nós que entregamos os pontos. Há outros que foram caindo pelo caminho. Podem esconder tudo embaixo da minha camisa.

Werner trocou um olhar com Lewinsky:

— Deixe estar, Goldstein, havemos de dar um jeito.

— Não. Escondam em mim.

Os outros não responderam.

— Para mim é indiferente se fôr apanhado. Para vocês não.

— Besteira.

— Não se trata nem de espírito de sacrifício nem de grandes gestos. O caso é que já estou acabado e nada mais tem importância.

— Veremos isso. Ainda temos mais de uma hora de caminhada. Antes do acampamento V. vai voltar para a sua fileira. Se houver qualquer coisa, nós lhe passaremos os pacotes e V. os entregará a Münzer, está ouvindo? A nenhum outro.

— Sim.

Uma mulher passou de bicicleta. Era gorda, usava óculos e levava uma caixa de papelão no guidom. Virou a cabeça para o outro lado. Não queria ver os prisioneiros.

Lewinsky mirou-a um momento, depois voltou a olhar fixamente para a frente.

— Aquilo lá adiante não é o pelotão de desmorte.

A massa escura estava mais perto. Não estavam seguindo na mesma direção, vinham em sentido contrário. Agora podiam reconhecer com nitidez uma grande quantidade de gente que não vinha marchando e caminhava em desordem.

— São novos que chegam ou um grupo que vai sendo transportado? — perguntou alguém atrás de Lewinsky.

— Não estão escoltados por gente da “SS” e não se dirigem para o acampamento. São civis.

— Civis?

— Vê-se perfeitamente. Estão de chapéu. São homens, mulheres e crianças, muitas crianças, tudo misturado.

As duas colunas sempre avançando, se encontravam a pouca distância uma da outra.

— Para a direita! — gritaram os “SS”. O máximo para a direita! A coluna da extrema direita siga pela vala. Vamos!

Os guardas corriam ao longo das fileiras:

— Para a direita, mais para a direita. Deixar livre a metade esquerda da rua. Aquê! que se afastar levará fogo!

— São as vítimas dos bombardeios — disse Werner baixinho de repente. — É gente da cidade. São fugitivos.

— Fugitivos?

— Fugitivos — repetiu Werner.

— Parece que tem razão — acrescentou Lewinsky apertando os olhos. — São mesmo fugitivos... porém, desta vez fugitivos alemães.

A palavra percorreu tôdas as fileiras: Fugitivos! Fugitivos alemães! Inacreditável. Depois de terem vencido por tôda a Europa, durante anos, fazendo populações debandarem em sua frente, eram obrigados, agora, a fugir dentro de sua própria pátria.

Mulheres, crianças, homens idosos, trazendo embrulhos, trouxas, bôlsas, malas. Os que possuíam um carrinho, empurravam-no carregado com os objetos de mais utilidade. Moviam-se sem ordem, uns atrás dos outros, acabrunhados.

Os dois cortejos estavam lado a lado. O silêncio tornara-se completo. Ouvia-se apenas o rumor dos passos pela estrada. Sem que fôsse pronunciada uma pa'avra, a atitude dos prisioneiros, num instante, começou a se modificar. Não haviam trocado um olhar de compreensão, mas era como se uma ordem muda tivesse percorrido as filas daque'la coluna de homens semimortos de fadiga, de miséria e de fome. Como se uma centelha a'astrando-se pelo sangue, tivesse despertado aquêles cérebros e

aquêles nervos, ao mesmo tempo que lhes enrijecia os pobres músculos. E as trôpegas fileiras principiaram a marchar. Os pés se erguiam, as cabeças se aprumavam, as fisionomias ficavam duras, os olhos tinham vida.

— Larguem-me — disse Goldstein.

— Absurdo.

— Larguem-me, enquanto aquêles estiverem passando!

Largaram-no. Êle vacilou, mordeu os lábios e se firmou nas pernas. Lewinsky e Werner se encostaram bem a êle, mas não precisaram ampará-lo. Colara os ombros aos ombros dos outros dois, respirava alto, porém de cabeça levantada ia marchando sôzinho.

Tôda a formação tinha acertado o passo num só ritmo. Um grupo de belgas, de franceses e de poloneses que havia entre êles, marchavam também.

As duas colunas estavam lado a lado. Os alemães iam em demanda de pequenas aldeias, mas não dispunham de condução por via férrea. A estação fôra destruída, precisavam palmilhar todo o caminho. Alguns civis com braçadeiras de "SS" dirigiam o bando. As mulheres estavam abatidas, algumas crianças choramingavam, os homens olhavam fixamente para a frente.

— Foi assim que tivemos de fugir de Varsóvia — sussurrou o polonês atrás de Lewinsky.

— E nós de Liège — acrescentou o belga.

— Em Paris foi a mesma coisa.

— Conosco foi muito pior. Muitíssimo pior. Enxotaram-nos de maneira mais cruel.

Não se poderia dizer que acalentassem desejos de vingança. Falavam sem ódio. Mulheres e crianças eram iguais em tôda a parte e, em geral, os inocentes é que pagam pelos culpados. Naquela multidão, haveria decerto inúmeras criaturas que conscientemente nunca teriam desejado ou executado algo que justificasse tal destino. Não era êsse o pensamento que animava os prisioneiros. Era algo bem mais complexo, que nada tinha de individual, que pouco se relacionava com a cidade ou com a terra e, mesmo quase nada com a nação. A vaga concepção de uma justiça tremenda, impessoal, os empolgou enquanto os dois cortejos se cruzavam — o mundo, abalado por um crime, deixava-o impune; os direitos do homem tinham sido

violados, quase destruídos; haviam escarrado nas leis da natureza, dilacerando-as; o roubo tornara-se legal; o assassínio recompensado; o terror era o régimen mas agora, inesperadamente, naquele curto lapso de tempo, quatrocentas vítimas de tamanha arbitrariedade, sentiram que já era bastante. Uma voz se elevando, o pêndulo retrocedeu. Perceberam que não só os povos e as nações seriam libertados, tratava-se dos próprios ditames da vida — era aquela força para a qual existem tantos nomes e cuja expressão mais antiga e mais simples é: Deus. — E isso se chamava humanidade.

As duas colunas já tinham se afastado. Por um momento parecera que os fugitivos eram os prisioneiros e que os reclusos eram criaturas livres. Duas carroças puxadas por cavalos brancos, carregadas de bagagem, fechavam o cortejo. Os “SS” corriam por todos os lados espreitando um gesto, uma palavra, mas nada aconteceu. Pouco a pouco os pés recomeçaram a se arrastar pelo caminho. A exaustão prostrava-os novamente e Goldstein voltou outra vez a se arrimar aos ombros de Lewinsky e de Werner, no entanto, logo que se tornaram visíveis os muros do acampamento, pintados de vermelho e preto e o seu portão de ferro encimado pelo dístico: “A cada um o que lhe é devido”, os prisioneiros passaram a interpretar de maneira diferente aquelas palavras que, para eles, durante anos, representavam uma ironia trágica.

A banda esperava à entrada, tocando a marcha “Fredericus Rex”. Por detrás estava o pessoal da “SS” acompanhando o segundo chefe de campo. Os presos começaram a marchar.

— Pernas erguidas! Olhar à direita!

O pelotão de desmonte ainda não chegara.

— Descansar! Contagem!

A contagem ia sendo feita. Lewinsky e Werner ouviram o chefe de acampamento gritar:

— Inspeção corporal! O primeiro grupo para a frente.

Com movimentos cautelosos tôdas as peças foram escorregando para dentro da camisa de Goldstein. Lewinsky sentiu que o suor lhe escorria pelo corpo.

O chefe de destacamento Günther Steinbrenner, que, como um cão de fila estava de guarda percebendo indistintamente um gesto qualquer, abriu caminho aos socos até o lugar onde se encontrava Goldstein. Werner apertou os lábios. Se os objetos já não estivessem com Münzer ou com Remme, iria tudo por água abaixo.

Antes, porém, que Steinbrenner o tivesse alcançado, Goldstein caíra no chão. Steinbrenner deu-lhe um pontapé:

— Levante-se, cão imundo!

Goldstein fez uma tentativa. Chegou a ficar de joelhos, mas soltou um gemido e, enquanto uma espuma branca lhe escorria da boca, tornou a rolar por terra, onde ficou estirado.

Steinbrenner observou aquela cara cinzenta com os olhos revirados. Deu-lhe ainda um pontapé, refletindo que talvez um fósforo aceso encostado ao nar'z fizesse aquêlê imbecil voltar a si. Lembrou-se, porém do ridículo em que caíra quando esbofeteara um morto e achou melhor evitar uma segunda experiência. Rosnando voltou ao seu lugar.

— O quê? Estes não são os que estavam na seção de munições? — perguntou entediado o segundo chefe de campo.

— Não. Estes são os da remoção de entulho.

— Ah! Onde é que estão os outros, então?

— Vêm justamente subindo a ladeira — explicou o "SS" que tinha comandado os pe'otões.

— Bom, se é assim, faça desimpedir o terreno. Esta caterva não precisa ser examinada. Depressa!

O primeiro grupo para trás. Marchem, marchem!

Goldstein ergue-se. Estava vacilante, mas conseguiu manter-se junto com o grupo.

— Atirou fora? — perguntou-lhe Werner num cio, quando o outro estava rente a êle.

— Não.

Marchavam para o interior do acampamento. Os "SS" já não estavam mais se preocupando com êles. Por

detrás surgiu o pelotão das munições. Aquêles seriam rigorosamente examinados.

O rosto de Werner se desanuviou.

— Não mesmo?

— Não.

— Quem é que ficou com as coisas, Remme?

— Eu.

Marcharam para o pátio de chamada, onde fizeram alto.

— O que teria acontecido se V. não pudesse mais se levantar? — perguntou Lewinsky. — Como poderíamos apanhar as coisas sem sermos vistos?

— Eu poderia me levantar.

— Como?

Goldstein sorriu.

— Antigamente desejei ser ator.

— V. fingiu aquilo tudo?

— Tudo não. A última parte.

— A espuma da bôca também?

— Um truque do tempo de escola.

— É, mas de qualquer jeito era melhor ter passado adiante. Por que não tentou? Por que guardou tudo com V.?

— Já expliquei antes.

— Cuidado — soprou Werner — os “SS” vêm vindo. Todos se perfilaram.

11

O novo transporte de prisioneiros chegou durante a tarde. Eram cêrca de 1.500 homens que se arrastaram até o alto da colina onde ficava o acampamento. Entre êles havia menos inválidos do que seria de esperar. Os que fraquejavam durante o caminho, eram sumàriamente liquidados.

Foram longas as formalidades para penetrarem no campo. Os “SS” que os acompanhavam, tentavam fazer passar algumas dúzias de mortos, cujos nomes se haviam esquecido de riscar das listas. A burocracia do campo, porém, era inflexível. Exigia que cada um fôsse individual-

mente apresentado, morto ou vivo, só admitindo a entrada dos que estivessem vivos. Houve, então, um incidente que muito divertiu o pessoal da "SS": Enquanto o cortejo esperava diante da porta de entrada, muitos infelizes caíram prostrados de fadiga. Os camaradas faziam o possível para ampará-los, mas quando foi comandado o passo acelerado, tiveram de deixar as pobres vítimas entregues à sua própria sorte. Umhas duas dúzias delas ficaram espalhadas pelo caminho a uma distância de duzentos metros da entrada. Gemiam, estertoravam. Alguns piam apenas como uma ave ferida e outros já muito fracos para gritar, tentavam um último esforço para se levantar, os olhos dilatados pelo medo. Sabiam o que os esperava, caso não se pudessem mais erguer. Tinham visto, durante o trajeto, centenas de companheiros fulminados com um tiro na nuca.

Os "SS" divertiram-se com a situação.

— Vejam como nos imploram para entrar no campo de concentração — gritou Steinbrenner.

— Vamos! Vamos! — animavam os "SS" que os tinham acompanhado.

Os desgraçados tentavam engatinhar.

— É uma corrida de tartarugas — rejubilou-se Steinbrenner. Aposto no careca que está no meio.

O careca avançava pelo asfalto escorregadio, com as pernas e os braços bem abertos, parecendo um sapo cansado. Passou um companheiro que se esforçava por ficar a quatro, mas que não conseguia ganhar terreno porque os braços, não suportando o peso, escorregavam sempre. Todos esticavam o pescoço de um modo estranho — ao mesmo tempo hipnotizados pelo portão salvador e numa tensão angustiante para ouvir se atrás deles estavam atirando.

— Vamos, careca, vamos!

Os "SS" faziam alas. Duas detonações se fizeram ouvir um pouco atrás. Um chefe do pelotão recém-chegado, rindo-se, guardava o revólver. Tinha atirado para o ar.

Os infelizes detentos foram tomados de pânico insopitável, julgando que os dois últimos do grupo, acabavam de ser fuzilados. Com a aflição, progrediam ainda menos do que antes. Um deles desistiu. Estendeu os

braços para a frente e juntou as mãos. Tinha os lábios trêmulos e sobre a sua fronte se formavam grossas bagas de suor. Um outro se esticou no chão calmo e resignado, o rosto escondido nas mãos. Deitara-se para esperar a morte e não fez mais nenhum movimento.

— Ainda 60 segundos — berrou Steinbrenner. — Mais um minuto e as portas do paraíso serão fechadas. Aquêles que não tiverem entrado, ficarão do lado de fora.

Olhou o relógio de pulso e mexeu no portão como se fôsse fechá-lo. Um côro de gemidos dos míseros despojos humanos foi a resposta. O chefe do pelotão atirou outra vez. Pernas e braços se agitaram desesperadamente. Só aquêle que tinha se deitado com o rosto nas mãos, não fez nenhum movimento. Renunciara à luta.

— Hurra! — explodiu Steinbrenner. — Meu careca venceu. — Deu-lhe um pontapé nas nádegas para encorajá-lo.

Dentro em pouco, grande parte dos outros cruzava a entrada, mais da metade, porém, ainda estava do lado de fora.

— Mais trinta segundos — anunciou Steinbrenner numa voz de locutor de rádio que está comunicando a hora certa.

Os gemidos e os movimentos redobram de intensidade. Dois presos ficaram prostrados no meio do caminho com os braços e as pernas na posição de quem vai nadar. Não tinham mais força para continuar. Um deles rompeu a soluçar numa voz de falsête.

— Está guinchando como um rato — comentou Steinbrenner que continuava a olhar o relógio de pulso:

— Ainda 15 segundos.

Seguiu-se um novo estampido. Desta vez, porém o "SS" não tinha atirado para o ar. O homem com o rosto nas mãos teve um estremecimento e ficou bem espichado sobre o solo. O sangue formava uma coroa negra em redor de sua cabeça, como a auréola de um santo. O prêso que ficara rezando, fez esforço para pular, mas só conseguiu firmar-se num joelho. Escorregou de lado e depois de costas. Fechou os olhos numa careta e agitou os braços e as pernas para o ar como um recém-nascido no berço. Uma salva de gargalhadas acompanhou-lhe os movimentos.

— Como é que vais liquidá-lo, Robert? — perguntou o “SS” que havia abatido o homem ao lado. — Por detrás, na altura do peito ou no nariz?

Robert contornou o prêso que continuava a se agitar. Parou um momento refletindo, então atirou-lhe de lado, na têmpora. A vítima curvou-se para a frente, bateu algumas vezes com as botas no calçamento e caiu para trás. Devagar encolheu uma das pernas e esticou-a de novo. Tornou a encolher e a esticá-la, encolheu-a...

— Este V. não apanhou direito, Robert.

— Não — respondeu Robert com indiferença, sem ligar à crítica. — São os últimos reflexos nervosos.

— Fechar! — Ordenou Steinbrenner. — Esgotou-se o prazo. Fechem!

Os guardas começaram realmente a fechar as portas, devagar. Gritos de pavor se elevaram.

— Façam o favor de não empurrar assim, meus senhores — aconselhou Steinbrenner com os olhos brilhantes. — Um depois do outro. E ainda haverá quem diga que nós aqui não somos estimados?

Mais três não conseguiram atingir o portão. Ficaram a poucos metros. Robert liquidou dois, dando-lhes tiros na nuca. O terceiro, porém, acompanhava-lhe os movimentos. Estava meio sentado e quando Robert acercou-se-lhe das costas, virou-se e fixou-o como se, com o olhar, pudesse deter a bala. O “SS” tentou por duas vezes, mas em cada tentativa o outro se virava num último esforço de modo a poder encará-lo. Por fim Robert sacudiu os ombros:

— Como quiseses. — E atirou-lhe no meio do rosto.

Guardou a arma:

— Com este, foram 40.

— 40 que V. liquidou? — perguntou Steinbrenner que se tinha aproximado.

O “SS” balançou a cabeça:

— Neste transporte.

— Puxa vida. V. é um colosso.

Steinbrenner mirava-o com inveja como se o outro tivesse batido um recorde numa competição esportiva. Robert era pouco mais velho do que ele.

— A isto se chama ter classe.

Um chefe de destacamento mais idoso chegou-se a eles.

— Vocês com êsse tiroteio! Agora vai haver um espetáculo para se organizarem as listas. Aqui estão fazendo tanta complicação como se nós tivéssemos trazido um cortejo de príncipes.

* * *

Três horas depois de terem começado as formalidades para a admissão dos novos presos, 36 dêles tinham caído. Quatro eram cadáveres. Desde manhã não tinham recebido uma gôta de água. Dois presos do bloco 6 que tinham tentado levar-lhes uma lata de água enquanto os "SS" estavam distraídos, tinham sido surpreendidos e agora balouçavam nas traves, com os braços deslocados, perto do crematório.

Os assentamentos continuavam. Duas horas mais tarde, sete defuntos e mais de 50 semimortos se espalhavam pelo chão. A partir das 6 horas o trabalho se acelerou. Havia sucumbido 12 e mais de oitenta estavam estirados por tôda a parte. Às 7 horas, 120 corpos jaziam por terra e já não era mais possível distinguir os que estavam mortos dos que estavam vivos.

Às 8 horas o registro dos homens que ainda se podiam manter nas pernas estava terminado. Tinha escurecido e o céu estava cheio de nuvenzinhas como um rebanho prateado. Os destacamentos que trabalhavam fora principiavam a regressar. Tinham trabalhado horas suplementares para dar tempo de se fazerem as inscrições dos recém-chegados antes que voltassem. O pelotão do desentulho tinha, pela 5.^a vez, achado armas e sempre no mesmo lugar. Dessa vez havia também um bilhete: "Estamos pensando em vocês". Sabiam há muito que era gente da fundição que ali colocava aquêles objetos para êles.

— Repare na confusão que vai por aí. Desta ainda escaparemos.

Lewinsky apertava um embrulho chato debaixo do braço.

— É pena que não tenhamos encontrado hoje muito mais coisas escondidas. Creio que dentro de mais uns dois dias, os trabalhos de desentulho estarão terminados.

— Abram passagem! — comandou Weber. — Faremos a chamada mais tarde.

— Raios o partam. Poderíamos ter trazido até um canhão. Com uma sorte dessas!

Dirigiram-se diretamente para as barracas.

— Os recém-chegados para a desinfecção — ordenou Weber. — Não queremos aqui nem tifo nem sarna. Onde está o cabo encarregado?

O cabo se apresentou.

— Os troços dêsses camaradas precisam ser todos desinfetados — disse Weber. — Temos vestuário suficiente para trocar?

— Às suas ordens sr. chefe de campo. Há 4 semanas recebemos 2.000 peças de roupa.

— Exato.

Weber recordou-se. As roupas tinham vindo de Auschwitz. Nos campos de extermínio havia sempre material bastante para mandar a outros campos.

— Vamos! Depressa para as tinas.

A ordem fêz-se ouvir:

— Despir! Para o banho. Uniformes e roupa de baixo para trás. Objetos particulares para a frente.

Um frêmito perpassou pelas sombrias fileiras. A ordem podia ser tanto para banho como para a câmara de gás. Naquelas celas também se entrava despido com o pretexto de ir tomar banho. As torneiras se abriam, mas em lugar de água saía o gás mortífero.

— Que é que vamos fazer? — indagou baixinho Sulzbacker a Rosen que estava a seu lado. — Fingimos um desmaio?

Começaram a se despir. Sabiam que suas vidas talvez dependessem de uma decisão tomada naqueles instantes. Não conheciam o acampamento; se se tratasse de um campo de exterminação, mais valia fingir um desmaio. Ganhava-se assim mais algum tempo. Os prisioneiros desacordados eram raramente conduzidos às câmaras de gás. Aquê!e estratégia era capaz de dar bom resultado. No entanto, se fôsse mesmo um banho, fingir uma síncope era perigoso. Poderiam liquidá-los logo com uma injeção.

Rosen observou que ninguém se incomodava em reanimar os que jaziam desacordados pelo chão. Era um bom sinal. Se fôsem câmaras asfixiantes, teriam in-

terêsse em terminar logo com o maior número possível.

— Não, murmurou. Ainda não.

As escuras fileiras de ainda há pouco eram agora branco-sujas. Os presos estavam todos nus. Cada um representava uma criatura, mas quase já se tinham esquecido disso.

* * *

Os pelotões passaram por uma enorme tina cheia de microbicida. Na rouparia receberam peças limpas. Depois foram reunidos para a chamada.

Vestiram-se com rapidez. Tanto quanto era possível, sentiam-se aliviados; não tinham sido transportados para uma chacina. As vestes que lhes tinham fornecido eram as mais extravagantes. Coubera a Sulzbacher, à guisa de cuecas, umas calças de lã, de mulher, com enfeites vermelhos. A Rosen, a sobrepeliz de um sacerdote. Eram roupas que tinham pertencido a mortos. Uma estava furada por bala; e conservava ainda uma amarelada nódoa de sangue. Aquilo tinha sido limpo superficialmente. Uma parte dos presos recebera tamanco pontudo, proveniente de um campo de concentração holandês que fora extinto. Verdadeiros instrumentos de tortura para pés que não estavam afeitos àquela espécie de calçado e que estavam sangrando pela longa caminhada.

A divisão pelos blocos ia começar, quando as sereias de al'arme se fizeram ouvir. Todos os olhares se fixaram no chefe do acampamento.

— Continuem — bradou Weber através o estrépito.

Cabos e "SS" corriam nervosos em tôdas as direções. As filas dos presos permaneciam impassíveis; só os rostos estavam um pouco levantados e brilhavam pàlidamente à luz da lua.

— Abaixem a cabeça — gritou Weber.

Os cabos e os "SS" percorreram as fileiras repetindo a ordem. Eles mesmos, de vez em quando olhavam para o alto. As ordens perdiam-se no tumulto. Precisaram servir-se dos cassetetes.

Weber, com as mãos nos bolsos, andava de um lado para outro. Desistira de proferir ordens.

Neubauer chegou apressado.

— Que é que há, Weber? Por que razão o pessoal ainda não está nas barracas?

— A distribuição ainda não foi feita — respondeu Weber fleumático.

— Não tem importância. Aqui é que não podem ficar. Seriam tomados por tropas de soldados.

O ruído das sereias tinha-se intensificado.

— Muito tarde — resmungou Weber. — Em movimento serão ainda mais visíveis.

Parou e fitou o comandante. Neubauer compreendeu bem aquêle olhar — o outro estava esperando vê-lo correr ao abrigo antiaéreo. Contrafeito, continuou ali de pé.

— Tamanho disparate — deblaterou — mandarem para cá toda essa gente. Devíamos reduzir os nossos e, por isso, nos empurram um transporte inteirinho. Absurdo! Por que não mandaram todo o bando para um campo de exterminação?

— Provavelmente porque os campos de exterminação se encontram muito a leste.

Neubauer olhou-o:

— Que foi que disse?

— Muito para leste. As estradas e as linhas de trem devem estar disponíveis para outros fins.

Neubauer começou a sentir outra vez aquela sensação de frio no estômago.

— Claro — disse para se acalmar. — Para o movimento de tropas que vão para a frente. Havemos de mostrar-lhes para quanto servimos.

Weber não deu resposta. Neubauer olhava-o amuado.

— Mande que todos se deitem. Não se assemelham tanto a uma formação de soldados.

— Às suas ordens.

Weber afastou-se alguns passos e comandou:

— Todos deitados!

— Deitados — repetiram os guardas "SS".

As fileiras caíram num movimento só. Weber voltara. Neubauer teria preferido regressar à sua casa, mas havia qualquer coisa na atitude de Weber que o estava aborrecendo. Ficou no mesmo lugar. "Ingrata

criatura”, pensou: “Acabou de receber a medalha do mérito militar e já está de novo com ares atrevidos. Grande coisa! Que é que tem a perder? Uns pares de penduricalhos atados ao seu estúpido peito de herói. Nada além disso. Vagabundo!”

Não houve nenhum bombardeio. Passados alguns minutos soaram as sireias anunciando o fim da alerta. Neubauer virou-se.

— O menos possível de luz! Procure apressar a distribuição. Na escuridão pouco se percebe. O que ficar faltando, os fiscais de bloco acertarão amanhã.

— Às ordens.

Neubauer não se mexeu. Observava “o recolher” dos recém-chegados. Os homens se levantavam com dificuldade. Muitos, esgotados, tinham adormecido e precisavam ser sacudidos pelos companheiros. Outros permaneciam deitados, impossibilitados de continuar.

— Os mortos para o crematório. Os desacordados que sejam carregados.

— Às ordens.

As filas reorganizadas, os pelotões marcharam para as barracas.

— Bruno! Bruno!

Neubauer sobressaltou-se. Sua mulher, passando o portão, vinha em direção ao pátio. Estava quase histérica.

— Bruno! Onde é que V. está? Aconteceu alguma coisa? V...

Esbarrou no marido e calou-se. A filha seguia-a de perto.

— Que é que vieram fazer aqui? — perguntou Neubauer furioso, mas controlado, porque Weber se encontrava nas imediações. — Como foi que entraram?

— A sentinela nos conhece perfeitamente. Como V. não voltava, julguei que tivesse acontecido qualquer coisa. Esses homens todos...

Selma olhava em redor como se estivesse acordando.

— Não lhes recomendei que ficassem na minha casa de serviço? Não as proibi terminantemente de virem até aqui?

— Mamãe estava fora de si, com medo — explicou Freya. — Essa sereia forte tão perto...

Os presos, atravessando o caminho principal, passavam bem perto dos três.

— Que é isto? — balbuciou Selma.

— Isso? Nada. Um transporte chegado hoje.

— Mas...

— Não há nenhum mas. Que foi que vieram fazer aqui?

Neubauer empurrava a mulher e a filha para fora do pátio.

— Vamos, depressa.

— Que aspecto eles tem!

Selma não podia apartar a vista das fisionomias que passavam banhadas por um raio de luar.

— O aspecto? São presos. Traidores da pátria! Que aspecto queria que tivessem? De capitalistas?

— E como estão vestidos...

— Bom, agora basta. Era só o que faltava, essa conversa fiada. São presos chegados hoje. Não temos nada que ver com eles. Ao contrário. Foram-nos enviados para que nós os alimentemos. Não é verdade, Weber?

— Exatamente, Sr. Comandante.

Weber relanceou um olhar meio brejeiro para Freya e se afastou.

— Agora já estão informadas. Tratem de desaparecer daqui. É proibida a entrada neste recinto. Isto não é nenhum jardim zoológico!

Continuava a empurrar as duas para fora. Receava que Selma deixasse escapar um comentário perigoso. Precisava estar atento de todos os lados. Não podia confiar em pessoa alguma. Em Weber também não. Fôra um azar que Selma e Freya tivessem aparecido logo no dia da chegada daquele transporte. Tinha se esquecido de recomendar-lhes que ficassem na cidade aquêlê dia. Aliás não teria adiantado, porque ao primeiro alarme, Selma teria subido imediatamente. Só o diabo sabia porque andaria tão nervosa. Uma mulher da sociedade que quando uma sereia soava, parecia uma garota.

— A sentinela vai se haver comigo. Deixá-las passar assim. Se isso é jeito. Qualquer dia deixará entrar todos que quizerem!

Freya virou-se para êle:

— Não creio que haja muita gente que deseje entrar aqui.

Neubauer perdeu o fôlego por um momento. Que era aquilo? Freya? Seu próprio sangue? Sua própria carne? A menina dos seus olhos? Rebelião? Fitou o rosto sereno da filha. Não tinha tido nenhuma intenção no que dissera. Não era possível. Tinha se expressado sem malícia. Neubauer riu sem entusiasmo:

— Isto é o que eu não sei. Os homens dêste transporte nos imploraram para entrar aqui. Suplicaram. Choraram. V. não imagina como estarão dentro de duas ou três semanas. Estarão irreconhecíveis. Êste é o melhor campo de concentração de tôda a Alemanha. Um verdadeiro sanatório.

* * *

Fora, no “pequeno acampamento”, estavam esperando duzentos homens. Eram os mais fracos. Amparavam-se uns nos outros. Sulzbacher e Rosen estavam entre êles. Os blocos não se tinham recolhido. Sabiam que Weber estava dirigindo pessoalmente a distribuição. Para evitar que 509 e Bucher fôssem vistos pelo chefe do campo, Berger os tinha mandado buscar o rancho. Voltaram, porém, de mãos vazias. A ordem na cozinha era que só seriam divididas as rações quando todos já estivessem acomodados.

Em parte alguma havia luz. Só Weber e o seu ajudante Schulte traziam lanternas que acendiam de vez em quando. Os fiscais de alojamento se apresentaram.

— Enfie êsse resto por aí — ordenou Weber ao segundo fiscal.

O fiscal dividiu o pessoal. Schulte controlava. Weber inspecionava para diante.

— Por que aqui tem menos gente do que lá? — perguntou indicando a seção D da barraca 22.

Handke, o fiscal do bloco perfilou-se:

— Porque o espaço aqui é muito menor do que do outro lado, Sr. Chefe de campo.

Weber acendeu a lanterna. O foco percorria as fisionomias imóveis. 509 e Bucher estavam para trás. O círculo luminoso escorregou pelo rosto de 509, ofuscou-o, passou para a frente e tornou a bater-lhe em cima.

— Este eu conheço. De onde?

— Já estou há muitos anos no acampamento, Sr. Chefe de campo.

O foco de luz baixou para o peito, no lugar do número.

— Já era tempo de estar liquidado.

— É um daqueles que há dias estiveram na administração, Sr. chefe de campo — anunciou Handke.

— É verdade. — A luz projetou-se de novo sobre o número. — Anote êsse número, Schulte.

— Perfeitamente, — respondeu o ajudante com uma voz fresca e juvenil. — Quantos devem ficar aqui?

— Vinte. Não, trinta. Terão de se apertar um pouco.

Schulte e o fiscal de alojamento contavam e anotavam. Da escuridão os olhos dos “veteranos” fixavam o lápis de Schulte. Não o viram escrever o número do 509. Weber não tinha dito qual era e a lâmpada fôra logo apagada.

— Pronto? — perguntou Weber.

— Perfeitamente.

— O resto pode ser feito amanhã pelo pessoal da administração. E vocês aí tratem de se apressar.

Weber seguiu pelo caminho central do acampamento, tranqüilo e confiante, acompanhado pelos chefes de destacamentos. Handke ainda se demorou por ali mais um pouco, depois rosnou:

— Os homens do rancho para a cozinha!

— Fiquem quietos — disse Berger a 509 e a Bucher. — Outros irão no lugar de vocês. Não se devem arriscar a encontrar Weber mais uma vez.

— Schulte anotou o meu número?

— Não vi.

— Não — afirmou Lebenthal. — Eu estava logo na frente e vi perfeitamente. Na pressa êle se esqueceu.

* * *

Os trinta recém-chegados ficaram imóveis ainda por algum tempo dentro da escuridão.

— Há lugar dentro das barracas? — perguntou finalmente Sulzbacher.

— Água, — disse uma voz rouca perto dêle. — Água. Dêem-nos água pelo amor de Deus.

Trouxeram um balde com água pela metade. A turba sedenta precipitou-se com tal ânsia que derramou tudo. Não tinham nenhuma vasilha para beber. Atiraram-se ao chão, tentando apanhar o liquido com as mãos. Gemiam. Os lábios estavam cobertos por uma crosta escura. Lambiam a terra molhada.

Berger notara que Sulzbacher e Rosen não tinham se atirado ao balde.

— Temos uma torneira por detrás da privada — explicou. — Pinga sòmente, mas esperando, dá para beber. Apanhem o balde e vão buscar.

Um dos novos objetou por entre os dentes:

— Enquanto isso ficam com a nossa ração.

— Eu vou — disse Rosen pegando o balde.

— Eu também. — Sulzbacher pegou no outro lado do balde.

— Fique V. aqui — ordenou Berger. — Bucher irá mostrar o caminho.

Os dois se afastaram.

— Sou o fiscal do alojamento, — Berger anunciou aos novos. — A ordem é mantida aqui dentro. Aconselhe-os a cooperarem. Do contrário terão vida curta.

Ninguém respondeu. Berger ignorava se algum tinha prestado atenção.

— Há lugar nas barracas? — tornou a perguntar Sulzbacher depois de uns minutos.

— Não. Para dormir, precisamos trocar uns com os outros, grande parte fica do lado de fora.

— Haverá alguma coisa para comer? Marchamos o dia inteiro sem receber ração.

— Os homens do rancho foram para a cozinha.

Berger não disse que para os novos não haveria comida.

— Meu nome é Sulzbacher. Isto aqui é um campo de exterminação?

— Não.

— Não mesmo?

— Não mesmo.

— Graças a Deus! Aqui não há câmaras asfíxiantes?

— Não.

— Graças a Deus, — repetiu Sulzbacher.

— Está falando como se tivesse vindo para um hotel — disse Ahasverus. — Espere um pouco para ver como são as coisas. De onde é que vem?

— Há cinco dias que estamos a caminho, e a pé. Éramos três mil. Nosso acampamento foi extinto. Os que não podiam mais se arrastar foram mortos a tiro.

— De onde é que vêm?

— De Lohme.

Uma parte dos novos continuava espichada no chão.

— Água — gemeu um. — Onde ficaram os que foram buscar água? Estão bebendo até se fartarem. Porcos!

— V. não faria o mesmo? — perguntou Lebenthal.

O homem encarou-o com um olhar ausente e tornou a pedir, mais sereno:

— Água. Água por favor.

— Vocês estão vindo de Lohme? — continuou Ahasverus.

— Estamos.

— Conheceram lá um Martim Schimmel?

— Não.

— E Moritz Gewurz? Um com o nariz achatado e sem cabelos.

Sulzbacher se esforçava para recordar.

— Não.

— Nem Gedalje Gold? Tinha só uma orelha — disse Ahasverus esperançoso. — Isto chamava a atenção. Estava no bloco 12.

— Bloco 12?

— Sim, há quatro anos.

— Ora essa!

Sulzbacher se afastou. A pergunta era idiota demais. “Há 4 anos, por que não há 400 anos?”

— Deixe-o em paz, Velho — disse 509. — Ele está fatigado.

— Eram amigos — murmurou Ahasverus. — A gente pergunta pelos amigos.

Bucher e Rosen voltaram trazendo o balde com água. Rosen estava sangrando. A sobrepeliz estava rasgada no ombro. O paletó estava aberto.

— Os novos estão se engalfinhando por causa da água — contou Bucher. — Mahner foi quem nos salvou. Tratou de pôr ordem lá dentro. Agora estão em fila para ganhar água. Aqui precisamos fazer o mesmo, senão derramam tudo outra vez.

Os novos tinham se levantado.

— Em fila — comandou Berger. — Todos terão a sua parte. Quem não fizer fila não recebe nada!

Todos obedeceram menos dois, que começaram a empurrar até levarem com o cassetete. Então 509 e Ahasverus trouxeram vasilhas e, um depois do outro, todos beberam.

— Vamos ver se ainda conseguimos mais um pouco — disse Bucher a Rosen e a Sulzbacher quando o balde se esvaziou. — Agora já não há mais perigo.

— Éramos três mil — repetiu Sulzbacher, sem sentido, automaticamente.

* * *

Os homens do rancho voltaram sem trazer ração para os recém-chegados. Imediatamente levantou-se uma contenda. Nas seções A e B houve pancadaria. Ali os fiscais de alojamento pouco podiam fazer. Os presos antigos eram todos “muçulmanos”, enquanto os novos que ainda não estavam tão largados foram mais espertos e mais ágeis.

— Precisamos ajudar um pouco — disse Berger baixinho a 509.

— No máximo sopa. Nada de pão. Nós precisamos mais do que eles que ainda não estão tão enfraquecidos.

— É por isso que temos de dividir um pouco. Do contrário eles tratarão de nos tirar à força. Não está vendo do outro lado?

— Está bem. Mas somente sopa. O pão precisamos para nós. Vamos falar com aquele que se chama Sulzbacher.

— Ouça — começou Berger. — Não recebemos ração para nenhum de vocês, mas vamos dividir a sopa que recebemos para nós.

— Obrigado — respondeu Sulzbacher.

— O quê?

— Obrigado.

Olharam-no assombrados. No acampamento mais ninguém estava habituado a agradecer.

— Será que V. nos poderá ajudar? — perguntou Berger. — Senão o seu pessoal é capaz de derrubar tudo outra vez. E agora não poderíamos arranjar mais nada. Haverá um outro de confiança?

— Rosen e os dois que estão com êle.

Os “veteranos” e os quatro novos rodeavam os homens com a ração. Berger tinha exigido que todos fizessem fila. A distribuição começou. Os novos não tinham marmitas. Precisavam comer ali mesmo e devolver o recipiente emprestado. Rosen vigiava para que ninguém já servido voltasse para a fila. Alguns dos mais antigos reclamara.

— Vocês receberão ração dupla amanhã — prometeu Berger. Foi apenas um empréstimo.

Voltou-se para Sulzbacher:

— Precisamos do pão para os nossos que são mais fracos do que vocês. Talvez amanhã cedo haja ração para vocês.

— Sim. Obrigado pela sopa. Restituiremos amanhã. Onde é que vamos dormir?

— Vou ver se posso desocupar algumas camas para vocês. Precisarão dormir sentados. De outra maneira não haverá lugar para todos.

— E vocês?

— Nós ficaremos aqui fora. Mais tarde os acordaremos e trocaremos com vocês.

Sulzbacher abanou a cabeça:

— Quando ferrarem no sono, ninguém será capaz de acordá-los.

Uma parte dos novos aliás já estava dormindo, com as bocas abertas, em frente às barracas.

— Que fiquem por aí — disse Berger e olhando em redor. — Onde estão os outros?

— Trataram de arranjar lugar lá dentro por conta própria. No escuro não é possível removê-los. Por hoje será preciso deixar as coisas como estão — disse 509.

Berger inspecionou o céu. “Pode ser que não faça muito frio. Podemos nos sentar bem encostados às paredes das barracas. Temos três cobertores.”

— Amanhã teremos de dar um jeito. Nesta seção não há violência — anunciou 509.

Acocoraram-se bem juntos. Todos os “veteranos” estavam do lado de fora. Até Ahasverus, Karel e o “Mastim”. Sulzbacher, Rosen e mais uns dez dos novos, juntaram-se ao grupo.

— Lamento — disse Sulzbacher.

— Besteira, V. não é responsável pelos outros.

— Posso vigiar — anunciou Karel. — Uns seis dos nossos vão morrer esta noite. Estão deitados mais atrás, à direita da porta. Quando estiverem mortos, poderemos carregá-los e usarmos as camas deles, sempre trocando uns com os outros.

— Como é que no escuro V. vai descobrir quem é que está morto?

— É muito fácil. Eu encosto a minha cara na cara deles. Vê-se logo. Se não respirarem, estão mortos.

— Até trazermos o corpo para fora, já um outro se deitou no lugar.

— Pois é. Eu verifico e venho avisar, respondeu prontamente Karel. Um de nós deita-se imediatamente na cama vazia enquanto outros carregam o corpo.

— Muito bem Karel — disse Berger. — Pode ficar de sentinela.

A noite começava a esfriar. Das barracas vinha o barulho de gemidos e de gritos de angústia durante o sono.

— Que sorte meu Deus — disse Sulzbacher dirigindo-se a 509. — Pensávamos que estávamos sendo transportados para um campo de exterminação. Será bom que não nos mandem mais adiante.

509 não respondeu. “Sorte?”, pensou. “De fato era uma sorte.”

— Que foi que aconteceu com vocês? — perguntou Ahasverus.

— Mataram todos os que não podiam mais andar. Éramos três mil homens.

— Sabemos, V. já contou uma porção de vezes.

— E — repetiu Sulzbacher desconcertado.

— Que é que viram pelo caminho? — perguntou 509. — Como é que está a Alemanha?

Sulzbacher refletiu algum tempo:

— Anteontem à noite, tínhamos água suficiente. Algumas pessoas nos davam algumas coisas. Outras não. Éramos muitos.

— Alguém nos deu quatro garrafas de cerveja — comentou Rosen.

— Não é disso que estou falando — disse 509 impaciente. — Como é que estavam as cidades? Muito destruídas?

— Não viemos pelo meio das cidades. Sempre por fora delas

— Não notaram nada absolutamente?

Sulzbacher olhou para 509.

— Observa-se pouco quando mal se pode andar e se está ouvindo um revólver atirando atrás da gente. Tropas não cruzaram conosco.

— Por que extinguíram o campo onde estavam?

— Porque a frente de combate estava se aproximando cada vez mais.

— O quê? Que é que sabe a respeito disso? Que foi que ouviu? Diga logo. Onde é que fica Lohme? A que distância fica do Reno? Longe?

Sulzbacher tentava conservar os olhos abertos:

— É... mais ou menos longe... 50 ... 70 Km... amanhã... agora quero dormir.

— São mais ou menos uns 70 Km, — disse Ahasverus — estive lá.

— 70? E daqui? — 509 principiou a contar. — 200... 250...

Ahasverus encolheu os ombros.

— 509 — disse com serenidade. — V. só pensa em quilômetros. Já refletiu que podem fazer conosco o mesmo que fizeram com êsses aí? Simplesmente extinguir o campo e nos enviar para diante... para onde? Que será de nós, então? Nós daqui não poderemos marchar.

— Quem não puder marchar será morto com um tiro.

Rosen se acordara num sobressalto e tornara a adormecer.

Ficaram todos silenciosos. Nenhum tinha feito aquêles cálculos. Uma sombria ameaça pairava sôbre todos. 509 olhou para as nuvenzinhas prateadas no céu. Depois voltou a vista para o vale, onde as ruas tinham reflexos pálidos dentro da escuridão.

“Não deveríamos ter dado a nossa sopa”, pensou. “Precisamos poder marchar... mas de que serviria? No máximo para uns minutos de marcha. Os recém-chegados tinham caminhado durante dias.”

— Talvez não matem os que não puderem marchar — disse.

— É claro que não — aquiesceu Ahasverus, com ironia amarga. — Vão nos a'imentar com carne, vão nos dar roupas novas e acenar-nos um adeusinho amigável.

509 levantou os olhos para o velho. Estava falando perfeitamente calmo. Nada mais o alterava.

— Lá vem Lebenthal — anunciou Berger.

Lebenthal sentou-se com os outros.

— Ouviu alguma novidade, Leo? — Perguntou 509.

Leo sacudiu a cabeça:

— Querem acabar com a maior parte dos que chegaram. Ainda não sabem ao certo como, mas deve ser logo; darão os mortos como tendo sucumbido em consequência da viagem. Foi Lewinsky que ouviu do escrevente ruivo.

Um dos novos levantou-se dormindo e deu uns gritos. Depois deitou-se de novo e continuou a roncar com a bôca aberta.

— Só estão pretendendo liquidar os que chegaram hoje?

— Lewinsky não sabia mais nada, disse que devemos ter cuidado.

— É. Precisamos estar de sobreaviso. — 509 calou-se um momento. — Devemos calar a bôca, não é? Foi isso que êle quis dizer?

— Claro. Que mais poderia ser?

— Se avisarmos os novos, êles tratarão de se precaver e os “SS” não conseguindo o número que tencionam virão em cima de nós — declarou Meyer.

— É isso mesmo — assentiu 509 enquanto olhava a cabeça de Sulzbacher apoiada em cheio no ombro de Berger. — Então vamos ficar de bico calado?

Era uma decisão dura. Se no fim das contas o número de novos não perfizesse a conta desejada, provavelmente o pessoal do “pequeno acampamento” seria escolhido para completar. Tanto mais que já não prestavam para nenhum serviço.

Permaneceram mudos durante muito tempo.

— Não temos nada que ver com os que chegaram — disse Meyer. — Precisamos cuidar de salvar a pele.

Berger esfregava os olhos inflamados. 509 puxava um lado do paletó. Ahasverus virou-se para Meyer:

— Se não temos nada que ver com êstes desgraçados — disse lentamente — então nada temos que ver com mais ninguém.

Berger ergueu a cabeça:

— É isso mesmo.

Ahasverus continuou sentado silencioso. No devastado rosto do ancião, os olhos encovados pareciam divisar mais além do que os outros podiam enxergar.

— Vamos avisar a êstes dois aqui — disse Berger. — Êles poderão prevenir os restantes. Mais não poderemos fazer porque, nós mesmos, não sabemos ao certo do que se trata.

Karel vinha saindo da barraca:

— Um já morreu.

509 levantou-se.

— Vamos trazê-lo para fora — e, virando-se para Ahasverus. — Venha, velho. Já ficará deitado para dormir.

12

Os blocos estavam enfileirados no pátio de chamada do “pequeno acampamento”. O chefe de destacamento Niemann balançava-se sobre os joelhos. Era um homem de cerca de 30 anos, de rosto fino, orelhas cabanas e um queixo fugidio. Tinha cabelos louros e usava óculos sem aros. Sem uniforme seria tomado por um modesto empregado de escritório. Aliás era o que tinha sido antes de ingressar na “SS” e tornar-se homem.

— Atenção! — Tinha uma voz aguda. — Os do novo transporte para a frente. Marchem.

— Cuidado — sussurrou 509 a Sulzbacher.

Uma fileira dupla se formou em frente de Niemann.

— Doentes e inválidos para a direita — comandou.

As fileiras se mexeram, porém ninguém passou para o outro lado. Estavam desconfiados. Já tinham visto coisas parecidas.

— Vamos, vamos. Quem precisar do médico e de curativos, para a direita.

Hesitando, alguns presos deram um passo à frente.

Nenhum ousava postar-se à direita.

— Que é que V. tem? — perguntou ao primeiro.

— Estou com os pés feridos e tenho um artelho quebrado.

— E V.?

— Uma hérnia dupla.

Niemann continuou a perguntar. Recusou dois presos. Era um truque para inspirar confiança aos outros. Morderam logo a isca. Imediatamente, uma porção deles se apresentou. Niemann acenou vagamente.

— Os doentes do coração para a frente. Gente que não pode mais fazer trabalho pesado, mas que ainda serve para cerzir meias e cortar solas.

Mais alguns se apresentaram. Niemann já tinha conseguido uns trinta e verificou que não conseguiria mais ninguém.

— Parece que os outros estão em forma — rosnou indignado. — Vamos verificar. Passo acelerado — marchem!

A fileira dupla pôs-se a correr pelo pátio. Sem fôlego, por duas vezes passaram pelos outros presos que continuavam irrepreensivelmente perfilados cientes de que o mesmo perigo os estava ameaçando. Se um dêles fraquejasse, era certo que Niemann o levaria também. Nenhum sabia o que lhes estava reservado.

A marcha continuava. Pela sexta vez contornavam o pátio. Estavam trôpegos, mas tinham compreendido que não os fariam correr daquêle jeito, só para ver quem é que estava em condições de trabalhar. Marchavam para conquistar o direito de continuar vivendo. Estavam banhados de suor e em seus olhos refletia-se desesperadamente a certeza da condenação à morte. Expressão de desespero lúcido que nenhum animal pode ter — só o homem.

Os que se tinham apresentado como doentes perceberam enim o que lhes estava preparado. Ficaram nervosos. Dois dêles pretenderam incorporar-se às colunas dos que estavam correndo. Niemann, percebendo, ordenou-lhes que voltassem, porém surdos pelo pavor, continuaram. Estavam com calçados de madeira que logo lhes caíram dos pés ensangüentados. Não tinham recebido meias na véspera, marchavam descalços e Niemann não os perdia de vista. Por algum tempo correram com os outros e quando a esperança já começava a animá-los, Niemann, dando uns passos à frente, deu-lhes uma ras-teira. Os infelizes caíram e tentaram se reerguer, mas Niemann, com um pontapé, atirou-os por terra de novo. Os pobres tentaram fugir de rastos.

— De pé — gritou com a sua voz de tenor esganiçado. — Para o outro lado.

Durante todo o tempo estivera de costas para a barraca 22. O carrossel da morte continuava. Quatro presos estavam por terra. Dois desacordados; um envergando um uniforme de *hussard*, recebido na noite anterior; o segundo usando uma camisa de mulher, enfeitada com rendas baratas, por baixo de uma espécie de *kaftan*. O cabo encarregado da rouparia achara ótima pilhéria vestir os recém-chegados com aquelas peças recebidas de Auschwitz. Havia mais uma dúzia de presos que estavam vestidos como se fôsem para o carnaval.

509 percebeu que Rosen meio curvado, mal se agüentando nas pernas, ia ficando para trás. Sabia que em poucos segundos o outro cairia aniquilado. "Não tenho nada que ver com isso", pensava. "Nada. Não quero fazer nenhuma tolice. Cada um cuide de si." O círculo tornava a se aproximar da barraca 22. 509 verificou que Rosen ficara por último. Rápido inspecionou tudo em redor e olhou para Niemann que continuava de costas para a barraca. Nenhum dos fiscais estava prestando atenção. Estavam todos entretidos com os dois que tinham levado a rasteira. Handke, com a cabeça esticada, avançara até um passo mais para a frente. 509 puxou Rosen pelo braço e o empurrou para trás.

— Depressa para dentro da barraca. Esconda-se lá.

Ouviu Rosen arquejando, sentiu uma espécie de movimento no meio das fileiras e não ouviu mais nada. Niemann não se apercebera de coisa alguma. Continuava com as costas voltadas para aquêle lado. Handke também não. 509 sabia que a porta da barraca estava escancarada. Esperava que Rosen tivesse entendido. Esperava também, que mesmo no caso de ser apanhado não viesse a traí-lo. Devia saber que, sem aquela ajuda, estaria irremediavelmente perdido. Niemann não contara os novos. Era uma *chance*. 509 sentiu os joelhos tremerem e a garganta sêca. O sangue tumultuava-lhe nas têmporas.

Furtivamente observou Berger que, impassível, continuava olhando o amontoado de presos que corria e dos quais sempre um número maior ia ficando estirado pelo chão. Seus traços contraídos denunciavam que tinha visto o que se passara.

A voz de Lebenthal ciciou:

— Já está lá dentro.

O tremer dos joelhos aumentou tanto que teve de se encostar em Bucher.

Havia calçado de madeira espalhado por tôda a parte. O pessoal não estava habituado e com a corrida os tã-mancos iam escorregando para todos os lados. Só dois continuavam a mantê-los desesperadamente nos pés. Niemann limpava os óculos. Tinham ficado embaciados com o calor que sentia ao ver os presos possuídos de pã-

nico, correrem, tropeçarem, reequilibrarem-se, tornarem a correr para cair mais adiante. Era uma quentura no estômago que subia para os olhos. Experimentara-a pela primeira vez, ao liquidar o seu primeiro judeu. Aliás não tivera intenção. Aquilo viera de repente. Até então, indivíduo recalçado e introvertido, quase tivera medo de bater no judeu. Quando porém viu o desgraçado cair-lhe aos pés suplicando-lhe a vida, sentiu súbitamente que se tornava um outro homem. Forte, arrogante. O sangue latejava-lhe nas veias. O horizonte se alargava. O insignificante e burguês apartamento de quatro peças simplesmente mobiliado, pertencente ao judeu das confecções assumiu, num relance, as dimensões dos desertos asiáticos de Gengis Khan. O empregadinho Niemann tornava-se um poderoso senhor. Decidia sobre a existência e a morte de criaturas. A vertigem do mando dominou-o, até que o primeiro golpe tombou sem que soubesse como, sobre a indefesa cabeça coberta de raros cabelos tingidos.

— Alto!

Os presos nem podiam acreditar. Julgaram que deveriam continuar correndo até exalar o último suspiro. As barracas, o pátio e as pessoas giravam confusamente diante de suas vistas turvas. Apoiavam-se uns nos outros. Niemann recolocou os óculos já bem limpos. Estava com pressa:

— Tragam os cadáveres!

Todos o encararam. Até então não havia nenhum morto.

— Os que caíram — corrigiu-se. — Os que ficaram pelo chão.

Os que ainda permaneciam de pé, trôpegos, começaram a suspender os camaradas pelas pernas e pelos braços. Num canto, havia um emaranhado de gente, formado pelos presos que tinham tombado uns sobre os outros. 509 observou Sulzbacher que, com dificuldade, emergia daquela confusão. Viu-o então dar pontapés na canela de um homem que ficara por baixo, puxá-lo pelos cabelos e pelas orelhas, conseguir, por fim, libertá-lo do grupo, pô-lo de joelhos e o infeliz retombar para a frente. Sulzbacher recomeçara a sacudi-lo com violência, segu-

rando-o por debaixo dos braços e tentando mantê-lo de pé. Em vão. Tornou a socá-lo para fazê-lo reanimar-se quando um fiscal de bloco o afastou. Sulzbacher, como um alucinado, voltou ao corpo inanimado, mas o fiscal do bloco deu-lhe um empurrão, julgando que o preso estivesse ajustando velhas contas com o outro infeliz.

— V. aí, animal desgraçado! Deixe o outro em paz. Não vê que de qualquer jeito ele vai ser liquidado?

Strohschneider chegou com o caminhão que servia para transportar os mortos. O motor sempre roncando como uma metralhadora. Parou junto aos corpos amontoados. O veículo principiou a ser carregado. Alguns que tinham acordado, tentaram escapulir. Niemann porém estava atento. Nenhum dos condenados deveria escapar-lhe. Vigia também os que se tinham apresentado como doentes.

— Aquêles que se apresentaram como enfermos, ponham os que caíram para dentro do caminhão. Os outros presos — debandar!

Os míseros se precipitaram para dentro das barracas à tôda velocidade, enquanto os corpos dos desacordados, enfileirados no pátio, iam sendo içados para dentro do caminhão.

Strohschneider dirigia o veículo lentamente, a fim de que os enfermos pudessem acompanhar a pé. Niemann seguia ao lado:

— Os sofrimentos de vocês vão ter um fim, anunciou às suas vítimas numa voz diferente, quase amigável.

— Para onde será que os vão levar? — perguntou um dos novos da barraca 22.

— Provavelmente para o bloco 46.

— Que é que acontece lá?

— Não sei — respondeu 509.

Não queria dizer o que se sabia no campo: que Niemann tinha umas garrafas de benzina e umas seringas de injeção no bloco de experiências n.º 46 e que dali nenhum prisioneiro saía com vida. No dia seguinte, Strohschneider recolheria os corpos para levar ao crematório.

— Por que razão você espancou aquêles desgraçados? — Perguntou 509 a Sulzbacher.

Sulzbacher encarou-o e não respondeu. Ficou sufocado como se tivesse engolido um chumaço de algodão e se afastou.

— Era irmão dêle — disse Rosen.

Sulzbacher vomitava, sem que de sua bôca saísse mais do que uma espuma esverdeada.

* * *

— O quê? Ainda anda aqui? Com tôda a certeza se esqueceram de V.

Handke, parado em frente a 509 mirava-o da cabeça aos pés. Era a hora da chamada e os blocos estavam do lado de fora.

— Iam anotar o seu número. Preciso me informar sôbre isso.

Balançava-se, encarando 509 com seus olhos salientes, de pupilas azul claro. 509 permanecia impassível.

— Que é que houve? — perguntou.

509 não dizia nada. Seria loucura irritar o fiscal do bloco. Calar era o mais aconselhável. Só podia esperar que Handke se esquecesse da história ou estivesse apenas pilheriando. Handke arreganhou os dentes amarelos e cheios de manchas.

— Então? voltou a perguntar.

— O número foi anotado — respondeu Berger com tranqüilidade.

— Sim? — Virou-se para Berger. — Tem certeza?

— Tenho. O chefe de destacamento Schulte anotou. Eu vi.

— No escuro? Está bem. — Handke continuava a se balançar. — Então não faz mal que eu me informe, não é?

Ninguém respondeu.

— Antes ainda pode encher a pança — anunciou, benevolente. — É inútil ir incomodar o chefe de bloco por sua causa. Tratarei disso no lugar competente, seu banquete de satanás!

Virou-se e rosnou:

— Atenção!

Boite se aproximava, apressado como sempre. Havia duas horas estava perdendo no jôgo e logo agora que tivera uma cartada feliz, precisara interromper. Cace-teado, desviou a vista do monte de mortos e tratou de desaparecer, logo que lhe foi possível. Handke ficou. Mandou os homens do rancho para a cozinha e se encaminhou para a cêrca que separava o acampamento das mulheres.

— Voltemos para as barracas. Basta um ficar do lado de fora para vigiá-lo.

— Eu fico — prontificou-se Sulzbacher.

— Avise quando êle for-se embora.

Os “veteranos” se agruparam na barraca. Era melhor não esbarrar com Handke.

— Que poderemos fazer? — perguntou Berger aprensivo. — Será que o porco estava falando sério?

— É provável que torne a se esquecer. Parece que está num dia de crise. Se ao menos tivéssemos um pouco de bebida para embriagá-lo!

— Bebida? — Lebenthal cuspiu para o lado. — Completamente impossível.

— Talvez tenha feito uma pilhéria — disse 509. Não acreditava muito, mas tais coisas já tinham acontecido. Os “SS” eram mestres naquêlo jôgo, conservar as pessoas numa constante tensão nervosa. Muitos não agüentavam até o fim — alguns se encostavam no arame eletrizado, outros acabavam com um colapso.

Rosen se acercou:

— Tenho algum dinheiro — sussurrou a 509. — Trouxe escondido. Pode guardar. São 40 marcos. Dê a êle. Era assim que fazíamos no outro campo.

Meteu-lhe a nota na mão. 509 recebeu-a quase sem notar que estava aceitando.

— Não vai adiantar. Êle aceitará, mas não deixará de fazer o que quiser.

— Prometa-lhe mais.

— E de onde é que vamos tirar mais?

— Lebenthal tem um pouco — disse Berger. — Não é verdade, Leo?

— Ê, eu tenho alguma coisa, porém se nós lhe despertamos a cobiça, virá todos os dias exigir nova propina

até que não tenhamos mais nada. E estaremos nas mesmas condições em que estamos hoje, desprovidos do dinheiro que possuíamos.

Ficaram todos em silêncio. Ninguém achava brutal o comentário de Lebenthal. Era objetivo, nada mais. Tratava-se de saber se valia a pena comprometer tôdas as possibilidades de comércio de Lebenthal, para conseguir apenas um adiamento de alguns dias na execução de 509. Os "veteranos" iam receber rações menores. Talvez tão reduzidas que alguns dêles viriam a sucumbir, mas nenhum teria hesitado em dar tudo o que dispunha, caso com isso pudesse realmente livrar 509, o que parecia improvável, depois da ameaça de Handke. Lebenthal tinha razão. Não se poderia arriscar a vida de uma dúzia de homens para prolongar a de um único por mais um ou dois dias. Era aquela a inexorável e tácita lei do acampamento. Graças à qual, um certo número dêles tinha conseguido resistir até então. Todos a conheciam, mas naquele caso não queriam admiti-la.

— Precisariâmos exterminar essa carniça — disse Bucher desanimado.

— Com o quê? — perguntou Ahasverus. — Ele é dez vezes mais forte do que nós.

— Todos reunidos com as nossas marmitas.

Bucher calou-se. Sabia que estava dizendo uma imbecilidade. Uma dúzia de presos seria enforcado, caso levassem a efeito a tentativa.

— Ele ainda está por aí? — perguntou Berger.

— No mesmo lugar.

— É provável que se esqueça.

— Se assim fôsse, não estaria esperando. Disse que esperaria até depois do rancho.

Um silêncio angustiante pesava na escuridão.

— V. poderia, ao menos, dar-lhe os 40,00 marcos — disse Rosen depois de algum tempo. — Esse dinheiro pertence unicamente a V. Eu dei a V. somente. Nenhum outro terá nada a perder com isso.

— Está certo — declarou Lebenthal. — Isto está certo.

509, pela abertura da porta espreitou a torva figura de Handke destacando-se do céu cinzento. Reviu, num

outro momento de perigo, certa cabeça sombria se destacando também de encontro ao céu. Não saberia precisar em que circunstâncias. Tornou a olhar pela porta e se admirou de estar indeciso. Uma vaga repulsão o dominava. Era a repulsão de precisar subornar Handke. Antes não conhecera aquêlê sentimento. Sentira medo simplesmente.

— Chegue até lá — animou Rosen. — Dê-lhe o dinheiro e prometa-lhe mais.

509 hesitava. Não compreendia o que se estava passando em seu íntimo. Sabia que um suborno não seria de grande vantagem, caso Handke deliberasse realmente perdê-lo. Já tinha assistido a cenas iguais. Tomavam o que podiam do pobre desgraçado e depois acabavam eliminando-o para que não viesse a dar com a língua nos dentes. No entanto, um dia de vida era um dia de vida e muita coisa poderia suceder.

— Ai vêm os homens do rancho — anunciou Karel.

— Ouça — cochichou Berger. — Experimente. Dê-lhe o dinheiro. Se voltar exigindo mais nós o ameaçaremos de denúncia por suborno. Somos uma dúzia de testemunhas. É bastante. Diremos todos que o vimos aceitar. Ele não se arriscará. É a única coisa que poderemos fazer.

— Vem vindo — advertiu num fio de voz, Bucher. Handke, devagar, se aproximava da seção D.

— Onde está o banquete de satanás?

509 se apresentou. Não adiantava ficar escondido.

— Aqui.

— Muito bem. Vou indo agora. Faça as despedidas e o testamento. Virão buscá-lo com tambores e clarins.

Riu-se. Achou a idéia do testamento uma piada formidável. Gostou também dos tambores e clarins.

Berger deu um empurrão em 509, obrigando-o a dar um passo à frente.

— Posso falar-lhe um momento?

— V. comigo? Está idiota?

Handke se encaminhava para a saída. 509 seguiu-o.

— Tenho algum dinheiro, falou para as costas de Handke.

— Dinheiro? Ahn? Quanto?

O fiscal continuava sem se virar.

— 20,00 marcos.

509 ia dizer 40,00 mas a estranha repulsa que o dominava o impediu. Sentiu uma espécie de consôlo — oferecia a metade para salvar a vida.

— 20,00 marcos e dois *pfennigs*! Desista.

Handke andou mais depressa. 509 colocou-se a seu lado.

— 30,00 marcos é melhor do que nada.

— Estêrco.

Não adiantava mais oferecer os 40,00 marcos. 509 tinha a sensação de ter cometido um êrro. Deveria logo ter oferecido tudo. Sentiu um vácuo no estômago. A repulsa de ainda há pouco, tinha desaparecido.

— Tenho ainda mais dinheiro, disse rapidamente.

— Vejam só! Handke estacara. Um capitalista!

Um capitalista liquidado! Quanto tem afinal?

509 respirou fundo:

— 5.000 francos suíços.

— O quê?

— 5.000 francos suíços. Depositados num Banco em Zurique.

Handke ria-se.

— Acha que vou acreditar nisso? seu trapo esmolambado!

— Nem sempre fui um trapo esmolambado.

Handke encarou 509 durante algum tempo.

— Comprometo-me por escrito a fazer pagar-lhe a metade da importância, disse com precinitação. Uma simples ordem e o dinheiro será seu. 2.500 francos suíços.

Olhava a fisionomia embrutecida em sua frente.

— A guerra está terminando. Será bom ter dinheiro na Suíça.

Esperou, Handke continuava a não responder.

— Se a guerra for perdida — acrescentou 509 com calma.

Handke ergueu a cabeça e disse baixo:

— Assim! É com isso que está contando. Fêz bem todos os planos, não? Não há de ser nada. Sabemos estragá-los! V. mesmo foi quem se emaranhou. Agora

terá de ajustar contas com o departamento de divisas — posse de divisas no estrangeiro. — Além de tudo o mais. Puxa! Não queria essa cabeça em cima dos meus ombros.

— Possuir 2.500 francos suíços ou não os possuir não é a mesma coisa.

— Para V. também não. Suma-se! Berrou de repente, dando um tranco em 509 que o fêz cair.

Devagar 509 levantou-se. Berger se aproximou. Handke desaparecera na escuridão. Seria inútil ir-lhe ao encalço.

— Que foi que aconteceu? — perguntou Berger ansioso.

— Não quis aceitar.

Berger ficou calado. Trazia o cacete na mão.

— Ofereci-lhe muito mais e êle não quis. Olhava em volta espantado. Devo ter cometido algum êrro, mas não sei qual.

— O que será que êste cão tem contra V.?

— Nunca pôde me suportar. — 509 passava a mão pela testa. — Agora já não faz diferença. Ofereci-lhe até dinheiro na Suíça. 2.500 francos! Não quis.

Voltaram para a barraca. Não precisaram dizer nada. Todos adivinharam o que se passara. Estava no mesmo lugar. Ninguém se mexera, mas era como se em redor de 509 houvesse um espaço vazio; — um circulo invisível e inatingível, que o isolava — o isolamento da morte.

— Excomungado! — disse Rosen.

509 encarou-o. Salvava-o naquela manhã. Era estranho que tivesse podido realizar aqui'o horas antes e agora se encontrasse num lugar de onde já não poderia estender a mão a mais ninguém.

— Empréstimo o relógio — pediu Lebenthal.

— Venha para a barraca. Precisamos refletir.

— Não. Agora só tenho que esperar. Quero o relógio e que me deixem só.

Sentou-se sozinho. Os ponteiros brilhavam esverdeados na treva. “30 minutos de espera,” pensou. “10 minutos até o edificio da administração; 10 minutos para apresentar a queixa e receber as ordens; 10 para voltar.

Uma meia volta do ponteiro grande. — Era o que tinha para viver.”

Talvez fôsse um pouco mais. Se Handke apresentasse queixa de dinheiro no exterior, a repartição competente teria de intervir. Tentaria obter o dinheiro e até lá o deixariam vivo. Não tinha pensado nisso quando fizera a oferta ao fiscal do bloco. Quisera apenas aguçar a sua cobiça. Era uma *chance*, porém não era certo que Handke ajudasse ao dinheiro da Suíça. Era possível que se contentasse em fazer saber a Weber que êle ainda existia.

Bucher deslizou pela sombra.

— Tome um cigarro, — disse embaraçado. — Berger deseja que V. vá fumar lá dentro.

“Cigarro?” Isso mesmo. Os “veteranos” ainda tinham um. Sobrara daqueles que Lewinsky trouxera quando tinham escapado do calabouço. — Sabia agora de quem era a cabeça escura, recortada de encontro ao céu que a figura de Handke lhe fizera recordar há pouco. Fora a cabeça de Weber. Weber de quem tudo havia partido.

— Venha. — insistiu Bucher.

509 abanou a cabeça. Um cigarro. O banquete dos condenados. O cigarro do condenado. Quanto se demora fumando um cigarro? 5 minutos. 10, quando se fuma lentamente. Um têrço do tempo que dispunha. Precisava fazer outra coisa, mas o quê? Não havia nada para fazer. Sentiu a bôca sêca de desejo pelo fumo. Não queria. Se fumasse, admitiria que estava perdido.

— Vá-se embora, — disse com raiva. — Vá-se embora com a sua esterqueira!

Lembrou-se de uma outra vez que sentira desejo de fumar, mas não precisou procurar quando. Fôra o charuto de Neubauer, naquela ocasião em que Weber o espancara junto com Bucher. Weber como sempre. Como há muitos anos.

Não queria pensar em Weber. Agora não. Olhou para o relógio. Tinham se passado 5 minutos. Volveu os olhos para o céu. A noite estava úmida e serena. Era uma noite daquelas em que tudo na natureza desabrocha. A primavera. A primeira primavera com esperança.

Uma esfarrapada esperança cheia de desespero. Apenas a sombra de uma esperança. Um fraco e estranho eco de anos extintos. Mesmo assim fôra enorme, entontecera transformando tudo. "Não deveria ter dito a Handke que a guerra estava perdida," algo lhe dizia no íntimo.

Muito tarde. O que estava feito, estava feito. Parecia que o céu escurecera, cobrindo-se de uma poeira de carvão, muito baixa — uma cobertura cheia de ameaça que o oprimia. 509 respirou com dificuldade. Quisera desaparecer, enfiar a cabeça num buraco, salvar-se, arrancar o coração e escondê-lo para que continuasse a pulsar quando...

14 minutos. Por detrás dêle um murmúrio monótono se fazia ouvir. "Ahasverus", pensou, "está rezando." Ouvia e parecia-lhe que horas tinham se passado até atinar com o que poderia ser. Era o mesmo murmúrio e cântico que ouvira muitas vezes: — a oração pelos mortos, o — *kaddisch*. Ahasverus estava rezando o — *kaddisch* para êle.

— Ainda não estou morto, Velho, — disse, na direção da voz. — Ainda falta muito. Pode parar com a oração.

Alguém respondeu. Era Bucher.

— Não está rezando — anunciou.

509 não ouviu mais a resposta. De súbito sentiu o que lhe estava invadindo. Em sua vida conhecera muitas formas de medo — conhecia o medo opaco do cativeiro sem fim; conhecia o medo estraçalhante que precede a tortura; conhecia o aniquilante medo do desespero — conhecera tôdas essas formas e as tinha vencido — mas conhecia um outro medo ainda — o derradeiro — e sabia que era êste que o estava dominando: o medo dos medos, o imenso medo da morte. Há muito não o havia sentido. Julgara que não o sentiria jamais, destruído que fôra pela miséria, pela constante presença do fim, pela extrema indiferença. Nem quando, junto com Bucher, fôra levado à administração e se negara a assinar, não o tinha sentido, mas agora sentia-lhe as gôtas de gelo caírem-lhe pela espinha e sabia que isto estava acontecendo porque recuperara um pouco de esperança. Sentia-o como um

contato gélido, como um vazio, como um grito silencioso. Apoiou as duas mãos no solo e perscrutou o horizonte. Não era mais, o céu, aquela escuridão opressiva sôbre a sua cabeça! Onde estava a vida que o animava? Onde estava o doce desabrochar da natureza? Onde estavam os primeiros brotos da primavera? Onde estava o suave eco da esperança? Em agonia atroz, no mais profundo das suas entranhas, a última centelha projetava um derra-deiro clarão, deixando o mundo em volta dêle, petrificado em pavor e ruína.

O murmúrio? Não ouvia mais o murmúrio. Não havia mais nenhum ruído. 509 abriu a mão muito devagar, como se nela estivesse guardado um diamante, que pudesse se transformar numa pedra de carvão. Afrouxou os dedos e esperou uns segundos antes de olhar os ponteiros que decidiam sôbre o seu destino.

35 minutos. 5 minutos mais do que os 30 que calculara. 5 minutos mais. 5 minutos terrivelmente preciosos. No entanto, era possível que a informação tivesse demorado um pouco mais. A informação no departamento político. Também podia ser que Handke tivesse gasto mais tempo.

Mais 7 minutos. 509 estava sentado imóvel. Respirou e sentiu que estava respirando. Continuava tudo em silêncio. Não se ouviam passos. A areia não estava estalando. Nenhum chamado. O céu se alargava de novo para cima. Não era mais a abóbada opressiva e mortuária. Uma aragem perpassava.

20 minutos. 30. Alguém suspirou atrás dêle. O céu estava claro, distante. Novamente um eco. O coração batendo surdo, as artérias pulsando debilmente e mais ainda: o eco dentro do eco, mãos que eram novamente mãos. A centelha não se extinguiu — brilhava e... mais forte do que antes. Aumentara. Aumentara através o medo. Sem fôrça, a mão esquerda deixou tombar o relógio.

— Talvez... — sussurrou Lebenthal atrás de 509 mas, calou-se assustado, supersticioso.

O tempo não significava mais nada. Corria, escapava por todos os lados. Como um jorro de água, varrendo tudo, desmanchando colinas.

Não houve surpresa quando Berger, pegando o relógio anunciou:

— Uma hora e mais dez minutos. Hoje não acontecerá mais nada. Quem sabe se nunca mais, 509. É provável que Handke tenha refletido.

— Também acho, — disse Rosen.

509 se virou:

— Leo, não é noite das raparigas passarem?

Lebenthal encarou-o:

— É nisso que está pensando?

— É.

“Em que mais poderia pensar?” raciocinou 509. “Em tudo que me distraia dêsse pavor que transforma os ossos em gelatina.”

— Temos dinheiro, — ajuntou. — Prometi apenas 20,00 marcos a Handke.

— Só lhe ofereceu 20,00? — perguntou incrédulo Lebenthal.

— Só. 20, ou 40, teria sido o mesmo. Se ele se resolver a levar o dinheiro, tanto faz que sejam 20 ou 40 marcos.

— E se amanhã quiser o dinheiro?

— Se quiser, terá de levar os 20 marcos. Se tiver dado queixa de mim os “SS” virão me buscar e, de todo jeito, não precisarei mais de dinheiro.

— Ele não apresentou queixa. Tenho certeza — ponderou Rosen. — Amanhã virá reclamar o dinheiro.

Lebenthal tinha se dominado:

— Guarde o dinheiro. Tenho o suficiente para hoje de noite.

Viu 509 fazer um gesto.

— Não quero, — disse apressado, — guarde o dinheiro e me deixe em paz.

509 levantou-se devagar. Ao se sentar, tivera a impressão de que jamais conseguiria levantar-se e que os seus ossos estivessem mesmo transformados em gelatina. Moveu os braços, as pernas. Berger o acompanhou. Ficaram calados algum tempo, então 509 perguntou:

— Efraim, acha que poderemos acabar nos libertando do medo?

— Foi tão terrível?

— Tanto quanto é possível ser terrível. Pior do que das outras vezes.

— Foi pior porque V. está mais apegado à vida.

— V. acha?

— Acho. Todos nós nos transformamos.

— Pode ser. Mas será que no decorrer das nossas vidas chegaremos a nos libertar dessa sensação de pavor?

— Não sei, mas dessa espécie de medo sim. Esse foi um medo equilibrado, com fundamento. Do outro medo, desse constante pavor do campo de concentração, isso eu não sei. Não tem importância. Por enquanto, temos de pensar só no dia de amanhã. No dia de amanhã e em Handke.

— Nisso justamente é que eu não quero pensar.

13

Berger estava a caminho do crematório. A seu lado marchavam seis homens, um deles seu conhecido, um advogado chamado Mosse. Colaborara numa acusação de um processo por homicídio instaurado contra dois nazistas. Os *nazis* foram absolvidos e logo que o partido subiu ao poder, Mosse fôra trancado no campo de concentração. Depois que pertencia ao “pequeno acampamento”, Berger não o tornara a ver. Reconheceu-o porque o advogado usava óculos onde só havia uma lente. Não precisava das duas. O outro olho tinha sido queimado a brasa de um cigarro como ajuste das velhas contas do processo.

Mosse caminhava do lado de fora.

— Onde vai? — perguntou-lhe Berger sem mover os lábios.

— Trabalhar no crematório.

O grupo seguia. Berger verificou que conhecia mais um — Brede, secretário do partido social-democrata. Chamou-lhe a atenção, serem todos presos políticos. Um cabo, com o triângulo verde dos criminosos comuns, os acompanhava, assobiando qualquer coisa. Berger recordou-se. Era a melodia de uma velha opereta. Automaticamente os versos vieram-lhe à memória: “Aã... a pequena fada das campainhas, adeus até eu te tornar a ver”.

Olhou para o grupo. “Fada das campainhas”, pensou irritado. “Devia ser uma telefonista”. Por que se teria lembrado daquilo de repente? Como é que ainda se recordava de semelhante música de realejo e lhe ocorriam até aquêles versos idiotas? Tinha se esquecido já de tantas coisas importantes que acontecera desde então!

Caminhava devagar, respirando o ar fresco da manhã. O trajeto pelo acampamento, parecia-lhe quase o passeio por um parque. Mais 5 minutos e estaria dentro dos muros do crematório. 5 minutos de vento e de ar puro da manhã.

Viu o grupo de Mosse e de Brede desaparecer atrás do portão. Estranhou que houvessem requisitado mais gente. O pelotão de serviço no crematório vivia a parte. Eram melhor alimentados e gozavam também de certas vantagens. Em compensação, em pouco tempo eram substituídos e enviados às câmaras asfixiantes. O pelotão atual, porém, só estava trabalhando há dois meses e auxiliares extraordinários nunca eram chamados. Berger era quase o único. No princípio, fôra requisitado para ajudar durante alguns dias, mas quando o seu antecessor morreu, continuou no lugar dele. Não morava com o pelotão dos fornos, nem participava das vantagens deles. Por isso, contava com a possibilidade de não ser enviado às câmaras de gás quando os outros para lá fossem expedidos. Era apenas uma secreta esperança.

Chegado ao portão, lobrigou os outros seis parados em fila no centro do pátio. Não se achavam muito distante do patíbulo ali existente. Todos se esforçavam por desviar a vista do cadafalso de madeira. Os traços de Mosse tinham se alterado. Angustiado, fixava Berger através a sua única lente. Brede mantinha-se de cabeça baixa.

O cabo, voltando-se, deparou com Berger.

— Que é que veio fazer aqui?

— Pertengo ao serviço do crematório. Contrôlo de dentes.

— Arrancador de dentes? Então trate de se enfiar no seu canto. Os outros continuem perfilados!

Os seis homens permaneciam tão imóveis quanto lhes era possível. Berger passou rente a êles. Percebeu que

Mosse sussurrava qualquer coisa, mas não pôde perceber o que era. Não era possível retardar os passos. O cabo o observava. Achou curioso que um pelotão tão insignificante fosse comandado por um cabo, em vez de um simples fiscal de trabalho.

No porão do crematório havia uma abertura inclinada. Os cadáveres acumulados no pátio, eram atirados por ali e iam cair no porão, onde eram despojados do vestuário, caso não estivessem nus, registrados e revistadas as bocas para a apuração de eventuais obturações ou outros trabalhos em ouro.

Berger se ocupava com certidões de óbito e a extração de dentes onde houvesse ouro. Seu antecessor, um protético, se contaminara e morrera envenenado.

O cabo que fiscalizava o serviço, chamava-se Dreyer. Chegou pouco depois.

— Vamos — disse mal-humorado, sentando-se em frente a uma mesinha, onde estavam as listas.

Os quatro presos que trabalhavam com Berger, se postaram aos lados da abertura. O primeiro corpo caiu como um grande besouro. Os quatro homens arrastaram-no pelo cimento, até o meio do aposento. Já estava rígido. Despiram-no rapidamente. O blusão com o número e o triângulo foram arrancados. Para puxarem a manga, um dos presos abriu o braço direito do morto; quando o largou, o braço voltou à posição primitiva como o galho de uma árvore. As calças foram mais fáceis de tirar.

O cabo anotava o número do morto.

— Anéis? — Perguntou.

— Nenhum anel.

— Dentes?

Projetaram a luz de uma lanterna na boca entreaberta, por onde se escapavam um filete de sangue já seco.

— Uma obturação a ouro à direita, — disse Berger.

— Muito bem. Arranque.

Berger ajoelhou-se ao lado da cabeça com o boticão em punho. Um dos presos o ajudava, enquanto os outros já se preocupavam com outro corpo, despindo-o, aprego-

ando o número e amontoando as roupas tôdas no mesmo lugar. Com um estalido sêco como madeira queimando, outros corpos continuavam a escorregar. Iam caindo uns sôbre os outros. Um deslizou com as pernas para a frente e ficou de pé, inclinado para a abertura. Estava com os olhos escancarados, a bôca repuxada, as mãos retorcidas, meio fechadas. Da gola da blusa, pendia uma corrente com uma medalhinha. Ficou assim até que novos cadáveres, resvalando, vieram cair-lhe por cima. Entre êles havia o corpo de uma mulher de cabelos compridos. Devia vir do campo de permutas. Caiu de cabeça. Os cabelos cobriam-lhe o rosto. Finalmente, cansado de suportar tanta morte sôbre os ombros, o corpo que ficara de pé, desmoronou também. A mulher ficou-lhe por cima. Dreyer, observando, lambeu os lábios, onde amadurecia uma espinha.

Entrementes Berger arrancara o dente e o depositara numa das caixas que ali existiam para aquêle fim. Uma era para dentes, a outra era para anéis. Dreyer registrou a obturação.

— Atenção! — gritou um dos prisioneiros.

Os cinco homens se perfilaram. O “SS” Chefe de destacamento Schulte acabava de entrar.

— Continuem.

Schulte cavalgou uma cadeira que estava perto da mesa. Contemplou a pilha de defuntos.

— Lá em cima há oito homens trabalhando. É gente demais. Vá buscar quatro dêles para ajudarem aqui, — disse se dirigindo a um dos presos.

Berger estava ocupado em retirar a aliança de um morto. Era trabalho fácil, os dedos estavam, quase sempre esqueléticos. Colocou-a na caixa número 2. Dreyer anotou. O cadáver era desdentado. Schulte bocejava.

O regulamento estipulava que fôsem feitas autópsias e que a *causa mortis* fôsse registrada, porém ninguém se preocupava com semelhante detalhe. O médico do acampamento aparecia raramente. Jamais examinava um corpo. Aliás a *causa mortis* era quase sempre a mesma: coração. Westhof também morrera de colapso cardíaco.

Os corpos depois de despídos e registrados, eram colocados ao lado de uma espécie de elevador que descia dos fornos, cada vez que era necessário.

O preso voltara acompanhado de outros quatro que faziam parte do grupo avistado por Berger. Mosse e Brede ali estavam entre êles.

— Para a frente! Ajudem a despir e a fazer o inventário das roupas. O uniforme de um lado, objetos particulares de outro. O calçado fica separado.

Schulte era um rapaz de 23 anos, louro de olhos cinzentos, de traços regulares e francos. Antes mesmo do partido subir ao poder, já fazia parte da “juventude hitleriana”. Aprendera que havia uma raça de homens superiores e outra de homens inferiores e acreditava firmemente naquilo. Conhecía a teoria da raça e os dogmas do partido que eram o seu evangelho. Fôra sempre um bom filho, mas teria denunciado o próprio pai, caso fôsse contra o partido, que para êle, era infalível; não conhecia outra coisa. Os presos do acampamento eram inimigos do partido ou da nação, e, portanto, estavam excluídos de qualquer sentimento de piedade ou mesmo de humanidade. Estavam abaixo de qualquer animal. Matá-los, era como exterminar insetos nocivos. Schulte tinha a consciência tranqüila. Dormia bem e só lhe pesava um desgosto: não estar na frente de batalha. Em consequência de uma insuficiência cardíaca precisava ficar na retaguarda. Era um amigo fiel, apreciava a música e a poesia e considerava a tortura um meio indispensável para se obter as necessárias confissões dos presos, visto todos os inimigos do partido serem mentirosos. Em sua vida, obedecendo a ordens, matara seis criaturas, mas nunca se detivera refletindo sobre tal coisa. Duas das mortes, tivera de executar lentamente a fim de conseguir os nomes dos cúmplices. Estava apaixonado pela filha de um juiz, à qual escrevia lindas cartas um pouco românticas. Nas horas de folga, gostava de cantar. Possuía uma agradável voz de tenor.

Os últimos corpos tinham sido arrastados para perto do elevador. Mosse e Brede tinham se incumbido deles. A fisionomia de Mosse estava resplandecente. Sorria para Berger. Seu pavor não tivera fundamento. Julgara que ia para o patíbulo, mas fôra pôsto para trabalhar, exatamente como lhe haviam dito. Estava tudo em ordem. Considerava-se salvo. Trabalhava depressa para demonstrar boa vontade.

A porta se abriu e surgiu Weber.

— Atenção!

Todos os presos se perfilaram. Weber se aproximou da mesa com as botas brilhando. Gostava de andar bem calçado; era quase sua única paixão. Meticuloso, bateu um cigarro que acendeu para combater o mau cheiro dos cadáveres.

— Pronto? — perguntou a Schulte.

— Perfeitamente. Acabamos de registrar e guardar tudo.

Weber inspecionou a caixa que guardava os objetos de ouro. Suspendeu a medalhinha que pertencera ao cadáver que ficara de pé.

— Que é isto?

— Um São Cristovão, Sr. chefe de campo, — esclareceu Schulte com solicitude. Uma medalha para trazer felicidade.

Weber sorriu. Schulte não percebera a ironia.

— Muito bem, disse repondo a medalha no lugar. Onde estão os quatro lá de cima?

Os quatro novos deram um passo à frente. A porta se abriu de novo e entrou o chefe de destacamento Steinbrenner, acompanhado pelos dois presos que não tinham descido.

— Juntem-se aos outros quatro, — disse Weber aos recém-chegados. Os demais desapareçam lá para cima!

Os encarregados de trabalhar no crematório sumiram imediatamente. Berger acompanhou-os.

Weber examinou os seis homens.

— Coloquem-se sob aquelas argolas.

Soldadas na parede defronte à abertura, havia quatro argolas. Estavam situadas mais ou menos meio metro acima da cabeça dos presos que ali se achavam. No canto

à direita, havia um banquinho de três pés e uma caixa de cordas retorcidas terminando com ganchos.

Weber, com o pé, empurrou o banquinho para junto do primeiro preso:

— Suba aí em cima!

O homem, tremendo, subiu para cima do banco. Weber examinou a caixa onde estavam as cordas.

— Muito bem, Günther, — disse Weber. — A prestidigitação pode começar. Mostre as suas habilidades.

Berger fingia que estava ajudando a colocar cadáveres em duas pranchas. Em geral não era aproveitado naquele serviço, porque já não dispunha da força necessária, mas, naquela ocasião o vigia ordenara aos homens que tinham interrompido as atividades lá embaixo, que tratassem de ajudar ali e, aquêle, era o único meio de não desobedecer.

Um dos dois corpos que estavam sendo dispostos na prancha, era o da mulher de cabelos compridos. O outro era de homem e parecia modelado em cera suja. Berger levantou o corpo da mulher e prendeu-lhe os cabelos por baixo, a fim de que não se inflamassem logo ao primeiro contáto com o fogo e queimasse as mãos dêle. Era curioso que tivessem deixado aqueles cabelos compridos; antes, os cabelos das prisioneiras eram sempre cortados e guardados. Talvez não valesse mais a pena. Havia poucas mulheres no acampamento.

— Pronto. Avisou.

Abriram a porta do forno, um calor intenso os envolveu, enquanto, com movimento firme, atiravam para dentro a prancha de metal.

— Fechem as portas!

Dois dos presos empurraram as pesadas portas, porém uma tornou a se abrir bruscamente e Berger pôde ver a mulher curvando como se tivesse ressuscitado. Os cabelos em chama envolviam-lhe a cabeça como uma bárbara aureola de ouro pálido. A porta que se abrira porque tinha um pedaço de osso encravado no canto, foi definitivamente trancada.

— Que era aquilo? — perguntou um dos presos apavorado, que até então só tinha ajudado a despir os cadáveres. Ainda estava viva?

— Não. Foi o calor — respondeu Berger com a voz roufenha. A garganta ficara irritada com o ar quente. Até os olhos pareciam estar queimados. Movia-se incessantemente.

— Às vezes, chegam até a dançar uma valsa, juntou um sujeito robusto que pertencia ao pelotão do crematório. — Que é que estão fazendo por aqui, seus fantasmas do porão?

— Mandaram-nos subir.

O homem riu-se.

— Para quê? Para serem jogados também dentro do forno?

— No porão há gente nova, — esclareceu Berger.

O homem ficou sério.

— Novos? Fazendo o quê?

— Não sei. São seis homens.

O homem encarou Berger. Os olhos brilhavam claros no rosto escuro.

— Não pode ser. Só estamos aqui há dois meses! Não vão já nos substituir. Não é possível. V. tem certeza?

— Tenho. Foram eles mesmos que disseram.

— Desembucha logo tudo o que sabe. Não pode des enrolar a língua?

— Talvez, — disse Berger. — Se tiver um pedaço de pão ou qualquer outra coisa que se coma, lhe darei todas as informações.

O homem tirou do bolso um pedaço de pão que partiu em dois, dando o pedaço menor a Berger.

— Está aqui. Fale logo. Precisamos saber de tudo.

— Sim.

Berger virou-se. Alguém batera-lhe nas costas. Era o cabo com o triângulo verde que estivera com o grupo de que Mosse e Brede faziam parte.

— É V. o arrancador de dentes?

— Sou.

— Há ainda um dente para arrancar. Desça.

O cabo estava muito pálido. Suava por todos os poros. Precisou encostar-se à parede. Berger piscou o olho para o homem que lhe dera o pedaço de pão, este acompanhou-o até à saída.

— Está esclarecido. Não se trata de substituição. Os tais já foram liquidados, estão me chamando para eu cumprir as obrigações habituais.

— Será?

— É claro. Foi por isso que me mandaram sair de lá.

— Imbecil! Quero que fique com o pedaço maior. Essa história é muito importante.

Trocaram os pedaços e Berger voltou para o porão. Steinbrenner e Weber tinham desaparecido, só Schulte e Dreyer continuavam ali. Das quatro argolas da parede, pendiam quatro homens. Um deles era Mosse. Fôra enforcado de óculos. Brede e o outro, estavam estendidos no chão.

— Solte aquêles lá, — disse Schulte com indiferença. — Tem um bloco de ouro na frente.

Berger tentou em vão, desprender o corpo, mas só conseguiu quando Dreyer o ajudou. O defunto tombou como um boneco cheio de serragem.

— É o tal? — perguntou Schulte.

— Perfeitamente.

O morto tinha um pré-molar de ouro. Berger o arrancou e o colocou na caixa competente, enquanto Dreyer fazia o assentamento.

— Algum dos outros tem alguma coisa?

Berger examinou os dois corpos no chão. O cabo iluminava o interior das bôcas com uma lanterna.

— Êstes só têm obturação com cimento e amálgama.

— Disso não precisamos. E aquêles que ainda estão pendurados?

Berger estava de novo às voltas com um enforcado sem poder movê-lo. Era Mosse.

— Deixe — ordenou Schulte. — Pode-se enxergar melhor quando estão pendurados.

Berger comprimiu a língua inchada para um lado da bôca escancarada. O único olho de Mosse, aumentado pela lente, trágicamente fixo, parecia encará-lo. A pálpebra sôbre a cavidade vazia, estava entreaberta, a secreção que escorrera por ali, molhava-lhe a face. O cabo se achava ao lado de Berger e Schulte, exatamente por

trás. O médico sentia-lhe o hálito na nuca. Era perfumado a pastilha de hortelã.

— Não tem nada, — declarou Schulte. — O seguinte!

No seguinte foi fácil a verificação; não tinha dentes na frente. Já os tinham quebrado. No maxilar direito havia duas obturações sem valor. O perfumado hálito de Schulte voltou a roçar a nuca de Berger. O hálito de um zeloso *nazi*, que, descuidado, cumpria o seu dever. Absorto na procura de obturações a ouro, insensível à muda acusação das bôcas daqueles homens acabados de assassinar. Berger fazia esforço para suportar o contato daquela respiração quase infantil. “Parece que está procurando ovos num ninho de passarinho.” Pensou.

— Também nada, — declarou Schulte decepcionado.

Pegou uma das listas e as caixas e apontando para os seis cadáveres:

— Faça tirá-los daí e limpar muito bem o porão.

Em seguida saiu, jovem, desempenado. Berger começou a despir o corpo de Brede. Era um trabalho simples. Podia executá-lo sozinho. Os corpos ainda estavam ilexíveis. Brede vestia uma camiseta de meia e umas calças de civil junto com um casaco de couro. Dreyer acendeu um cigarro. Sabia que Schulte não voltaria.

— Os óculos foram esquecidos, — comunicou Berger.

— O quê?

Berger apontou para Mosse. Dreyer se aproximou, ao mesmo tempo que Berger retirava os óculos do rosto do morto. Steinbrenner achara divertido enforçar o desgraçado com os óculos no nariz.

— A lente está intata, mas para que poderá servir uma única lente? No máximo para um brinquedo de criança.

— A armação está perfeita.

Dreyer curvou-se para a frente.

— Níquel, —disse com desprêzo. — Níquel ordinário.

— Não — contestou Berger. — Ouro Branco.

— O quê?

O fiscal pegou nos óculos.

— Ouro branco? Tem certeza?

— Absoluta. O metal está sujo. Se fôr lavado com sabão, o Sr. verá.

Dreyer sopeseou a moldura na palma da mão:

— Então tem o seu valor!

— Decerto.

— Precisamos anotar.

— A lista não está mais aí. O chefe de destacamento Schulte a levou.

— Não tem importância. Posso anotar mais tarde.

— É, — disse Berger fixando-o. — O chefe de destacamento não viu a armação ou julgou-a sem valor. Talvez, realmente, não tenha mesmo valor. Eu posso ter me enganado e ser de níquel barato.

Dreyer ergueu a vista. Berger continuou:

— Pode ser atirada fora no monte de lixo... uns aros de níquel, quebrados.

Dreyer colocou a armação sôbre a mesa:

— Limpe primeiro isto tudo aqui.

— Não posso sôzinho. Os corpos são muito pesados.

— Vá chamar, então, os três homens que trabalham lá em cima.

Berger subiu e voltou com os três companheiros. Ao soltarem Mosse e lhe afrouxarem a corda do pescoço, o ar contido nos pulmões do infeliz, saiu-lhe pelos lábios, como um gemido. As argolas estavam fixadas justo a uma altura em que apenas os pés não tocassem o solo. Assim a morte se processava mais lentamente. Numa fôrça comum, as vítimas ficavam logo com a nuca quebrada pelo choque do pêso do corpo. “O império milenário” tinha modificado isso também. Os enforcados morriam por asfixia lenta. Matar não era só o objetivo. A morte devia ser lenta e torturante. Uma das primeiras demonstrações de cultura do novo regímen, fôra a supressão da guilhotina e a instituição do velho uso do machado. Mosse nu, jazia no chão. Suas unhas estavam raspadas e cheias de calíça. Na angústia da asfixia quisera agarrar-se à parede, onde as marcas estavam bem visíveis. Centenas de condenados a tinham riscado do mesmo modo.

Berger depositou as roupas de Mosse num monte sôbre a mesa. Os óculos, porém, já não estavam mais ali.

Nem ali nem em nenhum outro lugar. Tampouco no amontoado de objetos inúteis, retirados dos bolsos dos mortos.

Dreyer andava por ali, mas não levantava a vista.

* * *

— Que é isto? — perguntou Ruth Holland.

Bucher prestou atenção:

— É um pássaro que está cantando. Deve ser um tordo.

— Um tordo?

— É. Nessa época do ano, ainda nenhum outro pássaro canta. É um tordo. Ainda me lembro de antigamente.

Estavam ambos acorados rente à cêrca que separava os dois campos. Não chamavam a atenção porque ultimamente o “pequeno acampamento” andava tão cheio, que, por tôda a parte, havia gente espalhada. Além disso, as sentinelas, logo depois de terminar o respectivo quarto, tinham abandonado os postos, sem esperar a rendição que estava atrasada. Ultimamente, aquilo acontecia ali de vez em quando. Era proibido, mas há muito não se observava mais rigorosamente a disciplina.

O sol baixo refletia seus raios obliquamente nas janelas das casas da cidade. Uma rua inteira que não fôra danificada, brilhava, como se estivesse em chamas. As côres daquele céu atormentado espelhavam-se no rio.

— Onde é que está cantando?

— Nas árvores do outro lado.

Ruth Holland procurava lobrigar a paisagem através dos arames farpados: um prado, uma plantação, algumas árvores, um sítio com uma casa com telhado de palha e mais distante, sôbre uma colina, uma casa baixa, branca, com jardim.

Bucher olhou-a. A luz do sol adoçava-lhe os traços devastados. Tirou do bolso uma côdea de pão.

— Tome, Ruth. Berger mandou-lhe isso. Arranjou hoje uma ração extra para nós. Com jeito, atirou-lhe o pão através dos arames. Seu rosto estremeceu. A côdea

caíra-lhe bem ao lado. Ficou calada um momento, depois disse com esforço visível:

— É seu.

— Não. Já comi a minha parte.

Ela engoliu em seco:

— Isso é o que você diz.

— Não. É verdade.

Bucher viu como seus dedos nervosos se crisparam sobre o pão.

— Coma devagar, aconselhou êle.

Ruth aquiesceu com a cabeça, enquanto mastigava.

— Preciso comer devagar. Perdi outro queixal. Estão caindo a tóa. Não doi. Com êste já são seis.

— Se não está doendo, não tem importância. Já tivemos um aqui com o maxilar tão cheio de pus que, até morrer, berrou de dor.

— Breve estarei desdentada.

— Pode-se pôr uma dentadura. Lebenthal tem uma.

— Não quero usar dentadura.

— Por que não? Muita gente usa. Não faz nenhuma diferença, Ruth.

— Não vão me dar uma dentadura.

— Aqui não. Mais tarde, pode-se mandar fazer uma. Há umas excelentes. Muito melhores do que a de Lebenthal. A dêle é velha, já tem uns vinte anos. Agora há modernas que parecem naturais. Ficam firmes e são mais bonitas do que os dentes verdadeiros.

Ruth tinha acabado de comer. Volveu os olhos assustados para Bucher:

— Joseph, acredita você mesmo que vamos acabar saindo daqui?

— Com tôda a certeza! Absolutamente certo! 509 também acredita. Nós todos acreditamos nisso agora.

— E depois?

— Depois... Bucher ainda não tinha feito cálculos tão avançados. Depois estaremos livres, disse sem ter assimilado bem a idéia.

— Vamos ter de nos esconder de novo. Êles nos perseguirão outra vez como antes.

— Não nos perseguirão mais.

Ela olhou-o longamente:

— Acredita nisso?

— Acredito.

Ruth abanou a cabeça.

— Talvez nos deixem sossegados durante um certo tempo, mas depois voltarão a nos perseguir. Não sabem fazer outra coisa.

O tordo recomeçou a cantar. Era um canto cristalino, suave, insuportável.

— Não nos perseguirão outra vez. Nós dois ficaremos juntos. Sairemos do campo de concentração. Esses arames farpados serão destruídos. Iremos por aquêle caminho e ninguém dará tiros nas nossas costas. Ninguém nos impedirá de seguir. Caminharemos pelos campos até uma casa como aquela branca lá adiante e nos sentaremos em cadeiras.

— Cadeiras?

— Sim, cadeiras de verdade. Haverá uma mesa e pratos de louca. Teremos fogo também.

— E gente que virá nos enxotar.

— Ninguém nos enxotará. Teremos ainda uma cama com cobertor e lençóis limpos. E pão e carne e leite.

Viu o rosto dela se contrair.

— V. precisa acreditar, Ruth, insistiu desanimado.

A moça chorava, mas sem lágrima. O pranto era visível só em seus olhos enevoados.

— É tão difícil acreditar, Joseph!

— Mas é preciso acreditar. Lewinsky ouviu mais novidades. Os americanos e os ingleses estão muito para cá do Reno. Estão se aproximando e logo nos libertarão.

A claridade do crepúsculo se transformava. O sol alcançando a orla das montanhas, deixava a cidade envolvida numa tonalidade azulada. O fogaréu das janelas se extinguiu. O rio sem reflexos, corria calmamente. Tudo estava calmo. O tordo emudecera. Só o céu principiava a se colorir de rubro. As nuvens, como barcos de madrepérola, vogavam, cortando largas riscas luminosas, em direcção à grande porta escura da noite. Um derradeiro raio de luz tombou em cheio sobre a casa da colina, cuja brancura alveiou dentro da sombra, mais perto e mais longe do que antes.

Só perceberam o passarinho quando já estava muito próximo. Parecia uma bola de penas. Elevou-se um momento na imensidão do céu e desceu em seguida. Viram-no baixar quase até o solo. Ambos esboçaram um gesto, mas nenhum se moveu. Um instante, distinguiram-lhe a sihuêta. A cabecinha com o bico amarelo, as asas espalmadas e o peito arredondado cheio de melodias, e, então, um estalido e uma fagulha no arame eletrizado — insignificante, pálida, mortífera — diante da luminosidade do poente. Nada mais havia... um punhado de cinzas de onde pendia uma perninha e um resto de asa que, ao tocar o solo, tinha atraído a morte.

— Era o tordo, Joseph!

Bucher viu o horror refletido no olhar de Ruth.

— Não, disse ansioso. Não foi o tordo. Foi outro pássaro; e se era um tordo, não foi aquêlo que estava cantando. Tenho certeza — não foi o nosso.

* * *

— Convenceu-se de que o tinha esquecido, hein? — perguntou Handke.

— Não.

— Ontem já era muito tarde. Temos tempo. Tempo suficiente para denunciá-lo. Amanhã, por exemplo. Temos o dia inteiro.

Parara em frente a 509.

— V. seu milionário! Milionário suíço. Eles sabem, com um chicote, arrancar-lhe do lombo franco por franco.

— O dinheiro não precisa ser arrancado a chicote — respondeu 509. — Podem tê-lo mais facilmente. Assino uma ordem e deixa de me pertencer. Olhou firme para o outro. 2.500,00 francos. Muito dinheiro.

— 5.000,00 — corrigiu Handke. — Para a “Gestapo”. Pensa que vão dividir?

— Não. 5.000,00 para a “Gestapo” — concordou o preso.

— E para V. o cavalete, a cruz e o calabouço. Breuer com os seus métodos e depois o patíbulo.

Handke ria:

— Que seria então? Uma permissão para dinheiro proibido?

— Também não.

509 continuava a olhar para Handke. Surpreendia-se de não estar com medo, apesar de saber que o fiscal o tinha em suas mãos. Mais forte do que qualquer outro sentimento, o ódio o dominou. Não aquele ódio mesquinho dos campos de concentração — ódio vulgar que corrói as criaturas espezinhadas quando se defrontam com as que as dominam — não. Era um ódio frio, lícido, equilibrado. Sentiu-o de tal modo, que baixou as pálpebras receando que o outro o descobrisse.

— Então o que, sábio animal?

509 sentiu o hálito do fiscal. Era uma novidade; o fedor do “pequeno acampamento” sobrepujava qualquer fétido individual. 509 sabia que o cheiro de Handke, penetrava-lhe pelas narinas, não porque fôsse mais forte do que as exalações do ambiente. Sentia-lhe o cheiro porque o odiava.

— Perdeu a fala de medo?

Handke deu um golpe na canela do preso. 509, porém continuou firme.

— Não creio que me torturem por isso, — disse com calma encarando o adversário. — Não seria prático, eu poderia sucumbir. Já estou muito enfraquecido e pouco poderia suportar. É uma vantagem. A “Gestapo” esperaria até estar de posse do dinheiro. Até lá, teriam necessidade de mim, visto eu ser o único que pode movimentar a conta do Banco. Na Suíça a “Gestapo” não vale nada. Até receberem o dinheiro, estou em segurança e até lá, muita coisa pode acontecer.

Handke refletia. 509, na penumbra, observava o esforço da concentração contrair-lhe a face. Examinava-lhe os traços atentamente. Tinha a impressão de que em seus olhos havia dois holofotes. O rosto permanecia o mesmo, mas os detalhes pareciam aumentados.

— Hum... V. imaginou tudo isso? — acabou o fiscal articulando.

— Não imaginei coisa alguma. É assim mesmo.

— E com Weber? Ele queria falar com V. Aquêlê não vai esperar.

— Espera — retrucou, sereno 509. — O senhor chefe de campo, Weber, terá de esperar. A “Gestapo” incumbir-se-á disso. É muito mais importante possuírem alguns francos suíços.

Os pálidos e saltados olhos de Handke rodavam inquietos. Mastigava em seco.

— Está muito sabido. Faz pouco, mal tinha ânimo de ir à privada. Nos últimos tempos, todos aqui andam como uns bodes assanhados. Estrumeira! Não se preocupem, no momento terão o seu pratinho. Vocês daqui vão parar direitinho dentro do forno.

Bateu com um dedo no peito de 509.

— Onde estão os 20 mangos? Passe para cá e depressa.

509 tirou a nota do bolso. Por um momento teve desejo de negar-lhe o dinheiro, mas sabia que seria um suicídio. O fiscal arrancou-lhe o dinheiro da mão:

— Com isso terá o direito de arrastar a carcaça por mais um dia inteiro; até amanhã. Mais um dia, verme!

— Mais um dia — repetiu 509.

* * *

Lewinsky calculava:

— Não creio que leve a efeito a ameaça. Que proveito pode tirar daí?

509 encolheu os ombros:

— Nada, mas nunca se pode prever o que fará. Basta arranjar um pouco de bebida ou estar com uma das crises.

— É preciso varrê-lo do caminho. — Lewinsky, mentalmente, ponderava os prós e os contras. — No momento não podemos fazer grande coisa contra êle. O ar está empestado. Os “SS” estão riscando nomes das listas a torto e a direito. Vamos escondendo na enfermaria todos os que podemos. Breve teremos de trazer alguns para cá. Está certo, não é?

— Está, se trouxerem ração para êles.

— É claro, mas não é só isso. Estão sempre fazendo buscas nas barracas. Seria possível esconderem algumas coisas, de modo que ninguém visse?

— De que tamanho?

— Do tamanho... — Lewinsky se interrompeu. Olhou em volta. Não via nada além dos trôpegos “mulmanos” a caminho da comú. Do tamanho, vamos dizer, de um revólver.

— Está certo.

509 calou-se uns instantes:

— Embaixo da minha cama há um buraco — disse baixinho. — Podem-se remover as ripas que estão soltas. Dá para mais de um revólver. Lá não darão nenhuma busca.

Não reparou que estava falando como alguém que deseja convencer um outro, não como alguém que estava sendo persuadido a correr um risco.

— Está com V.? — perguntou.

— Está.

— Pode me dar.

Lewinsky tornou a olhar em volta:

— Sabe o que isto significa?

— Sei, sei — disse 509 impaciente.

— Foi difícil consegui-lo. Tivemos de arriscar a pele muitas vezes.

— Eu sei, Lewinsky. Não há perigo, pode me dar.

Lewinsky tirou um pacote debaixo do blusão e passou-o às mãos do companheiro. 509 apalpou o embrulho. Era mais pesado do que pensára:

— Em que está enrolado?

— Num trapo besuntado de gordura. O buraco é bem sêco?

— É. — Não era verdade, mas não queria devolver a arma. — Tem munição?

— Não muita. Alguns cartuchos. Além disso, está carregado.

509 escondeu o pacote debaixo da camisa e abotoou o blusão por cima. Sentiu-o perto do coração e um calafrio percorreu-lhe a pele.

— Preciso ir-me embora. Tome bem conta disso. Trate logo de escondê-lo.

Falava da arma como se se tratasse de uma pessoa.

— Da próxima vez, quando eu vier, trago alguém comigo. Vocês têm mesmo lugar?

Olhou o pátio escuro, onde se distinguíam algumas silhuetas estendidas.

— Temos lugar. Para o seu pessoal, temos sempre lugar.

— Muito bem. Quando Handke aparecer, dê-lhe mais algum dinheiro. Tem ainda?

— Tenho para mais um dia.

— Vou ver o que é que podemos conseguir e dou a Lebenthal. Está bem?

— Está.

Lewinsky sumiu na sombra da próxima barraca. Dali por diante, arrastou-se, como um “muçulmano”, pela frente da privada. 509 continuou sentado. Encostava-se com fôrga, de encontro à parede da barraca. Com a mão direita comprimia o revólver de encontro ao peito. Venceu a tentação de tirá-lo dali, desfazer o embrulho e acariciar o metal; apalpava-o sômente. Sentiu-lhe os contornos da coronha e do cano. Parecia que daquele objeto emanava uma torrente de energia. Depois de muitos anos, era a primeira vez que estava de posse de alguma coisa com a qual poderia se defender. De um minuto para o outro, não era mais um homem desamparado por completo. Não estava mais inteiramente entregue aos seus algozes. Estava certo de que tudo aquilo não passava de ilusão. Não deveria servir-se da arma, bastava-lhe porém saber que a tinha à mão. Bastava para que qualquer coisa dentro dêle se transformasse. O delgado instrumento de morte era como um dínamo de vida. Insuflava-lhe o desejo de reagir. Pensou no ódio que o dominava. Handke tomara-lhe o dinheiro, porém estava em situação de inferioridade. Pensou em Rosen. Pudera salvar-lhe a vida. Então, voltou o pensamento para Weber, e naquela reflexão ficou imerso largo tempo. Lembrava-se dos primeiros anos no acampamento. Há muito não permitia que nenhuma recordação o dominasse, banira tôdas, até as de sua vida antes do campo de concentração. Nem o seu nome quisera mais ouvir. Não era mais um homem, não queria mais ser uma criatura.

A simples idéia de o ser o teria torturado. Tinha sido transformado em um número. Só pelo número se denominava e se fazia chamar. Silencioso, continuava sentando na sombra da noite, respirando e sentindo o contato da arma sôbre o corpo. Percebia como a vida se tinha modificado nas últimas semanas. Uma avalanche de recordações invadiu-o e êle teve a sensação de que estava comendo e bebendo algo invisível que agia no seu organismo como um forte medicamento.

Ouviu quando renderam a guarda. Levantou-se, cauteloso. Cambaleou uns segundos como se tivesse tomado vinho, depois, devagar, rodeou a barraca.

Perto da porta esbarrou em alguém.

— 509 — uma voz murmurou. Era Rosen.

509 sobressaltou-se como se estivesse acordando de um longo e pesado sono. Olhou para o companheiro:

— Eu me chamo Koller, — disse se desviando — Friedrich Koller.

— Sim — respondeu Rosen sem compreender.

14

-- **Q**uero um padre, lamentou-se Ammers. Passara a tarde tôda naquele lamento. Tinham procurado acalmá-lo, porém sem resultado.

— Que espécie de padre? — perguntou Lebenthal.

— Católico. Para que quer saber? Judeu!

— Vejam só, um anti-semita. Faltava-nos mais essa.

— Há bastantes no acampamento — disse 509.

— Vocês é que têm a culpa — arquejou Ammers. — A culpa de tudo. Se não fôssem os judeus, nós não estaríamos aqui.

— O que? E por que não?

— Porque se não fôssem vocês, não haveria campos de concentração. Eu quero um padre.

— Devia ter vergonha de dizer essas coisas — interveio Bucher irritado.

— Não devo me envergonhar de nada. Estou doente. Vão buscar um padre.

509 reparou nos lábios azulados e nos olhos encovados do enfermo:

— Não há padres no acampamento, Ammers.

— Devem ter um. É o meu direito. Estou morrendo.

— Não creio que V. venha a morrer algum dia — declarou Lebenthal.

— Estou morrendo porque vocês, judeus desgraçados, devoraram tudo. E agora não querem, nem ao menos, ir buscar um padre. Quero me confessar. Vocês não entendem disso. Por que é que estou no meio de judeus? Tenho direito de estar numa barraca de arianos.

— Só no “grande acampamento”. Aqui é tudo uma coisa só.

Ammers gemeu e virou a cabeça para o outro lado. Na parede, acima de seus cabelos lia-se uma inscrição em lápis azul: “Eugen Mayer 1941, tifo. Vingança.”

— Como vai êle? — perguntou Berger a 509.

— Está morrendo há muito tempo, mas tenho a impressão de que hoje será o seu último dia.

— Está parecendo. Já está trocando tudo.

— Não está trocando nada — protestou Lebenthal.

— Sabe muito bem o que está dizendo.

— Esperemos que não — acrescentou Bucher.

509 olhou-o:

— Êle já foi outro homem, Bucher — disse 509 com calma. — Arrasaram-no. A criatura que agora V. vê, são os restos do que antes era Ammers. E mesmo essas ruínas estão deterioradas. Assisti a tudo.

— Um padre! — gemeu Ammers outra vez. — Preciso me confessar. Não quero ser condenado ao fogo eterno!

509 sentou-se na borda da cama. Ao lado do moribundo estava deitado um prêso do último transporte, ardendo em febre, com a respiração opressa.

— V. pode resolver tudo sem o padre, Ammers. O que é que fez de tão grave? Para nós aqui, já não há mais pecados. Pagamos todos, um por um. Arrependa-se do que tiver de se arrepender. É o bastante, quando uma confissão não é possível. É isto que ensina o catecismo.

Ammers interrompeu os gemidos:

— V. também é católico?

— Sou — respondeu 509. Não era verdade.

— Então sabe muito bem! Preciso de um padre. Quero me confessar e comungar. Não quero ficar queimando eternamente.

Tremia. Os olhos estavam desmesuradamente abertos. Seu rosto não era maior do que um punho, onde os olhos avultavam. Lembrava um morcego.

— Se V. é católico, sabe como é. Igual ao crematório. Só que lá, a gente não queima nem morre por inteiro. Quer que aconteça isso comigo?

509 olhou para a porta. Estava aberta. A tarde do céu transparente, parecia uma pintura. Tornou a volver o olhar para aquela cabeça torturada, onde visões infernais se cruzavam.

— Para nós, tudo isso é muito diferente — disse por fim. — Lá em cima teremos um bom lugar. Já experimentamos aqui o nosso inferno!

Ammers sacudia a cabeça, sem descanso.

— Não blasfeme — murmurou.

Depois soergueu o corpo e deblaterou:

— Vocês! Vocês! Vocês estão com saúde. Eu estou acabando logo agora! É. Riam-se! Riam-se! Tenho ouvido tudo o que andam planejando. Sairão daqui. Todos escaparão. E eu? Eu vou para o crematório. Para o fogo! Os olhos! Para sempre... haaa...

Ululava como um cão em noite de luar. O corno arqueado em convulsão. Solucava. A bôca aberta era um buraco negro, de onde se escapavam uivos intermitentes.

Sulzbacher levantou-se:

— Vou sair para ver se arranjo um padre.

— Onde? — perguntou Lebenthal.

— Em qualquer lugar. Na administração. Na guarda.

— Não seja louco. Aqui não existem sacerdotes. Os "SS" não permitem. Vão trancafiar V. no calabouço.

— Não faz mal.

Lebenthal encarava Sulzbacher. Disse por fim:

— Berger! 509! Ouviram?

Sulzbacher estava muito pálido. O maxilar inferior se desenhava forte. Não prestava atenção a ninguém.

— Não adianta — interveio Berger. É proibido. Mesmo entre os presos não conheço nenhum padre. Pensa que se fôsse possível, não teríamos já providenciado?

— Eu vou — teimou Sulzbacher.

— É um suicídio. — Lebenthal puxava os cabelos. — E logo para um anti-semita. — Idiota! Mais um que ficou idiota.

— Pois é, idiota, mas vou.

— Bucher, Berger, Rosen — chamou 509 calmo.

Bucher já se encontrava por detrás munido de um cassete. Deu-lhe uma bordoadada na cabeça, não muito forte, mas suficiente para fazer Sulzbacher cambalear. Cercaram-no por todos os lados e rolaram sôbre êle.

— Empréstas as correias do “Mastim” — pediu Berger a Ahasverus.

Amarraram-no convenientemente e largaram-no.

— Se gritar — avisou 509 — seremos forçados a tapar-lhe a boca.

— Vocês não me compreendem.

— Está bem, mas ficará assim até que lhe passe a crise. Já temos perdido muitos companheiros por imbecilidades como esta.

Colocaram-no num canto e não se preocuparam mais com êle. Rosen se levantou:

— Ainda está perturbado — explicou baixinho, como pedindo desculpas pelo outro. — Devem compreender... o irmão, outro dia mesmo...

* * *

Ammers tinha ficado rouco:

— Onde está êle? Onde?

Já estavam todos exasperados.

— Não haverá mesmo um padre ou um sacristão, ou um coroinha nas barracas? Qualquer coisa para êle nos deixar em paz.

— Havia quatro na barraca 17. Um foi sôlto; dois morreram e o outro está no calabouço — informou Lebenthal. — Breuer surra-o tôdas as manhãs com umas correntes. Chama a isso — dizer a Missa com o padre.

— Por favor — sussurrou Ammers. — Pelo amor de Cristo, um padre!

— Acho que na seção B há um homem que sabe latim, disse Ahasverus. Ouvi qualquer coisa a êsse respeito. Não se poderia chamá-lo?

— Qual é o nome dêle?

— Não sei bem — Dellbrück, Hellbrück ou coisa parecida. O fiscal do alojamento deve saber.

509 ergueu-se:

— O fiscal é Mahner, podemos perguntar-lhe.

Dirigiu-se com Berger para lá.

— Deve ser Hellwig — disse Mahner. — Um que fala línguas. É um pouco maluco. Às vêzes põe-se a declamar. Está na seção A.

— Deve ser êsse.

Foram para a seção A. Mahner entendeu-se com o fiscal do alojamento, um homem comprido com uma cabeça de caju, que acabou encolhendo os ombros. Mahner se meteu por um labirinto de camas, pernas, braços e gemidos, chamando alto o nome.

Voltou no fim de alguns minutos. Um indivíduo desconfiado o acompanhava.

— É êste — disse Mahner a 509.

— Vamos lá para fora. Aqui não é possível se entender uma palavra.

509 explicou do que se tratava.

— V. sabe latim?

— Sei. — O rosto de Hellwig tinha esgares nervosos.

— Sabem que a minha marmita vai ser roubada?

— Como?

— Aqui há roubos. Ontem roubaram minha colher enquanto fui à privada. Estava escondida embaixo da minha cama. Agora deixei a marmita lá dentro.

— Vá buscá-la, então.

Hellwig desapareceu sem dizer uma palavra.

— Êsse não volta mais — comentou Mahner.

Ficaram esperando. Tinha escurecido. Sombras saíam das sombras; a escuridão das barracas aumentava a escuridão. Quando Hellwig voltou, trazia a marmita apertada contra o peito.

— Ignoro se Ammers compreende latim, — disse 509 — suponho que não deve ir além do *ego te absolvo*. Pelo menos isso deve ter guardado. Basta dizer-lhe isso e mais qualquer coisa que lhe ocorra.

Hellwig, com as suas longas pernas, andava trôpego.

— Virgílio? — perguntou. — Horácio?

— Não conhece nada de liturgia?

— *Credo in unum Deum*.

— Ótimo.

— Ou *Credo quia absurdum*.

509 encarou-o. Viu dois olhos estranhos, inquietos.

— É o que nós todos fazemos — respondeu.

Hellwig parou. Apontava um dedo esquelético para 509, como se o quisesse fugar.

— É um sacrilégio, V. sabe, mas, o farei assim mesmo. Ele não tem necessidade de mim. Pode haver arrependimento e remissão dos pecados, mesmo sem confissão.

— Talvez não possa concentrar sem ter alguém a seu lado.

— Farei somente para ajudá-lo. Enquanto isso ficarão com a minha ração de sopa.

— Mahner guardará a sua sopa. Dê-me a sua marmitta, ficará comigo enquanto estiver lá dentro.

— Por que?

— O infeliz acreditará mais se não o vir com uma marmitta.

— Está bem.

Entraram. A escuridão dentro da barraca era quase completa.

Ouvia-se o arquejar de Ammers.

— Aqui está — disse 509. — Achamos um padre, Ammers.

Ammers serenou.

— É verdade? perguntou com voz firme. Está aqui?

— Está.

Hellwig curvou-se:

— “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”.

— “Para sempre seja louvado”, respondeu o moribundo como uma criança espantada.

Começaram a falar baixinho. 509 e os outros saíram dali. Os últimos clarões do crepúsculo espalhavam-se docemente sobre os campos, no horizonte. 509 sentou-se encostado à parede da barraca que ainda conservava algum calor do sol. Bucher acercou-se e se sentou também.

— Curioso — disse depois de algum tempo. — As vezes morrem centenas de criaturas e não se sente nada. De repente morre uma única que nem tinha muito que ver com a gente, e é como se estivessem morrendo centenas.

509 concordou com um gesto:

— A imaginação não sabe contar. Não é o número que torna mais fortes os sentimentos, estes só sabem contar até um. Um — mas é suficiente quando o sentimento é real.

* * *

Hellwig vinha saindo. Estava curvado como se viesse carregando sobre os ombros a escuridão pestilenta da barraca, como um pastor que carregava sua ovelha preta para lavá-la na pureza da noite. Quando esticou o corpo, tornou-se, novamente, um prêso como os outros.

— Foi um sacrilégio? — perguntou 509.

— Não. Não desempenhei nenhum papel de sacerdote. Ajudei-o na aflicção do arrependimento.

— Desejava ter alguma coisa para V. Um cigarro, um pedaço de pão, — disse 509 restituindo-lhe a marmita — porém, nós mesmos nada temos. O máximo que poderemos oferecer-lhe é a sopa de Ammers, caso morra antes do rancho.

— Não preciso de nada. Não quero nada. Seria uma sujeira receber o que quer que fôsse.

509 reparou que Hellwig tinha lágrimas nos olhos. Olhou-o estupefato.

Depois perguntou:

— Está tranqüilo agora?

— Está. Hoje de tarde tinha-lhe roubado um pedaço de pão. Quis que lhe dissesse isto.

— Eu já sabia.

— Deseja vê-los. Quer pedir perdão a todos.

— Que horror! Para que isso?

— Ele o deseja. Principalmente a um que se chama Lebenthal.

— Ouviu Leo? — perguntou 509.

— Quer aproveitar para regular tôdas as contas com o céu — respondeu Lebenthal irreconciliável.

— Não creio.

Hellwig pôs a marmita debaixo do braço.

— É curioso. Quis realmente ser padre. Desisti, já nem sei mais porque. Lamento.

Passeou o olhar vago pelos homens sentados:

— Sofre-se menos quando se crê em alguma coisa.

— Claro, mas existem muitas outras coisas nas quais se pode crer também. Não é só Deus.

— Evidente — retrucou Hellwig com tanta solicitude como se estivesse discutindo num salão. Tinha a cabeça um pouco inclinada como para escutar alguma coisa. — Foi algo como uma confissão de emergência, disse. Batismo de emergência sempre existiu. — Seus traços se contraíram. — Uma questão para os teólogos resolverem. Boa noite meus senhores.

Encaminhou-se como uma aranha gigante em direção à sua seção. Os outros perplexos, o seguiram com a vista. O que mais os impressionara fôra a saudação; desde que estavam no acampamento, nunca tinham tornado a ouvir tais expressões.

— Vá ver Ammers, Leo — aconselhou Berger depois de um momento. — Por que não? Quando penso que aquêle nos chamou de senhores!

Lebenthal estava hesitante.

— Vá! — animou Berger. — Do contrário êle recommeará a gritar. Enquanto isso vamos soltar Sulzbacher.

* * *

O crepúsculo se transformara numa noite luminosa. Um sino tocava na cidade. Nas plantações dos campos havia sombras azuis e violeta.

Estavam sentados num pequeno grupo fora da barraca. Lá dentro Ammers agonizava. Sulzbacher, refeito sentara-se acanhado ao lado de Rosen.

Lebenthal se esticou de repente:

— O que é aquilo lá?

Olhava fixamente para os campos, através dos arames. Nos sulcos preparados para a plantação, qualquer coisa estava saltando de um lado para o outro. Ora parando, ora continuando.

— É uma lebre — disse Karel.

— Que asneira! De onde é que V. conhece uma lebre?

— Em casa tinha alguma. Vi muitas vezes quando era criança. Quer dizer quando não estava prêso.

Para êle sua infância era o tempo antes do campo de concentração. O tempo em que seus pais ainda não tinham sido asfixiados nas câmaras de gás.

— É mesmo uma lebre. Bucher apertou os olhos. Ou um coelho. Não. Para coelho é muito grande.

— Deus do céu! — exclamou Lebenthal. — Uma lebre viva!

Agora estava visível para todos. Por um momento, ficou com as patas dianteiras erguidas. As longas orelhas bem levantadas. Depois continuou a saltar.

— Se viesse até aqui!

A dentadura de Lebenthal estalava. Recordou-se do cachorro que Bethke quisera impingir-lhe por uma lebre, em troca do bloco de ouro de Lohmann.

— Se chegasse até aqui, poderíamos trocá-la. Não a comeríamos nós mesmos. Poderíamos trocá-la por duas vezes mais, não? Por duas e meia vezes mais de restos de carne da cozinha.

— Não a trocaríamos por nada. Trataríamos de comê-la nós mesmos — protestou Meyerhof.

— É? E quem é que iria assá-la? Pretende comê-la crúa assim mesmo? Se dermos a alguém para assar, na certa não nos restituem — declarou Lebenthal acalorado. — Engraçado como alguns camaradas querem resolver tudo, apesar de não arredarem pé da barraca durante semanas inteiras.

Meyerhof era o assombro da barraca 22. Por mais de três semanas estivera entre a vida e a morte com pneumonia e disenteria. Chegara a tal estado de fraqueza que já nem podia mais falar. Berger o tinha desenganado, quando, de repente, em poucos dias se restabelecera. Era um verdadeiro ressuscitado. Por causa disso, Ahasverus crismara-o de Lazaro Meyerhof. Era a primeira vez que vinha um pouco para o lado de fora. Berger proibira; o outro, porém, teimara em sair. Estava vestido com o capote de Lebenthal, a malha do defunto Buchsbaum e uma túnica de *hussard* que alguém recebera à guisa de paletó. A sobrepeliz que Rosen usava como camisa, servia-lhe de xale. Todos os "veteranos" tinham se empenhado em contribuir de algum modo para a sua primeira saída. Encaravam aquela cura como um triunfo coletivo.

— Se passasse para o lado de cá, teria de tocar o arame, com a carga elétrica, ficaria assada — teimou Meyerhof esperançoso. — Podia-se puxá-la com um pedaço de pau bem seco.

Observavam o animal com ansiedade. A lebre continuava a saltar de um lado para outro, parando de vez em quando.

— Os "SS" tratarão de caçá-la.

— Não é tão fácil acertar uma bala com esta clari-
dade — comentou 509. — O pessoal da "SS" está acos-
tumado a atirar nas costas de pessoas que estão a poucos
metros de distância.

— Uma lebre. — Ahasverus mexia os lábios. — Qual
é mesmo o gosto que tem?

— Tem o gosto de uma lebre — esclareceu Lebenthal.
— O melhor é o lombo. Lardeado com pedacinhos de
toicinho para ficar macio. Junta-se um mólho de leite.
É assim que se come em Gojim.

— E pirão de batata — acrescentou Meyerhof.

— Besteira. Pirão de castanhas e avelãs vermelhas.

— Pirão de batata é melhor. Castanhas! Isso é
para italiano.

Lebenthal olhou indignado para Meyerhof.

— Sabe de uma coisa...

Ahasverus interrompeu-os:

— Ora.

— Uma lebre! Era preferível um ganso. Um bom ganso recheados.

— Com maçãs.

— Fechem a goela! — berrou alguém que estava atrás. — Estão com o diabo no couro? É de se ficar louco!

Estavam sentados curvados para a frente, seguindo com os olhos encovados nos rostos de caveiras, as evoluções que a lebre continuava fazendo. A menos de cem metros, se encontrava uma refeição fabulosa. Uma bola de pelos com vários quilos de carne que representava a salvação para muitos dêles. Meyerhof sentia-o em todo o ser. Para êle o pequeno animal representava a certeza de não ter uma recaída.

— Está bem. Por mim pode ser com castanhas — articulou. Sentia a bôca sêca e empoeirada como um depósito de carvão.

A lebre esticando o corpo, farejou o ar. Foi nesse momento que uma das sentinelas a avistou:

— Edgar! Criatura! Uma lebre! Faça fôgo!

Ouviram-se alguns tiros. Um pouco de terra foi sacudida no ar. A lebre desapareceu em corrida desabalada.

— Estão vendo? — disse 509. — Só acertam nos prisioneiros e a pouca distância.

Lebenthal suspirou, olhando a direção que a lebre tomara.

— Será que vamos ter pão hoje à noite? — Perguntou Meyerhof passado algum tempo.

* * *

— Morreu?

— Acabou morrendo. Ainda queria que tirássemos o novo de perto dêle. Aquêles que está com febre. Tinha medo de se contagiar, mas afinal, foi êle que contagiou o outro. No fim já estava gemendo e xingando outra vês. Acho que o padre não o ajudou cem por cento.

509 sacudiu a cabeça:

— Não é sopa morrer agora. Antes era mais fácil, porém neste momento, tão perto da hora de sair daqui já ninguém mais quer morrer.

Berger sentou-se perto de 509, depois do rancho da noite. O “pequeno acampamento” recebera uma sopa rala sem pão.

— Que é que Handke queria com V.?

509 abriu a mão:

— Trouxe isto — uma folha de papel de carta e uma caneta-tinteiro. — Quer que eu transfira para êle, tôda a soma que está na Suíça. Não quer a metade, quer tudo. Os 5.000,00 francos.

— E então?

— Em compensação me deixará viver por enquanto. Chegou até a insinuar qualquer coisa como proteção.

— Enquanto não estiver de posse da assinatura.

— Quer dizer até amanhã à noite. Já é alguma coisa. Muitas vêzes não dispõe de tanto tempo.

— Não é suficiente, 509. Precisamos arranjar outra saída.

509 sacudiu os ombros:

— Talvez mantenha a palavra. É possível que acredite precisar de mim para receber o dinheiro.

— Ê, mas pode ser também que ache justamente o contrário, que deseje se livrar de V. com medo de uma contra-ordem.

— Não poderia mais interferir depois de ter assinado uma ordem de pagamento.

— Sim, porém êle não sabe disso. V. poderia, aliás, no caso, provar que tinha assinado sob coação.

509 calou-se algum tempo:

— Efraim — disse, então, muito calmo. — Não faria nada disso. Não tenho nenhum dinheiro na Suíça.

— O quê?

— Não possuo um franco sequer na Suíça.

Berger encarou 509 durante alguns segundos:

— Inventou tudo isso?

— Foi.

Berger limpou os olhos inflamados com as costas da mão. Os ombros estavam tremendo.

— Que é que tem? — perguntou 509. — Está chorando?

— Não. Estou rindo. É idiota, mas estou rindo.

— Ria-se, homem. Aqui dentro temos tido bem poucas ocasiões para rir.

— Estou rindo, só de pensar na cara de Handke ao chegar à Suíça. Como é que teve essa idéia, 509?

— Nem sei. Tem-se muitas idéias quando se trata de salvar a pele. O principal é que êle acreditou. E enquanto a guerra não terminar, nem ao menos poderá apurar alguma coisa. Terá de acreditar e pronto.

— Até aí está certo. — O rosto de Berger estava sério outra vez. — E é por isso que não se pode prever o que fará. Basta que tenha uma das crises. Precisamos nos precaver. O melhor será V. morrer.

— Morrer? Como? Não dispomos de enfermaria, como poderíamos arranjar as coisas? Aqui já estamos na última estação.

— Dispomos da derradeira estação — o crematório!

509 observou o crânio estreito do companheiro em cuja fisionomia preocupada os olhos inflamados lacrimejavam e foi invadido por uma onda de emoção.

— Acha que seria possível?

— Pode-se tentar.

509 não perguntou como era que Berger pretendia tentar um tal jogo.

— Temos tempo para conversar sobre o assunto. Hoje vou transferir apenas 2.500 francos para Handke. Ele leva o papel e depois volta para reclamar o resto.

Com isso ganho alguns dias. Além do mais, possuo ainda os 20 marcos de Rosen.

— E quando se acabarem?

— Até lá pode ser que aconteça alguma coisa. Só se pode pensar no perigo mais próximo. Uma coisa depois da outra. Do contrário acaba-se ficando louco.

509 brincava com a folha de papel e a caneta-tinteiro, olhando os pálidos reflexos sobre a pena.

— Engraçado, — disse. — Há muito tempo que não pego nessas coisas — papel e tinta. — Antigamente era do que eu vivia. Será que um dia ainda se estará em condições de recomeçar?

15

Os duzentos homens do novo destacamento de desmonte, estavam enfileirados no meio da rua. Era a primeira vez que os incumbiam de serviços dentro da cidade. Até então só os haviam utilizado dentro das fábricas ou nos arredores.

Os "SS" tinham interditado a rua e colocado sentinelas ao longo do lado esquerdo. Fôra o lado direito o mais danificado pelas bombas. Paredes e tetos, derrubados, na via pública, tornavam quase impossível o tráfego por ali.

Os presos não dispunham de pás e enxadas suficientes; alguns precisavam trabalhar só com as mãos. Os cabos e fiscais estavam nervosos; não sabiam se deviam distribuir pancadaria para apressar o serviço, ou manter uma atitude discreta. Proibira-se o trânsito de civis, mas havia os moradores das casas ainda intactas, os quais não podiam ser delas afastados.

Lewinsky trabalhava ao lado de Werner. Juntamente com grande número de presos políticos ameaçados de próximo extermínio, tinham ambos se apresentado para o serviço de desmonte. O trabalho era muito mais pesado do que qualquer outro, era contudo uma maneira de escaparem à proximidade dos "SS" do campo de concentração, durante dias inteiros. À noite, com a escuridão, tornava-se mais fácil, em caso de perigo, escapulir, tornando-se invisíveis.

— Viu o nome da rua? — perguntou Werner baixinho.

— Vi. — Lewinsky fez uma careta.

A rua se chamava Adolf Hitler. Nome sagrado, mas que as bombas não tinham respeitado.

Carregavam uma viga. As costas das blusas de riscas estavam encharcadas de suor. No canto, onde o desentulho era amontoadado, encontraram Goldstein. Apesar de sofrer do coração, quisera se apresentar para aquela tarefa e Lewinsky e Werner não tinham feito objeções; — pertencia ao número de presos que estavam ameaçados. Ergueu o rosto cinzento e farejou o ar:

— Está cheirando a cadáver, já antigo. Aqui deve haver corpos soterrados.

— Com tôda a certeza.

Conheciam aquilo. Todos sabiam como era o cheiro dos cadáveres. Em tais assuntos eram especialistas.

Puseram-se a empilhar pedras sôltas ao longo de um muro. A calça era transportada num carrinho. Atrás dêles, no outro lado da rua, havia uma mercearia. As vitrinas estavam partidas, porém arrumadas com caixas e cartazes. Um homem de bigodes espiava por detrás. Tinha o tipo daqueles manifestantes que, em 1933, nas passeatas do partido, desfilavam carregando estandartes com as inscrições: "Não comprem nas lojas judaicas". Parecia uma cabeça cortada, aposta no fundo de vitrina, como nas fotografias baratas, nos parques de diversões, cujos donos fazem questão que sejam adaptadas ao corpo de um garboso oficial. Aquela, repousava sôbre caixas vazias e cartazes empoeirados que lhe assentavam muito bem.

No vão do portal que ficara ileso, crianças brincavam. De pé, ao lado delas, uma mulher de blusa vermelha olhava para os prescs. Alguns cachorros saíram, de repente pelo portão e correram para os prisioneiros. Farejaram-lhe as calças e os sapatos. Um pôs-se a fazer festas ao preso n.º 7.105. O cabo encarregado daquele grupo, não sabia o que fazer. Era o cão de um civil, mas não era uma pessoa; no entanto, não lhe parecia conveniente que se mostrasse amistoso para com um prêso, sobretudo, na presença dos "SS". O 7.105 ainda sabia menos como agir. Continuou como se o animal não existisse absolutamente. Êste, porém, resolveu segui-lo. Tomara-se de súbita simpatia pelo prisioneiro que, curvado, labutava com dobrada atenção. Estava preocupado. O cachorro poderia causar-lhe a morte.

— Passa fora, pulgueiro — gritou o cabo, afinal, erguendo o cassetete.

Tinha tomado aquela resolução porque diante dos "SS", era sempre melhor agir com energia. O cão, porém, não se importou. Continuava a saltar e a dançar em volta do 7.105. Era um grande cão de caça alemão, amarelo e branco.

O cabo resolveu atirar-lhe pedras. A primeira acertou no joelho do 7.105. Só a terceira bateu de lado, na barriga do animal que, pulando de lado, principiou a latir para o agressor.

— Passa fora daqui, carniça!

O cabo lançou mão do primeiro pau que encontrou. O bicho se afastou, mas não fugiu. Fêz uma volta e se atirou sobre o cabo. O homem tropeçou num monte de calça. Num minuto o cão estava rosnando em cima dêle.

— Socorro! — gritou tratando de ficar imóvel.

O pessoal da "SS" que estava por perto, desatou a rir.

A mulher da blusa vermelha veio correndo e assobiou chamando:

— Para aqui! Já, já! Oh, êste cachorro ainda me arranja complicações!

Puxou-o para dentro do portão.

— Fugiu, — disse desculpando-se ao "SS" mais próximo. — Vai levar uma surra por causa disso.

O "SS" deu um risinho irônico:

— Não tem importância. Seria bem bom que aquêlê idiota fôsse mordido.

A mulher sorriu amarelo. Pensara que o cabo também fôsse um "SS".

— Muito obrigada. Vou prendê-lo agora mesmo.

Puxou o cachorro pela coleira, mas de repente pôs-se a acariciá-lo. O cabo sacudia a poeira das calças. Os "SS" continuavam a dar risadas.

— Por que foi que V. não lhe deu uma dentada? — perguntou um dêles.

O homem não respondeu nada. Era melhor. Continuou a sacudir a roupa, até que esbarrou no 7.105 que, no momento, se esforçava para arrancar debaixo de um monte de pedras e calça, um vaso de privada.

— Vamos, peste preguiçosa! — disse pespegando-lhe um pontapé no joelho. O preso caiu abraçado à tampa da bacia. Os outros não o perdiam de vista. O "SS" que falara com a dona do cachorro, se aproximou do cabo e deu-lhe, com a bota, um empurrão no traseiro:

— Deixe êste aí em paz! Êle não tem culpa de nada. Trate V. de dar uma dentada no cachorro, corujão!

O homem virara-se espantado. A expressão de raiva dera lugar a uma careta servil:

— Perfeitamente. Queria só...

— Vamos!

Deu-lhe um safanão no peito. O cabo, meio perfilado, teve de afrouxar a posição. O "SS" se afastou.

— Viu? — Sussurrou Lewinsky.

— Sinais de milagres. Pode ser também que quisesse fazer ostentação para os civis.

Os presos continuavam a observar dissimuladamente o outro lado da rua e do outro lado da rua as pessoas continuavam a observá-los. Entre as duas calçadas havia apenas alguns metros. Aquelas criaturas, porém, estavam mais separadas do que se habitassem em continentes distantes. A maior parte dos detentos, desde que haviam sido enclausurados, nunca mais tinha visto uma cidade de tão perto. Voltavam a apreciar as pessoas entregues às suas ocupações habituais. Olhavam para aquilo, como se estivessem contemplando cenas desenroladas no planeta Marte.

Uma empregada de vestido azul com bolinhas brancas, limpava as vidraças que tinham ficado inteiras, num apartamento. Arregaçara as mangas e cantava. Numa outra janela, estava uma senhora idosa de cabelos brancos. Um raio de sol iluminava-lhe o rosto e passando pelas cortinas abertas, batia sobre os quadros pendurados nas paredes. Na esquina havia uma farmácia. O farmacêutico, parado à porta, bocejava. Uma mulher com um capote de pele de leopardo, seguia pela rua, bem rente às casas. Os sapatos e as luvas eram verdes. Os "SS" tinham-lhe permitido a passagem por ali. Era jovem e caminhava com elegância através os escombros. Os pobres prisioneiros há anos que não punham a vista numa mulher. Todos a miravam um momento, mas só Lewinsky ousou segui-la com o olhar.

— Cuidado! — murmurou Werner. — Ajude aqui.

Apontava para um pedaço de fazenda que surgia entre a calíça:

— Aí tem alguém.

Afastaram as pedras. Um rosto desfigurado com uma barba onde o sangue se misturava com cal e areia, apareceu. Estava meio tapado por uma das mãos. Gesto instintivo de proteção que a vítima fizera provavelmente, ao sentir que a casa estava se desmoronando.

Os "SS" do outro lado diziam piadas à passagem da graciosa figurinha com pele de leopardo que sorrindo prosseguia. De repente as sereias principiaram a dar o sinal de alarme.

* * *

O farmacêutico desapareceu dentro da casa. A moça do casaco de leopardo hesitou, depois retrocedeu. Tropeçou num monte de escombros. Quando se levantou estava com as meias rasgadas e as luvas brancas de poeira. Os presos interromperam o trabalho.

— Todos parados! Quem se mexer leva fogo!

Os "SS" que patrulhavam as esquinas, vinham se aproximando:

— Formem grupos! Depressa, depressa!

Os presos não sabiam a que ordem deviam obedecer. Ouviram-se algumas detonações. Afinal os "SS" conseguiram agrupar todos. Os chefes de destacamentos deliberavam sobre a atitude a tomar. Só tinha soado o pré-alarme, mas cada um investigava o firmamento a todo o instante. O céu brilhante, parecia mais luminoso e mais deserto do que antes.

O outro lado da rua, tornara-se mais animado. Gente que até então estivera invisível, começava a sair de dentro das casas. Havia crianças gritando. O vendedor dos bigodes surgiu com olhar torvo de dentro da loja e, como uma larva gorda, atravessou por cima dos destroços. Uma mulher com um xale de quadrados, passou carregando, com cuidado, uma gaiola com um papagaio. A senhora idosa de cabelos brancos desaparecera. A empregadinha, com a saia repuxada, disparou pela

porta. Lewinsky seguiu-a com os olhos. Entre as meias escuras e as calças azuis, brilhava a carne branca das suas pernas. Atrás dela, subindo pelas pedras como uma cabra, apareceu uma solteirona. De um momento para o outro, tudo se transformara. A tranqüilidade que reinava no lado da gente livre fôra perturbada; apavorados, fugiam todos de suas casas em busca de abrigos antiaéreos, onde esperavam garantir as vidas. Os prisioneiros, do outro lado, imóveis e calados rente às paredes desmoronadas, olhavam os fugitivos:

Um dos chefes se apercebeu e comandou:

— Todo o pelotão de costas!

Os presos passaram a contemplar as ruínas, onde o sol se refletia. Numa das casas bombardeadas havia uma passagem desimpedida que dava para um porão. Viam-se alguns degraus, um portão, um corredor escuro por onde se enfiava uma réstia de luz que vinha do outro lado da saída.

Os chefes estavam indecisos. Nenhum pensava em conduzi-los a um abrigo. Todos, aliás, já repletos com a população civil. Os “SS”, porém, não tencionavam permanecer do lado de fora. Alguns dêles inspecionavam as casas mais próximas. Acharam um porão betonado.

As sereias mudaram de som. Os “SS” desapareceram dentro do abrigo, deixando duas sentinelas à entrada da casa e duas em cada extremidade da rua.

— Cabos! Ajudantes! Atentos, para que nenhum se escape. Atirem no primeiro que fizer um movimento!

Os traços dos prisioneiros se contraíram. Fixavam as paredes em sua frente e esperavam. Não tinham recebido ordem para se deitar. De pé podiam ser controlados melhor. De pé permaneceram silenciosos, amontoados num grupo envolvido pelos cabos e ajudantes. O cão de caça que se havia livrado da corrente, andava por ali à procura do 7.105. Quando o encontrou, saltou-lhe no peito, tentando lamber-lhe o rosto.

O barulho cessou por um momento. E naquela atmosfera de expectativa opressiva, de repente soaram as notas de um piano. Soaram claras, mas só durante um

minuto. Werner, no entanto, pôde reconhecer "O côro dos prisioneiros de Fidélio". Não podia ser um rádio; durante os alarmes antiaéreos não havia nenhuma transmissão. Talvez fôsse uma vitrola que não tivessem desligado, ou... mas era alguém que tinha tocado piano com a janela aberta.

As sereias começaram. Werner se concentrava todo nas poucas notas que conseguira ouvir. Trincava os dentes, procurando repeti-las de memória. Não desejava pensar nem em mortes nem em bombardeios. Se conseguisse reconstituir a melodia seria salvo. Cerrou os olhos e sentiu no cérebro os dolorosos nós do esforço mental. Não desejava morrer. Não daquela morte estúpida. Não queria se deter em tal pensamento. Era preciso recordar a melodia; a melodia dêses prisioneiros que tinham recobrado a liberdade. Fechou os punhos. Procurava continuar a ouvir os sons do piano, em vão, o estridor metálico do mêdo os havia tragado.

* * *

As primeiras explosões sacudiram a cidade. O silvo das bombas que caíam dominou o estrépito das sereias. O sol estremecia. A fachada de uma casa se deslocando, veio caindo lentamente. Alguns dos presos se atiraram ao chão, mas logo os ajudantes comandaram:

— De pé! De pé!

Suas vozes se perdiam no barulho. Puseram-se a sacudir os homens que estavam deitados. Goldstein viu o crânio de um dêles se abrir, e o sangue escorrer em golfadas. Seu vizinho segurou o ventre com as duas mãos e rolou por terra. Não eram as bombas, eram os tiros que os "SS" disparavam sem se ouvir.

— O porão! gritou Goldstein para Werner no alarido. Aquêles porão, lá ninguém irá atrás de nós.

Examinava a entrada que parecia maior. Aquela obscuridade cheia de frescura representava a salvação. Os presos olhavam-na hipnotizados, um frêmito perpassou pelo grupo. Parecia impossível resistir. Werner segurou firme Goldstein;

— Não! — Ele mesmo não tirava os olhos da entrada do porão, mas em meio ao ruído infernal continuava gritando:

— Não! Nada disso! Passariam fogo em todos nós! Parados!

Goldstein virou o rosto cinzento para o outro, os olhos brilhantes como dois pedaços de ardósia, a bôca retorcida de emoção.

— Não é um esconderijo. É para fugir. Há uma saída do outro lado.

Werner sentiu um choque no estômago. Começou a tremer. Não eram as mãos nem os joelhos que estavam tremendo. Dentro dêle, as veias latejavam. Todo o seu sangue se agitava. Sabia que a fuga era quase impraticável, mas aquêlê pensamento era uma horrível tentação. — Fugir, roubar umas roupas em qualquer casa e desaparecer no meio da confusão geral:

— Não! — Pensou que estava cochichando, mas tinha berrado com tôda a fôrça. — Não! — Não estava falando só com Goldstein, estava falando para si próprio. — Não! Agora é muito tarde.

Sabia que seria uma loucura. Tudo que tinham conseguido até ali, ficaria arruinado. Camaradas executados. Dez por fugitivo. Um mar de sangue naquele pobre grupo e medidas drásticas no acampamento, mas... apesar de tudo, aquela abertura era um convite quase irresistível.

— Não! — berrou outra vez, agarrando-se a Goldstein para detê-lo e para deter-se a si mesmo.

"O sol", pensou Lewinsky. "Êste sol terrível que deixa tudo às claras. Por que será que não se dá um tiro no sol?". Era como se estivesse despido diante de holofotes formidáveis, pronto para servir de alvo aos aviões. Se ao menos passasse uma nuvem, ainda que por um instante só! O suor escorria pelos rostos e pelos corpos.

Os muros tremeram. Uma explosão pavorosa abalou o espaço. Uma parede com uma janela despedaçada, foi lentamente desmoronando e caiu. Parecia quase inofensiva ao se espatifar sôbre os prisioneiros. Era um

bloco de uns cinco metros de largura. Agora só se distinguia o preso atingido pela esquadria da janela, que, estupefato, olhava em redor sem compreender porque estava enterrado até a cintura, porém vivo. Perto dêle, pernas que emergiam do monte de escombros, se agitaram algumas vezes até ficarem imóveis.

* * *

A tensão ia diminuindo quase sem se perceber. A pressão no cérebro e nos ouvidos cedera e aos poucos fôra se tornando consciente, filtrando-se como um pálido raio de luz através de um orifício. O barulho continuava como antes, porém todos sabiam que agora o pior já tinha acabado.

O pessoal da "SS" surgiu do abrigo. Werner olhava para a parede em sua frente, que, entrementes, voltara a não representar mais do que uma parede comum, onde o sol refletia e que dava passagem para um porão. Deixara de ser um escárnio, onde o verme de uma esperança longínqua se arrastara. Olhou de novo para o rosto do morto de barba que estava a seus pés, viu as pernas dos camaradas esmagados. Então, surpreso, tornou a ouvir, através o ruído decrescente, as claras notas do piano. Apertou os lábios com força.

Ressoaram ordens. O preso que ficara emoldurado pela armação da janela se esforçava por livrar-se da avalanche de destroços. Estava com um pé deslocado. Levantou-se e ficou sobre uma perna só. Não ousava deitar-se no chão. Um dos "SS" percebeu e interveio:

— Vamos! Tratem de desenterrar os que ficaram aqui.

Os presos afastavam pedras e entulho. Trabalhavam com pás e picaretas. Dentro em pouco tinham libertado os companheiros. Eram quatro, dos quais três estavam mortos. Tiraram dali o que ainda vivia. Werner procurava uma ajuda, quando viu a mulher de blusa vermelha sair do portão trazendo com cuidado uma tigela com água e uma toalha. Não tinha ido para o abrigo antiaéreo. Sem se preocupar com os homens da "SS", colocou a água ao lado do ferido. Os "SS" olharam in-

decisos, mas não disseram nada. Enquanto isso, ela lavava o rosto ensangüentado. O infeliz cuspiu uma esputa de sangue que a mulher também limpou. Um dos "SS" desatou numa gargalhada. Tinha um rosto infantil de traços retorcidos e os cílios eram tão incolores que os olhos claros pareciam despidos.

A artilharia de defesa parara de atirar. No silêncio o piano soou outra vez. Werner pôde ver de onde vinha a música — do 1.º andar do edifício onde ficava a mercearia. — Pela janela viu um homem pálido, de óculos, sentado a um piano, continuando sempre a tocar "O câro dos prisioneiros". Os "SS" fizeram uma careta. Um dêles batia na testa com os dedos. Werner não saberia dizer se o homem tocava apenas para dissipar o medo do bombardeio, ou se tinha outra intenção. Resolveu acreditar na segunda hipótese. Acreditava sempre no que era melhor, desde que não corresse nenhum risco. Assim tornava a vida mais fácil.

De todos os lados começou a aparecer gente. Os "SS" tomaram atitudes militares. Vozes de comando se fizeram ouvir. Os presos estavam em filas. Um dos chefes ordenou que um "SS" permanecesse junto aos mortos e feridos. Depois ordenou marcha acelerada até o fim da rua. A última explosão atingira um abrigo anti-aéreo. Os presos deviam fazer a desobstrução.

* * *

A cratera cheirava a enxofre e a ácido. Árvores, arrancadas pela raiz, estavam espalhadas por ali. O gradil que cercava a grama, fôra atirado pelos ares. A bomba não caíra em cheio no abrigo. Pegara de lado, afundando-o e soterrando-o.

Foram necessárias quas horas para desobstruir a entrada. Degrau por degrau, foram pondo a escada que ficara tôda torta em estado de ser usada. Trabalhavam com a máxima rapidez, com o mesmo entusiasmo como se fôsem os seus camaradas que estivessem ali dentro.

Gastaram mais uma hora até conseguir abrir uma passagem. Há muito já, se ouviam gritos e batidas. Recebiam ar de uma fresta qualquer. Logo que o primeiro buraco foi rasgado, os gritos recrudeceram. Uma cabeça achegou-se à abertura e se pôs a berrar, enquanto,

por baixo, duas mãos arranhavam o cascalho como uma toupeira gigante abrindo caminho.

— Cuidado! — gritou um fiscal. — Póde continuar a desmoronar.

As mãos prosseguiram no trabalho, até que do lado de dentro, alguém puxou a cabeça para trás. Uma outra apareceu no mesmo lugar e a gritaria recomeçou. Também aquela foi afastada. O pessoal, lá dentro, em pânico se engalfinhava para ter o direito de ficar perto da fresta de luz.

— Procurem empurrá-los para trás! Acabarão se ferindo. A abertura tem de ser alargada! Tratem de fazê-los recuar.

Tentaram empurrar as caras para dentro. Mordiam-lhes os dedos. Com picaretas, deslocavam o cimento. Trabalhavam como se fôsem as próprias vidas que estivessem em jôgo. Enfim a abertura ficou suficientemente grande para dar passagem a uma pessoa.

O primeiro foi um homem vigoroso. Lewinsky o reconheceu imediatamente. Era o homem dos bigodes que estava na mercearia. Tratara de se colocar no primeiro lugar. Bufando, fazia fôrça para passar pelo buraco, mas ficou prêso pela barriga. O berreiro lá dentro se tornou alucinante. O homem impedia que a luz penetrasse no porão. Puxavam-lhe as pernas para baixo.

— Socorro! — gritou com voz aguda. — Ajudem-me a sair... A sair daqui! Eu... lhes darei... Os olhinhos miúdos e escuros saltavam-lhe das órbitas. O bigode à Hitler tremia:

— Socorro! Meus senhores! Por favor! Meus senhores!

Parecia uma foca acorrentada, tentando falar.

Pegaram-no por baixo dos braços e conseguiram, afinal, tirá-lo dali. Do lado de fora caiu, levantou-se e desatou a correr sem dizer uma palavra. Os executores do serviço de salvamento imprensaram uma tábua na abertura até alargá-la mais e então se afastaram.

Gente e mais gente principiou a pular para a rua. Mulheres, crianças, homens — alguns apressados, amarelos, transpirando, salvos de uma tumba — outros his-

téricos, soluçando, gritando, blasfemando — depois devagar e silenciosos aquêles que não tinham sido tomados de pânico.

Esbaforidos passavam pelos prisioneiros.

— Meus senhores — cochichou Goldstein. — Ouviram? Era conosco que estava falando!

Lewinsky fez que sim com a cabeça.

— “Eu lhes darei”. Repetiu as palavras da foca. Nada. Saiu correndo como um macaco selvagem. Olhou para Goldstein.

— Que é que há?

Goldstein encostara-se a êle. Quase não podia respirar:

— Engraçado! Em lugar dêles nos libertarem, fomos nós que viemos libertá-los.

Sorriu de leve e tombou para o lado. Ampararam-no, e deixaram-no escorregar sôbre um monte de entulho. Depois ficaram esperando que o porão se esvaziasse por inteiro.

Estavam parados, êles que eram prisioneiros há tantos anos, olhando os que haviam ficado prisioneiros algumas horas, desfilarem em sua frente. Lewinsky lembrou-se de uma situação parecida, quando, na estrada, tinham cruzado um grupo de fugitivos. Viu aparecer a empregadinha de vestido azul com bolinhas brancas. Sacudiu a poeira da saia e sorriu-lhes. Seguiu-se-lhe um soldado com uma perna amputada. Colocou as muletas, perfilou-se e saudou os prisioneiros antes de manquejar para diante. Um dos últimos a sair, foi um homem muito idoso. Seu rosto era cortado por fundas rugas como o focinho de certos cães. Encarou os presos e disse:

— Obrigado. Lá dentro há ainda alguns, meio enterrados.

Devagar, alquebrado e cheio de dignidade, subiu os degraus tortos da escada. Em seguida os presos se dirigiram para dentro do abrigo.

Marchavam de volta para o acampamento. Estavam exaustos. Carregavam os mortos e feridos. O companheiro que saíra vivo debaixo do entulho da parede desabada acabara morrendo. Os clarões de um crepúsculo maravilhoso abrasavam o céu. O ar estava transparente. Havia tanta beleza que se tinha a impressão de que o tempo poderia se deter por uma hora na qual não haveria mortes nem desgraças.

— Somos uns belos heróis — disse Goldstein já refeito. — Só nos faltou morrer de tanto trabalhar para essa gente.

Werner olhou-o:

— V. não deve se apresentar para essa espécie de trabalho. É uma loucura. Acaba se arrebrandando, mesmo que não faça muita coisa.

— O que é que vou fazer então? Esperar que os "SS" me fiquem lá em cima?

— Precisamos arranjar outra coisa para V.

Goldstein sorriu com esforço:

— Acho que estou precisando me retirar para o "pequeno acampamento", hein?

Werner não se surpreendeu:

— Por que não? É mais seguro e é útil termos alguns dos nossos lá dentro.

O cabo que tinha maltratado o 7.105 se aproximou e marchou algum tempo ao lado dêle. Depois meteu-lhe qualquer coisa na mão e se afastou outra vez. O prêso examinou o que era:

— Cigarros! — disse assombrado.

— Estão afrouxando. Principiam a refletir sobre o futuro.

Werner sacudiu a cabeça:

— Estão com medo. Preste atenção ao cabo. Talvez seja aproveitável.

Continuavam a arrastar-se pela estrada luminosa.

— Uma cidade — murmurou Münzer passado algum tempo. — Casas, gente em liberdade a dois metros de distância. É como se não se estivesse mais tão prêso.

O prêso 7.105 levantou a cabeça:

— Gostaria de saber o que é que essa gente pensa de nós.

— Que é que podem pensar? Sabe Deus se tinham idéia da nossa existência. Não têm o ar de gente muito feliz.

— Agora não — contestou o outro.

Ninguém fêz mais comentários. Estavam principiando a subir a colina para o campo de concentração.

— Eu queria ter aquêlê cachorro — disse o 7.105.

— Daria um ótimo assado — declarou Münzer. — No mínimo 15 quilos de carne.

— Não o queria para comer: queria só assim.

* * *

O carro não podia seguir. As ruas estavam impedidas.

— Volte, Alfred, e espere por mim em minha casa.

Deixou o auto e experimentou continuar a pé. Escalou uma parede que se esboroara e atravancava o caminho. O resto da casa ficara firme. Só a fachada fôra arrancada como o pano de bôca de um teatro, desdobrando todo o interior da moradia. Via-se a escada que conduzia de um andar ao outro. No primeiro pavimento havia um quarto de dormir com uma mobília de mogno perfeitamente intacta. As duas camas estavam uma ao lado da outra; só uma cadeira tombara e o espelho estava rachado. Na cozinha do andar superior um cano fôra deslocado. A água caía no chão e corria em límpidas golfadas como se viesse de uma cachoeira. Na sala havia um sofá de pelúcia vermelha. Quadros emoldurados pendiam tortos de uma parede com papel de listas. Um homem estava parado perto do lugar onde a fachada fôra destruída. Estava sangrando em volta com ar aparvalhado. Atrás dêle, uma mulher andava azafamada, procurando enfiar numa mala com roupa, almofadas e ninharias.

Neubauer sentiu as pedras se mexerem embaixo de seus pés. Recuou um pouco. As pedras continuavam a se mexer. Abaixou-se e começou a afastá-las junto com cascalho e blocos de cimento. Uma mão e um braço cobertos de poeira apareceram como uma cobra fatigada.

— Socorro — bradou Neubauer. — Socorro! Aqui ainda há alguém.

Ninguém o ouvia. Olhou em volta, estava tudo deserto.

— Socorro! clamou para o morador do segundo andar.

Sem responder, o homem limpava o sangue do rosto com calma.

Neubauer retirou diversos tijolos empilhados. Viu cabelos. Segurou com as duas mãos e puxou com força. Em vão.

— Alfred! — berrou.

O automóvel desaparecera.

— Cachorros! — gritou possesso. — Nunca estão onde devem estar.

Prosseguiu no trabalho. O suor lhe escorria pela gola do uniforme. Não estava mais habituado a tais esforços. “A polícia”, pensou. “Colunas de salvamento! Onde é que andam todos êsses bândidos?”

Um bloco de cimento se deslocou e Neubauer pôde ver aquilo que uns minutos antes fôra um rosto humano e agora era uma pasta achatada, salpicada de cinzento. O nariz tinha entrado. Os olhos tinham desaparecido sob a poeira do cascalho; os lábios não existiam mais e a boca era uma massa de calça e dentes soltos. A cabeça tôda não passava de um oval cinzento coberto de cabelos e de onde escorria um pouco de sangue. Neubauer sentiu uma câibra no estômago e começou a vomitar. Vomitou ao lado da pobre cabeça esmagada, tudo que comera no almôço: chucrute, salchichas, batatas, pudim de arroz e café. Procurou qualquer coisa onde se apoiar. Não havia nada. Afastou-se um pouco e continuou a vomitar.

— Que foi que aconteceu por aqui? — perguntou alguém, nas suas costas.

Um homem que êle não tinha visto se aproximar, chegava trazendo uma pá.

Neubauer apontou para a cabeça no meio dos escombros.

— Alguém enterrado?

A cabeça moveu-se um pouco, ao mesmo tempo tôda crosta cinzenta se agitou. Neubauer recomeçou a vomitar. Comera demasiado à hora do almôço.

— Este infeliz está ficando asfixiado, gritou o recém-chegado, correndo para a vítima. Principiou a raspar-lhe a face na altura onde deveria ser o nariz mas enfiou o dedo numa cavidade que devia ser a boca. O sangue jorrou em abundância. A máscara achatada agitou-se agonizando. Da boca se escapava um ruído cavo. Os dedos arranhavam o cascalho, enquanto a cabeça sem olhos tinha estremecimentos até quedar imóvel. O homem da pá ergueu-se e enxugou as mãos numa cortina de sêda amarela que caíra duma janela.

— Está morto — anunciou. Há mais outros aí embaixo?

— Não sei.

— O Sr. não é desta casa?

— Não.

O homem apontou o morto:

— Parente ou conhecido?

— Não.

O homem olhou para o chucrute, as salchichas, o pudim, as batatas e o café; olhou para Neubauer e sacudiu os ombros. Parecia não dedicar grande respeito aos altos dignitários "SS". Aliás, aquilo representava mesmo uma refeição copiosa para aquêles tempos de guerra. Neubauer sentiu-se enrubescer. Fêz meia volta e foi-se, escalando os montes de destroços.

* * *

Gastou quase uma hora para alcançar a Alamêda Friedrich. Estava intacta. Percorreu-a ansioso, pensando supersticioso: "Se as casas da primeira travessa estiverem em pé, não terá acontecido nada à loja". Naquela rua estava tudo em ordem. Nas outras duas também. Tomou coragem e começou a andar mais depressa. "Vou experimentar mais uma vez", pensou: "se as duas primeiras casas da rua mais próxima estiverem firmes, é sinal de que a minha loja também está". As casas estavam em ordem. Só a terceira ruíra. Neubauer cuspiu. Estava com a garganta sêca de pó. Confiante dobrou a esquina da rua Hermann Goering e estacou.

As bombas tinham feito um trabalho completo. Os andares superiores da casa de negócio haviam desabado. A fachada da esquina fôra arrancada e projetada de encontro ao antiquário do outro lado da calçada. Com o choque um buda de bronze viera parar no meio da rua. O ídolo estava isolado sôbre um bloco de cimento. De mãos cruzadas sôbre o ventre, com um sorriso resignado, desviava a vista daquelas ruínas do ocidente e olhava em direção da devastada estação, como à espera de um comboio de espíritos asiáticos que o viesse buscar para reconduzi-lo ao seu meio simples — onde se mata para viver, mas não se vive para matar.

No primeiro momento, Neubauer se sentiu miseravelmente logrado pelo destino. Nas outras ruas encontrara tudo como imaginara, — e aqui, pregavam-lhe semelhante peça! Estava decepcionado como uma criança. Desejaria chorar. A êle, a êle acontecia uma coisa daquelas. Examinou a rua. Havia ainda algumas casas de pé. "Por que a sua desabara?" Pensou. "Por que há de acontecer isso a mim que sou um patriota sincero, um bom marido, um pai dedicado?"

Contornou a cratera aberta no solo. Tôdas as vitrinas do departamento de modas estavam em migalhas. Os vidros como uma poeira de gêlo salpicada por tôda a parte, estalavam sob seus pés. Acercou-se do lugar onde fôra a seção: "Última moda para mulher alemã". A tabuleta estava meio despregada. Curvou-se para passar para o lado de dentro. Cheirava a queimado, porém não se via fogo. Os manequins, atirados por tôda a parte, davam a impressão de ter sido violentados por uma horda de selvagens. Alguns estavam de costas, as roupas arregaçadas, as pernas levantadas; outros com os braços quebrados, as nádegas de cêra à mostra. Um todo despido, conservara as luvas calçadas; outro mantinha-se de pé com uma perna arrancada, de chapéu na cabeça e um véuzinho no rosto. Todos sorriam e naquelas atitudes tornavam-se horrivelmente obscenos.

"Arrasado", pensou Neubauer. "Arrasado, perdido. Que diria Selma agora? Não havia justiça." Perambulou por ali afundando os pés em caliças, cimento e cacos de vidro. Num canto, percebeu uma silhueta que procurava escapar.

— Pare. Fique quieto ou mando uma bala.

A silhuêta parou. Era um homenzinho franzino.

— Aproxime-se!

O homem deslizou para a frente. Neubauer só o reconheceu quando já estava bem perto. Era o proprietário da loja de modas.

— Blank — articulou admirado. — É V.?

— Perfeitamente Sr. comandante.

— Que é que está fazendo aqui?

— Perdoe Sr. Comandante. Eu... eu...

— Fale direito, homem. Que era que estava fazendo?

Graças ao seu uniforme, Neubauer se sentia de novo, cheio de autoridade.

— Eu... eu... gaguejou Blank. Vim até aqui para... para...

— O que, para, para?

Blank fez um gesto desanimado em direção às ruínas.

— Para gozar o espetáculo, não foi?

Blank quase deu um pulo para trás:

— Não, não mas... é uma lástima! Balbuciou. Uma lástima!

— Claro que é uma lástima. Agora pode rir-se à vontade.

— Não estou me rindo! Não estou me rindo absolutamente, Sr. Comandante. — Neubauer examinou-o. Blank mantinha-se amedrontado diante dêle com os braços colados ao corpo.

— V. foi de mais sorte do que eu, — disse Neubauer em tom amargo. — Foi bem pago, ou não?

— Perfeitamente, Sr. Comandante.

— V. recebeu dinheiro contado, eu, um monte de destroços.

— Perfeitamente Sr. Comandante. Lamento... lamento muitíssimo o que aconteceu.

Neubauer fixava o vácuo. Começava a achar de verdade que Blank realizara um negócio de primeira ordem. Chegou a pensar durante um minuto, se não deveria vender-lhe aquêle monte de entulho por um bom punhado de notas. Isso porém era contra as regras do partido. Ademais, só o seguro ultrapassava de muito o que êle

tinha pago a Blank. Sem falar, naturalmente no valor do terreno. Pagara cinco mil marcos. Só os aluguéis anuais rendiam quinze mil. Quinze mil marcos! Perdidos!

— Que é que tem? Por que é que está agitando os braços dêsse jeito?

— Nada, Sr. Comandante. Há anos levei uma queda.

Blank suava por todos os poros. Grandes gôtas pingando da testa caíam-lhe dentro dos olhos. Pestanejava mais com a vista esquerda do que com a direita que era de vidro e sem sensibilidade. Tinha medo que Neubauer interpretasse o seu tremor como um sinal de satisfação. Não seria a primeira vez que tal acontecesse. No momento, Neubauer não estava pensando em nada de semelhante, nem lhe ocorria que outrora, Weber, antes da transação, no campo, submetera Blank a um interrogatório. Que dava-se na contemplação das suas ruínas.

— V. foi melhor contemplado do que eu. É provável que no momento não tenha julgado assim, mas de outro modo, agora teria perdido tudo, enquanto que, não obstante os acontecimentos, não perdeu o seu dinheiro.

Blank não ousava nem enxugar o suor que lhe escorria em bagas. Articulou apenas:

— Exatamente Sr. Comandante.

De súbito Neubauer encarou o judeu com atenção. Um pensamento atravessara-lhe o espírito. Um pensamento que já o conturbara ao ver arderem as oficinas do jornal. Tentara afugentá-lo, mas importuno, voltara-lhe à mente com frequência nas últimas semanas — seria possível que aquela casta de "Blanks" voltasse à tona outra vez?

O homem diante dele não dava essa impressão — era uma ruína, mas tudo o mais que o rodeava não passava de ruína e não induzia a nenhuma esperança de vitória, muito menos a quem estava sofrendo o prejuízo. Lembrou-se de Selma com as suas predições azarentas. Nem era bom pensar nas notícias dos jornais. Que os russos estavam às portas de Berlim já não era possível dissimular.

Que a região do Ruhr estava cercada, também era positivo!

— Ouça Blank — disse cordial. — Tratei-o com toda a decência, não?

— Perfeitamente, com toda a decência!

— Isso V. não pode negar, não é verdade?

— Claro que não, Sr. Comandante. Claro que não.

— Fui humano.

— Muito humano, Sr. Comandante. Sou-lhe profundamente reconhecido.

— Muito bem — disse Neubauer. — Não se esqueça disso, por sua causa me arrisquei muito. Que é que está fazendo agora? Está na cidade?

“Por que não está há muito tempo trancado num campo de concentração?” Foi quase o que perguntou.

— Eu... eu...

Blank estava encharcado. Ignorava até onde Neubauer queria chegar. Sabia, por experiência, que um *nazi* só é amável quando está com uma perversidade engatilhada. Weber também entabulara uma conversa fiada antes de vazá-lo o olho. Arrenegava-se por não ter vencido a tentação de continuar escondido no seu canto e ter se aventurado até o local da sua antiga loja.

Neubauer notou a perturbação do outro e aproveitou a oportunidade:

— Se ainda está livre, Blank, sabe a quem deve agradecer, não é?

— Perfeitamente. Muito e muito obrigado, Sr. Comandante.

Não devia a sua liberdade aos bons ofícios de Neubauer. Sabia disso e Neubauer o sabia também, mas no meio daqueles escombros carbonizados, as velhas convicções principiavam a modificar-se. Parecia loucura, mas o fato é que se ignorava se um belo dia não viria a precisar de um judeu daqueles. Puxou do bolso um charuto “Deutsche Wacht”:

— Tome, Blank. Fumo escolhido. O que aconteceu outrora foi a dura necessidade, mas lembre-se sempre de que eu o protegi.

Blank não fumava. Precisara de anos para suportar o cheiro do fumo sem ficar alucinado, depois das experiências de Weber com a brasa de um cigarro. Não teve coragem de recusar:

— Muito obrigado. Muita bondade sua, Sr. Comandante.

Receoso retirou-se levando o charuto. Neubauer olhou em redor. Ninguém o surpreendera falando com o judeu. Melhor assim. Esqueceu-o logo e pôs-se a fazer cálculos. Começou a pigarrear, o cheiro de queimado tornara-se mais intenso. Correu para o outro lado. Ali a loja estava em chamas. Recuou gritando:

— Blank! Blank!

E não o vendo:

— Fogo! Fogo!

Pessoa alguma apareceu. A cidade crepitava em vários pontos e os bombeiros já não davam vazão. Neubauer voltou à seção de modas, puxou umas peças de fazenda e carregou-as para o lado de fora. Da segunda vez, já não conseguiu salvar nada. Umas rendas que apanhara se incendiaram em suas mãos e foi por um triz que logrou safar-se.

Impotente, do outro lado da calçada, contemplava o incêndio progredir. Línguas rubras lambiam os manequins, devorando-lhes os vestidos. De repente, derretendo-se, em chamas, foram animados de uma vida estranha. Curvavam-se, contorciam-se, braços se erguiam e tornavam a se abaixar — era um inferno de cera —. Retombaram, enfim e o fogo envolveu tudo como se fôsem cadáveres no crematório.

Neubauer foi se afastando da quentura até esbarrar na estátua do Buda e sem olhar o que era, sentou-se em cima, mas levantou-se incontinenti. Não vira que o barrete do sábio tinha uma ponta aguda. Furioso, olhou para a peça de sêda que se dera ao trabalho de salvar. Era fazenda azul claro, salpicada de passarinhos. Pôs-se a dar-lhe pontapés.

— Desgraçada. Para que é que ainda vai servir?

Arrastou a peça de fazenda para dentro das chamas. Que fôsse tudo para o inferno! Não queria saber mais de nada daquilo. Deus não estava mais com os alemães. Wotan, também não. Afinal quem é que estaria com eles?

Por detrás de um monte de pedras emergiu um rosto pálido. Joseph Blank contemplava Neubauer. Depois de

muitos anos era a primeira vez que seus lábios se reabriam num sorriso. Sorria, enquanto com a mão aleijada esmagava o charuto.

16

No pátio do crematório, oito homens se achavam reunidos outra vez. Todos traziam o triângulo vermelho dos criminosos políticos. Berger conhecia todos eles e conhecia também o destino que os aguardava.

O cabo Dreyer estava em seu lugar, no porão. Berger sentia-se agitado. Até aquêlê momento, conseguira controlar os nervos. Dreyer não aparecera durante três dias e êsse fato o impedira de tentar o que estivera planejando. Hoje, porém, não podia mais adiar — tinha de arriscar.

— Comece logo por aqui — disse o cabo mal-humorado. — Do contrário não acabaremos nunca. O pessoal do seu acampamento deu para morrer aos montes como môscas.

Os primeiros corpos deslizaram, vindo cair a seus pés. Despiram três dos prisioneiros e separaram as roupas e os objetos. Berger se ocupou com as obturações e os três corpos puderam ser colocados no elevador.

Meia hora mais tarde chegou Schulte. Estava bem disposto e de traços repousados, mas bocejava sem parar. Dreyer escrevia, enquanto Schulte, de quando em quando, examinava-lhe o trabalho por cima do ombro.

O porão era espaçoso e arejado, dentro em pouco, porém, o cheiro dos cadáveres tornou-se logo insuportável. Não emanava sômente dos corpos, estava impregnado nas vestimentas. A avalanche de mortos não tinha fim; a noção do tempo desaparecera a ponto de Berger não saber mais se era de tarde ou de manhã, até que Schulte, levantando-se, anunciou que ia almoçar.

Dreyer arrumou os papéis.

— Quantos já temos para ir para o forno?

— Vinte e dois.

— Muito bem. Pausa. Avise lá em cima para não mandarem ninguém antes da minha volta.

Três dos prisioneiros saíram imediatamente. Berger continuou ocupado com um morto.

— Vamos! Acabe logo! — Rosnou Dreyer.

A espinha do lábio superior transformara-se num doloroso furúnculo.

Berger ergueu a cabeça:

— Esquecemos de registrar êste aqui.

— Que estupidez! Foi tudo anotado.

— Não é exato. — Berger falava em voz tão calma quanto lhe era possível. — Anotamos um homem a menos.

— Criatura! — explodiu Dreyer. — Ficou maluco ou que é que significa tôda essa imbecilidade?

— Precisamos inscrever mais um homem na lista.

— Ah, é? — O cabo fixava Berger. — E por que precisaremos fazer isso?

— Para as listas ficarem certas.

— Não se preocupe com as minhas listas.

— Com as outras não me preocupo. É só com esta.

— Com as outras? Com que outras?

— Com as dos objetos de ouro.

Dreyer calou-se um momento.

— Muito bem. Que é que quer dizer com tudo isto?

Berger respirou fundo:

— Quero dizer que me é indiferente se as listas dos objetos de ouro estão certas ou não.

Dreyer esboçou um movimento, mas conteve-se e disse com ar ameaçador:

— Estão tôdas em ordem.

— Pode ser que sim e pode ser que não. Seria necessário conferi-las.

— Conferi-las? Com o que?

— Com as minhas. Desde que trabalho aqui faço regularmente as listas. Com precaução. Para mim mesmo.

— Vejam só! Também faz as suas listas, o môscamorta. E acha que acreditariam mais em V. do que em mim?

— Por que não? Se não tiro nenhuma vantagem com as listas?

Dreyer examinou Berger de alto a baixo como se o estivesse vendo pela primeira vez.

— Ah! Nenhuma? Quem não acredita nisso sou eu. Para me dizer essas coisas V. esperou o momento oportuno. Aqui no porão, quando estávamos sôzinhos. Mas aí é que errou seu cabeça de feijão.

Sorriu. O furúnculo estava doendo. Sorrindo, parecia um cachorro mostrando os dentes.

— Poderá me dizer o que é que me impede de esborrachar essa cabeça de feijão ou de lhe apertar o pescoço para que fique já quieto aí ao lado dos outros? É V. mesmo que está faltando na lista dos defuntos. Não serei forçado a dar nenhuma explicação. V. teria caído com um colapso. Um a mais, um a menos, bem sabe que ninguém perde tempo averiguando ninharias. Estamos sós. Trato logo de registrar a sua morte.

Deu uns passos para a frente. Pesava no mínimo, mais uns trinta quilos do que o outro, que mesmo de boticão em punho não tinha nenhuma *chance*. Berger recuou um pouco e tropeçou nos cadáveres que estavam no chão. Dreyer pegou-lhe no braço e torceu-lhe o pulso até os dedos do médico se abrirem e o boticão cair.

— Assim é melhor, — declarou.

Com um safanão puxou-o para perto. Seu rosto contraído estava quase encostado aos olhos de Berger. Na face vermelha, o furúnculo no lábio, sobressaía arroxeado. Berger não dizia nada. Apenas afastou a cabeça o mais possível, retesando o que lhe restava dos músculos do pescoço.

Viu Dreyer levantar a mão direita. Sentiu o cérebro clarear. Sabia o que tinha a fazer. O tempo urgia, mas, felizmente, a mão se erguia tão devagar como num filme em câmara lenta.

— Previ o que poderia acontecer — disse rápido. — Está tudo escrito e assinado por testemunhas.

A mão não se deteve. Continuou a se erguer com lentidão.

— Mentira! — rosnou Dreyer. — Só quer ganhar tempo. É tudo mentira, mas breve, já não estará mais falando.

— Não é mentira. Já contávamos com a eventualidade de querer livrar-se de mim — disse Berger fixando os olhos do adversário. — É sempre a primeira coisa

que ocorre aos imbecis. Está anotada a falta de dois anéis de ouro e uma armação de óculos. Será apresentada ao chefe do acampamento, caso eu não volte para a minha barraca hoje à tarde.

Dreyer pestanejou.

— Ah — é assim?

— Exatamente. Pensa que eu não sabia o que estava arriscando?

— Sabia, não é?

— Natural. Da armação de ouro, que está faltando, Weber, Schulte e Steinbrenner ainda devem se lembrar. Pertenciam a um homem zarolho, é um detalhe que a gente não esquece logo.

A mão não continuou a avançar. Deteve-se e depois se abaixou.

— Não eram de ouro, — articulou afinal. — V. mesmo foi quem disse.

— Eram de ouro.

— Não tinham valor. Porcaria. Não prestavam nem para o lixo.

— Isso V. terá que esclarecer depois. Temos o testemunho de amigos do homem a quem pertencia a armação. Eram de puro ouro branco.

— Cão tihoso.

Dreyer empurrou Berger, que foi cair adiante. Querendo levantar-se, sentiu embaixo da mão os olhos e os dentes de um dos mortos.

Dreyer respirava com dificuldade.

— Muito bem. E o que é que V. imagina que vai suceder aos seus amigos? Julga que serão premiados por serem seus cúmplices?

— Eles não são meus cúmplices.

— E quem é que vai acreditar nisso?

— Quem acreditará no que contar? Acreditarão apenas que está inventando histórias para me liquidar por eu ter dado parte de que V. desviou dois anéis e uma armação de óculos.

Berger tinha se levantado. Sentiu que estava tremendo. Curvou-se e sacudiu a poeira das calças. Não havia poeira nenhuma, mas não podia conter o tremor e precisava disfarçar para que Dreyer não o notasse.

O cabo não reparara. Estava apalpando o furúnculo. O médico percebeu e viu que tinha arreventado e que o pus estava escorrendo.

— Não faça isso!

— O quê? Por quê?

— Não toque no tumor. A contaminação de cadáveres é mortal.

Dreyer afastou a mão e limpou-a na calça.

— Não toquei hoje em nenhum cadáver.

— Mas eu toquei em muitos e V. me segurou. Meu antecessor morreu envenenado assim.

Dreyer afastou a mão e limpou-a na cabeça.

— Que horror! Que será que vai acontecer? Maldita porcaria! Agora já peguei.

Olhava para os dedos como se estivessem cobertos de lepra.

— Ande! Faça alguma coisa! gritou. Pensa que estou com vontade de esticar a canela?

Graças ao incidente, Berger tivera tempo para se dominar:

— Claro que não. Sobretudo agora tão perto do fim.

— O quê?

— Perto do fim, — repetiu.

— Que é perto do fim? Faça alguma coisa, cachorro. Ponha um troço qualquer em cima disso.

Dreyer estava pálido. Berger pegou um vidro de iodo em cima de uma prateleira. Sabia que Dreyer não estava correndo perigo nenhum; aliás, era-lhe indiferente que estivesse ou não. O principal era ter conseguido distrair-lhe a atenção. Passou um pouco de iodo sobre o tumor. Dreyer recuou um pouco. Berger guardou o vidro:

— Pronto. Já está desinfetado.

Dreyer tentava ver o furúnculo, envesgando para o nariz.

— Com certeza?

— Com certeza.

Dreyer ainda envesgou um segundo. Depois pôs-se a mover o lábio superior como fazem os coelhos:

— E o que era que V. queria afinal? — acabou perguntando.

Berger percebeu que tinha ganho aquela partida.

— Aquilo que eu disse. Trocar a identidade de um dos mortos. Só isto.

— E Schulte?

— Não prestou atenção aos nomes. Além disso saiu daqui duas vezes.

Dreyer refletia:

— E as roupas?

— Ficaré tudo em ordem. O número também.

— Como? V....

— Isso mesmo. Tenho aqui as roupas que precisam ser trocadas.

Dreyer olhou-o:

— Planejaram tudo muito bem. Ou será que foi V. só?

-- Não.

Dreyer, com as mãos metidas nos bolsos, caminhava de um lado para o outro até que se plantou em frente do médico.

— E quem é que me garante que a tal sua lista não aparecerá depois?

— Eu.

O cabo deu de ombros e soltou uma cusparada.

— A minha lista sempre existiu. Só poderia ter lucrado, mostrando-a às autoridades competentes, mas agora, — apontou para os papéis sobre a mesa, — serei cúmplice pelo desaparecimento de um prêso.

Dreyer continuava a refletir. Mexia o lábio superior com cuidado e envesgava de novo.

— Para o Sr. o risco é muito menor, prosseguiu Berger. Teria cometido mais uma falta e que já seria a quarta. Não faria muita diferença, enquanto que eu nunca fiz nada errado. Não acha que isso é uma boa garantia?

Dreyer não respondeu.

Berger, observando-o continuou:

— Ainda há outro ponto a considerar: A guerra está praticamente perdida. As tropas alemãs foram repelidas desde Stalingrad até a África e estão muito para cá do Reno no território alemão. Nem a propaganda, nem as armas secretas poderão alterar esses fatos. Mais uns meses ou talvez umas semanas, e tudo ~~estará~~ terminado.

Então haverá o ajuste de contas, será que vai querer pagar pelos pecados alheios? Se ficar claro que nos ajudou, não correrá perigo.

— Quem são êsses nós?

— Somos muitos. Espalhados por tôda a parte. Não são só aquêles do “pequeno acampamento”.

— E se eu denunciar êsse movimento?

— Mas que é que isso tem que ver com anéis e armações de óculos extraviados?

Dreyer levantou a cabeça e sorriu amarelo:

— De fato vocês pensaram em tudo.

Berger ficou calado.

— O tal que vocês querem fazer desaparecer, pretende fugir?

— Não. Queremos apenas livrá-lo daquilo ali. — Apontou para as argolas na parede.

— É um prêso político?

— É.

Dreyer apertou os olhos:

— E se fizerem uma inspeção em ordem e o descobrirem? Que é que acontecerá?

— As barracas estão superlotadas. Não o encontrarão.

— Poderão reconhecê-lo se for um político importante.

— Não é um político conhecido. Além disso, no “pequeno acampamento” todos se parecem. Ali não há o que diferencie uns dos outros.

— O chefe do bloco sabe?

— Sabe, — mentiu Berger. — De outro modo seria impossível.

— Vocês estão em entendimento com o pessoal da administração?

— Temos ligações com todos os setores.

— O tal homem é tatuado?

— Não.

— E os objetos?

— Sei o que deve ser trocado, já separei tudo.

Dreyer olhou para a porta:

— Então trate de começar a agir. Depressa, antes que apareça alguém.

O cabo entreabriu a porta e ficou espreitando, enquanto Berger se esgueirando por entre os defuntos os examinava. Acabara de ter uma idéia — faria uma dupla substituição — dêsse modo seria muito difficil Dreyer identificar o nome de 509.

— Depressa, desgraçado. Que é que ainda está procurando?

O terceiro morto era o que convinha a Berger; pertencia ao “pequeno acampamento” e não estava tatuado. O médico despiu-lhe a camisa e vestiu-lhe a de 509 com o número marcado no peito e que trazia escondida embaixo do paletó. Depois jogou as roupas do morto no monte das outras roupas, retirando dali uma blusa e umas calças que deixara separadas de antemão. Enrolou-as em volta dos rins. apertou-as com o cinto e vestiu o paletó.

— Pronto.

Berger estava com a respiração opressa. Manchas escuras dancavam nas paredes diante de seus olhos.

— Tudo em ordem?

— Sim.

— Muito bem. Eu não vi nada. Não sei de nada. Sai para ir à privada. O que se deu aqui foi V. quem fez. Eu não sei de nada. Compreendeu?

— Sim, Sr.

O elevador, onde os corpos nus estavam depositados, subiu devagar e tornou a descer vazio.

— Vou subir para chamar os outros três. Enquanto isso V. fica aqui sozinho. Entendeu?

— Entendi. — respondeu Berger.

— E a tal lista?

— Posso trazê-la amanhã ou inutilizá-la eu mesmo, logo mais.

— Posso confiar em V.?

— Com tôda a segurança.

Dreyer pensou durante alguns minutos:

— De qualquer modo, agora V. ainda está mais complicado do que eu, não é?

— Muito mais.

— E se fôr descoberto qualquer coisa?

— Não me farão confessar. Tenho veneno escondido. Não confessarei nada.

— Parece que vocês têm um pouco de tudo!

Mesmo a contragosto, na fisionomia de Dreyer se estampava uma expressão de respeito:

— Não suspeitava de nada disso.

E pensou: “Se não teria outras precauções. Tem-se de desconfiar até dêsses cadáveres ambulantes!”

— Comece a carregar o elevador, — disse preparando-se para sair.

— Fique com isso, — disse Berger.

— O quê?

Berger tirou cinco marcos do bolso e colocou sobre a mesa. Dreyer guardou-os imediatamente:

— Ao menos alguma coisa pelo risco que estou correndo.

— Na próxima semana terá mais cinco marcos.

— E... para quê?

— Para nada. A toa.

— Está bom. — Apertou os lábios, mas o furúnculo recomeçou a incomodar:

— Não sou nenhuma fera. Podendo, gosto de ajudar um camarada.

Afastou-se. Berger encostou-se à parede. Estava estonteado. Correria tudo muito melhor do que tinha imaginado, mas não tinha ilusões. Sabia que Dreyer excogitaria um meio de se livrar da sua importuna existência. No momento, o perigo fôra afastado provisoriamente, graças à ameaça do movimento subterrâneo e à promessa do dinheiro. Dreyer esperaria os outros cinco marcos. Tratando-se de criminosos, pode-se ter a certeza de que não abrem mão de qualquer vantagem. As experiências com Handke haviam ensinado essa verdade aos “veteranos”. O dinheiro provinha de Lewinsky e seu grupo. Tinham prometido continuar ajudando. Berger apalpou a blusa que enrolara na cintura. Estava firme. Ninguém poderia perceber. Emagrecera tanto que apesar de tudo, seu paletó continuava a dançar-lhe no corpo. Sentia a boca seca. O morto com o número trocado jazia a seus pés. Retirou um corpo do monte de cadáveres e colocou ao lado do outro. No mesmo instante descia mais um pela abertura. O trabalho havia recomeçado.

Dreyer reapareceu em companhia dos outros três presos. Deu uma olhadela para Berger:

— Que é que está fazendo aqui? Por que não ficou lá fora? — berrou.

Era o seu álibi. Os outros presos deveriam ficar convencidos de que o médico permanecera sozinho no porão.

— Tinha ainda um dente para arrancar, — respondeu Berger:

— Besteira. Tinha era de obedecer às ordens. Isso ainda pode dar complicação.

Dreyer sentou-se em frente à mesa:

— Continuem — comandou.

Schulte chegou logo depois. Trazia um volume de Kniegges “Como se deve viver em sociedade”. Começou a ler.

Enquanto isso, os mortos continuavam a ser despedidos. O terceiro da fila, era o do número trocado. Berger se arranjou de modo que fôsem dois dos outros ajudantes que o despissem. Ouviu gritarem o número de 509. Schulte não pestanejou. Estava absorvido na leitura do clássico livro sobre etiqueta. Seguia as regras sobre a maneira de comer peixes e lagostas. Esperava em Maio ser convidado pelos pais da noiva e desejava estar preparado. Dreyer, indiferente, anotou a identidade comparando-a com a declaração do bloco. O quarto morto era também um político. Foi Berger quem gritou o número mais alto do que de costume. Dreyer prestou atenção. Ao levar as roupas para o monte, o cabo o encarou e êle fêz-lhe um sinal com os olhos. Depois pegou no boticão e na lanterna e curvou-se sobre o defunto. Conseguiu o que planejara. Dreyer estava certo de que era o nome do quarto cadáver e não o do terceiro que pertencia ao preso escamoteado. Não sabendo de quem se tratava, não o poderia prejudicar.

A porta abriu-se. Steinbrenner entrou acompanhado pelo encarregado dos calabouços e pelo chefe de destacamento, Niemann. Steinbrenner sorriu para Schulte.

— Viemos para substituí-lo logo que tudo esteja registrado. Ordem de Weber.

Schulte fechou o livro:

— Estamos terminando? — perguntou a Dreyer.

— Há ainda quatro mortos.

— Muito bem, continuem até terminar.

Steinbrenner encostou-se à parede, onde se viam as arranhaduras dos enforcados:

— Não se apressem. Temos tempo. Quando terminarem, mandem para cá os cinco homens que estão ajudando lá em cima. Tenho uma surpresa para êles.

— Claro, — disse Dreyer. — Hoje é meu aniversário.

* * *

— Qual de vocês é o 509? — perguntou Goldstein.

— Por quê?

— Fui mandado para cá.

Anoitecia. Goldstein com mais outros doze acabavam de ser relegados ao “pequeno acampamento”.

— Foi Lewinsky quem me enviou, — disse a Berger.

— Ficou na barraca 22?

— Não. Na 21. Na pressa, não pudemos arranjar de outro jeito. Depois talvez. Escapei por um fio. Onde é que está o 509?

— 509 deixou de existir.

Goldstein ergueu os olhos:

— Morto ou escondido?

Berger hesitava.

— Pode confiar nêle, — disse 509 que se achava agachado ao lado do médico.

— Lewinsky falou dêle quando estêve aqui a última vez.

Virou-se para Goldstein:

— Agora me chamo Flormann. Que é que há de novo? Há muito não temos notícias de vocês.

— Há muito? Há dois dias.

— É tempo bastante. Que é que há de novo? Venha mais para cá. Aqui ninguém nos poderá ouvir.

Sentaram-se um pouco afastados dos outros.

— Ontem à noite, no bloco número 6, nosso rádio apanhou algumas notícias em inglês. Havia muito barulho, mas, uma notícia ouvimos com clareza: os russos estão bombardeando Berlim.

— Berlim?

— Sim.

— E os americanos e os ingleses?

— Dêses não ouvimos nada de novo. O barulho era muito, e precisávamos ser cautelosos. A região do Rhur foi cercada e os aliados estão muito para cá do Reno. Isto é certo.

509 fixava a cêrca de arame farpado, por detrás da qual, sob pesadas nuvens de chuva, um resto de crepúsculo ainda brilhava:

— Como tudo caminhava devagar!

— Devagar? Num ano as tropas alemãs foram rechaçadas da Rússia até Berlim e da África até a região do Rhur! E V. ainda fala em devagar! *

509 abanou a cabeça:

— Não é isso que estou dizendo. Devagar para os que estão no acampamento. Para nós. Compreende? Já estou aqui há muitos anos, mas esta primavera parece não ter fim. Devagar, porque é horrível esperar.

— Compreendo. — Goldstein sorria e os dentes pareciam alvos em contraste com o seu rosto acinzentado. — Conheço isso. À noite ainda se torna pior. Quando não se pode dormir e não se tem ar para respirar. — Seus olhos não acompanhavam o sorriso dos lábios. Permaneciam sem expressão, côm de chumbo. — Pensando-se nisso, de fato, tudo caminha mesmo muito devagar.

— Justamente. Há algumas semanas ignorávamos como estavam as coisas e agora nos parece que os acontecimentos seguem com muita lentidão. Curioso como tudo se transforma quando se tem esperança, quando ainda se conta um pouco com um futuro e se começa a ter medo de acabar não escapando.

509 pensava em Handke. Não se sentia inteiramente fora de perigo. O estratagema teria sido perfeito se Handke não o conhecesse. Nesse caso 509 estaria morto para todos os efeitos, enquanto o outro prêso continuaria vivo em seu lugar. Passara a se chamar Flormann, porém continuava a vegetar no “pequeno acampamento”. Mais do que aquilo não tinha sido possível conseguir. Já era muito bom que o fiscal de bloco da barraca 20, tivesse concordado em os ajudar. Era preciso ter muito cuidado

para não ser visto por Handke e se precaver para evitar que um outro prêso viesse a traí-lo. Sem contar com Weber que, num contrôlo qualquer, poderia reconhecê-lo.

— Veio sozinho? — perguntou a Goldstein.

— Não. Dos nossos, vieram mais dois comigo.

— Virão ainda mais outros?

— É possível, porém, não oficialmente. Temos lá escondidos uns cinquenta ou sessenta homens.

— Onde é que podem meter tanta gente?

— Tôdas as noites mudam de barraca. Não dormem duas vezes seguidas no mesmo lugar.

— E se houver uma chamada geral para se reunirem na administração ou na porta?

— Eles não irão.

— O quê?

— Não irão, repetiu Goldstein.

509 virou-se admirado.

— Os "SS" não controlam mais com exatidão, — explicou. — Há algumas semanas a desordem vai se alastrando. Nós contribuímos quanto podemos para isso. Os presos procurados estão sempre, dizemos, em serviços externos ou não são encontrados.

— E o pessoal da "SS" não os vai buscar a pulso?

Os dentes de Goldstein brilharam.

— Os "SS" não querem se meter muito lá por dentro e quando aparecem, é sempre em grupos e bem armados. Perigosos são apenas os grupos onde estão Niemann, Breuer, ou Steinbrenner.

509 calou-se por alguns momentos. Era quase incrível o que acabava de ouvir. Perguntou afinal:

— Desde quando as coisas estão assim?

— Há mais ou menos uma semana. Cada dia há uma mudança qualquer.

— Quer dizer que os "SS" estão com medo?

— É. Aperceberam-se de que somos uns milhares de homens e sabem como é que a guerra vai prosseguindo.

— Vocês não obedecem, então?

509 não podia assimilar aquela idéia.

— Obedecemos, mas complicamos tudo o mais possível e sabotamos o que podemos. Ainda assim os "SS" apanham muitos dos nossos. Não podemos livrar todos.

Goldstein levantou-se:

— Preciso tratar de ver se arranjo um canto para dormir.

— Se não encontrar nada, procure Berger.

— Está bem.

509 estava deitado ao lado do monte de cadáveres entre as barracas. O monte era maior do que em geral. Na noite anterior não tinha havido pão e isso se notava, vendo-se como avultava o número de mortos. 509 deitara-se bem rente aos corpos. Estava soprando um vento frio e úmido e os mortos o resguardavam.

“Resguardavam-no”, pensava 509, “resguardavam-no até depois de terem ido parar no crematório”. A fumaça de Flormann, cujo nome êle agora usava, deveria, em qualquer parte, estar sendo espalhada pelo vento frio e úmido. O resto, alguns ossos calcinados, breve seriam moídos e transformados em pó de osso. Só o nome, o mais inconsistente, o imponderável, ficara transformado num escudo para defender uma outra vida que lutava para não sucumbir.

Ouvia os pequenos ruídos produzidos pelos mortos. Os tecidos e os humores continuavam a trabalhar dentro dos corpos sem vida. Uma segunda morte, a morte química nêles atuava para decompô-los e transformá-los em gás; preparava-os para a última deliquescência, — como um reflexo da vida, os ventres se intumesciam para logo tornarem a murchar; dos lábios o ar se escapava como um gemido; dos olhos, como lágrimas tardias, grossas gôtas escorriam.

509 mexeu-se. Estava vestido com o dólmã do uniforme de um *hussard* uma das vestimentas mais quentes da barraca e que servia para agasalhar aquêles que tivesse de passar a noite do lado de fora. Olhou para os vivos da túnica que, no escuro, tinham um brilho pálido. Havia uma certa ironia naquela situação: justamente agora que começara a recordar o passado, recordar-se dêle mesmo, que desejara deixar de ser um simples número, era-lhe necessário viver abrigado na identidade de um morto e à noite vestir um uniforme húngaro.

Sentia frio. Escondeu as mãos dentro das mangas. Poderia entrar e dormir algumas horas na fétida quentura

da barraca, sentia-se, porém muito agitado. Preferia ficar ali tiritando, espraiar a vista pelo céu escuro e esperar, sem saber o que estava esperando.

Esperar o que poderia acontecer aquela noite.

“Esta espera nos faz ficar loucos” pensou. Silenciosa, como uma teia, a expectativa envolvia o acampamento, prendendo tôdas as esperanças e todos os receios. “Estou esperando”, pensou, “Handke e Weber estão nos meus calcanhares; Goldstein está esperando, seu coração pode falhar a qualquer momento; Berger está esperando e receia ser liquidado com o pelotão do crematório, antes de acabar o nosso cativeiro; — todos nós esperamos e não sabemos se, no último momento, não seremos enviados a um campo de exterminação”.

— 509! — Chamou Ahasverus de dentro da escuridão. — É V. que está aí?

— Sim, aqui. Que é que há?

— O “Mastim” morreu.

Ahasverus tateava no escuro.

— Ele não estava doente, — disse 509.

— Não. Acabou assim, durante o sono.

— Quer que eu ajude a puxá-lo cá para fora?

— Não é preciso. Estávamos deitados aqui fora. Queria apenas dizer isso a alguém.

— Sim, Velho.

— Está bem 509.

17

O transporte de novos prisioneiros chegou de surpresa. As estradas de ferro haviam ficado interrompidas por alguns dias, entre a cidade e as estações do oeste. Logo que as comunicações se restabeleceram, um dos primeiros trens que circularam, levava vários vagões de cargas, fechados, que deveriam seguir para o primeiro campo de exterminação. Durante a noite, porém, as linhas foram novamente danificadas. O trem teve de ficar parado durante um dia inteiro, e os passageiros dos vagões de carga foram enviados ao acampamento de Melner.

Eram todos judeus. Judeus de tôdas as partes da Europa. Havia poloneses e húngaros, rumenos e tchecos, russos e gregos; da Iugoslávia, da Holanda, da Bulgária e até alguns de Luxemburgo. Falavam uma dúzia de idiomas diferentes e a maior parte não se entendia. O próprio *jiddisch* comum a todos êles, parecia variar de grupo para grupo. No princípio da viagem eram dois mil e, mesmo agora, ainda eram quinhentos. Os outros jaziam mortos no fundo dos vagões de carga.

Neubauer estava fora de si:

— Que é que vamos fazer com esta gente? O campo já está superlotado. Além do mais, não nos foram enviados oficialmente! Não temos nada que ver com isso. É uma confusão dos diabos. Não há mais ordem. Que é que está acontecendo?

Andava de um lado para outro, dentro do escritório. Além de todos os seus problemas particulares, ainda lhe aparecia aquilo! Sua alma de funcionário se rebelava contra o fato. Não podia compreender que tanta atrapalhada fôsse causada por gente que estava condenada à morte. Furioso, ficou olhando pela janela.

— Como um bando de ciganos, estão espalhados em frente ao portão, carregando cada um a sua tralha. Afinal estamos nos Balcãs ou na Alemanha? Está percebendo alguma coisa, Weber?

Weber permanecia indiferente:

— De algum lugar deve ter vindo uma ordem. Do contrário não teriam subido até aqui.

— Aí é que está. De algum lugar. Lá debaixo, da estação, sem me perguntarem nada, sem ao menos me avisarem. Isso sem falar nas formalidades necessárias, que, parece, é coisa que já não existe. Todos os dias surgem novas repartições. O pessoal da estação afirma que os presos gritavam muito e que tal fato poderia impressionar mal a população civil. Que é que nós temos que ver com isso? Os nossos presos não gritam!

Encarou Weber que descuidado se apoiava à porta:

— Falou com Dietz a êsse respeito? — perguntou.

— Não. Ainda não. Tem razão. É o que vou fazer agora mesmo.

Neubauer fez a comunicação e falou durante algum tempo. Repôs o fone no gancho. Estava calmo:

— Dietz disse que só teremos de ficar com essa gente durante uma noite. Fechados num bloco, sem os distribuir pelas barracas. Não será preciso registrá-los. Apenas vigiá-los. Amanhã as linhas estarão outra vez em ordem e eles poderão continuar a viagem.

Tornou a olhar pela janela:

— Mas onde é que vamos metê-los? Aqui não há mais nenhum lugar.

— Poderemos deixá-los no pátio de chamada.

— Precisamos do pátio para a saída dos destacamentos amanhã cedo. Isso só trará confusão. E nem é bom pensar na sujeira que o pessoal dos Balcãs vai espalhar por toda a parte. Não pode ser.

— Podemos deixá-los no pátio de chamada do “pequeno acampamento”. De lá não sai nenhum pelotão.

— Haverá lugar suficiente?

— Será necessário enfiar todos os nossos presos dentro das barracas. No momento, uma parte deles dorme do lado de fora.

— Por que? As barracas estão tão cheias assim?

— Depende da maneira como se interpretar. Pode-se arrumar gente até como sardinhas em lata. Uns por cima dos outros.

— Por uma noite será preciso proceder assim.

— Trataremos disso. Nenhum dos nossos terá interesse em se misturar com o pessoal do novo transporte — ponderou Weber rindo. — Afastar-se-ão como se os outros estivessem com peste.

Neubauer sorriu de leve. Agradava-lhe saber que os seus presos não queriam ser mandados para outro acampamento.

— Precisamos mandar colocar muitas sentinelas. Do contrário os novos tentarão se esconder nas barracas e aí então a trapalhada será horrível.

Weber sacudiu a cabeça:

— Os próprios das barracas tratarão de impedir tal coisa. Têm pavor que seja preciso levar alguns deles para substituir os que estiverem faltando.

— Muito bem. Arranje alguns “SS”, bastantes cabos e homens da polícia do acampamento para montarem guarda. Faça trancar as barracas do “pequeno acam-

pamento". Não podemos nos arriscar a usar refletores para o contrôlê dos recém-chegados.

* * *

Era como se uma horda de grandes pássaros exangues, incapazes de alçar o vôo, se aproximasse dentro da incerta luz do crepúsculo. Avançavam cambaleando, hesitantes. Se um caía, os outros, indiferentes, sem o olhar, iam passando por cima, até que os últimos tentassem reerguê-lo.

— Fechem as portas das barracas, — comandou o "SS" que guardava a entrada do "pequeno acampamento". — Todos dentro das barracas. Aquêlê que puser a cabeça do lado de fora, levará fogo.

A massa dos novos presos foi metida no espaço de terreno existente entre as barracas. Pareciam um mar agitado. Alguns foram caíndo, outros se encolhendo ao lado dos que ficavam no chão. Em breve, aquêlê grupo formava como uma linha tranqüila que foi crescendo até todos ficarem estirados. A noite tombou sôbre os infelizes como uma chuva de cinzas.

Estavam deitados e dormiam, porém não cessava a inquietação. No meio do sono, em sonhos, angustiados, as vozes se elevavam, estranhas, agudas, se unindo, às vezes num longo gemido que subia e baixava no espaço, sempre na mesma monotonia indo chocar-se nas paredes das barracas como as vagas de um oceano de miséria e desespero contra o casco da arca da salvação.

Durante tôda a noite aquêles lamentos entraram pelos alojamentos, exacerbando os nervos dos prisioneiros até que alguns dêstes, às primeiras horas da madrugada, também se puseram a uivar como alucinados. Os do lado de fora, com o incentivo, redobraram as lamentações. Parecia uma lugubre antífona da Idade Média. Afinal, as paredes das barracas foram sacudidas por coronhadas e alguns tiros se ouviram do lado de fora, junto com o ruído ôco do cassete de borracha se abatendo sôbre corpos, ruído que era um pouco mais forte quando o cassete encontrava um crânio.

Restabelecera-se a calma. Os gritadores das barracas haviam sido subjugados pelos companheiros, en-

quanto a massa do lado de fora era subjugada, pela fadiga, mais do que pelos cassetetes, de cujas pancadas já quase nem se apercebiam. Aqui e ali os gemidos ainda se elevavam. Tornaram-se mais fracos, mas sem emudecer por completo.

Os "veteranos" ficaram muito tempo à escuta, receosos de que sorte idêntica lhes estivesse reservada. Era insignificante a diferença entre êles e os homens do novo transporte; no entanto — trancafiados nas barracas vindas da Polônia, envolvidos pelo fedor e pela morte, comprimidos, deitados uns por cima dos outros, sob os hieroglifos arranhados nas paredes pelas mãos de centenas de moribundos, não podendo sair nem para ir à privada — sentiam-se imobilizados ante o enorme e trágico sofrimento que lhes rondava as portas e isso parecia-lhes ainda mais terrível.

* * *

Foram despertados, de manhã, por muitas vozes estranhas e que falavam baixo. Ainda estava escuro. As lamentações tinham-se extinguido. Em compensação as portas das barracas estavam sendo arranhadas como se centenas de ratos estivessem roendo a madeira. Arranhavam com cautela, quase sem fazer barulho, depois principiaram a bater nas portas e nas paredes timidamente, até que se elevou um murmúrio submisso, suave, acariciante; uma melopéia monótona. Com as vozes quebradas pelo último dos desesperos, suplicavam para entrar.

Imploravam à arca, a salvação contra o dilúvio. Falavam com doçura, já resignados haviam deixado de gritar acariciando a madeira das barracas, lutando apenas com as mãos sem força, as vozes cavas perdidas na escuridão.

— Que é que estão dizendo? — perguntou Bucher.

— Estão pedindo em nome das suas mães para que os deixemos entrar. Em nome... Ahasverus não pôde continuar, estava chorando.

— Não podemos consentir — disse Berger.

— Eu sei.

Uma hora mais tarde foi comandada a marcha. Ordens se cruzavam no pátio. Um grande lamento foi a resposta. Outras ordens ecoaram mais fortes, furiosas,

— Está vendo alguma coisa, Bucher? — perguntou Berger.

Estavam acorados atrás da janela por cima da câmara mais alta.

— Não querem obedecer.

— Levantem-se! gritavam do lado de fora. Reunam-se para a chamada!

Os judeus não se moveram. Deitados no chão, olhavam aterrados as sentinelas ou escondiam o rosto com os braços.

— Levantem-se! — berrou Handke. — Vamos! De pé seus fedorentos! Querem ser ajudados? Fora daqui!

A ajuda não serviu de nada. Aquelas quinhentas criaturas que, pelo fato de crerem em Deus de maneira diversa da dos seus perseguidores, tinham sido reduzidas a um estado menos que humano, não reagiam mais nem aos gritos, nem às ameaças, nem à pancadaria. Continuavam deitadas, tentando abraçar o solo, colavam-se à terra miserável e conspurcada do campo de concentração, que representava para eles a salvação, o paraíso. Sabiam para onde queriam transportá-los. Enquanto o transporte estivera em movimento, haviam-no seguido sem refletir. Agora que tinham parado e descansado, também sem refletir, negavam-se a continuar.

Os guardas não sabiam como agir. Tinham ordem para não atirar em ninguém, mas isso estava se tornando difícil. A ordem de não atirar não tinha outra razão além das formalidades burocráticas. O transporte não se destinava àquele campo, portanto deviam deixá-lo como tinha chegado.

Surgiram novos "SS". Da janela da barraca 22, 509 viu até Weber com as suas botas impecáveis, aparecer. Parara à entrada do "pequeno acampamento" para dar uma ordem. Os "SS" fizeram fogo. As balas zumbiram rente às cabeças dos presos. Weber continuava de pé, perto da entrada, com as pernas meio abertas, as mãos nos quadris. Estava certo de que com aquela saraivada, os judeus se ergueriam imediatamente. No entanto nada disso sucedeu. Aquêles desgraçados já se encontravam na outra margem, insensíveis a qualquer ameaça. Queriam continuar deitados. Não desejavam prosseguir,

Mesmo que tivessem atirado entre os corpos, é provável que nem se tivessem mexido.

O rosto de Weber enrubesceu:

— Façam com que se levantem. Surrem-nos até que estejam de pé!

Os guardas se precipitaram contra os presos. Esbordoaram com cassetetes e a socos; deram pontapés em estômagos e em órgãos genitais, puxaram homens pelos cabelos e pelas barbas até pô-los de pé, mas, logo que os largavam, cada um deixava-se cair como se no corpo não tivessem mais nenhum osso.

Bucher continuava a olhar o espetáculo.

— Veja só, — cochichou Berger. — Não são só os “SS” que estão surrando. Também não são só os de triângulo verde. Não são só os criminosos. Há gente com triângulos de tôdas as cores. Há presos como nós. Gente igual a nós transformada em cabos e policiais do campo. E êsses estão espancando tanto quanto os seus patrões!

Esfregou os olhos inflamados como se os quisesse arrancar do rosto. Encostado à barraca, havia um velho de barbas brancas. O sangue escorria-lhe da bôca e pouco a pouco tingia-lhe a barba.

— Saiam da janela, — aconselhou Ahasverus. — Se forem vistos, êles virão busca-los também.

— Ninguém nos poderá ver.

A janela estava opaca de sujeira. De fora, nada se poderia ver do que se passava dentro da escuridão, de onde, no entanto, se podia enxergar perfeitamente o outro lado.

— Vocês não deviam ficar espiando, — continuou Ahasverus. — É um pecado, desde que não se esteja obrigado por qualquer razão.

— Não é pecado nenhum, — respondeu Berger. — Não queremos esquecer e, por isso, devemos observar tudo.

— Será que aqui no campo não tiveram bastante ocasião de ver atrocidades?

Bucher não respondeu. Prosseguiu olhando pela janela.

Aos poucos, a fúria da pancadaria foi diminuindo. Os guardas teriam de arrastar cada prêso individual-

mente e para isso seriam necessários uns mil homens. De vez em quando chegavam a juntar uns vinte judeus, porém era só. Sendo um número maior, conseguiam escapar por entre os guardas e voltavam a se juntar à massa inerte.

* * *

— Aí vem Neubauer em pessoa, — anunciou Berger. Conferenciava com Weber.

— Não querem sair daqui, — dizia o chefe do acampamento, menos indiferente do que em geral. — Pode-se moê-los de pancada e nem se mexem.

Neubauer soprava grossas baforadas. O mau cheiro no pátio estava demasiado forte.

— Que coisa horrerosa. Não sei porque os mandaram para cá. Bem os podiam ter liquidado lá onde estavam. Para que fazer essa gente viajar tanto para ser asfixiada? Desejaria muito saber a razão disso.

Weber encolheu os ombros:

— A razão é que mesmo o judeu mais imundo possui um corpo. Quinhentos cadáveres! Matar é muito fácil; muito mais difícil é dar fim às carcaças. Sem contar que lá, elles eram dois mil.

— Bobagem. Quase todos os campos têm crematório como aqui.

— É claro, a questão é que o crematório trabalha muito lentamente para o momento que atravessamos. Sobretudo quando se tem de evacuar um campo de uma hora para outra.

Neubauer cuspiu um pedacinho de fôlha de tabaco:

— De qualquer modo, não compreendo porque mandaram essa canalha para tão longe.

— É sempre a questão dos corpos. As autoridades não gostam que sejam encontrados cadáveres. Até agora, só o crematório liquida em massa sem deixar vestígios. Infelizmente, porém, para as necessidades prementes, funciona muito devagar. Ainda não se descobriu nada capaz de fazer desaparecer com a rapidez necessária grandes quantidades de material humano. As fossas comuns, mesmo muito tempo depois, podem ser abertas e, então,

começam a inventar as piores lendas sôbre barbaridades cometidas. Já vimos como fizeram na Rússia e na Polônia.

— Por que não deixaram essa canalha onde estava quando tiveram de recuar — Neubauer corrigiu-se logo — quero dizer, quando, por motivos estratégicos, tiveram de encurtar as linhas de comunicações? Não prestam para nada. Deveríamos deixá-los para os americanos ou russos terem com que se divertir.

— É, mas assim surgiria de novo a questão dos corpos, — objetou Weber paciente. — Parece que o exército americano vem acompanhado por muitos jornalistas e fotógrafos. Tirando fotografias poderiam provar que os presos estão subalimentados.

Neubauer retirou o charuto da boca e encarou Weber com atenção. Não conseguia descobrir se o seu chefe de campo, mais uma vez, estava se divertindo à sua custa. Apesar de várias tentativas, nunca pudera se certificar com exatidão. A fisionomia de Weber tinha a expressão habitual.

— Que quer dizer isso? — perguntou o comandante. — Que é que está dizendo?

— Naturalmente os presos estão subalimentados.

— Devemos evitar as lendas sôbre barbaridades, que a imprensa democrática tanto explora. O ministério da propaganda está sempre nos advertindo sôbre êsse ponto.

Neubauer continuava a encarar o subalterno. “Afinal nunca cheguei a conhecê-lo”, pensou. “Executou sempre o que desejei, mas no fundo, nada sei a seu respeito. Não me admiraria muito se de repente, soltasse uma gargalhada na minha face, ou, quem sabe, talvez até no rosto do próprio Führer. Não passava de um rústico sem convicções! Talvez nada lhe seja sagrado, nem mesmo o partido, do qual apenas se aproveita.

— Ouça Weber, — começou mas se interrompeu. Não valia a pena criar um caso. Por um momento, foi tomado de terror.

— É claro que os presos estão subalimentados — disse, — mas não é por nossa culpa. O inimigo, com o seu bloqueio nos constrange a isso, não é verdade?

Weber levantou a cabeça. Nem acreditava em seus ouvidos. Neubauer fitava-o com os traços contraídos,

— É isso — respondeu o ajudante com lentidão. — O inimigo com o seu bloqueio.

Neubauer sacudiu a cabeça. A vaga de pavor havia desaparecido. Olhou para o pátio:

— Para ser franco, disse quase com familiaridade — existe uma bruta diferença, mesmo entre os campos de concentração. O nosso pessoal aqui, tem um aspecto muito melhor do que êsses aí. Até mesmo os do “pequeno acampamento”. Não acha?

— É. — Confirmou Weber perplexo.

— Vê-se logo quando se comparam os presos. Garranto como, em todo o “Reich”, não há acampamento que trate essa gente tão humanamente como nós aqui.

Neubauer sentia uma agradável sensação de conforto interior:

— É claro que há mortes. Muitas mesmo. Na situação atual é inevitável, mas procuramos sempre ser humanos. Aquêles que já não agüentam, não são forçados a trabalhar. Onde é que se encontra um tratamento dêsses para traidores e inimigos da nação?

— Quase em lugar nenhum.

— É o que eu digo. Subalimentado? Mas isso não é por nossa culpa!

De súbito Neubauer teve uma idéia:

— Ouça! Achei o meio de pôr êste povo em movimento. Sabe como? Com comida!

Weber esboçou um sorriso. Nem sempre o velho estava no mundo da lua, pretendendo transformar a realidade de acôrdo com os seus desejos.

— Ótima idéia, — declarou. — Quando os cassetetes não decidem, um prato de comida resolve na certa. Acontece, porém, que não dispomos de rações sobressalentes.

— Paciência. Os prisioneiros daqui terão de fazer um pequeno sacrifício. Um pouco de camaradagem. Terão a ração do dia, algo diminuída.

Neubauer esticou os ombros:

— Será que entendem alemão?

— Alguns dêles, talvez.

— Haverá um intérprete por aí?

Weber se informou, entre o pessoal que tinha montado guarda,

Afinal, três homens foram trazidos à sua presença.

— Traduzam para os seus companheiros o que o Sr. Comandante vai dizer — berrou Weber.

Os três intérpretes estavam parados, um ao lado do outro. Neubauer avançou alguns passos e começou, cheio de dignidade:

— Pessoal! Todos vocês estão mal informados. Esse transporte está destinado a um campo de repouso.

— Vamos! — Weber empurrou um dos intérpretes que engrolou qualquer coisa. Nenhum dos prisioneiros se mexeu.

Neubauer recomeçou:

— Vocês, agora, devem se dirigir para a cozinha para receberem uma ração de comida e uma de café.

Os intérpretes trataram de traduzir imediatamente, porém, os presos continuavam imóveis. Ninguém acreditava naquilo. Todos já tinham visto companheiros desaparecerem depois de promessa semelhante. Banho e comida eram promessas perigosas.

Neubauer principiava a se irritar:

— Para a cozinha! Marchem para a cozinha. Comida! Café! Para receberem comida, sopa, café!

Os guardas se arremessaram aos prisioneiros:

— Sopa! Não estão ouvindo? Comida! Sopa!

Cada palavra era acompanhada de uma bordoadá.

— Parem! — gritou Neubauer furioso. — Quem lhes deu ordem para surrar? Desgraçados!

Os guardas recuaram imediatamente.

— Desapareçam daqui. — berrou Neubauer.

De energúmenos manejando cassetetes, voltaram a ser presos comuns. Esgueirando-se para as extremidades do pátio, procuravam se esconder uns atrás dos outros.

— Acabam estropiando todos e depois nós é que teremos mais um problema a resolver — rosnou Neubauer.

Weber assentiu com a cabeça:

— Já bastam os mortos lotando alguns caminhões que tivemos de aceitar quando o transporte desembarcou. Foram trazidos para serem queimados aqui.

— E onde é que estão agora?

— Empilhados no crematório. O carvão está escasso. A pequena reserva de que ainda dispomos é necessária para os mortos do acampamento.

— Desgraçados! Como é que nos poderemos livrar dessa corja?

— Esta turma está em tal estado de pânico que já não compreende mais nada. Talvez só sentindo o cheiro.

— Sentindo o cheiro?

— Sentindo o cheiro da comida ou mesmo comendo um pouco.

— Quer dizer, se trouxermos aqui para fora um caldeirão?

— Justamente. As promessas, para essa gente, não adiantam nada. Precisam ver, sentir o cheiro.

O comandante aquiesceu com um gesto.

— É possível. Recebemos, há pouco, alguns caldeirões de campanha. Mande trazer um deles. É melhor dois. Um com café. A esta hora já tem comida feita?

— Ainda não, mas para um caldeirão, ainda chegarão os do rancho de ontem de noite.

* * *

Os caldeirões foram conduzidos em carretas e colocados a uns duzentos metros de distância da massa de prisioneiros.

— Levem um até o “pequeno acampamento” e tirem a tampa — comandou Weber. — Se os homens começarem a se aproximar, empurrem a carreta para trás, bem devagar até aqui.

— É preciso pô-los em movimento — explicou a Neubauer. — Se conseguirmos fazê-los saírem dêste pátio, não será mais muito difícil empurrá-los para fora do campo de concentração. É sempre assim. Onde se deitam, aí querem ficar porque verificaram que nada de mal lhes aconteceu. É uma maneira de se garantirem. Tudo o mais os apavora. Se, no entanto, se põem de novo em movimento, seguem para a frente com indiferença.

Tornou a comandar:

— Por enquanto, tragam só o café e não recuem o caldeirão. Façam a distribuição ali mesmo.

A carreta foi empurrada até o meio dos prisioneiros. Um dos guardas encheu uma concha e derramou café no rosto do homem mais próximo. Era o velho da barba branca tinta de sangue. O líquido, escorreu-lhe pelas faces, tingiu-a de marrom. Era a terceira coloração.

O ancião ergueu a cabeça e lambeu as gôtas. Suas mãos agitavam-se incertas. O cabo pôs-lhe na bôca, a concha com o resto da bebida:

— Bebe, velho, é café.

O infeliz abriu a bôca. De repente, os musculos da garganta começaram a trabalhar. As mãos se fecharam em tórno da concha e êle pôs-se a engolir, a engolir. Todo êle era um deglutir ininterrupto, ávido, desesperado. O rosto contraía-se, estava trêmulo, mas continuava engolindo...

O vizinho observou. Um outro e mais um outro ainda se aperceberam. Ergueram-se, num salto. As bôcas abertas, as mãos estendidas, atiraram-se ao caldeirão, agarrando-o, pendurando-se nas bordas. Em breve era só uma confusão de braços e cabeças.

— Eh! Corja!

O cabo não podia desembaraçar a vasilha. Dava repêlões e pontapés tendo o cuidado de espiar se Neubauer estava vendo. Entrementes, outros presos tinham se levantado e, rodeando a carreta, se debruçavam sobre o líquido escaldante. Tentavam beber servindo-se das mãos esqueléticas.

— Café! Café!

O cabo desvencilhara a concha:

— Ordem — gritou. — Um depois do outro! Formem fila!

Inútil. Aquelas criaturas ávidas eram incontroláveis. Não ouviam mais nada. Sentiam o cheiro daquilo que chamavam café, mas cujo nome não importava. Era qualquer coisa quente que se podia beber — atiravam-se ao caldeirão sem refletir em nada. Weber tivera razão: “mesmo que o cérebro já não reaja, o estômago ainda governa”.

— Empurrem lentamente para cá — comandou o chefe de acampamento.

Era impossível. Os homens tinham se amontoado em volta da carreta. Um dos guardas, espantado, foi caindo de lado. A multidão fizera-o perder o equilíbrio. Esticando os braços como um nadador, acabou se estatelando no chão.

— Em forma! — bradou Weber.

Os guardas e os policiais do campo se apressaram.

— Vamos! Para a carreta. Puxem-na para fora — gritou Weber.

Os guardas avançaram, impelindo os presos para os lados. Conseguiram estabelecer um cordão de isolamento em torno da carreta e movimentá-la.

A vasilha já estava quase vazia. Foram-na empurrando na frente deles. Ombro contra ombro, num bloco cerrado. A massa humana os seguia, mãos crispadas ainda tentando passar por cima ou por baixo dos braços para alcançar os restos da bebida.

De repente, um dos homens, descobriu a outra carreta que ficara mais distante e desatou a correr em movimentos incertos e grotescos. Logo outros o seguiram. Ali, porém, Weber tinha tomado precauções. Organizaram um cordão de isolamento composto por alguns homens fortes que trataram de pôr a viatura em movimento.

A multidão disparou seguindo o segundo caldeirão. Só uns poucos ficaram para trás, procurando molhar as mãos na umidade do recipiente que contivera café, para depois lambê-las. Eram uns trinta que já não agüentavam mais nenhum esforço.

— Ponham êsses aí para fora — comandou Weber — e fechem o caminho com uma corrente para impedi-los de entrar aqui outra vez.

O pátio ficara cheio de detritos e excrementos, mas ali os presos haviam passado uma noite tranqüila. E isso significava muito para eles. Weber tinha experiência. Sabia que, assim como as águas refluem sempre para o terreno mais baixo, aquelas criaturas, passada a primeira ânsia da fome, tentariam voltar para lá.

Os guardas iam empurrando os retardatários, enquanto puxavam para fora os moribundos e os mortos, os quais, aliás, eram só sete, visto o transporte ter ficado reduzido só aos quinhentos homens de maior resistência.

Na saída do “pequeno acampamento”, alguns dos presos se escaparam. Os guardas, ocupados com os mortos e os doentes, não puderam segui-los com a rapidez necessária. Três dos fugitivos mais vigorosos alcançaram as barracas e foram sacudindo as portas até que a da barraca 22 cedeu e êles se precipitaram para dentro, como loucos.

— Alto! — comandou Weber aos guardas que pretenderam perseguir os três.—Fiquem todos aqui; aquêles nós iremos buscar mais tarde. Prestem atenção! Os outros vêm voltando.

Um verdadeiro enxame vinha vindo em direção ao pátio. O painel de comida se acabara e em vez de obedecerem à ordem de formar grupos para marchar, corriam em direção ao “pequeno acampamento”. Agora, porém, já não eram os mesmos de ainda há pouco. Já não constituíam um bloco. Chegados ao limite extremo da desesperação, tinham sido capazes de uma resistência cega e inquebrantável. A fome, o alimento e o movimento a que tinham sido forçados reavivaram-lhes o medo. O pavor, dominando-os, tornava-os selvagens e fracos. A massa fôra dissolvida, dando lugar a muitos indivíduos isolados, cada um com o pouco que lhe restava de energia. Prêsas fáceis, não estando estreitamente juntos, não possuíam nenhum poder de resistência. Sentindo de novo as dores e a fome, recomeçaram, automaticamente, a obedecer.

Uma parte dêles foi cercada pelo lado de cima, outra no meio do caminho. O resto esbarrou em Weber e seu pessoal. Evitaram dar-lhes cacetadas nas cabeças, restringiram-se a esbordoar o corpo. Os grupos foram se refazendo com lentidão. Ficaram enfileirados de quatro em quatro, estonteados, uns com os braços presos nos outros para não caírem. Entre dois dos mais fortes, encaixaram sempre um moribundo. De longe, alguém que não soubesse, tomaria aquêles grupos de homens de braços dados, por uma alegre companhia de indivíduos bêbados. De repente alguns principiaram a cantar. De cabeça erguida, olhando para a frente com o olhar fixo, cantavam enquanto seguravam firme os companheiros. Não eram muitos os que cantavam e as vozes saíam finas

e entrecortadas. Atravessaram o pátio do “grande acampamento”, passaram pelos destacamentos de trabalho e saíram pelo grande portão.

— Que era que estavam cantando? — perguntou Werner.

— Um cântico para os mortos.

* * *

Os três fugitivos que tinham embarafustado pela barraca 22, tentaram, tanto quanto possível, se ocultar. Dois estavam com a metade do corpo metida embaixo de uma cama. Tinham escondido as cabeças; e as pernas, do lado de fora, eram agitadas por um tremor que, de quando em quando cessava, para logo recommençar. O terceiro, de rosto macilento, encarava os ocupantes da barraca e repetia sem parar, batendo com o indicador no peito:

— Esconder... criatura... criatura...

Eram as únicas palavras que sabia dizer em alemão. Weber escancarou a porta:

— Onde estão êles?

Entrara acompanhado de dois guardas.

— Vamos logo! Onde estão êles?

Ninguém respondeu.

— Fiscal de alojamento! — berrou.

Berger se aproximou:

— Barraca 22, seção... — principiou a comunicar.

— Cale-se! Onde estão os tais?

Berger não tinha alternativa. Sabia que em poucos minutos os fugitivos seriam descobertos. Além do mais, sabia que aquela barraca, em caso algum, deveria ser revistada. Ali dentro, estavam escondidos dois presos políticos do “grande acampamento”.

Levantou o braço para mostrar, mas antes que o fizesse, um dos guardas que olhava naquela direção, se antecipou:

— Ali! Embaixo da cama.

— Tirem-nos de lá!

Uma rápida luta agitou o acampamento repleto. Os guardas tentavam arrancar do esconderijo os pobres fugitivos, puxando-os pelas pernas, como se fôsem dois

sapos. Os infelizes se agarravam onde podiam, até que Weber pisou-lhes os dedos. Sob a bota lustrosa, os ossos estalaram e as mãos se abriram. Foram, então, empurrados para fora. Não gritavam. Ao serem arrastados pelo chão da barraca, apenas deixavam escapar um gemido longo e agudo. O terceiro do grupo, ergueu-se por si mesmo e, em silêncio, seguiu os companheiros. Em seu rosto macilento, os olhos pareciam dois buracos negros. Ao sair, os presos que encarava, tratavam de desviar a vista.

Weber estava à entrada:

— Qual de vocês, cambada de porcos, se meteu a abrir a porta?

Não houve resposta.

— Todos para o lado de fora!

A ordem foi logo obedecida. Handke estava presente.

— Fiscal de bloco — trovejou Weber. — Foi dada ordem para que tôdas as portas fôsem trancadas. Quem as abriu?

— As portas estão velhas. Com as sacudidelas, os fujões, conseguiram soltar a fechadura, Sr. chefe de campo.

— Imbecil! como é que poderiam conseguir uma coisa dessas?

Weber curvara-se para examinar a fechadura que pendia enferrujada.

— Coloque uma fechadura nova nesta porta, imediatamente. Já deveria ter tratado disso há muito tempo! Que é que faz que não viu isso?

— Essas portas nunca são trancadas, Sr. Chefe de Campo. Só há latrinas do lado de fora.

— É indiferente. Trate de cumprir minhas ordens!

Weber rodou nos calcanhares e seguiu os presos recapturados que caminhavam sem opor mais nenhuma resistência.

Handke encarou os outros que estavam à espera da sua explosão de mau humor. Ele, porém continuou calmo:

— Imbecis, ditem de limpar tôda essa sujeira.

E virando-se para Berger:

— Vocês não teriam gostado que a barraca fôsse examinada, hein?

Berger não respondeu nada, continuou a olhá-lo sem expressão. Handke deu uma risada curta:

— Pensam que sou besta, não? Sei muito mais do que imaginam. Ainda hei de apanhá-los! Todinhos. Esses prisioneiros políticos que pensam ser muito espertos. Compreendeu?

Retirou-se, pesadamente, na direção que Weber seguira.

Berger virou-se. Goldstein estava atrás dêle:

— Que pretenderia insinuar com isso?

Berger encolheu os ombros.

— Precisamos avisar Lewinsky e esconder os camaradas hoje em outro lugar qualquer. Talvez seja possível no bloco 20. O 509 poderá nos informar.

18

Uma neblina cerrada envolvia o acampamento. As tôrres das metralhadoras e as barricadas estavam invisíveis. Por alguns momentos, poder-se-ia imaginar que o campo de concentração sumira. Que a névoa dissolvera as cârcas de arame farpado, oferecendo uma ilusória liberdade e que bastariam alguns passos para se constatar que tudo desaparecera.

De repente as sireias de alarme se fizeram ouvir, logo seguidas pelos estrondos das bombas. Dentro daquela atmosfera algodoadada, pareciam não vir de lugar nenhum, não terem direção, nem nenhum motivo. Poderiam vir tanto do céu, quanto detrás da linha do horizonte, ou ainda da cidade. Repetiram-se como os trovões de diversas tempestades abafadas e dentro daquêlê infinito branco e cinzento, tinha-se a sensação de que ninguém correria perigo.

O pessoal da barraca 22, cansado, continuava deitado nas camas ou pelo chão. Tinham dormido pouco e estavam famintos. Na véspera, a ração fôra uma sopa magra. Pouco se importavam com o bombardeio. Aquilo já se tornara um hábito para êles, fazia parte das suas existências. Nenhum supunha que os silvos fôssem

aumentando de maneira tão horrível, seguindo-se medonha explosão.

A barraca foi sacudida como por um tremor de terra. Dentro do estrondo, ouviu-se o claro tilintar de vidros quebrados.

— Estão nos bombardeando! Estão nos bombardeando! — gritou alguém. — Vamos todos lá para fora!

Houve um momento de pânico. Alguns caíam das camas. Outros tentando descer, se atrapalhavam nos que já estavam embaixo, formando um emaranhado de pernas e de braços. Punhos sem força, davam pancadas ao acaso. Os dentes nas caras escaveiradas estavam arreganhados, os olhos esbugalhados pelo medo, saltavam das órbitas. Tudo, porém, parecia se desenrolar num silêncio fantástico porque a artilharia da defesa e o fragor das bombas tomaram tal vulto, que qualquer outro ruído desapareceria por completo. As bôcas abertas pareciam estar gritando sem voz, como se o medo as tivesse emudecido.

Uma segunda explosão abalou o solo. O pavor subiu ao paroxismo. Os homens que ainda podiam andar, se comprimiam pelos corredores da barraca, enquanto os outros, indiferentes, de suas camas, observavam a silenciosa gesticulação dos companheiros, como se se tratasse de uma pantomima, na qual eles não representassem mais nenhum papel.

— Fechem a porta! — gritou Berger.

Muito tarde. O batente se escancarara e a primeira leva de presos desaparecera dentro da neblina. Outros seguiram. Os “veteranos”, agrupados no seu canto, tinham muitas vezes de lutar para não serem arrastados também.

— Fiquem aqui dentro! As sentinelas podem atirar! A fuga continuava.

— Deitem-se. — Ordenou Lewinsky.

Não obstante as ameaças de Handke, êle passara a noite na barraca 22. Apesar de tudo, sentia-se ali menos exposto. Na véspera, quatro presos do “grande acampamento” cujos nomes principiavam por H e K haviam sido colhidos pelo “comando especial” — Breuer, Steinbrenner, Niemann — e levados ao crematório. Era uma

sorte que a administração procedesse estritamente dentro das normas burocráticas. Lewinsky não esperou que chegasse a vez da letra L.

— Deitados — gritou êle. — Vão atirar.

— Todos para fora! Quem é que quer ficar nesta ratoeira?

Do lado de fora ouviam-se estampidos entre o estron-dejar das bombas.

— Pronto! Já começou! As metralhadoras são mais perigosas do que as bombas. Todos deitados.

Lewinsky se enganava. Desde a terceira detonação, as metralhadoras estavam silenciosas. As sentinelas haviam desaparecido a tôda velocidade.

Lewinsky apareceu na porta:

— Não há mais perigo! — gritou a Berger. — Os “SS” se evaporaram!

— Será melhor continuar aqui dentro?

— Não. Aí não há maior segurança do que aqui fora. Até é mais perigoso. Pode-se ficar encurralado e morrer queimado.

— Para fora — gritou Meyerhof — se o arame farpado estiver arrebitado poderemos fugir.

— Fecha a goela, imbecil! Com essas roupas seríamos reconhecidos e fuzilados.

— Vamos sair!

Cada qual forçava a sua passagem para o pátio.

— Vamos ficar reunidos — recomendou Lewinsky.

E pegando Meyerhof pelo casaco pôs-se a sacudi-lo, avisando:

— Se começares a fazer besteiras, eu mesmo te quebrarei os ossos.

— Largue-o — aconselhou Berger. — Não fará nada. Eu tomarei cuidado.

Deitaram-se perto das barracas, bastante próximo para poder distinguir-lhes os contornos no meio da neblina. Parecia que um incêndio invisível as mergulhara em turbilhões de fumaça. Ficaram deitados assim cosidos ao solo, achatados pela gigantesca mão dos trovões, à espera da explosão que estaria para vir.

Nenhum outro estouro abalou os ares. Apenas a artilharia de defesa continuava a atirar. O silêncio recaía sobre a cidade, mas através o tiroteio da defesa ouviam-se, muito nítidos, novos estampidos ao longe.

— Êsses tiros são aqui dentro do campo — disse Sulzbacher.

— São os “SS”.

Lebenthal ergueu a cabeça:

— Talvez as casernas tenham sido atingidas e Weber e Neubauer estejam mortos.

— Seria sorte demais — objetou Rosen. — Com esta neblina não puderam visar coisa nenhuma. Talvez tenham é alcançado algumas barracas.

— Onde é que está Lewinsky? — perguntou Lebenthal.

Berger olhou em redor:

— Não sei. Ainda há poucos instantes estava aqui. Não viu para onde ele foi, Meyerhof?

— Não e não me interessa.

— É possível que tenha ido fazer uma inspeção pelos arredores.

Ficaram atentos, ansiosos. Ouviam-se ainda alguns tiros isolados.

— É capaz de ter havido algumas fugas do outro lado e agora os “SS” estejam caçando os presos.

— Tomara que não!

Sabiam que, nesse caso, haveria um toque de reunir geral e que não teriam descanso enquanto os fugitivos não fôsem encontrados, vivos ou não. Significava também mais umas dúzias de mortos e uma vistoria rigorosa em tôdas as barracas. E era essa a razão pela qual Lewinsky tomara uma atitude tão enérgica diante das bravatas de Meyerhof.

— Por que tentariam evadir-se agora? — perguntou Ahasverus.

— E por que não? — atalhou Meyerhof. — Cada dia...

— Trate de ficar calado — protestou Berger. — V. ressuscitou dos mortos, e isso lhe subiu à cabeça. Acabou convencido de que é um Sansão. Não seria capaz de caminhar cinquenta metros.

— Quem sabe se Lewinsky não fugiu? Tinha mais razões para isso do que qualquer outro de nós.

— Asneira. Ele não faria uma coisa dessas.

A artilharia de defesa cessara o fogo. No silêncio, ouviram-se vozes de comando e o barulho de passos.

— Não seria melhor nos metermos nas barracas? — perguntou Lebenthal.

— Acho que sim — disse Berger levantando-se. — Todos da seção C para dentro. Goldstein, providencie para que os seus homens se escondam bem no fundo da barraca. Handke não tardará a aparecer.

— Com certeza nenhum “SS” foi atingido. Essa corja tem uma sorte bruta. É mais certo que muitos dos nossos, estejam em pedaços.

— É capaz de ter sido a chegada dos americanos. Talvez até já tenha sido a artilharia deles — disse alguém do meio da neblina.

Todos se calaram um momento.

— Feche a boca — disse Lebenthal mal-humorado. — Trate de não agourar.

— Vamos! Todos para as barracas! Na certa vai haver uma chamada.

Voltaram apressados para o interior, temendo que os seus lugares tivessem sido ocupados por outros mais ligeiros. Os mais nervosos eram aqueles que dispunham de uma beirada de cama. Precipitavam-se dando gritos fracos e roucos. Os alojamentos sempre superlotados não ofereciam acomodações senão para um terço dos seus ocupantes. Uma parte dos presos continuou do lado de fora, apesar de todos os apelos. A comoção os aniquilara. Animados pelo pavor, tinham encontrado forças para se atirarem para o lado de fora, mas agora jaziam prostrados. Os “veteranos” arrastaram alguns para dentro e verificaram que dois, atingidos pelas balas, estavam mortos.

— Atenção!

Dentro da cerração, ouviam-se passadas muito firmes para serem as de um “muculmano”. Os passos se aproximaram. Lewinsky, inclinando-se para dentro, perguntou:

— Berger! Onde está o 509?

— Na barraca 20. Que é que há?

— Venha cá, um pouco.

Berger se acercou do companheiro.

— 509 pode dormir descansado. Handke morreu.

— Foi morto por uma bomba?

— Não. Foi morto.

— Que foi que se passou? Mataram-no por engano, dentro da neblina?

— Não. Alguém matou-o. Isso não é suficiente? O essencial é que êle está morto. Fica por conta da neblina. Aquêlê cara estava se tornando muito perigoso.

Lewinsky calou-se um momento.

— V. o encontrará no crematório.

— Se o tiro tiver sido de muito próximo, haverá vestígios de pólvora e queimadura.

Não foi tiro. Além dêle, mais dois outros encontraram a morte dentro da névoa. Eram da pior espécie, sobretudo um da nossa barraca que, faz pouco, entregou dois dos nossos homens.

O sinal de fim de alarme elevou-se nos ares. A bruma se esgarçava como um véu. Parecia que as detonações a haviam rompido. Um farrapo de céu azul apareceu e foi logo iluminado por um raio de sol. As tórres das metralhadoras surgiram como cadafalsos sombrios.

Alguém se aproximava.

— Cuidado — cochichou Berger. — Entre Lewinsky e se esconda.

Fecharam a porta.

— Não há perigo. É uma pessoa só. Há mais de uma semana que nenhum "SS" se arrisca a aparecer sozinho. Estão com medo.

A porta se abriu devagar:

— Lewinsky está aí? — perguntou alguém.

— Que é que quer com êle?

— Venha depressa. Consegui trazer.

Lewinsky desapareceu dentro da bruma.

Berger olhou em redor:

— Onde está Lebenthal?

— Foi até a barraca 20, para dar a notícia ao 509.

Lewinsky voltara.

— Ouviu alguma coisa do que se passou? — perguntou Berger.

— Ouvi. Vamos sair daqui.

— Que foi?

Lewinsky começou a sorrir. Seu rosto úmido de neblina, resplandecia.

— Um pedaço do quartel dos “SS” desabou — disse. — Há mortos e feridos, mas não sei quantos. A barraca 1 sofreu algumas perdas. Foram atingidos o depósito de armas e a sala de torturas.

Perscrutou a cerração desconfiado:

— Temos algo para esconder. Talvez só até logo mais à noite. Conseguimos pegar uma coisa. Os nossos tiveram pouco tempo. Só enquanto os “SS” não apareciam.

— Passe para cá — disse Berger.

Aproximaram-se bem um do outro e Lewinsky entregou ao médico um embrulho pesado.

— Veio do depósito de armas. Esconda no seu canto. Tenho mais outro igual a êsse. Poderemos metê-lo no buraco embaixo da cama de 509. Quem é que está dormindo lá agora?

— Ahasverus, Karel e Lebenthal.

— Bom. Nosso pessoal trabalhou rápido. Logo que a bomba atingiu o depósito. Não havia “SS” lá dentro e, quando apareceram, os nossos já se tinham afastado. Arranjamos outras coisas. Vamos sumi-las na enfermaria do tifo. Dividir os riscos, de acordo com os princípios de Werner.

— Será que os “SS” não vão perceber que estão faltando alguns objetos?

— É possível e é por isso que não queremos deixar nada no “grande acampamento”. Não exageramos e a desordem é enorme. É provável que não venham a notar coisa alguma. Tentamos incendiar o depósito.

— Puxa! Vocês trabalharam um colosso!

O companheiro aquiesceu:

— Foi um dia muito feliz! Vamos tratar de esconder tudo antes que alguém nos veja. Aqui ninguém desconfia de nada. O tempo está clareando. Não pude-

mos passar a mão em tudo o que queríamos, porque os "SS" voltaram muito depressa. Pensaram que as cârcas tinham sido destruídas e atiravam em tudo o que encontravam. Receavam que muita gente tivesse fugido. Estão mais calmos depois que verificaram que os arames farpados estão intactos. Foi uma sorte, que os destacamentos que trabalham fora ainda não tivessem saído esta manhã. Seria um perigo, poderia haver fugas devido à cerração. Assim os nossos melhores homens puderam agir. Com certeza vão fazer já uma chamada. Venha mostrar onde é que poderemos ocultar isso.

* * *

Uma hora mais tarde o sol estava brilhando. No céu azul claro, os derradeiros trapos de bruma desapareciam. Os campos e as árvores, aureolados de um verde novo, estavam frescos e úmidos como depois de um banho.

Durante a tarde, chegou ao bloco 22, a notícia de que 27 presos haviam morrido baleados durante e depois do bombardeio. Doze dos mortos pertenciam à barraca 1. Além desses, mais vinte e oito presos estavam feridos em consequência de estilhaços de bombas. Dez "SS" tinham igualmente perdido a vida, sendo um deles, Brikhäuser, da Gestapo. Handke e dois guardas da barraca de Lewinsky também haviam tombado.

Quando 509 apareceu, Berger perguntou:

— Que terá sido feito da ordem de transferência dos francos suíços que V. deu a Handke? Tínhamos nos esquecido disso por completo. Será o diabo se cair nas mãos da Gestapo!

— Não se preocupe — disse 509 retirando de dentro da blusa a folha de papel — Lewinsky estava a par de tudo e não esqueceu. Um cabo de confiança, tratou de se apoderar das roupas de Handke logo que foi liquidado e trouxe para cá todos os objetos.

— Ótimo! Trate de rasgá-la. Lewinsky hoje foi eficiente pra burro!

Berger respirou fundo:

— Vamos esperar que tudo agora fique um pouco mais calmo.

— Talvez. Depende do novo fiscal de bloco.

Um bando de andorinhas irrompeu de súbito, sôbre o pátio do acampamento. Voaram durante algum tempo em largos círculos, bem alto. Depois foram baixando, até quase tocarem com as suas asas de reflexos azulados, aos telhados das barracas polonesas.

— É a primeira vez que eu vejo pássaros voando por aqui — disse Ahasverus.

— Estão procurando um lugar para fazerem os ninhos — explicou Bucher.

— Aqui? — resmungou Lebenthal.

— Por que não, se não há mais campanários?

A fumaça que envolvia a cidade se adelgaçara um pouco.

— É verdade! — disse Sulzbacher. — A última tórre se desmoronou!

— Aqui!

Lebenthal, sacudindo a cabeça, contemplava as andorinhas que, agora, chilreando chamados às companheiras, rodeavam as barracas.

— É para isso que voltam da África! Para aqui!

— Enquanto a cidade estiver queimando, não disporão de nenhum outro lugar.

Olharam para o vale.

— Que espetáculo! disse Rosen.

— E ainda deve haver muitas outras cidades que estarão também em chamas — murmurou Ahasverus. — Cidades maiores e mais importantes. O espetáculo ainda deve ser mais imponente.

— Pobre Alemanha! — comentou alguém que estava por ali.

— O quê?

— Pobre Alemanha!

— Puxa vida! Ouviram isso? — esbravejou Lebenthal.

* * *

O tempo esquentara. À noite, a barraca ficou sabendo que também o crematório estava danificado. Um dos muros fôra atingido e o cadafalso estava penso, amea-

gando tombar. A chaminé, porém, continuava a vomitar rolos de fumo.

O céu se encobriria. A temperatura estava abafada. O “pequeno acampamento” não recebera a ração da noite. Nas barracas reinava silêncio. Todos os que podiam se encontravam deitados lá dentro. Parecia que a atmosfera carregada devia alimentá-los. As nuvens pesadas e baixas, semelhavam sacos de onde cairia alimento. Le-benthal voltara exausto de uma ronda de investigações, anunciando que no “grande acampamento” só quatro barracas haviam recebido o rancho. Mais nenhuma. Parecia que o depósito de provisões também sofrera algum dano. Que se soubesse, até agora o pessoal da “SS” não tinha dado por falta das armas desaparecidas.

O calor aumentava. A cidade estava banhada por uma estranha tonalidade de enxofre. Apesar do sol já se ter escondido há bastante tempo, as nuvens brilhavam com aquêles reflexos amarelados.

— Vamos ter uma tempestade — anunciou Berger, com o rosto macilento, deitado ao lado de 509.

— Tomara!

Berger olhou-o. Dos olhos escorria-lhe água. Foi virando a cabeça com lentidão, mas de repente, uma golfada de sangue jorrou-lhe da bôca. Escorria tão sem esforço, tão suavemente, que 509 precisou de alguns segundos para ter noção do que estava acontecendo. Ergueu-se de um salto:

— Que é que há? Berger! Berger!

Berger se encolheu e ficou imóvel:

— Nada.

— Como não?

— Estômago.

— Estômago?

Berger fez que sim com a cabeça. Cuspiu o sangue que ainda ficara em sua bôca.

— Não é nada de grave — conseguiu articular.

— Bastante grave. Que é que devemos fazer? Diga o que é preciso fazer.

— Nada. Repouso. Ficar deitado, quieto.

— Quer ir lá para dentro? Arranjamos uma cama só para V. É só despejar alguns.

— Deixe-me ficar sossegado.

De súbito 509 foi tomado de desespero. Tinha visto desaparecer muita gente; êle mesmo já estivera à beira do túmulo tantas vêzes, que imaginara não se comover mais com morte alguma. Estava entretanto sentindo o mesmo que sentira da primeira vez. Como se estivesse perdendo o último e o único dos seus amigos, ficara logo desacorçoado. Berger sorria-lhe com o rosto molhado de suor, mas 509 continuava a vê-lo rígido, dentro de uma sepultura.

— Alguém ainda deve ter qualquer coisa que se coma ou um remédio! Lebenthal!

— Nada de comer — murmurou o doente. Abriu os olhos e levantou uma das mãos. — Creia, direi quando precisar de alguma coisa. Agora nada. Nada. Pode erer. É só o estômago. Tornou a fechar os olhos.

* * *

Depois do toque de silêncio, Lewinsky saíra da baraca e viera se sentar ao lado de 509.

— Por que, afinal, V. nunca entrou para o nosso partido?

509 olhou para Berger que estava respirando com regularidade.

— E por que é que V. deseja saber isso agora? — perguntou-lhe por sua vez.

— É pena. Teria gostado de vê-lo entre os nossos.

509 sabia o que era que Lewinsky pretendia dizer. Os comunistas formavam um grupo ativo e eficiente no movimento subterrâneo do campo de concentração. Trabalhavam com todos os que queriam cooperar, porém nunca confiavam nêles inteiramente e em todos os seus atos visavam sempre a mesma meta: Em primeiro lugar protegiam e amparavam os seus correligionários.

— V. nos poderia ser de grande utilidade — prosseguia Lewinsky. — Que é que V. fazia antes? Quero dizer, sua profissão?

— Redator — respondeu 509 e se admirou como aquelas palavras soavam estranhamente.

— Pois é justo de redatores que estamos precisando.

509 não objetou coisa alguma. Sabia que discutir com um comunista era a mesma coisa que discutir com um nazista.

— Já sabe quem vai ser nomeado fiscal dêsse bloco?
— perguntou depois de algum tempo.

— É provável que seja um dos nossos, mas com tôda a certeza um político. Para o nosso bloco já foi nomeado um e é dos nossos.

— Então V. vai voltar para lá?

— Dentro de um ou dois dias, mas isso não tem nada que ver com o chefe do bloco.

— E além disso, há alguma novidade?

Lewinsky observou-o com atenção. Depois se aproximou bem dêle:

— Contamos tomar a direção do campo dentro de duas semanas, o mais tardar.

— O quê?

— É isto. Dentro de umas duas semanas.

— Quer dizer que seremos postos em liberdade?

— Seremos libertados e tomaremos a direção do campo. Será necessário tomar as rédeas, logo que os "SS" se retirem.

— Nós quem?

Lewinsky hesitou um momento:

— Os futuros chefes do campo — acabou dizendo. — É preciso haver alguém e que êsse alguém esteja organizado, do contrário só haverá confusão. Precisamos estar preparados para podermos intervir sem detença. É indispensável que o aprovisionamento do campo não sofra interrupção. Abastecimento, aprovisionamento, administração... enfim o mais importante. Milhares de homens não podem se dispersar de uma hora para outra.

— Aqui com certeza que não. A maior parte nem pode andar.

— Trataremos de tudo. Médicos, medicamentos, meios de transporte, renovação dos estoques de víveres. Para isso será preciso fazer requisições nas aldeias...

— E como é que contam realizar tudo isso?

— Vão nos ajudar. Isso é certo, mas precisamos organizar tudo. Os ingleses ou americanos que vierem nos libertar, serão tropas de combate. Não estarão pre-

parados para assumirem imediatamente a direção de um campo de concentração. Isso nós mesmos é que teremos de fazer, com o auxílio dêles, decerto.

509 olhou a cabeça de Lewinsky que se destacava do fundo nebuloso do firmamento. Era uma cabeça redonda e forte sem nenhum traço que a adoçasse.

— Como é estranho contarmos com a ajuda dos que estão combatendo contra nós!

* * *

— Dormi — disse Berger. — Estou passando bem outra vez. Era só o estômago, nada mais.

— V. está doente. Não é só o estômago. Nunca ouvi dizer que o estômago fizesse escarrar sangue.

Berger abriu bem os olhos:

— Tive um sonho esquisito, mas bem claro. Sonhei que estava operando à luz clara...

Mergulhou o olhar dentro da noite.

— Lewinsky acha que dentro de duas semanas sere-
mos libertados, Efraim — — disse 509 com cuidado. —
Eles ouvem sempre as notícias agora.

Berger não se moveu. Parecia nem ter ouvido.

— Eu estava operando — disse. — Estava começando a abrir, era uma ressecção do estômago. Tinha começado e, de repente, não sabia mais continuar. Tinha esquecido tudo. Estava banhado em suor. O paciente na minha frente, anestesiado, com o ventre aberto e eu não sabendo mais como continuar a operação. Tinha esquecido tudo. Era horrível.

— Não pense mais nisso. Foi um pesadelo. Que sonhos terríveis não tenho tido eu! E que sonhos medonhos continuaremos a ter ainda depois que tivermos saído daqui! — No mesmo instante 509 sentiu distintamente um cheiro forte de ovos fritos com presunto. Fêz um esforço para se livrar da obsessão e continuou:

— Não será tudo côr-de-rosa, com certeza.

— Dez anos! — Berger olhava o céu. — Dez anos a toa. Jogados fora. Sem trabalhar. Até então não tinha pensado nisso. É bem possível que tenha esquecido muita coisa. Mesmo agora, acordado, não posso me recordar como teria de continuar a operação. Nos pri-

meiros tempos do campo de concentração, tôdas as noites recapitulava operações para continuar apto. Depois abandonei. Pode ser que não me lembre mais direito.

— A gente pensa que esquece, mas, na realidade, nunca esquece certas coisas. É como falar línguas ou andar de bicicleta.

— Perde-se a habilidade. As mãos não obedecem. A precisão não é a mesma. Pode-se perder a segurança e nunca mais recuperá-la. Dez anos é muito tempo. Aconteceu muita coisa e muita coisa foi descoberta, das quais eu ignoro tudo. Durante êsse tempo, só envelheci e fiquei fatigado.

— Curioso. Por acaso, ainda há pouco, pensei na minha profissão. Lewinsky perguntou a respeito. Ele pensa que dentro de alguns dias sairemos daqui. V. pode imaginar como será?

Berger sacudiu a cabeça com ar distraído:

— Onde está o tempo que passou? Não tem fim. V. está falando de duas semanas e eu me pergunto: onde estão os dez anos perdidos?

A cidade ardia dentro do vale. Apesar de ser noite, o calor continuava abafante. Um vapor ía subindo no espaço. Relâmpagos faziam estremecer o horizonte, onde se avistava ainda o avermelhado de incêndios distantes de outras cidades em chamas.

— Não seria melhor deixarmos essas reflexões para outra ocasião Ephraim, e, no momento, nos alegrarmos com a idéia de que ainda somos capazes de pensar?

— É, V. tem razão.

— Estamos pensando de novo como criaturas humanas. É inútil nos preocuparmos no momento com o que virá depois.

Berger balançou a cabeça:

— E, se pelo resto da minha vida, tiver de cerzir meias? Mesmo que saia daqui?

O céu foi cortado por um relâmpago ao qual se seguiu um trovão.

— Quer entrar? — perguntou 509. — Será que pode se levantar com cuidado ou se arrastar?

* * *

A tempestade desabou às 11 horas. Relâmpagos iluminavam o céu descobrindo por segundos uma paisagem pálida cheia de escombros e ruínas. Berger adormecera profundamente. 509 sentara-se à porta da barraca 22, que — desde que Lewinsky liquidara Handke — podia freqüentar a vontade. Segurava a munição e o revólver, receando que se molhassem caso os deixasse no buraco, embaixo da cama.

No entanto, aquela noite quase não choveu. A tempestade se dividira e durante muito tempo houve diversas borrascas no horizonte que, como baionetas de fogo, atiravam os coriscos de um lado para o outro.

“Duas semanas”, pensava 509 olhando através dos arames farpados, a paisagem que de vez em quando se iluminava para logo recair na escuridão. O lado de lá, que antes parecera pertencer a um outro universo, nos últimos dias dava a impressão de estar ficando mais próximo, deixando de ser uma desolada “terra de ninguém” para se transformar numa esperança de vida, com o pesado odor de campos devastados, de destruição e de incêndio, mas também com o perfume de suas plantas e florestas. Naquele momento relâmpagos cortavam-na de todos os lados, iluminando-a. 509 contemplando-a sentiu despertarem nêle as lembranças de um passado esquecido, apagado, distante, quase incompreensível e fora de cogitações. Estremeceu dentro da noite abafada. Estava menos seguro de si do que pretendia fazer crer a Berger. Recordava-se, e isto já significava alguma coisa, pensou, mas seria o suficiente depois de tantos anos passados no acampamento? Não o poderia afirmar. Muitas coisas haviam desaparecido durante aquêlê tempo. Só sabia que viver era sair do campo de concentração. Do outro lado, porém, tudo se tornava vago e incerto. Não podia imaginar nada com precisão. Lewinsky estava seguro, mas era porque agia de acôrdo com o partido comunista. O partido o absorveria, viveria dentro dêle e isto lhe bastaria. “A mim, que me restará?” Refletiu. “Que me restará além dêsse enorme desejo de viver? A vingança? Mas a vingança não conduz a nada. A vingança pertencia a uma parte sombria que êle deveria destruir. Mas, então que restará?” Sentiu sôbre o rosto algumas gôtas quentes de chuva, como lágrimas caídas de nenhum lugar.

Quem é que ainda teria lágrimas para chorar? Estavam tôdas sêcas, queimadas. Uma extirpação muda, talvez a perda de algo que há muito se considerasse um nada, viesse demonstrar que ainda se lastimaria a perda de qualquer coisa. O termômetro da sensibilidade atingira o grau mais baixo que era possível.

Muitas vêzes só se tem a noção de que está muito frio, quando acontece um membro congelado se despregar. Um pé, ou um dedo poderiam cair, quase sem causar dores maiores.

Os relâmpagos se sucediam mais rápidos e a colina mais próxima estava continuamente banhada por uma luz trêmula e sem sombras, sob um céu escuro, onde os trovões rolavam sem cessar. Podia-se distinguir outra vez a casinha branca com o seu jardimzinho. "Bucher", pensou 509, "Bucher ainda tem alguma coisa que o prenda. É jovem. Tem Ruth. Alguém que o acompanhará. Mas, quem sabe por quanto tempo? Aliás quem é que faria tal pergunta? Quem é que exigiria compromissos e quem é que estaria em condições de se comprometer?"

509 se recostou ao portal. "Que é que significam todos êsses pensamentos ociosos?" Refletiu: "Creio que foi Berger que me contagiou. Nós todos estamos no fim das nossas fôrças". Respirou devagar e imaginou, através do cheiro pestilento da barraca, ter sentido o perfume da primavera e da germinação das plantas. Todos os anos a primavera voltava trazendo as andorinhas e enchendo os campos de flôres, indiferente à guerra, à morte, ao luto, às esperanças. Chegara a primavera. Ali estava. Era o bastante.

Fechou a porta e se dirigiu para o seu canto. Os relâmpagos continuaram a dançar a noite tôda diante das vidraças quebradas e a barraca parecia um barco deslizando silencioso num rio fantástico, cheio de mortos que por um poder de magia, ainda respiravam, dentre êles alguns que não queriam se dar por perdidos...

19

— Bruno, — disse Selma Neubauer com calma — não seja louco. Reflita antes que outros comecem a refletir. É a nossa última oportunidade. Venda o que puder vender. Os terrenos, a chácara, esta casa, tudo. Com prejuízo ou não.

— E com o dinheiro? Que é que significará o dinheiro? — Neubauer sacudia a cabeça irritado. — Se as suas afirmações têm alguma base, de que é que nos serviria o dinheiro? Já se esqueceu da inflação depois da outra guerra? Um bilhão era o mesmo que um marco. Bens eram a única coisa que, naquela ocasião, significava algo.

— Bens sim, mas bens que se possam meter dentro do bolso.

Selma Neubauer levantou-se e se dirigiu a um armário. Abriu-o, afastou algumas roupas e retirou uma caixa onde guardava cigarreiras, e estojos para pó de arroz, de ouro; alguns cliques com diamantes, dois broches com rubis e mais alguns anéis.

— Olhe, — disse ela — o que fui comprando durante os últimos anos sem V. saber. Com o meu dinheiro e com o dinheiro que consegui economizar. Para isso tive de vender os títulos que possuía. Hoje já nada valeriam. As fábricas estão em ruínas, enquanto que isto aqui terá sempre algum valor. Desejaria que tudo o que possuíssimos fôsse assim.

— Levar! Levar! V. fala como se fôssemos criminosos que tivéssemos de acabar fugindo.

Selma pôs de lado os objetos e começou a polir uma cigarreira na manga do vestido.

— Poderá nos acontecer o mesmo que aconteceu a outros quando vocês subiram ao poder, não?

Neubauer deu um salto:

— Se alguém pudesse ouvi-la! — disse furioso e desanimado. — É para a gente se enforcar. Os outros homens têm mulheres com as quais se entendem, que lhes servem de consólio quando voltam do serviço, que os alegam mas V... Não sabe fazer outra coisa a não ser

agourar. É só: "V. devia..." Vive profetizando tôda a sorte de desgraças. O dia inteiro e agora até de noite! Não se tem fim momento de sossêgo; sempre a mesma cantilena: vender, levar, vender, levar...

Selma não o estava mais escutando. Guardara a caixa e repusera as roupas no lugar.

— Diamantes — murmurava. — Bem grandes e bem claros. Sem estarem montados. Só as pedras mais finas. De um quilate, de dois, de três quilates. Até de seis ou de sete quilates, caso se pudessem encontrar. Isso sim! Melhor do que todos os seus Blanks, terrenos, casas, chácaras. O advogado o enganou. Garanto como êle ganhou porcentagem de dois lados. Diamantes podem se esconder. Podem ser metidos nas costuras de um vestido; podem até ser engolidos. Enquanto que os tais imóveis...

Neubauer observou-a com atenção.

— Se isto é maneira de falar! Às vêzes é presa de um pavor histérico por causa de umas bombas que caem, outras vêzes fala como um judeu que estivesse a ponto de torcer o pescoço de alguém, só por causa de dinheiro.

A mulher mediu-o de alto a baixo. Resvalou um olhar de desprezo pelas suas botas, pelo seu revólver, pelo seu uniforme, pelo seu bigode.

— Os judeus não andam torcendo pescoços. Os judeus cuidam de suas famílias melhor do que muitos super-homens germânicos. Os judeus, em caso de perigo, sabem o que devem fazer!

— Sabem de tudo tão bem, que ficaram aqui e se deixaram apanhar por nós.

— Não foram todos. Só aquêles que não imaginaram que vocês chegassem ao extremo.

Selma se interrompeu para passar um pouco de água-de-Colônia nas têmporas:

— Além disso é preciso não esquecer que, desde 1931, era proibido retirar dinheiro da Alemanha. Desde que o Banco de Darmstadt e o Banco Nacional estiveram em dificuldades. Foi por isso que muitos ficaram aqui e vocês puderam apanhá-los. Do mesmo modo, V. agora quer continuar aqui e, do mesmo modo também será apanhado.

Neubauer, nervoso, olhou para todos os lados:

— Tenha cuidado! Que diabo! Onde está a empregada? Se alguém ouvisse, estaríamos perdidos. O tribunal popular não tem clemência. Basta uma denúncia.

— A empregada está de folga. Por que é que V. acha que não poderão fazer com vocês o mesmo que vocês fizeram com eles?

— Quem? Os judeus? — Neubauer deu uma gargalhada. Imaginou Blank torturando Weber. — Os judeus ficarão muito satisfeitos se os deixarmos tranqüilos.

— Não estou falando dos judeus. Os ingleses, os americanos.

Neubauer teve um novo acesso de riso.

— Menos ainda. Não têm nada que ver com isso. A nossa política interna, tanto como a organização dos nossos campos, não lhes interessam em absoluto. Só se interessam por questões militares e internacionais. Não sabia disso?

— Não.

— São democratas. Terão uma atitude correta, no caso de ganharem a guerra, o que ainda é uma interrogação. Serão militarmente corretos. Teremos as honras dos vencidos. Não poderão agir de outro modo. É uma questão de princípios. Com os russos a coisa seria diferente, mas eles estão para leste.

— Fique aqui e verá.

— Pois bem, ficarei aqui e verei o que vai acontecer. Poderia me dizer, talvez, para onde é que deveríamos fugir, na hipótese de pretendermos escapar?

— Há muito tempo já deveríamos ter ido para a Suíça, levando diamantes.

— Deveríamos, deveríamos...

Neubauer deu um sôco na mesa, onde as garrafas de cerveja dançaram um momento.

— Deveríamos! Que é mais que deveríamos ter feito? Talvez atravessar a fronteira dentro de um avião roubado. V. não sabe o que está dizendo.

— Não seria preciso atravessar a fronteira num avião roubado. Poderíamos ter viajado durante as férias

levando de cada vez, algum dinheiro e algumas jóias, que deixaríamos lá. Conheço muita gente que fez isso.

Neubauer foi até a porta. Abriu-a e tornou a fechá-la.

— Sabe que o que está dizendo, é um crime de alta traição? V. seria executada imediatamente, se uma só dessas palavras chegasse ao conhecimento das autoridades.

Selma encarou-o com os olhos brilhantes:

— Muito bem! Ainda está em tempo de mostrar que colosso de herói V. é. Além do mais, V. se veria livre de uma mulher perigosa. É possível que a idéia lhe agrade.

Neubauer não lhe sustentou o olhar. Deu-lhe as costas e pôs-se a andar de um lado para o outro. Desejaria saber se sua mulher tivera conhecimento da viúva que, de tempos em tempos, êle ia ver.

— Selma, disse afinal com a voz mudada. Que é que significa tudo isso? Temos de ficar unidos. Sejam razoáveis. No momento, não poderemos fazer nada, senão agüentar firmes. Não posso fugir. Estou mobilizado. Além disso, para onde poderíamos fugir? Para os russos? Claro que não. Esconder-me em qualquer parte não ocupada da Alemanha? A “Gestapo” me descobriria logo e, então, V. sabe bem o que aconteceria. Passar para o lado dos ingleses ou dos americanos? Tampouco. O melhor é esperá-los aqui. Do contrário, pensariam que ando com a consciência pesada. Já examinei todas as possibilidades; creia. É preciso agüentar firme, não há nada a fazer.

— É...

Neubauer ergueu os olhos espantado.

— Está de acôrdo comigo? Percebeu que tenho razão?

— Sim.

Neubauer, desconfiado, perscrutou a fisionomia da mulher. Não podia acreditar numa vitória tão fácil.

Selma resolvera desistir. Estava com as faces murchas. “De acôrdo”, pensou, “com os argumentos que apresentam, chegam a acreditar naquilo que desejam provar; — como se a vida obedecesse a argumentos! — É impossível convencer esta gente. São ídolos de argila, que não

crêem senão nêles mesmos". Olhou longamente o marido. Fitava-o com um misto de desprezo e ternura distante. Neubauer se sentiu mal.

— Selma, começou.

Mas ela o interrompeu.

— Bruno, uma última coisa — a última que vou pedir.

— Que é? — perguntou de sobreaviso.

— Transfira a casa e o terreno para o nome de Freya. Vá logo ao tabelião.

— Por quê?

— Não será para sempre. As coisas correndo bem, sempre se poderá anular a escritura. Pode confiar em sua filha.

— Claro. Mas a impressão que isto vai causar... o tabelião...

— Não ligue. Freya era uma criança quando o partido subiu ao poder. Ninguém poderá acusá-la de nada.

— Que é que quer dizer? Acha que poderão me acusar de alguma coisa?

Selma calara-se. Voltara a olhar o marido com a expressão de ainda há pouco.

— Somos soldados — continuou êle. — Agimos segundo as ordens que recebemos. Ordem é ordem. Ninguém ignora isso. — Perfilou-se. — O "Führer" ordena, nós obedecemos. O "Führer" assume integralmente a responsabilidade das ordens que dá. Já repetiu isso bastantes vezes. Isso basta a um patriota, ou não?

— Sim, — disse Selma resignada — mas vá ao tabelião e passe tudo para o nome de Freya.

— Que seja. Tratarei disso quando tiver ocasião.

Neubauer não tencionava de modo algum fazer a transferência dos imóveis para o nome de sua filha. O mêdo tornara sua mulher histérica. Bateu-lhe nas costas:

— Deixe que eu trato de tudo. Até agora sempre me saí bem!

Afastou-se com passo pesado. Selma chegou à janela e o viu entrar no automóvel. "Provas, ordens", pensou. "É a desculpa que têm para tudo. Muito bom e muito

bonito enquanto as coisas correm bem. E ela também não era cúmplice?" Mirou a aliança. "Havia 24 anos que a usava. Era uma mulher bem diferente quando a usara pela primeira vez. Depois disso, por duas vezes a aliança precisara ser alargada. Primeiro fôra pedida em casamento por um judeu. Um homenzinho trabalhador que falava ciciando e nunca alteava a voz. Chamava-se Josef Bornfelder. Em 1928 emigrara para a América. Homem esperto, escapara bem a tempo. Depois disso ainda tivera notícias dêle por uma conhecida a quem êle tinha escrito — ia muito bem —." Com gesto mecânico, girava a aliança no dedo. "América! Lá não existe inflação. São muito ricos".

* * *

509 pôs-se à escuta. Reconhecia aquela voz. Esqueirou-se para trás do monte de cadáveres e ficou ouvindo.

Sabia que Lewinsky pretendia trazer alguém do "grande acampamento" que precisava ficar oculto por alguns dias, mas Lewinsky fiel aos princípios de que só os agentes de ligação se devem conhecer, não revelara a identidade do companheiro.

O recém-chegado falava baixo, porém de maneira muito clara.

— Teremos necessidade de todos que estiverem conosco — dizia. — O nacional socialismo caindo, não haverá nenhum outro partido que esteja em condições de tomar as rédeas das questões políticas. Nestes doze anos que passaram, todos os partidos foram dispersados ou dizimados. Os sobreviventes desapareceram. Ignoramos quantos ainda haverá por aí. Serão precisos homens decididos para se refazer uma organização. Um único partido ficará intacto durante o caos da derrota — o nacional socialismo —. Não quero dizer a massa de simpatizantes, êstes aderem a tudo com facilidade, falo do núcleo propriamente dito. Êstes vão se recolher, se dispersar aparentemente e esperar a hora em que possam de novo levantar a cabeça. É isso que precisamos combater e é para isso que precisaremos de homens.

“É Werner”, pensou 509. “Não pode deixar de ser ele, mas eu soube que ele tinha morrido”. Na escuridão da noite sem lua não era possível distinguir coisa alguma.

— As massas, em geral estão desmoralizadas por doze anos de terror, boicotes, e denúncias. A tudo isso, agora se juntará a derrota. O pavor dos *nazis* a fará, ainda por muito tempo, fazer tôda a espécie de sabotagem. Será preciso ganhar a confiança desses que foram enganados e amedrontados. Por ironia, para os inimigos dos *nazis* foi melhor ficarmos nos campos de concentração do que do lado de fora. Ficámos juntos, enquanto que os que continuaram soltos se espalharam por aí. Livres, teria sido difícil um grupo manter contato com o outro. Presos, tudo se tornou facilimo. Em liberdade cada um teria de lutar sozinho; aqui uns davam coragem aos outros. Com certeza os *nazis* não previram a possibilidade de um tal resultado.

O desconhecido riu. Era um riso rápido e sem alegria.

— Sem contarmos os que sucumbiram ou foram exterminados — objetou Berger.

— É claro, mas ainda podemos contar com homens, sendo que cada um dos nossos, vale por cem dos outros.

“Não resta dúvida que é Werner”, pensou 509 que agora divisava a cabeça ascética do outro se destacando da escuridão da noite. “Recomeça a analisar, a organizar. Já está fazendo discursos. Continua a ser o mesmo fanático e teórico do partido”.

— Os campos de concentração deverão ser as células de reconstrução — explicou a voz clara e suave. — Para começar, há três pontos essenciais: resistência passiva e, se necessário, ativa contra os “SS” enquanto continuarem aqui; tomar precauções para evitar o pânico e os excessos quando assumir a chefia do acampamento; mostrar que somos disciplinados e que não nos deixamos levar por uma alucinada sede de vingança. Mais tarde serão instituídos tribunais regulares...

O homem se interrompeu. 509 se levantara e se aproximara do grupo formado por Lewinsky, Goldstein, Berger e o desconhecido.

— Werner... — disse 509.

O homem procurava enxergar através a treva:

— Quem é V.?

— Koller — disse 509.

Werner olhava-o de bem perto.

— Koller? Ainda está vivo? Pensei que estivesse morto já há muitos anos.

— E estou mesmo, oficialmente.

— É o 509 — anunciou Lewinsky.

— É V. o 509? Isto simplifica muito as coisas. Eu também morri, oficialmente.

Os dois homens se fitavam dentro da escuridão.

Aquela situação não era nova. Mais de uma vez no acampamento, criaturas que se consideravam mortas, tinham se encontrado de repente. Werner e 509, porém se conheciam de época muito anterior à prisão. Haviam sido amigos, até que as divergências políticas os foram afastando um do outro.

— Vai ficar aqui conosco?

— Por alguns dias.

— Os “SS” já estão chegando às últimas letras do alfabeto. Ontem pegaram Vogel — explicou Lewinsky.

— Não serei pesado; providenciarei a minha alimentação.

— Lógico — revidou 509, com uns laivos de ironia.

— De sua parte não se poderia esperar outra atitude.

— Münzer tratará de nos arranjar pão. Amanhã, Lebenthal poderá ir buscar. Será mais do que eu necessito. Distribuiremos o excedente pelo resto do grupo.

— Eu sei — respondeu 509. — Sei muito bem que V. não aceita nada que não possa retribuir. Vai ficar na barraca 22? Poderíamos arranjar-lhe lugar na barraca 20.

— Posso ficar na 22. V., aliás, também, desde que Handke já não existe.

Nenhum dos outros se apercebia do duelo de palavras que os dois velhos amigos estavam trocando. “Que infantilidade”, refletiu 509. “Há séculos fomos inimigos políticos, mas até agora um não quer ficar devendo nada ao outro. Sinto uma satisfação incrível ao verificar que

Werner precisa procurar abrigo entre nós e êle insinua que, sem o seu grupo, eu não me teria livrado de Handke".

— Ouvi o que estava explicando há pouco.

— É o que teremos de fazer.

* * *

Permaneceram do lado de fora, enquanto Werner, Lewinsky e Goldstein foram dormir dentro da barraca. Lebenthal deveria acordá-los dentro de duas horas para trocarem de lugar com os outros. A noite estava abafada, mas 509 exigira que Berger se cobrisse com a pesada túnica húngara.

— Quem é o novo, um bonzo? — perguntou Bucher.

— Foi um bonzo antes da chegada do nacional socialismo, porém não de primeira grandeza; um bonzo de província. Um comunista ativo, um fanático sem vida própria nem senso de humor. Atualmente é um dos chefes do movimento subterrâneo do acampamento.

— De onde é que V. o conhece?

509 refletiu:

— Antes de 1933 eu era redator de um jornal. Tivemos ocasião de discutir muitas vezes. Ataquei o nazismo e o partido dêle com freqüência; no jornal éramos contra ambos.

— A favor de quem eram vocês?

— A favor de algo que agora parece pomposo e ridículo — a favor de sentimentos humanos, de tolerância, dos direitos de cada indivíduo. Estranho, não?

— Não acho — disse Ahasverus e tossiu. — Que é que pode haver além disso?

— Vingança — respondeu Meyerhof. — Vingança, há além de tudo isso. A vingança disso tudo, a vingança de cada um dos mortos, vingança de tudo que foi feito contra nós. Ôlho por ôlho, dente por dente!

Todos o encararam surpresos. Os traços de Meyerhof estavam alterados. Estava com os punhos cerrados e batia com o pé no chão cada vez que pronunciava a palavra vingança.

— Que é que há com êle? — perguntou Sulzbacher.

— Está louco — comentou Lebenthal. — Sarou da doença e ficou idiota. Durante seis anos foi um pobre coitado apavorado que nem tinha coragem de abrir a bôca; de repente um milagre o livrou do forno do crematório e passou a ser Sansão Meyerhof.

— Não desejo ser vingado, — disse Rosen — desejo apenas me livrar disto aqui.

— O quê? E os “SS” devem escapar-se sem que nada lhes aconteça?

— É-me indiferente. Desejo apenas sair daqui! — Rosen apertava as mãos e falava com tanto ardor como se dependesse daquilo a sua liberdade. — Quero me ver livre disto! Sair daqui.

Meyerhof fixou-o:

— Sabe o que é que V. é? V. é...

— Cale-se — ordenou Berger levantando de um salto do seu canto. — Aqui dentro nenhum de nós é o que era antes nem o que desejaria ser. O que viremos a ser, só mais tarde se poderá saber. No momento ninguém está em condições de prever. Por enquanto temos apenas de aguardar os acontecimentos, ter esperança e, quem quiser, rezar.

Ajeitou a túnica húngara em volta do corpo e tornou a se deitar.

— Vingança — disse Ahasverus pensativo. — Vai haver muita vingança, mas vingança chama vingança, e que é que adianta?

Um clarão iluminou o horizonte.

— Que foi aquilo?

Um trovejar distante foi a resposta.

— Não é nenhum bombardeio — declarou Sulzbacher — é uma outra tempestade. Está um tempo bem abafado. Se começar a chover, vamos acordar os caras do “grande acampamento” que estão aqui. Eles estão ainda muito mais fortes do que nós e bem podem agüentar uma chuvinha.

Virou-se para 509:

— Teu amigo Bonzo também.

Um outro relâmpago riscou o céu.

— Algum dêles ouviu falar num projeto de nos mandarem para outro campo? — perguntou Sulzbacher.

— Dizem que serão escolhidos mil presos.

— Meu Deus! — A palidez de Rosen era tal que até no escuro sobressaía. — Com certeza tratarão de escolher entre nós que estamos mais fracos. Querem se ver livres de nós. Olhou para 509.

Todos estavam pensando no último transporte que tinham visto passar por ali.

— É um boato — disse 509. — A tóda hora as comúas despejam novidades contraditórias. Vamos ficar tranqüilos até recebermos uma ordem. No momento, então, veremos o que é que Lewinsky, Werner e os outros estarão em condições de fazer por nós ou tentarmos nós mesmos alguma coisa.

— Talvez seja melhor deixar os tais dormindo lá dentro, mesmo que comece a chover.

Rosen teve um estremecimento:

— Viu como puxaram aquêles desgraçados que se esconderam em baixo da cama?

Lebenthal olhou-o com desprezo:

— Foi só aquilo que viu em tóda a sua vida?

— Não.

— Num grande matadouro, onde eu estava trabalhando no abate da carne permitida aos judeus, em Chicago — contou Ahasverus — às vêzes os bichos presentiam o que ia acontecer por causa do cheiro de sangue. Então disparavam como aquêles infelizes outro dia, e se enfiavam no primeiro canto que encontravam e eram tirados do seu esconderijo como êles o foram, puxados pelas pernas.

— V. estêve em Chicago? — perguntou Lebenthal.

— Estive.

— Na América? E voltou para cá?

— Há mais de vinte e cinco anos.

— E V. voltou! — Lebenthal não tirava os olhos de Ahasverus. — Onde já se ouviu coisa igual!

— Estava com saudades da Polônia.

— Vejam só... — Lebenthal se interrompeu, estava sufocado.

20

Pela manhã o tempo clareou, transformando-se num dia cinzento e leitoso. Não estava mais relampejando. Os trovões, porém, continuavam a rolar pelo céu, além, para trás da orla da floresta.

— Esquisita tempestade! — disse Bucher. — Depois de amainar a tormenta, continua-se em geral a ver os relâmpagos, mas não se ouvem mais os trovões. Aqui é o contrário.

— É possível que a borrasca recomece.

— Como assim?

— Na região onde nasci, as tempestades vão de um lado para outro, entre as montanhas, às vezes durante um dia inteiro.

— Aqui não estamos rodeados de montanhas. Só aquelas ali e nem são muito altas.

— Não têm outras preocupações? — perguntou-lhe Lebenthal.

— Leo — disse Bucher com calma. — Seria melhor ver se nos arranja qualquer coisa para mastigar, mesmo que seja uma sola velha.

— Não quererá mais nada? — perguntou Lebenthal depois de uma pausa.

— Não.

— Então trate de prestar atenção no que diz e vá arranjar V. mesmo o que quiser. Ora! onde já se viu!

Lebenthal tentou cuspir, porém estava com a bôca seca e a dentadura pulou fora. Pegou-a já no ar e tornou a colocá-la:

— Isto é o que se ganha arriscando-se a pele todos os dias pelos outros: Recriminações e desaforos. Só falta aparecer Karel também dando ordens.

509 interveio:

— Que é que há?

— Pergunte àquele ali. — Lebenthal apontou para Bucher. — Está começando a dar ordens. Não me admirarei muito se qualquer dia pretender ser chefe de bloco.

509 olhou para Bucher. “Ele está mudado”, pensou. “Não tinha reparado, mas está mudado”.

— Afinal, que é que há?

— Nada. Estávamos falando sôbre a tempestade.

— E que é que vocês têm com a tempestade?

— Nada, mas é curioso que se continuem a ouvir os trovões e que não haja nem relâmpagos nem nuvens. Só este céu pastoso.

— Grande problema! Está trovejando e não se vêem os relâmpagos! *Cojim nachas* — cacarejou Lebenthal. — Idiota!

509 levantou a vista para o céu. Estava cinza, mas parecia estar sem nuvens. Ficou à escuta:

— Está mesmo trove...

Teve de se interromper. Sua atitude se transformara. Retesou o corpo.

— Mais um — resmungou Lebenthal. — Hoje o dia é dos idiotas.

— Fique calado — disse 509, sêco.

— Você também?!

— Fique quieto. Que diabo! cale a bôca de uma vez, Leo!

Lebenthal calara-se. Acabara percebendo que não se tratava só da tempestade. Observava 509 que, absorvido, estava escutando. Todos se haviam calado e aguçavam o ouvido.

— Ouçam — disse finalmente 509 tão baixo e tão devagar como se receasse que as palavras voassem. — Não é uma tempestade, é... — Tornou a ficar à escuta.

— O quê? — Bucher estava rente a êle. Olharam-se um momento e continuaram a escutar.

O trovejar aumentara um pouco e tornara a diminuir.

— Não é uma tempestade — anunciou 509. — É... — esperou ainda um momento e continuou sempre em voz baixa. — Isto é artilharia.

— O quê???

— É fogo de artilharia, não é trovão.

Ficaram todos olhando uns para os outros.

— Que é que há? — perguntou Goldstein, da porta. Ninguém articulou palavra.

— Então? Ficaram congelados?

Bucher virou-se:

— 509 está dizendo que se está ouvindo o barulho da artilharia. A frente da batalha já não pode estar longe.

— O quê? — Goldstein se aproximou. — É verdade ou vocês estão divagando?

— Quem é que seria capaz de dizer bobagens num momento tão sério?

— Quero dizer, não terão se enganado? — tornou a perguntar Goldstein.

— Não — respondeu 509.

— Tem alguma noção disso?

— Tenho.

— Meu Deus! — O rosto de Rosen se contraiu e ele começou a soluçar. 509 continuava a escutar:

— Se o vento mudar de direção, ouviremos melhor.

— A que distância poderão estar, mais ou menos?

— Não sei. A uns 50 ou 60 quilômetros. Muito mais não pode ser.

— Cinquenta quilômetros não é muito.

— Não. Não estão muito distantes.

— Devem ter tanques — comentou Bucher. — Não demorará mais muito tempo. Se romperem a defesa, quanto tempo levarão ainda... talvez um dia só... — gaguejou.

— Um dia? — repetiu Lebenthal. — Que foi que disse? Um dia?

— Se romperem a defesa. Ontem ainda não se ouvia nada. Agora já se ouve bem. Aínanhã poderão estar ainda mais próximos. Depois de amanhã ou depois de depois de amanhã...

— Não fale nisso. Não fale nisso. Não me ponha doido — gritou Lebenthal, de repente.

— É possível, Leo — afirmou 509.

— Não! — Lebenthal tapou os olhos com as mãos.

— Que é que V. acha, 509? — indagou Bucher e empalidecendo ao mesmo tempo. — Depois de amanhã ou mais quantos dias ainda?

— Dias! — gritou Lebenthal deixando cair as mãos. — Como podem ser só dias — murmurava. — Anos! uma eternidade e agora estão falando em dias! Dias!

Não mintam. Estão chegando. Não mintam — sussurrou. — Eu lhes peço, não mintam!

— Quem é que iria mentir num assunto desses?

509 virou-se. Goldstein estava atrás dêle. Sorria:

— Também estou ouvindo. — Seus olhos foram ficando *grandes*, cada vez maiores e muito escuros. Sorrindo levantou os braços e as pernas como se quisesse dar uns passos de dança. Deixou de sorrir e caiu estatelado.

— Desmaiou — disse Lebenthal. — É preciso desabotoar o casaco. Vou buscar um pouco d'água. Talvez ainda haja alguma.

Bucher, Suizbacher, Rosen e 509 tinham conseguido virá-lo.

— Será que devemos chamar Berger? — perguntou Bucher. — Ele pode se levantar!

— Espere um pouco. — 509 se ajoelhou perto de Goldstein e lhe desabotoou o casaco e o cinto. Quando se levantou Berger já estava a seu lado. Lebenthal o avisara.

— V. devia estar deitado.

Berger se abaixou e auscultou o companheiro. Não precisou de muito tempo:

— Está morto. Colapso cardíaco, provavelmente. Já era de esperar. Os "SS" arrebentaram-lhe o coração.

— Ele ainda ouviu — disse Bucher. — Isto é o mais importante. Ele ainda ouviu.

— O quê?

509 passou o braço pelos magros ombros de Berger:

— Efraim — disse com doçura. — Creio que chegou a hora.

— O quê?

Berger olhou para o companheiro e viu que não lhe era possível continuar falando.

— Lá — continuou o outro com dificuldade, mostrando o horizonte. — Estão chegando. Já se pode ouvir a artilharia.

Olhou para a cerca de arame farpado e para as torres de metralhadoras banhadas por aquela luz acinzentada.

— Estão chegando, Ephraim.

* * *

Durante o dia o vento virou de direção e o trovejar tornou-se mais distante. Parecia que um circuito elétrico, à distância, punha em movimento centenas de corações. Nas barracas, o pessoal estava agitado, poucos pelotões tinham saído para trabalhos externos. Por toda a parte, percebiam-se rostos colados às janelas. De vez em quando, esguias silhuetas surgiam às portas e ali permaneciam de pescoço esticado.

— Será que estão se aproximando?

— Parece que está se ouvindo melhor.

Na seção de couros, os homens trabalhavam em silêncio. Os cabos estavam atentos para que palavra alguma se pronunciasse. Ali havia vigias "SS". Facas e chanfradeiras cortavam o couro, separando as partes que não prestavam. Em muitas mãos, porém, aqueles instrumentos, deixavam de ser ferramentas para se transformarem em armas, quando fôsse preciso. Aqui e ali, um olhar resvalava pelos cabos, pelos "SS" com seus revólveres e pela metralhadora de mão que, até a véspera, nunca fôra trazida ali para dentro. Não obstante a vigilância, a seção não deixou de estar a par dos acontecimentos, durante o dia inteiro. Todos os presos, há anos, sabiam falar sem mexer os lábios. De cada vez que chegava uma cesta de couro, enquanto era esvaziada e remetida de volta, pelos grupos dos que haviam continuado sentados, circulavam as notícias: — o tiroteio continua. Ainda se está ouvindo bem.

* * *

A guarda dos destacamentos de trabalho externo fôra reforçada. Os pelotões, depois de rodearem a cidade, penetraram pelo oeste, na parte velha, e se dirigiram para a praça do mercado. Os guardas estavam nervosos. Gritavam e davam ordens sem nenhum mo-

tivo. A formação marchava corretamente. Até aquêlê dia só haviam trabalhado na parte nova da cidade. Pela primeira vez, penetraram na cidade velha e podiam apreciar a enormidade dos estragos. Viam restos de quarteirões onde, até então, tinham existido as casas de madeira que datavam da Idade Média. De tudo aquilo, pouquíssimo restara. As fileiras atravessavam as ruas devastadas; os civis que havia por alí, ao cruzarem com os presos, detinham-se ou desviavam a vista e os homens que integravam aquelas colunas já não se sentiam mais como prisioneiros. De um modo bem estranho, tinham vencido. Apesar de não terem estado na frente de batalha, os anos que haviam passado no campo, não lhes pareciam mais anos perdidos numa derrota sem resistência, mas sim anos de luta. E a luta fôra ganha. Eles tinham sobrevivido.

Na praça do mercado, o Conselho desabara. Pás e enxadas foram distribuídas para o serviço de desentulho. O trabalho começara. Um forte cheiro de queimado enchia o ar. No entanto, através aquêlê cheiro, os presos percebiam o odor nauseabundo, que tão bem conheciam de carne em decomposição. Tôda a cidade, durante os quentes dias do mês de Abril, respirou as emanações dos cadáveres soterrados.

Depois de labutarem durante duas longas horas, descobriram os primeiros corpos dentro dos escombros. Em primeiro lugar avistaram as botas. Era um "SS", comandante de destacamento.

— As coisas mudaram — disse Münzer. — As coisas acabaram mudando. Agora são os mortos dêles que estamos desenterrando!

Prosseguiu no trabalho com o dôbro do entusiasmo.

— Atenção! — gritou um guarda que se aproximava. — Não está vendo que alí embaixo tem um corpo?

Continuaram a afastar os destroços, até que apareceram uns ombros, depois uma cabeça. Ergueram o morto e o retiraram dali.

— Continuem! — O "SS" estava nervoso. Olhava fixamente para o cadáver. — De agora em diante, trabalhem com cuidado.

Quase a seguir desenterraram mais três outros "SS". Carregavam-nos pelas botas e pelas mangas do uniforme. Estavam dominados por um sentimento estranho. Até aquela data tinham carregado apenas os corpos inanimados dos próprios companheiros, quando saíam do calabouço e das câmaras de tortura, ou então, ultimamente, os cadáveres de alguns civis. Agora, porém, pela primeira vez, estavam transportando, mortos, os seus inimigos. Trabalhavam com ardor sem precisar que os guardas os incentivassem. Estavam banhados em suor, mas continuavam com o mesmo afã para descobrirem o maior número de vítimas, possível. Furiosamente satisfeitos, sentiam força suficiente para carregarem barras de ferro e vigas de madeira, e procuravam cadáveres, como se estivessem à procura de ouro.

Ao fim de mais uma hora de serviço, descobriram Dietz. Estava com a nuca fraturada. A cabeça pendia sobre o peito como se estivesse tentando morder o pescoço. Os presos não o tocaram logo. Com as pás e as enxadas, afastaram todos os escombros de volta dele. Os braços também estavam quebrados e davam a impressão de terem uma articulação a mais.

— Existe um Deus — sussurrou o preso que estava ao lado de Münzen, sem olhar para ninguém. — Existe um Deus! Existe um Deus!

— Bico! — berrou um "SS". — Que é que estava dizendo? — Deu-lhe um pontapé no joelho. — Vi que estava falando. Que é que estava dizendo?

O homem, com o pontapé, caíra sobre Dietz. Tratou de se levantar:

— Estava dizendo que era preciso arranjar uma padiola para transportar o corpo do Senhor Supremo Chefe do Grupo, explicou com a cara impassível. Não poderemos transportar de qualquer jeito.

— Não têm que dar opinião nenhuma. Ainda somos nós que mandamos aqui! Compreendeu?

— Perfeitamente.

"Ainda", pensou Lewinsky. "Ainda somos nós que mandamos. Então já estão se apercebendo..." Levantou a enxada.

O "SS" olhava para Dietz. Insensivelmente, se pusera em posição de sentido. Isso foi a salvação do prêso que recomencara a crer na existência de Deus. O *nazi* fêz meia volta e foi buscar o chefe do pelotão que, sem querer, também logo se perfilou.

— As padiolas ainda não chegaram — explicou.

A observação do prêso causara-lhe impressão. Não era possível carregar um tão alto dignitário do partido, como tinham feito com os outros, pelas botas e pelas mangas.

O chefe do pelotão olhou em redor e viu uma porta meio escondida entre o entulho.

— Retirem dali aquela porta. Poderemos utilizá-la provisoriamente. — Fêz uma continência aos restos mortais do chefe:

— Ponham o corpo com tôda a precaução sôbre a tábua.

* * *

Münzer, Lewinsky e mais dois outros, retiraram a porta de sob os escombros. Era um trabalho de talha do século XVI, uma cena representando Moisés nas águas. Para depositarem o corpo sôbre a porta, pegaram-no pelas pernas e pelos ombros, enquanto isso os braços balancavam para todos os lados e a cabeça tombava completamente para trás.

— Cuidado! Corja de cães! — berrou o chefe do pelotão.

O morto jazia sôbre a larga fôlha de porta. Por baixo do seu braço direito, Moisés, pequenino, sorria dentro do seu berço de junco. Münzen observou êsse detalhe e pensou: "Esqueceram-se de mandar retirar essa porta do rrédio do Conselho. Moisés, judeus... tudo aquilo iá tinha existido... Faraó... opressão... o mar Vermelho... a salvação..."

— Atenção! Oito homens para carregar a padiola!

Doze homens se apresentaram com uma presteza assombrosa. O chefe do pelotão olhou em redor: de frente havia a Marienkirche em ruínas. Ficou indeciso alguns segundos, mas logo desistiu da idéia. Não po-

deriam levar Dietz para dentro de uma Igreja católica. Teria gostado de pedir instruções, mas tôdas as comunicações telefônicas estavam interrompidas. Era preciso fazer o que êle menos gostava e mais receava: agir sob a sua própria responsabilidade.

Münzer murmurou qua'quer coisa. O chefe de pelotão se apercebeu:

— O quê? Que foi que disse? Aproxime-se, cão!

Cão parecia ser a palavra predileta do chefe de pelotão. Münzer deu um passo à frente e se perfilou:

— Estava dizendo que talvez fôsse falta de respeito o corpo do Supremo Chefe de Grupo ser carregado por detentos.

Encarava o superior com olhar firme e respeitoso.

— O quê? — gritou o outro. — Não se meta onde não for chamado, cão. Quem é que deveria carregar a padiola? Nós...

Silenciou. A objeção do prêso calara-lhe no espírito. Afinal, os "SS" é que deveriam carregar a padiola. Nesse meio tempo, porém, os presos poderiam aproveitar para se escaparem.

— Que é que estão fazendo aí parados? — bradou. — Para a frente! — De súbito lhe veio a inspiração. — Para o hospital!

O que era que o morto iria fazer no hospital, ninguém sabia. A escolha deveria ter sido apenas, por representar o hospital um lugar neutro.

Tomou a frente do cortejo. Marchar aí na frente, parecia-lhe obrigatório. Quando iam saindo da praça do mercado, surgiu um "Mercedes" conversível. Vinha devagar dando a impressão de estar procurando passagem entre as ruínas. A elegância da sua carroceria, era quase imoral dentro daquele cenário de desolação. O chefe do pelotão parou e ficou perfilado. Um "Mercedes" conversível era um carro oficial que só servia medalhões de primeira classe. Dois altos dignitários "SS" estavam sentados atrás e um outro ao lado do motorista. Grande quantidade de malas estava prêsa atrás do carro, enquanto outras menores se espalhavam do lado de dentro. Os "SS" assumiram uma expressão carrancuda. O motorista precisava manobrar lentamente por entre os

montes de destroços. Passaram rente aos homens que estavam carregando os restos de Dietz, mas não olharam para aquêl lado. O passageiro que ia sentado na frente, ordenou:

— Mais depressa!

Os presos continuavam parados, imóveis. Lewinsky segurando uma das cabeceiras da padiola improvisada, olhou para a cabeça deslocada de Dietz, para o pequenino Moisés que sorria ao ser retirado da água, para o carro cheio de malas, para os "SS" que fugiam e respirou profundamente.

O auto passou adiante:

— Sujeira — rosnou de repente um agigantado "SS" que tinha o nariz quebrado como um jogador de boxe. — Sujeira. Um bruta sujeira!

O homem não estava se referindo aos prisioneiros. Lewinsky apurou o ouvido. Por um momento o constante trovejar longínquo fôra abafado pelo ruído do motor do automóvel, mas logo que o carro se afastou, continuaram a ouvi-lo surdo e implacável como o rufar de um tambor subterrâneo que viesse acompanhando aquêl fúnebre cortejo.

— Para diante! — comandou o chefe do pelotão, irritado. — Vamos!

* * *

A tarde se passou com rapidez. O acampamento estava repleto de boatos que rodavam em tórno das barracas se alterando a tôda hora. Às vezes vinham com a novidade que os "SS" tinham ido embora; então chegava a notícia que, ao contrário, a guarnição tinha sido reforçada. Uma vez dizia-se que os tanques americanos já estavam bem perto; a seguir se afirmava que eram as tropas alemãs, defendendo a cidade.

Às 3 horas apareceu o novo fiscal de bloco. Usava o triângulo verme'ho e não o verde.

— Não é nenhum dos nossos — disse Werner decepcionado.

— Como não? — perguntou 509. — É um dos nossos, um prêso político. Não é um criminoso. Que é que entende por um dos nossos?

— Já sabe perfeitamente. Por que é que ainda pergunta?

Estavam sentados na barraca. Werner queria esperar o toque de recolher para voltar ao "grande acampamento". 509 mantivera-se escondido a fim de verificar quem seria o novo fiscal de bloco. Ao lado dêles, um homem de cabelos brancos, encardidos, agonizava com uma pneumonia.

— Um dos nossos é todo aquêle que pertence ao movimento subterrâneo do acampamento — esclareceu Werner. — Era isso que V. queria saber? — Estava sorrindo.

— Não, — replicou o outro. — Não era isso que eu queria saber, nem era isso que V. queria dizer.

— Por enquanto era isso que eu queria dizer.

— Sim, por enquanto. Só enquanto a cooperação forçada for necessária. E depois?

— Depois, — continuou Werner assombrado com tanta ignorância, — é claro que será imprescindível que exista um partido capaz de assumir a direção de tudo. Um partido organizado e não um punhado de homens reunidos ao acaso.

— Quer dizer, o seu partido, o comunismo!

— Que outro partido poderia ser?

— Qualquer outro, menos um partido totalitário de novo.

Werner deu uma risadinha curta:

— Que insensatez! Justamente nenhum outro que não seja totalitário. Não reparou nas inscrições dessas paredes? Todos os partidos estão esgotados. O comunismo é o único que continua forte. A guerra está se acabando. Uma grande parte da Alemanha foi ocupada pela Rússia que é, sem dúvida, a maior potência da Europa. A época das coalizões foi ultrapassada. Esta foi a última. Os aliados ajudando o comunismo, se enfraqueceram sem perceber. Pobres loucos. A paz mundial dependerá...

— Já sei — interrompeu 509. — Já conheço a velha canção. Prefiro que me diga, caso vocês se apossarem do poder o que acontecerá àqueles que são contra vocês, ou simplesmente não são comunistas.

Werner calou-se por algum tempo.

— Para êsses haverá muitos caminhos a seguir — disse então.

— Conheço alguns dêsses caminhos. V. também, aliás. A morte, a tortura, os campos de concentração... não acha?

— Entre outras coisas, também isso. Conforme a necessidade.

— É um progresso. Para conseguí-lo, valeu a pena o tempo que passamos trancados aqui dentro!

— É um progresso — afirmou Werner inerte e turbado. — É um progresso, levando-se em consideração o objetivo e também quanto aos métodos. Não faremos nada por crueldade, somente por necessidade.

— Já tive ocasião de ouvir essa frase muitas vezes. Weber também me explicou isso, enquanto me enfiava fósforos acesos embaixo das unhas. Aquela medida era necessária para obterem determinadas informações.

A respiração do homem de cabelos brancos encardidos se transformara no cirro que precede a morte e que era tão bem conhecida de todo o pessoal da barraca. Por entre os estertores do moribundo, ouvia-se o trovejar distante da artilharia. Parecia uma ladainha — os últimos arqueios do agonizante e a resposta vinda do horizonte longínquo. Werner olhou o 509. Sabia que Weber o torturara, durante várias semanas para extorquir-lhe nomes e endereços, entre os quais estava êle, Werner. 509 nada revelara. Pouco depois Werner fôra traído por um membro do seu próprio partido, que dispunha de menos resistência para o sofrimento.

— Por que não passa para o nosso lado, Koller? — perguntou. — Poderia ser de grande utilidade.

— Lewinsky já me perguntou a mesma coisa. Aliás, nós mesmos já discutimos êsse assunto há mais de vinte anos.

Werner sorriu. Era um sorriso bom, que desarmava.

— É verdade que já discutimos o assunto há muito tempo e muitas vezes. No entanto, volto agora à mesma pergunta. O tempo do individualismo foi ultrapassado. Ninguém mais poderá viver isolado. O futuro nos pertence e não à corrupta falange do centro.

509 ergueu a vista para a cabeça ascética do companheiro e respondeu, com calma:

— Gostaria de saber, quando isto tiver terminado, quanto tempo vocês levarão para me considerarem um inimigo terrível quanto os *nazis* me consideram.

— Não demorará muito tempo. Agora temos uma aliança forçada contra os *nazis*. A guerra se acabando, se acaba esta necessidade.

509 aquiesceu com um gesto:

— Gostaria também de saber, caso vocês subissem ao poder, por quanto tempo eu gozaria a minha liberdade.

— Não muito tempo. V. continua a ser sempre perigoso. A diferença é que não seria torturado.

509 encolheu os ombros.

— Nós o prenderíamos e, ou o poríamos para trabalhar, ou o mataríamos logo.

— É muito consolador. Foi assim exatamente que eu sempre me figurei o período de fastígio do comunismo.

— Está fazendo ironia barata. Bem sabe que a necessidade obriga a muita coisa. É uma questão de defesa muito necessária nos primeiros tempos. Mais tarde, não será preciso tomar essas medidas.

— Essas medidas serão sempre tomadas porque todas as tiranias têm necessidade delas, cada vez mais e não cada vez menos. É o destino das tiranias e sempre o seu fim. V. está vendo aqui.

— Não. Os *nazis* cometeram um erro fundamental. Principiaram uma guerra para a qual ainda não estavam maduros.

— Não foi um erro. Foi uma necessidade. Não podiam tomar outra direção. Se tivessem de se desarmar e conservar a paz, teriam ido à falência. Com vocês se dará o mesmo.

— Nós ganharemos a nossa guerra. Nós a conduziremos de maneira diferente — de dentro para fora.

— De dentro para fora e de fora para dentro. Vocês deveriam conservar êste campo de concentração e enchê-lo imediatamente.

— Poderíamos, — afirmou Werner com seriedade.
— Por que não passa para o nosso lado? — tornou a perguntar depois de um momento.

— Por isso justamente. Se depois de livres, o poder ficar nas suas mãos, V. tratará de me liquidar, ao passo que eu, uma vez livre, não tratarei de liquidar ninguém. Eis a razão por que não passo para o lado de vocês.

Os estertores do homem de cabelos brancos se espaçavam cada vez mais. Sulzbacher entrou na barraca:

— Parece que amanhã de manhã, aviões alemães vão bombardear o campo. Querem destruir tudo.

— Mais um boato das comuas, — declarou Werner.
— Tomara que escureça logo, preciso dar um pulo ao lado de lá.

* * *

Bucher contemplou a casinha branca sôbre a colina, do outro lado do acampamento. Banhada pelos raios oblíquos do sol que se escondia, parecia estar intacta. As árvores do jardim brilhavam com reflexos suaves, dando a impressão de já estarem cobertas de florezinhas brancas e rosa das cerejeiras.

— Está acreditando agora? — perguntou Bucher.
— Já se podem ouvir os tiros dos canhões dêles. Estão se aproximando cada vez mais. Vamos afinal sair daqui.

Olhou de novo a casinha branca. Tinha a superstição de que enquanto aquela casa estivesse de pé, tudo lhes correria bem. Ruth e êle sairiam dali sãos e salvos.

— Sim.

Ruth estava acocorada rente aos arames farpados:

— Para onde iremos quando tivermos saído daqui?

— perguntou.

— Para bem longe daqui. Para tão longe quanto possível.

— Onde?

— É indiferente. Talvez meu pai ainda esteja vivo.

Bucher não acreditava, mas nunca tinha tido nenhuma confirmação, sôbre a morte do pai. 509 sabia

o que tinha acontecido ao velho Bucher, porém jamais falara a respeito.

— Eu não tenho mais ninguém dos meus. Assisti quando os conduziram às câmaras asfixiantes.

— Quem sabe se os juntaram a um transporte que ia para um campo de extermínio, mas os deixaram em qualquer parte? Não deixaram V. viva?

— É — disse Ruth. — A mim deixaram viva.

— Minha família tinha uma casinha em Osnabrücke. É possível que ainda esteja de pé. Expulsaram-nos de lá, mas se não tiver sido destruída, é provável que agora nos seja restituída. Nesse caso poderíamos ir para lá.

Ruth Holland não dizia nada. Bucher olhou-a e viu que a moça estava chorando. Raras vêzes a vira chorar. Julgou que a emoção viera-lhe ao recordar a família desaparecida. A morte, porém, era um fenómeno tão comum no acampamento, que uma dor assim profunda, depois de tantos anos, pareceu-lhe excessiva.

— Não devemos ficar pensando nos mortos, — disse com uns láivos de impaciência. — Dêsse jeito nunca chegaremos a viver.

— Não estou pensando nêles.

— Então por que é que está chorando?

Ruth Holland enxugou os olhos com as costas da mão.

— Quer saber por que razão não me liquidaram junto com os outros?

Bucher sentiu de maneira vaga que iria ouvir algo que seria melhor continuar ignorando.

— Não é preciso contar nada, mas se está com vontade, pode falar. Não faz diferença.

— Faz alguma diferença — contestou ela. — Eu tinha dezessete anos. Naquele tempo não era tão feia como agora. Foi por isso que me deixaram com vida.

— Sei — disse Bucher sem compreender.

A moça olhou-o nos olhos. Pela primeira vez, Bucher observou que ela tinha olhos de um castanho transparente. Nunca reparara naquilo.

— Compreende por que é que faz diferença?

— Não.

— Pouparam-me a vida porque precisavam mulheres e moças para os soldados e para os ucranianos que lutavam ao lado dos alemães. Compreendeu agora?

Bucher estonteado, ficou silencioso por algum tempo. Ruth o observava.

— Fizeram isso com V.? — perguntou depois de alguns minutos sem a encarar.

— Foi isso que fizeram comigo.

Ruth já não estava mais chorando.

— Não é verdade.

— E a pura verdade.

— Não é isso. Quero dizer que não é uma coisa real porque V. não estava de acordo.

Ruth deu uma risadinha curta e amargurada.

— Isso não modifica as coisas.

Bucher encarou-a. No rosto da jovem parecia que toda a expressão se apagara, mas justamente aquela falta de expressão transformava-o numa tal máscara de dor que o rapaz subitamente sentiu, mais do que ouviu, que tudo o que ela dissera fora bem a verdade. Teve um choque, mas não tomou conhecimento. Desejava apenas, no momento, que aquêle rosto diante dele tornasse a se animar.

— Não é verdade — repetiu — porque V. não estava querendo. V. estava ausente, não estava participando.

O olhar de Ruth pareceu estar voltando de uma região distante.

— É verdade e são coisas que não se podem esquecer.

— Nenhum de nós sabe o que estará em condições de esquecer ou não. Todos nós teremos muito o que esquecer. Do contrário mais valerá continuarmos aqui dentro até morrer.

Bucher estava repetindo uma frase que 509 dissera no dia anterior. Quanto tempo se tinha passado desde então? Anos? Engoliu em seco:

— V. está viva — disse com esforço.

— É. Estou viva. Posso me locomover, pronuncio palavras, como o pão que V. joga por entre os arames... o resto também vive! Vive!

Apertou as fontes com as mãos e virou a cabeça para o outro lado. "Ela me olhou de novo", pensou Bucher, "não está mais falando a êsmo, para o céu ou para a casinha da colina em frente."

— V. está viva — repetiu ele — e isto me basta.

Ruth deixou as mãos tombarem:

— V., criança, — disse desconsolada — que é que pode saber de tudo isso?

— Não sou uma criança. Nenhum dos que passaram por aqui pode continuar a ser criança. Nem mesmo Karel que só tem 11 anos.

Ruth sacudiu a cabeça:

— Não é isso. Neste momento V. acredita no que está dizendo, mas tudo se desvanecerá quando o resto vier à superfície. Tanto para V. como para mim, mais tarde as recordações... quando...

"Por que será que ela me contou isso?" perguntava Bucher a si mesmo; "não deveria ter me dito nada; nunca eu teria sabido, nada disso teria existido para mim".

— Não sei o que é que você quer dizer. Só sei que os que estiveram aqui dentro terão sempre reações diferentes das outras pessoas. Aqui dentro existem homens que foram forçados a matar — estava pensando em Lewinsky — mas, tanto quanto os soldados no campo de batalha, esses homens não se consideram assassinos. O mesmo acontece conosco. Nossas ações não podem ser julgadas pelas normas habituais.

— V. pensará de outro modo, quando tivermos saído daqui.

Ela o olhava e Bucher compreendeu porque era que nas últimas semanas, Ruth mostrava tão pouco entusiasmo. Ela estava com medo — com medo da libertação.

— Ruth, — disse Bucher sentindo uma onda de calor invadi-lo. — Tudo aquilo passou. Trate de esquecer! Obrigaram-na a fazer algo que a horrorizava. Que é que pode ter ficado de tudo aquilo? Nada. V. não fez coisa alguma. Os outros fizeram aquilo que quiseram. Em V. de tudo só ficou o horror que sentia.

— Vomitava. Quase sempre, depois, eu vomitava. Acabaram me mandando embora, o que resta de mim é

isso: cabelos grisalhos, uma bôca, onde faltam vários dentes, uma prostituída.

Bucher estremeceu ao ouvir a palavra e durante muito tempo permaneceu calado.

— Esta gente nos rebaixou a todos. Não foi só V. Nós todos. Em todos os campos de concentração. V. na sua qualidade de mulher, nós no nosso orgulho e muito mais do que no nosso orgulho; em tudo o que havia de humano em nós. Espezinharam-nos. Rebaixaram-nos tanto que nem se sabe como é que conseguimos sobreviver. Tenho pensado muito nisso êsses últimos dias. Conversei a êsse respeito com 509. Fizeram conosco tudo o que quiseram... comigo...

— O quê?

— É preferível não falar a respeito. 509 é de opinião que nada sucede quando não se admite o fato inteiramente. No momento não compreendi o que isso significava. Só agora é que estou compreendendo. Não sou nenhum covarde e V. não é nenhuma prostituta. Nada do que nos fizeram tem sentido desde que nós não tenhamos estado de acôrdo.

— Eu me sinto assim.

— Logo que sairmos daqui não se sentirá mais assim.

— Aí então, é que me sentirei assim.

— Não. Do contrário, poucos dentre nós poderíamos continuar vivendo. Rebaixaram-nos, mas no fim das contas os que ficaram rebaixados foram êles e não nós.

— Quem é que diz isso?

— Berger.

— V. tem bons mestres.

— Tenho. E aprendí muito com êles.

Ruth inclinou a cabeça para um lado. Continuava com os traços fatigados, a expressão amargurada, mas o rito de desespero desaparecera.

— Tudo isso aconteceu há tantos anos. Teremos de enfrentar os problemas cotidianos da existência...

Bucher viu a sombra azulada das nuvens subir à altura da colina onde ficava a casinha branca e, por um instante, ficou admirado de continuar a vê-la de pé.

Parecia-lhe que uma bomba silenciosa deveria ter arrastado a pequena construção. No entanto a casinha continuava como dantes.

— Não seria melhor esperarmos sair daqui e tentarmos a vida lá fora em vez de estarmos desanimando?

Ruth examinava os dedos magros; pensava nos cabelos embranquecidos, nos dentes que faltavam, e se recordou que Bucher, há anos, não via nenhuma mulher. Ela era mais jovem do que êle, sentia-se, porém, muito mais velha. As recordações pesavam-lhe como chumbo. Não acreditava em nada daquilo em que êle tanto confiava, mas ainda havia nela uma parcela de esperança à qual a infeliz se agarrava desesperadamente.

— Tem razão, Joseph. É melhor esperar.

Encaminhou-se de volta para a barraca. O vento grudava-lhe a saia ensebada às pernas magras. Bucher seguia-a com os olhos e de repente sentiu uma onda de cólera dominá-lo. Sabia que estava desamparado, que não poderia fazer nada, que teria de sobrepujar aquêles pensamentos, que teria de fazer o possível para compreender melhor tudo aquilo que acabara de dizer a Ruth.

Levantou-se vagaroso e se dirigiu para a barraca. Não lhe era mais possível continuar suportando a luminosidade do céu.

21

Neubauer não despregava os olhos da fôlha de papel. Leu a última frase mais uma vez. “É esta a razão pela qual eu vou-me embora. Se deseja ser apanhado, isso é lá com V. Quanto a mim desejo continuar a viver em liberdade. Levo Freya comigo. Venha juntar-se a nós. Selma”. Dava como enderêço uma aldeia na Baviera.

Neubauer olhou em redor. Não podia compreender. De um momento para outro, a mulher e a filha iriam surgir por ali. Abandoná-lo agora... impossível.

Deixou-se cair numa poltrona francesa que estalou sob o seu pêso. Levantou-se, deu-lhe um pontapé e foi se sentar no sofá. Boa porcaria. Mais valia ter comprado bons móveis alemães como tôda gente fazia. Com-

prara tudo aquilo por causa da mulher. Selma lera qualquer coisa sôbre tais móveis e achara elegante possuí-los. A êle, rude e sincero companheiro do Führer, aquilo tudo não interessava. Preparou-se para dar um outro pontapé na poltrona, mas desistiu. Vendendo os móveis talvez ainda apurasse algum dinheiro. A questão era saber quem é que compraria objetos de arte quando já se estava ouvindo o troar do canhão inimigo. Ergueu-se e pôs-se a percorrer a casa. No quarto de dormir escancarou o armário. Até então conservara alguma esperança. Ao investigar o interior do armário, porém, teve um sobressalto. Selma levara as peles e tudo mais que tinha valor. Afastou a pilha de roupas. A caixa das jóias também não estava ali. Fechou tudo devagar e parou junto à penteadeira. Maquinalmente destapou os frascos de cristal da Boêmia e levou-os ao nariz sem sentir o perfume que dali se exalava. Aquêles vidros representavam um presente dos dias gloriosos passados na Tcheco-Eslováquia. — Selma não os levava, decerto eram muito frágeis para serem transportados.

De súbito, encaminhou-se para um armário embutido, abriu-o e se pôs à procura de uma chave. Não precisou procurar muito tempo. O escaninho secreto estava aberto e vazio. Sua mulher carregara todos os valores. Até a cigarreira de ouro com a cruz suástica em brilhantes que êle ganhara quando ainda fazia parte do serviço técnico. Seria preferível ter permanecido naquele posto, continuando a se aproveitar das circunstâncias. Na realidade, a idéia do campo de concentração fôra desastrosa. Nos primeiros tempos a coisa servira como meio de fazer pressão em certos indivíduos. Agora, porém, o campo se tornara um pêso em suas costas. Apesar de tudo, tinha certeza de ser um dos mais humanos comandantes. Era sabido que Mellner não era nenhum Dachau, nem nenhum Oraniemburg e muito menos um Buchenwald. Ap'icou o ouvido. Uma das janelas estava aberta e uma cortina de musselina esvoaçava como uma alma do outro mundo. Aquêle maldito trovejar que vinha da linha do horizonte arrebatava os nervos. Neubauer fechou a janela, mas na pressa prendeu a cortina. Tornou a abrir a janela e puxou a cortina, mas a fazenda, presa num canto, se rasgou. Neubauer bateu a janela e praguejando se dirigiu

para a cozinha. A empregada, sentada à mesa, levantou-se de um salto ao vê-lo entrar. O patrão resmungou sem a olhar. Era claro que aquela intrigante sabia de tudo o que se estava passando. Ele mesmo tirou cerveja de dentro da geladeira. Pegou também numa garrafa de "Steinjager" que ainda estava pela metade e levou tudo para a sala. Voltou logo em seguida para buscar os copos que esquecera. A empregada que estava à janela escutando, virou-se como se tivesse sido apanhada fazendo algo proibido:

— Quer que faça qualquer coisa para comer?

— Não.

A aguardente era forte e perfumada, a cerveja estava bem gelada. "Fugir", pensou. Como os judeus. Pior que os judeus. Os judeus não faziam uma coisa assim. Aguentavam firmes. Tinha tido muita ocasião de constatar. Enganado! Abandonado! Eis o que ganhara. Poderia ter gozado a vida se não fôsse um pai de família. Fiel... quase fiel, pensando em tudo o que poderia ter feito! Fora umas poucas escapadas... a viúva... quase que não se poderia contar como uma infidelidade. Alguns anos antes uma ruiva que desejava salvar o marido do campo de concentração. Tudo o que ela fizera para conseguir o objetivo... mas o marido já tinha morrido havia algum tempo. Claro que a jovem não sabia... Depois, quando lhe entregaram a cigarreira contendo as cinzas do espôso, fizera-se de idiota. Fôra só por sua culpa que acabara tendo de ser prêsa também. Não era possível que o comandante permitisse que uma mulher alucinada lhe cuspissem na cara.

Serviu-se de um segundo cálice de aguardente: "Porque seria que estava pensando naquelas coisas? Ah! Sim, por causa de Selma. Tudo o que ele poderia ter feito! Perdera muitas ocasiões. Quase todos os seus conhecidos não deixavam passar nenhuma oportunidade! Até Binding da "Gestapo" aquele pé torto! Era cada dia uma aventura diferente!

Afastou a garrafa. "A casa dava a impressão de estar tão vazia, como se sua mulher tivesse carregado os móveis. Levava Freya consigo. Por que será que não tivera um filho? Não fôra por sua culpa. Com certeza

que não fôra. Que desgraça!" Olhou em volta. "Que é que ainda estava fazendo ali? Tentar ir se encontrar com Selma naquela maldita aldeia? Era impossível que as fugitivas ainda estivessem em caminho. Naquele tempo, uma viagem poderia durar muitos dias."

Olhou para as botas brilhantes. O brilho da sua honra acabara de ser ofuscado por uma traição. Levantou-se; com passos pesados atravessou a casa vazia e saiu.

Do lado de fóra o auto estava esperando:

— Para o acampamento, Alfred.

O carro rodava com dificuldade pelo meio da cidade.

— Espere — ordenou Neubauer, de repente. — Vamos ao Banco.

* * *

Ao sair do Banco, Neubauer mantinha-se tão esticado, quanto lhe era possível. Ninguém deveria perceber nada. Era o cúmulo! Ainda por cima ridicularizá-lo! A metade do dinheiro, Selma, nos últimos tempos fôra retirando. E quando êle, no Banco, perguntara porque não haviam informado, não obtivera mais do que um encolher de ombros... "era uma conta em nome dos dois..." pensaram estar prestando um serviço, visto as grandes retiradas não serem muito bem vistas pelas autoridades.

— Para a chácara, Alfred.

Custaram muito a poder sair do meio da cidade. Lá estava a chácara, tranqüila, banhada pela luz da manhã. As árvores estavam cheias de flores. Os narcisos, as violetas e o açafrão, todos floridos, salpicavam o verde claro da grama, como ovos de páscoa coloridos. Ali não existiam infidelidades. Tudo desabrochava no tempo adequado. A natureza era segura, podia se ter confiança.

Dirigiu-se ao estábulo. Os coelhos, dentro das coelheiras, ocupavam-se em roer alguma coisa. Em seus olhos vermelhos não havia nenhuma alusão a contas bancárias. Neubauer enfiou o dedo pela tela de arame e acariciou o pêlo branco dos angorás. Com aquêlê pêlo, tivera a intenção de mandar confeccionar uma estola pa-

ra Selma. Era um verdadeiro idiota que tôda gente enganava!

Apoiou-se na grade e olhou pela porta que ficara aberta. Naquela quietude morna, sua indignação se transformou numa grande piedade de si mesmo. O céu radioso, um galho florido que se balançava em frente à porta, a suave expressão dos animais naquela penumbra... tudo o predispunha à meditação.

De súbito tornou a ouvir o ribombar distante. O ruído menos regular, porém mais forte do que antes, foi se misturando às suas cismas. O ronco subterrâneo, amortecido, repercutia e ouvindo aquêle repercutir, voltou-lhe o medo. Era, porém, um medo diferente, mais profundo do que antes. Agora estava sozinho e não poderia mais se enganar, à força de querer convencer outra pessoa. O medo o dominava por completo. Vinha-lhe do estômago até a garganta e voltava pelo estômago até os intestinos. “Nada fiz de mal”, pensava sem convicção. “Apenas cumpri o meu dever. Tenho testemunhas. Muitas. Blank é uma delas. Ainda há pouco tempo, ofereci-lhe um charuto em vez de o mandar prender. Outro qualquer teria ficado com a loja e não pagaria nada. O próprio Blank é dessa opinião, êle dará seu testemunho.” “Blank não dará nenhum testemunho” respondeu-lhe outra voz interior. Neubauer virou-se como se alguém tivesse falado atrás dêle, mas ali só havia as enxadas, as pás, os ancinhos com os cabos de madeira pintados de verde. Antes fôsse um camponês, um chacareiro, um dono de hotel, qualquer outra coisa! Aquêle maldito galho florido! Florescer era fácil, não trazia dificuldades! Um chefe nacional-socialista, porém, para onde poderia ir? De um lado os russos, do outro os ingleses e americanos, para onde se poderia ir? Selma podia dizer o que quisesse, mas fugir dos americanos, era se aproximar dos russos e bem se poderia prever o que aconteceria. Não fôra a toa que os russos tinham vindo de Moscou e Stalingrad, atravessando províncias e províncias devastadas.

Neubauer limpou o suor da testa. Deu alguns passos. Estava com os joelhos tremendo. Era preciso refletir com precisão. Saiu do estábulo vacilando. Do la-

do de fora o ar estava fresco. Respirou profundamente, mas ao mesmo tempo pareceu-lhe que estava respirando o ribombar que vinha do horizonte. Sentindo-lhe as vibrações nos pulmões, foi acometido de outra vertigem. Apoiado a uma árvore, sem ânsia, começou a vomitar sobre os narcisos. “A cerveja com a aguardente não me fizeram bem.” Deu uma olhadela para o portão. Alfred não o poderia ter visto. Demorou-se ainda um pouco, sentiu que o vento lhe secava o suor da testa. Devagar voltou para o automóvel.

— Para o *Puff*, Alfred.

— Para onde Sr. Comandante?

— Para o *Puff* — gritou Neubauer irritado. — Não entende mais alemão?

— Esse bordel está fechado. Foi transformado num hospital de emergência.

— Então vamos para o acampamento.

Para que lugar mais poderia se dirigir sem ser o acampamento?

* * *

— Que acha da situação, Weber?

Weber olhou-o com indiferença:

— Formidável.

— Formidável? Realmente?

Neubauer procurou um charuto. Depois se lembrou de que Weber só fumava cigarros.

— Não tenho mais nenhum cigarro. Havia uma caixa por aí, mas nem sei onde foi que a meti.

Olhou aborrecido para a janela tapada com uma folha de madeira. Os vidros quebrados durante o último bombardeio, não tinham podido ser substituídos.

Ignorava que seus cigarros tinham desaparecido durante a confusão e que, através o ruído escrevente, tinham ido parar nas mãos de Lewinsky, que, por vez, os tinha encaminhado aos “veteranos” da barraca 22, assegurando-lhes, assim, dois dias de pão. Por felicidade seus *Dossiers* particulares não tinham sofrido nenhum dano — tôdas aquelas suas instruções humanitárias que Weber e os outros tinham interpretado mal. — O coman-

dante observava Weber, de soslaio. O chefe de acampamento dava a impressão de estar perfeitamente calmo, apesar de ter tanta conta a ajustar. Ainda há pouco, os últimos enforcamentos...

Neubauer se animou de novo. Estava acobertado, bem acobertado:

— Que é que V. faria, Weber, — disse com ar amigável, — se por algum tempo, por questões militares, V. compreende... enfim, se por um curto lapso de tempo... de espera, digamos, o inimigo ocupasse a nação, aliás, acrescentou depressa, o que, como já ficou provado, não significa uma derrota.

Weber o escutara, esboçando a sombra de um sorriso:

— Para alguém como eu, haverá sempre o que fazer — respondeu. — Voltaremos a levantar a cabeça, nem que seja com outro nome. Tanto faz, até como comunista. Durante algum tempo não haverá nacional-socialismo. Todos serão democratas. Não tem importância. É provável que mais tarde ou mais cedo eu passe a trabalhar na polícia. Com documentos falsificados, talvez. O trabalho continuará, então.

Neubauer sorriu. A segurança de Weber, restituíam-lhe a sua própria.

— Não é má idéia. E eu? Que acha que virei a ser?

— Isso eu não sei. Tem família, Sr. Comandante. Com o seu posto, será difícil passar despercebido. Não lhe será fácil aparecer sob outro aspeto.

— É claro que não. — O bom humor de Neubauer desaparecera. — Sabe de uma coisa, Weber? Desejo dar uma volta pelo acampamento. Há muito tempo já que não dou uma vista por aí.

* * *

Assim que o comandante chegou ao departamento de desinfecção, o “pequeno acampamento” foi informado do que se estava passando. As armas, levadas por Werner e Lewinsky, passaram para o “grande acampamento”.

Só 509 conservou o seu revólver. Fêz questão absoluta e o escondeu embaixo da cama.

Um quarto de hora mais tarde, através às latrinas do hospital veio a fantástica notícia de que a inspeção não representava um castigo.

As barracas não estavam sendo revistadas e o comandante até mostrava certa benevolência.

O novo fiscal de bloco estava nervoso. Andava em volta, gritando ordens.

— Não grite assim — disse Berger. — Não adianta nada.

— O quê?

— Isso mesmo que eu disse!

— Grito quanto quiser. Todos para fora, em filas de quatro.

Andava em torno da barraca. Os homens que podiam se arrastar, reuniram do lado de fora.

— Não estão todos aqui. Há mais outros.

— Será que está querendo que os mortos se levantem e venham para as fileiras?

— Cale a bôca! Todos para fora. Até os que estiverem de cama!

— Ouça! Não se trata de uma inspeção. Não recebemos nenhuma ordem nesse sentido. Não há necessidade de trazer todo o pessoal cá para fora.

O fiscal estava suando:

— Faça o que entender. Sou o fiscal do bloco. Onde está aquele que anda sempre conversando com vocês dois?

Com um gesto, apontava Berger e Bucher.

O fiscal abrira a porta da barraca para ir investigar. Aquilo era justamente o que Berger desejava evitar. 509 mantinha-se escondido ali.

Não era conveniente dar de cara com Weber, mais outra vez.

— Ele não está aí, — disse Berger barrando a entrada.

— O quê? Saia da frente!

— Ele não está aqui e pronto! — disse Berger sem sair do caminho.

O fiscal o encarou. Bucher e Sulzbacher se aproximaram.

— Que quer dizer isto? — perguntou o homem.

— Ele não está aqui, — repetiu Bucher. — Quer saber como é que Handke morreu?

— Enlouqueceram?

Rosen e Ahasverus também se acercaram do grupo.

— Sabem que eu posso arrebentar as carcaças de todos vocês?

— Ouça! — aconselhou Ahasverus apontando o indicador ossudo na direção da linha do horizonte: — Está cada vez mais perto.

— Handke não morreu em consequência do bombardeio, — esclareceu Bucher.

— Não fomos nós que torcemos o pescoço de Handke. Não fomos nós. Será que nunca ouviu falar num tribunal secreto do campo?

O fiscal de bloco recuou um passo. Sabia bem o que, mais de uma vez, tinha acontecido aos que denunciavam ou traíam.

— Vocês aqui fazem parte? — perguntou incrédulo.

— Tenha juízo, — advertiu Berger. — Não vale a pena perder a cabeça. Quem é que, a esta hora, vai querer ir para a lista daqueles com os quais temos de ajustar contas?

— Quem foi que falou nisso? — O fiscal pusera-se a gesticular. — Se não me avisaram, não posso adivinhar o que é que está se passando. Podem confiar em mim. Que é que há?

— Assim está tudo em ordem.

— Aí vem Bolte — avisou Bucher.

— Muito bem. — O fiscal puxou as calças para cima. — Vou prestar atenção. Podem confiar em mim. Estou com vocês.

* * *

“Miseráveis”, pensou Neubauer. “Por que será que as bombas não caíram aqui? Teria sido a melhor solução. As coisas sempre acontecem diferentes do que deveriam acontecer”.

— É aqui a seção protetora?

— A seção protetora, — repetiu Weber.

Neubauer encolheu os ombros:

— De qualquer modo, não deixamos os daqui fazerem nenhum trabalho.

— Não...

Weber divertia-se. A idéia de fazer aquêles fantasmas trabalharem, era absurda.

— Esse bloqueio, — disse Neubauer. — Não temos culpa... o inimigo...

E virando-se para Weber:

— Isto aqui está fedendo como uma jaula de macacos. Não se poderia dar um jeito?

— Disenteria, — respondeu Neubauer. — Aliás estamos num lugar de repouso para enfermos...

— Enfermos. Justamente. — Neubauer apanhara a deixa. — Doentes, disenteria. Por isso é que está cheirando tão mal. Nos hospitais é a mesma coisa.

Olhou em volta indeciso:

— Esta gente toma banho?

— O perigo de contágio é muito grande e os banheiros são do outro lado.

A palavra contágio fizera Neubauer recuar um passo, sem querer.

— Há roupa para essa gente mudar? As roupas usadas são queimadas?

— Não é indispensável. Podem ser desinfetadas. Temos muita roupa. Recebemos grande quantidade de Belsen.

— Muito bem, — disse Neubauer aliviado. — Distribua, então, roupa de baixo e algumas calças e blusas, ou o que tivermos disponível para essa gente trocar. Faça distribuir também cloro e desinfetantes. Isso vai mudar de cara. Tome nota!

O primeiro fiscal de alojamento, um prêso corpulento, anotou pressuroso:

— Providenciar para que tudo seja mantido na mais rigorosa limpeza, — ditou o comandante.

— Na mais rigorosa limpeza — repetiu o primeiro fiscal de alojamento.

Weber reprimiu um sorriso. Neubauer dirigiu-se aos presos:

— Têm tudo o que precisam?

Em doze anos de cativo tinham aprendido de cor a resposta:

— Perfeitamente, Sr. Comandante.

— Muito bem. Podem debandar.

Neubauer tornou a olhar em redor. Refletiu um momento e teve uma inspiração:

— Mande plantar um pouco de folhagem por aqui. Estamos na época, agora. Alguns arbustos na parte norte e um renque de flôres na parte sul. As plantas alegam um pouco. Temos mudas no jardim, não?

— Às ordens Sr. Comandante.

— Muito bem, então trate logo de começar. Poderemos fazer a mesma coisa no outro acampamento.

Neubauer se entusiasmava com a idéia. O jardineiro que havia dentro dêle se expandia.

— Pode-se plantar já um canteiro de violetas... não; é melhor plantar algumas primulas. O amarelo é mais vistoso.

Dois presos foram escorregando até cair no chão. Ninguém ousou socorrê-los.

— É isso, primulas. Será que temos primulas aqui?

— As ordens Sr. Comandante. — O gordo fiscal perfilou-se. — Temos bastante primulas já em botão.

— Muito bem. Providencie para que, de vez em quando, a banda venha tocar mais perto daqui para que êstes homens também possam ouvir um pouco de música.

Neubauer se afastou acompanhado pelos outros. Sentia-se mais tranqüilo. Os presos não tinham queixas. Vivera tantos anos sem ouvir a menor crítica a seu respeito que acabara se habituando a considerar reais, fatos que só existiam na sua imaginação. Por isso esperava que os prisioneiros o julgassem como êle gostaria de ser julgado — um homem que mesmo atravessando situações difíceis, fazia tudo o que podia por aquêles que dependiam dêle.

Há muito, porém, esquecera que os presos eram criaturas humanas.

22

— O quê? — perguntou Berger incrédulo. — Não temos ração esta noite?

— Nenhuma.

— Nem sopa?

— Nem sopa, nem pão. Ordens expressas de Weber.

— E para os outros? Para o “grande acampamento?”

— Nada. Esta noite não haverá rancho para todo o acampamento.

Berger virou-se:

— Quem é que entende uma coisa dessas. Manda-nos roupa limpa para mudar e nos suprime a ração da noite.

— Temos primulas também, — disse 509 mostrando dois canteiros com a terra revolvida e umas plantas murchando.

Os presos as haviam transportado da seção de jardinagem, durante o dia.

— Será que não se pode comer algumas destas flores?

— É melhor não arriscarmos. Se faltar alguma, serão capazes de nos deixarem sem comida durante uma semana.

— Só queria saber porque é que não nos dão comida. Depois de toda aquela fita que Neubauer fez, cheguei a pensar que pusessem umas batatas na sopa de hoje.

Lebenthal interveio:

— Foi Weber. Não foi Neubauer. Weber está furioso com Neubauer. Pensa que o chefe está tentando escapar à responsabilidade do que se passou aqui. E é mesmo o que ele está querendo. Por isso Weber trata de atrapalhar o mais que pode. Ouvi essa história na administração. Lewinsky, Werner e os outros também estão dizendo a mesma coisa. O pior é que somos nós que temos de pagar o pato.

— Vamos ter uma porção de mortos.

Olharam para o céu tinto de vermelho.

— Weber também disse que é inútil termos ilusões. Ele tratará de nos manter a rédea curta.

Lebenthal retirou a dentadura, examinou-a um momento e tornou a colocá-la no lugar.

Das barracas saíam uns gritos finos. A notícia já se espalhara. Os “esqueletos” com passadas hesitantes se aglomeravam em torno das gamelas vazias examinando-as. Se estivessem cheirando a comida, os outros os tinham enganado. As gamelas, porém, estavam lavadas e sêcas. Os lamentos aumentaram. Muitos dos presos, se deixaram cair ali mesmo e ficaram martelando a terra suja com as mãos ossudas. A maior parte desapareceu logo ou ficou deitada imóvel de boca aberta e olhos arregalados. De dentro das barracas, ouviam-se as vozes enfraquecidas daqueles que já não mais se podiam mexer. Não eram gritos articulados. Era uma espécie de câro desesperado, uma cantilena sem palavras, sem preces nem imprecações, já para lá de qualquer sentimento de revolta. Era o último sôpro de vida que se escapava. Era um zumbido, um pipilar, um arranhar, como se a barraca estivesse repleta de insetos agonizantes.

* * *

— Já que não temos mais nada, — disse 509 — vamos comer ilusões. Tratemos de comer tôdas as nossas ilusões. Devoremos os últimos cartuchos. Precisamos agüentar. Havemos de agüentar.

O pequeno grupo se reunira perto da barraca. A noite estava fresca, não chegava contudo a fazer muito frio. Nas primeiras horas já se podiam contar vinte e oito mortos na barraca. Os “veteranos” tinham salvo as peças de roupa que ainda eram usáveis e as tinham vestido para se abrigarem da friagem. Não queriam adoecer. Nenhum desejava entrar para a barraca. Lá dentro, só havia os gemidos e os estertores da morte. Tinham ficado três dias sem pão e hoje também não tinham tido sopa. Em tôdas as camas homens brigavam, desistiam de lutar e se entregavam à morte. Os “veteranos” não queriam entrar. Não queriam se misturar àquela miséria, não queriam dormir junto com os moribundos. A morte é contagiosa. Receavam ser apanhados de surpresa durante o sono. Ficavam ali sentados, vestidos

com as roupas dos que tinham morrido, olhando o horizonte, de onde esperavam a liberdade.

— Será só mais esta noite, — anunciou 509. — Só mais esta única noite! Podem me acreditar. Neubauer vai ser informado do que está se passando e dará uma contra-ordem. Os dois entraram em luta. É o comêço do fim. Temos agüentado tanto! Será só mais esta noite!

Ninguém respondeu. Estavam sentados, todos bem juntos como bichos no inverno. Não era calor que uns transmitiam aos outros, era uma dupla energia, muito mais necessária do que o calor, naquele momento.

— Vamos conversar sôbre alguma coisa, — disse Berger — mas não sôbre estas coisas que nos rodeiam.

E, virando-se para Sulzbacher que estava a seu lado:

— Que é que pretende fazer quando sair daqui?

— Eu? Sulzbacher?! É melhor não falar antes de ter chegado a hora. Dá azar.

— Não dá mais nenhum azar — protestou 509 com vivacidade. — Não falamos nisso durante todo êsse tempo porque tínhamos mêdo das recordações. Agora, porém, é preciso falar sôbre essas coisas. Se não falarmos numa noite como esta, quando falaremos então? Vamos nos alimentar com o que ainda nos resta de esperança. Que é que V. vai fazer quando sair daqui, Sulzbacher?

— Ignoro onde se encontra minha mulher. Ela estava em Düsseldorf, mas a cidade foi bombardeada.

— Se ela está em Düsseldorf, está em segurança. A cidade foi ocupada pelos inglêses. O rádio já deu há muito tempo.

— Talvez tenha morrido, — disse Sulzbacher.

— Devemos contar com esta eventualidade. Que é que podemos saber dos que ficaram lá fora?

— O mesmo que os que ficaram lá fora sabem de nós, — exclamou Bucher.

509 olhou-o. Ainda não lhe contara que o pai tinha morrido, nem como tinha morrido. Deixaria para quando estivessem em liberdade. Nessa ocasião o rapaz suportaria melhor. Era jovem e tinha alguém que ficaria

a seu lado. Seria sempre cedo demais para levar o golpe.

— Que impressão teremos ao sair daqui? Já estou no acampamento há seis anos, — declarou Meyerhof.

— Eu já estou há doze, — comentou Berger.

— Há tanto tempo? V. era político?

— Não. Apenas, de 1928 a 1932, tratei de um *nazi* que mais tarde foi elevado ao posto de chefe de grupo. Aliás, nem foi bem assim. Um amigo meu que era especialista, tratou dêle no meu consultório. O tal *nazi* morava no mesmo edifício e assim ficava mais cômodo para êle.

— Foi por isso que prenderam V.?

— É. Ele tinha sífilis.

— E o especialista?

— Foi morto. Consegui escapar, porque fingi que ignorava qual era a doença. Tentei convencê-lo de que pensava tratar-se de uma inflamação resultante de ferimentos recebidos na outra guerra. Em todo o caso, por via das dúvidas, êle resolveu me trancafiar aqui.

— Que é que V. vai fazer se êsse camarada ainda estiver vivo quando V. sair daqui?

Berger refletiu um instante:

— Não sei.

— Eu o mataria, — afirmou Meyerhof.

— E voltava logo para a prisão, não é? — objetou Lebenthal. — Por homicídio, mais uns dez ou vinte anos.

— E V. Leo? Que é que vai fazer, quando sair daqui? — perguntou 509.

— Vou abrir uma loja de capotes. Boa meia confeição.

— Capotes? No verão? Estaremos em pleno verão, Leo!

— Farei capotes de verão. Posso ter alguns ternos também... e capas de chuva, naturalmente.

— Leo, — voltou 509, — por que não continua no ramo dos comestíveis? Na ocasião, terão mais saída do que capotes. Além disso, aqui, a sua atuação foi formidável.

— Acha? — Lebenthal sentia-se visivelmente lisonjeado.

— Sem nenhuma dúvida!

— Talvez V. tenha razão. Vou pensar melhor. Gêneros americanos, por exemplo. Será um colosso. Lembra-se do toicinho americano depois da guerra de 18? Era grosso, branco e macio como marzipan, com côr-de-rosa...

— Cale a bôca, Leo! Ficou maluco?

— Não. É que me lembrei. Será que agora vão mandar também um pouco? Ao menos para nós?

— Cale essa bôca, Leo!

— Berger, e V.? — inquiriu Rosen.

Berger esfregou os olhos inflamados:

— Vou tentar ser aprendiz de farmácia. Operar com estas mãos? Depois de tanto tempo? — Fechou os punhos por baixo da jaqueta com que se estava cobrindo. — Impossível. Vou ser farmacêutico. E V.?

— Minha mulher requereu o divórcio porque sou judeu. Não sei mais nada a respeito dela.

— Será que quer ir procurá-la? — indagou Meyerhof?

Rosen hesitava:

— Talvez tenha agido sob pressão. Que é que poderia ter feito? Eu mesmo a aconselhei.

— Nesse meio tempo, ela é capaz de ter ficado tão feia que nem interesse mais a V. Talvez até fique contente de ter se visto livre dela — ponderou Lebenthal.

— Nenhum de nós ficou mais jovem.

— Não. Nove anos... — Sulzbacher teve um acesso de tosse. — Que sensação se terá ao encontrar alguém depois de tanto tempo?

— Ainda é bom quando se tem alguém para encontrar.

— Depois de tanto tempo, — continuou Sulzbacher — quem é que ainda se reconhece?

* * *

Por entre o arrastar dos “muçulmanos”. ouviram-se passadas firmes.

— Atenção — cochichou Berger. — Tenha cuidado

— É Lewinsky — afirmou Bucher. — Reconhecia as pessoas pelos passos.

Lewinsky se aproximou.

— Que é que estão fazendo? Não distribuíram o rancho. Um dos nossos que trabalha na cozinha, conseguiu furtar um pouco de pão e algumas batatas. Tudo cru. Comida cozida só para os medalhões. Não foi possível pegar nada. Trouxe um pouco de pão e umas cenouras. Não é muito, mas nós também não tivemos muito mais.

— Berger, — disse 509, — dívida.

Cada um ganhou meia fatia de pão e uma cenoura.

— Comam devagar. Mastiguem até ficar tudo bem triturado.

Berger dera primeiro as cenouras. Só uns minutos mais tarde, dera-lhes o pão.

— A gente se sente como se estivesse roubando, comendo assim escondido, — comentou Rosen.

— Não coma então, — atalhou Lewinsky lacônico. — Imbecil.

Lewinsky tinha razão e Rosen sabia disso. Quisera apenas explicar que só hoje, nessa noite fantástica, na qual haviam conversado sobre o futuro para se esquecerem da fome que os estava atormentando, tivera tal pensamento porque aquilo estava, justamente, ligado ao futuro. Desistiu, porém. Era muito complicado esclarecer tanta coisa. Além do mais, não tinha importância alguma.

— Estão virando a casaca, — anunciou Lewinsky com voz rouca sem fôlego. — Os de triângulo verde estão querendo cooperar. Nós vamos deixando. Cabos, fiscais de bloco, fiscais de alojamento. Depois, mais tarde, teremos tempo para escolher. Até dois "SS" também querem. Um deles é o médico do quartel.

— Aquêlê cão! — exclamou Bucher.

— Sabemos muito bem o que é que êle vale. No momento, porém, pode nos ser útil. Foi por êle que soube-mos da ordem que chegou hoje à tarde. Querem fazer um transporte de presos daqui.

— O quê? — perguntaram Berger e 509 ao mesmo tempo.

— Um transporte de dois mil homens.

— Vão evacuar o campo?

— Por enquanto vão retirar só dois mil homens.

— Um transporte era o que nós receávamos — disse Berger.

— Fiquem sossegados. O escrevente ruivo está atento. Se fizerem uma lista, vocês não serão incluídos. Temos agora os nossos espalhados por toda a parte. Além disso, parece que Neubauer está indeciso. Ainda não mandou executar a ordem.

— Não vão se orientar por listas, — afirmou Rosen. — Farão como fizeram conosco. Reunem os presos ao acaso. Depois fazem as listas.

— Nada de nervosismo. A questão ainda não chegou a esse ponto. Cada hora que se passa pode transformar muita coisa.

— Nada de nervosismo! — repetiu Rosen tremendo.

— Se for preciso, esconderemos vocês no hospital. O médico, agora, fecha os dois olhos. Já temos lá uma porção de gente que estava em perigo.

— Sabe se falaram em transportar mulheres também? — perguntou Bucher.

— Não. Nem farão isso. Não há quase mulheres neste acampamento.

* * *

Lewinsky levantou-se.

— Venha comigo, — disse a Berger.

— Para onde?

— Para a enfermaria. Vamos escondê-lo lá, durante alguns dias. Temos um cômodo ao lado da seção de tifo. Nazi nenhum se arrisca até ali. Já está tudo arranjado.

— Mas por que? — perguntou 509.

— O pelotão que trabalha no crematório vai ser liquidado amanhã. Pelo menos são os boatos que correm. Não sei ao certo se pretendem exterminá-lo junto com os outros, mas é provável que sim.

Virou-se para Berger:

— Lá dentro, V. assistiu a muita coisa.

— Venha, é mais prudente. Dispa-se. Troque os seus troços com um morto qualquer.

— Vá, — aconselhou 509.

— E o fiscal de bloco? Será que poderão arranjar as coisas com êle?

— Podemos, — afirmou Ahasverus para surpresa geral. — Trataremos de fazê-lo calar a bôca.

— Muito bem. O escrevente ruivo já foi informado. Dreyer anda tremendo de medo pela própria carcaça. Nem se lembrará de procurar identificar V. no meio dos outros corpos. Lewinsky soprou com fôrça pelo nariz. Além disso há uma quantidade enorme de mortos. Do “grande acampamento” até aqui, só se esbarra em corpos pelo chão. Precisarão de uns quatro ou cinco dias para conseguir queimar todos. Nesse meio tempo, já serão os novos que estarão lá. A desordem é tal, que mais ninguém se entende. O importante é que V. não seja encontrado. — Um sorriso perpassou pelo seu rosto. — Nos tempos que correm é o que há mais seguro. Permanecer longe dos tiros.

— Vamos, — disse 509. — Temos de encontrar um defunto que não seja tatuado.

Quase não dispunham de claridade. A luz avermelhada que brilhava incerta para os lados do oeste, não era suficiente. Precisavam curvar-se muito sôbre os mortos para ver se não tinham números marcados nos braços. Acabaram achando um que correspondia mais ou menos à estatura de Berger. Despiram-no.

— Depressa, Efraim!

Estavam sentados do lado da barraca que não poderia ser avistada pela sentinela.

— Dispa-se aqui mesmo, — cochichou Lewinsky. — Quanto menos gente souber, melhor. Jogue para cá as calças e a blusa.

Berger despiu-se. Parecia um arlequim fantasma, destacando-se dentro da noite. Na inesperada distribuição de roupa que tinham tido, recebera umas calças de mulher que lhe chegavam às barrigas das pernas e uma camisola bem decotada e sem mangas.

— Amanhã cedo, dêem-no como morto.

— Está certo. O “SS” chefe do bloco não o conhece. Com o fiscal, trataremos de nos arranjar.

Lewinsky deu uma meia risada:

— Vocês estão bastante bem organizados.

* * *

— Haverá mesmo um transporte de presos! — Rosen fixava o caminho por onde Berger desaparecera. — Sulzbacher tinha razão. Não devíamos ter falado sobre os nossos planos. Dá azar.

— Besteira! Arranjamos qualquer coisa para comer. Berger foi salvo de ser exterminado com o resto do pessoal do crematório e nem é certo que Neubauer passe a ordem para diante. Que estupidez é esta de azar? Quererá ter garantias para alguns anos?

— Berger voltará para cá? — perguntou alguém atrás de 509.

— Berger está salvo, — disse Rosen com amargura. — Não será incluído no transporte.

— Trate de calar a boca, — disse 509 com dureza. Virou-se. Atrás dele estava Karel.

— É claro que tornará a voltar, Karel. Por que não ficou dentro da barraca?

— Vim ver se alguém teria um pedaço de sola para eu mastigar.

— Tenho coisa melhor, — disse Ahasverus, dando-lhe o pão e a cenoura.

Guardara para o menino a sua parte.

Karel começou a comer bem devagar, mas vendo que os outros o estavam olhando, levantou-se e desapareceu. Quando tornou a voltar, não estava mais comendo.

— Dez minutos, — disse Lebenthal olhando para o seu relógio de níquel. — Sabe se controlar bem. Eu teria devorado tudo em dez segundos.

— Não poderíamos, talvez, trocar este relógio por comida, Leo? — perguntou 509.

— Esta noite não se conseguiria trocar nem ouro.

— Podia-se comer fígado, — disse Karel.

— O quê?

— Fígado. Fígado fresco. Sendo tirado logo, pode-se comer.

— Tirado logo de onde?

— Dos mortos.

— Quem lhe ensinou isso? — perguntou Ahasverus depois de um curto silêncio.

— Foi Blatzek.

— Quem é Blatzek?

— Blatzek do campo de Bruem. Dizia que era melhor isso do que morrer de fome. Os mortos já estão mortos mesmo, dizia. De qualquer jeito vão ser queimados. Blatzek me ensinou uma porção de coisas. Mostrou como é que a gente finge de morto e como é que se faz quando estão atirando por detrás. Corre-se em ziguezague, ora se abaixando, ora se levantando. Como é que se faz respirar enterrado na vala comum e como é que de noite, a gente escapa se desenterrando. Blatzek sabia um colosso de coisas.

— V. também sabe muitas coisas, Karel.

— Pois é. Foi por isso que cheguei até aqui.

— É claro, mas vamos tratar de outro assunto, — propôs 509. Ainda temos de vestir o morto com as roupas de Berger.

Não foi uma tarefa difícil. O corpo ainda não enrijecera. Amontoaram vários cadáveres sobre o pseudo Berger. Depois foram se sentar como tinham estado antes.

Ahasverus murmurava baixinho as suas orações.

— V. tem muito que rezar hoje, Velho, — disse Bucher sombriamente.

Ahasverus ergueu os olhos, escutou um momento o ronco distante e respondeu vagaroso:

— Quando assassinaram o primeiro judeu e os assassinos ficaram impunes, as leis humanas foram transgredidas.

Riram-se. Riram-se pensando: “Que é que significa um punhado de judeus em comparação com a grande Alemanha?” Não se preocuparam com o que achavam uma coisa insignificante. É por isso que agora estão

sendo castigados. Uma vida é uma vida, mesmo que seja a mais humilde de tôdas.

O velho calou-se e pouco depois recomeçou a balbuciar as suas orações. Os outros ficaram silenciosos. A noite tornara-se mais fria. Os homens se encostaram mais uns nos outros.

* * *

O chefe de destacamento Breuer acabara de acordar. Com gesto ainda sonolento acendeu a lâmpada de cabeceira. No mesmo instante, dois pontos de luz verde brilharam sôbre a mesa. Eram duas lâmpadazinhas adaptadas às órbitas de um crânio humano. Manejando mais uma vez o comutador, tôdas as outras luzes se apagariam, ficando só a caveira iluminada. Era interessante e Breuer apreciava muitíssimo aquêle abajur original que êle mesmo inventara.

Em cima da mesa, ao lado de um prato com migalhas de bôlo e uma chícara suja de café, havia alguns livros — romances de aventuras de Karl May — a cultura literária de Breuer se satisfazia com aquêle gênero de literatura e com uma obscena edição clandestina da vida amorosa de uma dançarina.

Virou-se, na cama, bocejando. Sentiu um gôsto ruim na bôca. Ficou um pouco à escuta. As celas, no calabouço, estavam silenciosas. Ninguém ousava gemer; Breuer disciplinara bem as suas vítimas.

Esticou o braço, pegou uma garrafa de conhaque embaixo da cama e um cálice. Encheu-o e bebeu de um trago. Depois, pôs-se à escuta outra vez. Apesar da janela fechada, pareceu-lhe ouvir o trovejar dos canhões. Encheu de novo o cálice e tornou a beber. Levantou-se e consultou o relógio. Eram duas horas e meia da madrugada. Calçou as botas por cima das calças do pijama. Precisava estar de botas porque gostava de dar pontapés. Sem botas não era a mesma coisa. O pijama era prático; fazia muito calor no calabouço. Breuer dispunha de bastante carvão. No crematório já havia escassez de combustível. Breuer, porém, se garantira com uma boa quantidade para os seus fins.

Atravessou o corredor, devagar. Em cada cela havia uma janelinha por onde podia se ver para dentro, mas Breuer não se utilizava delas. Conhecia bem seu "jardim zoológico", como chamava com orgulho aquêles infelizes. Às vêzes chamava também "meu circo" e se julgava um domador com o chicote em punho.

Inspecionava as celas como um conhecedor inspeciona uma adega e, como um perito que escolhe a garrafa mais velha, naquela noite escolheu a sua vítima mais antiga. Era Lübbe, na cela número 7.

Breuer abriu a porta. A cela era pequena e, provida de um grande radiador, estava aquecida ao maximo. Um homem estava prêso pelos pés e pelas mãos aos canos por onde circulava a água fervendo. Pendia desacordado, rente ao solo. Breuer observou-o durante algum tempo. Depois apanhou um jarro com água, no corredor e despejou-lhe no rosto como se estivesse regando uma planta ressecada. A água chiou sôbre os canos incandescentes e se evaporou. Lübbe não se mexeu. Breuer soltou as correntes. As mãos queimadas tombaram. O resto do jarro foi despejado no corpo do homem que agora jazia no chão. Uma poça se formou. Breuer pegou o jarro para tornar a encher. No corredor, ficou parado um instante. Tinha alguém gemendo, duas celas mais adiante. Largou o jarro no chão, abriu a porta e entrou de mansinho. Ouviu-se um murmúrio, depois umas pancadas surdas seguidas do barulho de pés batendo em qualquer coisa; o arrastar de correntes, o ruído de um corpo arrastado pelo chão e um baque acompanhado de um grito agudo que terminou num estertor. Pouco depois Breuer reapareceu. Estava com a bota direita completamente encharcada. Encheu o jarro e voltou para a cela numero 7.

— Vejam só! Recuperou os sentidos!

Lübbe jazia por terra, o rosto virado para baixo. Tentava, com as mãos, puxar a água do chão para lambar. Movia-se com dificuldade; parecia uma tartaruga agonizando. Percebendo o jarro cheio, virou-se, soltando um gemido e se esforçou para alcançá-lo. No mesmo momento, Breuer pisou-lhe nas mãos. Lübbe em vão se esforçava por livrar-se. Esticou o pescoço o mais que pôde

em direção ao jarro. Estava fremente, a cabeça agitada por um tremor incessante, resfolegando com dificuldade.

Breuer o examinava com olhos de especialista. Observou que o desgraçado já estava mais para lá do que para cá.

— Pois que beba! Que beba o vinho dos condenados!

Riu-se com a pilhéria que fizera e soltou as mãos que conservara embaixo da bota. Lübbe atirou-se ao jarro com tal sofreguidão que quase o derrubou. Não podia crer em tamanha felicidade.

— Beba devagar. Nós temos tempo.

Lübbe bebia como um desesperado. Atingira o sexto degrau do programa educativo de Breuer: Arenques secos e água salgada, como única alimentação, durante vários dias; em seguida passar para as correntes prêsas aos canos do aquecedor, que deveria estar aquecido ao máximo.

— Basta! — declarou Breuer, afinal, empurrando o jarro para longe. — Levante-se e venha comigo.

Lübbe conseguira firmar-se nas pernas trôpegas. Encostado à parede, vomitava a água que bebera.

— Está vendo? Eu avisei que bebesse devagar. Vamos!

Foi empurrando Lübbe pelo corredor até chegar ao seu quarto. Ali, o infeliz caiu e ficou estirado.

— Levante-se, — ordenou Breuer, — e sente-se nesta cadeira. Vamos!

Lübbe mal conseguia sentar-se. Procurou equilibrar-se e ficou esperando a tortura que lhe seria infligida. Já nada mais conhecia além do constante sofrimento.

Breuer olhou-o pensativo:

— V. é o meu mais antigo hóspede. Seis meses, não é?

O fantasma sentado em sua frente oscilou de leve.

— Não é? — repetiu Breuer.

O fantasma acenou que sim.

— Uma longa temporada. Tanto tempo assim, aproxima as criaturas. V. está dentro do meu coração. É curioso, mas é um fato. Sabe que, pessoalmente, não tenho nada contra V., não é?

— V. sabe disso, — repetiu depois de uma pausa.
— Ou não?

O fantasma fêz que sim com a cabeça. Continuava à espera da tortura que se seguiria àquela conversa fiada.

— A coisa é contra todos em geral. O indivíduo em si nada representa. — Breuer balançou a cabeça cheio de convicção e serviu-se de mais um conhaque. — Não representa nada, — tornou a dizer. — É pena. Pensei que tivesse mais resistência. Só estavam faltando duas provas: ficar dependurado pelos pés e o exercício de cura. Terminando isso, V. poderia sair do calabouço. Sabia disso?

O fantasma aquiesceu. Não estava bem certo, porém ouvira dizer que Breuer, às vezes, depois que o prêso passava por tôdas as torturas prescritas, deixava-o voltar em paz para o acampamento, desde que o infeliz não estivesse expressamente condenado à morte. Era uma espécie de rotina burocrática que devia ser observada; aquêlo que resistisse a tudo se impunha à admiração do algoz. Apesar da sua repugnância em admitir a hipótese, Breuer se deixava empolgar pela coragem que algumas das suas vítimas demonstravam. Como muitos outros nazis, êle se considerava um *gentleman*, cheio de espírito esportivo.

— É pena — continuou. — Gostaria de o deixar voltar para junto dos companheiros. V. tem fibra. Lamento precisar liquidá-lo. Sabe por que?

Lübbe não respondeu. Breuer acendeu um cigarro e abriu a janela:

— Por isso. — Ficou à escuta um momento. — Está ouvindo?

Reparou que Lübbe o seguia com olhar inexpressivo.

— Artilharia, — prosseguiu. — Artilharia do inimigo. Estão se aproximando. Por isso! Por isso V. terá de ser liquidado esta noite, meu rapaz.

Fechou a janela:

— Que azar, não? — Entreabriu a bôca sorrindo enfiado. — Justamente, uns poucos dias antes do momento em que viriam libertá-lo. Já é azar!

Divertia-se com as piadas que estava dizendo. Era um refinamento. Um pouco de tortura moral, antes do fim:

— Não é mesmo um bruto azar?

— Não! — murmurou Lübbe.

— O quê?

— Não!

— Está tão farto da vida?

Lübbe sacudiu a cabeça. Breuer o encarou surpreso. Percebeu que diante de si não estava mais a mesma carcaça inerte de ainda há pouco. Lübbe dava a impressão de ter passado o dia repousando:

— Porque chegou a vez de vocês serem apanhados, — conseguiu sussurrar por entre os lábios arrebitados. — Todos sem exceção.

— Besteira! Besteira.

Breuer se irritou. Cometera um erro. Em lugar de aumentar os tormentos do pobre condenado, prestara-lhe um serviço. Quem é que poderia supor que aquêle patife tivesse tão pouco amor à pele?

— Não se faça ilusões. Eu estava pilheriando. Nós não estamos perdendo em absoluto. Vamos sair daqui apenas porque a frente de batalha mudou de lugar!

Suas palavras não eram convincentes. Breuer o sentiu. Virou um trago de conhaque, pensando: “É indiferente”. Bebeu mais um gole:

— Pense o que quiser. De qualquer modo está com azar. Terei de liquidá-lo.

Careteou um riso. O álcool principiava a fazer o seu efeito:

— Azar para V. e azar para mim. Era uma boa vida. Isto é, para mim. Para V., sinceramente não era nada boa.

Lübbe, apesar da extrema fraqueza, observava o adversário.

— O que me agrada em V. é que nunca pediu misericórdia. Mesmo assim é preciso liquidá-lo. Logo V. o meu hóspede mais antigo. Teria muito que contar. Por isso será o primeiro. Dos outros tratarei depois, — declarou com sarcasmo. — Acabar com as testemunhas — velho lema do nacional socialismo.

Tirou um martelo da gaveta:

— Serei rápido.

Largou o martelo sôbre a mesa. No mesmo instante Lübbe se ergueu e cambaleando, procurou com as mãos queimadas se apossar da ferramenta. Breuer deu-lhe um leve empurrão que o fêz cair.

— Está vendo? — disse com calma. — Foi uma tentativa. Está certo. Por que não? Fique sentado aí mesmo no chão. Estará mais à mão.

E pondo a mão em concha atrás da orelha:

— O quê? O que é que está dizendo?

— Farão com vocês todos... a mesma coisa... com todos.

— Besteira Lübbe. Isso é o que V. desejaria, mas eles não farão isso. São muito distintos para fazerem tal coisa. Antes dêles chegarem, em todo o caso, eu já terei caído fora. Além disso, não haverá nenhum de vocês para contar histórias...

Bebeu mais um gole:

— Quer fumar um cigarro? — perguntou de repente.

Lübbe encarou-o:

— Quero, — respondeu.

— Está aqui.

Breuer meteu-lhe um cigarro entre os lábios sangrentos.

Com o mesmo fósforo acendeu o cigarro do prêso e o dêle próprio.

Ambos fumavam calados. Lübbe sabia que estava perdido. Esticava o ouvido na direção da janela. Breuer esvaziou o cálice. Depois pousou o cigarro e pegou o martelo:

— É agora!

— Que a maldição caia sôbre a tua cabeça! — articulou Lübbe.

O cigarro não lhe escapara da bôca. Ficara prêso ao lábio superior. Breuer martelara-lhe o crânio com o lado rombudo da ferramenta. Isso significava uma atenção especial. Os outros tinham a cabeça esmagada pelo lado cortante do martelo. Lübbe fôra escorregando devagar até cair por completo.

Durante algum tempo, Breuer permaneceu onde estava, meditando. De repente ocorreu-lhe o que Lübbe dissera. Sentia-se logrado. O morto o lograra. Devia ter gemido, chorado, implorado. Lübbe, porém nunca se teria rebaixado a tal, mesmo que o tivessem assassinado lentamente. Teria arquejado, mas isso não era o bastante, apenas uma reação do corpo como respirar forte. Breuer prestou atenção ao ronco do canhão que lhe chegava aos ouvidos através a janela. Era indispensável que ainda aquela noite alguém gritasse, suplicasse. Do contrário é porque tudo estaria mesmo perdido. Era isso: agora sabia o que era. Não podia permitir que Lübbe saísse vitorioso. Lübbe não poderia ter ganho a partida. Com gestos pesados, levantou-se e se dirigiu à cela número 4. Foi um sucesso. Uma voz angustiada principiou logo a gritar, a gemer, a chorar, a implorar. Demorou um certo tempo até que os gritos fôsem diminuindo, e silenciassem por completo.

Breuer regressou ao quarto, satisfeito:

— Está vendo? Ainda somos nós que os dominamos — disse se dirigindo ao cadáver e dando-lhe um pontapé. A pancada não fôra violenta; mas, qualquer coisa na cara do morto se mexeu, dando a Breuer, a impressão de que Lübbe pusera a língua de fora. Breuer curvou-se e verificou que o cigarro que ficara prêso à bôca do morto, continuara a queimar até chegar ao lábio e, com o encontrão que levava, a cinza acabava de cair. De súbito, Breuer sentiu-se cansado. Não tinha ânimo nem para arrastar o defunto para fora do quarto. Com o pé, empurrou-o para baixo da cama. De manhã teria tempo de tratar daquilo: O soalho ficara manchado com uma nódoa escura. Breuer sorriu cheio de sono. “Engraçado! Quando eu era pequeno não podia ver sangue”.

23

Os corpos juncavam o chão. O caminhão não os viera mais recolher. Prateadas gôtas de chuva pendiam-lhes dos cabelos, das pestanas, das mãos. Os canhões

havam emudecido. Os presos tinham visto o clarão e ouvido o fragor das bôcas de fogo, até meia-noite, depois tudo silenciara.

O sol já ia alto no firmamento. O céu estava azul, a brisa suave e quente. Nas estradas, fora da cidade, não se via mais ninguém. Nem mesmo um fugitivo. No vale, a cidade se estendia negra e requeimada; o rio a rodeava como uma enorme serpente que se alimentasse das suas ruínas. Em parte alguma se viam soldados.

Durante a noite chovera uma hora inteira. Fôra uma chuva macia e tépida. Aqui e ali tinham se formado algumas poças. 509 sentado ao lado de uma delas, casualmente viu seu rosto refletido na água.

Curvou-se para a superfície luzidia. Já nem se lembrava quando se mirara num espelho pela última vez. Decerto fôra há muitos anos porque no acampamento nunca enxergara tal objeto. Aquela fisionomia que o encarava agora, êle não conhecia.

Os cabelos que antes haviam sido castanhos e fartos, eram agora raros e grisalhos. Sabia que haviam mudado de côr. Vira quando as mechas tombavam sob a tesoura do barbeiro. No entanto, aquêles cabelos caídos pelo chão, não lhe davam a impressão de ser os seus próprios cabelos. Na face, não reconhecia um traço sequer. Nem mesmo os olhos. As duas cavidades que existiam sôbre um maxilar devastado e umas narinas arreganhadas e onde bruxuleava um pouco de luz, eram ainda a única coisa que o diferenciavam de uma caveira.

“Isto sou eu?” pensou êle. Tornou a mirar-se. Deveria ter imaginado que teria de ficar semelhante aos outros presos. No entanto, nunca o admitira sèriamente. Observara a mudança, que de ano para ano, ia se processando nos companheiros, mas, vendo-os todos os dias, a mudança que se operava, não o chocava de modo tão brutal quanto a sua própria, constatada de repente. Não era o fato de seus cabelos terem rareado e embranquecido. Tampouco que seu rosto, agora, fôsse um escárnio ao rosto cheio e enérgico que guardava na memória, — chocava-o estar vendo ali na água, a imagem de um velho.

Ficou imóvel durante algum tempo. Nos últimos dias meditara sôbre muitas coisas, nunca pensara porém

que tinha envelhecido. Doze anos não representam tanto tempo assim. Doze anos de prisão já começam a pesar. Doze anos num campo de concentração, porém, — quem poderia saber o que viriam a significar?

Conservara força suficiente? Ou era como certas árvores apodrecidas que durante a calmaria parecem sadias, mas que desabam aos primeiros embates de uma tempestade? Sim uma calmaria. Interminável, horrível, desoladora, vazia, mas apesar de tudo uma calmaria tinham sido aquêles doze anos no campo de concentração, onde os apagados ecos do mundo mal chegavam. Que aconteceria no momento em que a cêrca de arame farpado não mais existisse?

509 contemplou-se mais uma vez na superfície lisa da poça. “São êstes os meus olhos?” pensou. Curvou-se mais para observar melhor. Sua respiração enrugou o espelho líquido e a imagem desapareceu. “Foram os meus pulmões”, pensou. “Ainda estão funcionando”. Meteu a mão na água que esborrifou em tôdas as direções. “E estas são as minhas mãos que podem destruir essa imagem”.

“Destruir”, conjecturou, “e construir? Poderei fazer outra coisa além de odiar? O ódio apenas é muito pouco. Para viver é preciso muito mais”.

* * *

Endireitou o corpo. Vira Bucher que se aproximava. “Êsse terá aquilo que me falta”, refletiu. “É moço”.

— 509! — chamou Bucher. — Viu que o crematório não está mais trabalhando?

— É verdade?

— O pelotão foi liquidado. Parece que ainda não organizaram outro. Por quê?

— Será que...

Os dois companheiros se encararam.

— Será que não é mais necessário? Que já...

Bucher se interrompeu.

— Que já estão se retirando? — concluiu 509.

— Talvez. Hoje de manhã não vieram buscar os mortos.

Rosen e Sulzbacher vieram se juntar aos dois.

— Não se ouvem mais tiros — disse Rosen. — Que será que está acontecendo?

— É possível que tenham conseguido atravessar a linha da defesa.

— Também pode ser que tenham sido rechaçados. Dizem que os “SS” estão dispostos a defender o acampamento.

— Mais um boato das comuas. A tôda hora surge um novo. Se quiserem mesmo defender o campo, sere-mos bombardeados.

509 olhou para cima. “Tomara que chegue logo a noite”, pensou. “No escuro se está em maior segurança. Quem sabe tudo o que poderá acontecer? Para se passar um dia, são precisas muitas horas. Para a morte, porém, bastam alguns segundos. Quantos assassinatos poderiam se ocultar enquanto o sol não se escondesse no horizonte!”

— Aquilo é um avião — exclamou Sulzbacher.

Aagitado, apontava para o ceu. Logo em seguida, todos o avistaram.

— Deve ser um avião alemão — comentou Rosen. — Senão, teriam dado alarme.

Olharam em volta, procurando um esconderijo. Circulava o boato de que, no último momento, aviões alemães se incumbiriam de arrasar o acampamento.

— É só um. Um único.

Continuaram de pé onde estavam. Para o arrasamento do campo, teriam mandado, na certa, mais de um aparêlho.

— Talvez seja um observador americano — objetou Lebenthal que acabara de chegar.

— Por tão pouco já não dão mais alarme.

— Quem foi que disse isso?

Lebenthal não respondeu. Estavam todos olhando para a mancha no céu, cada vez mais visível.

— Não é alemão! — afirmou Sulzbacher.

O avião, agora, podia ser examinado em todos os seus detalhes. Estava voando em linha descendente sôbre o campo. 509 teve a sensação de que uma mão invisível o puxava para baixo, agarrando-o pelas tripas. Sentia-se

como se estivesse nu sôbre um tablado, entregue, por completo, a uma divindade exterminadora que se abatia sôbre sua cabeça sem que êle tentasse escapar. Notou que os companheiros, deitados, colavam-se ao solo. Não poderia dizer porque permanecia de pé.

Naquele instante soaram algumas detonações. O avião subiu um pouco, fêz meia volta e tornou a descer para voar sôbre o acampamento. Os tiros haviam partido do campo. As metralhadoras, atrás do quartel, ainda estavam fumegando. O aparelho continuava a baixar. Todos o fixavam atentos. Num certo momento as duas asas se moveram. Parecia estarem fazendo um sinal qualquer. No primeiro instante os presos julgaram que o avião fôra atingido pelos tiros. O aparelho, porém, voou de novo em círculo sôbre o campo, movendo as asas outra vez, para cima e para baixo, como um pássaro. Depois tomou o rumo por onde viera e se afastou, sempre acompanhado pelas balas. De diversas tôrres de metralhadoras a artilharia se fazia ouvir, mas logo cessou o fôgo, ouvindo-se apenas o ruído do motor na altura distante.

— Foi um sinal — disse Bucher.

— Parecia que estava acenando com as asas, como a gente acena com as mãos.

— Foi um sinal para nós. Que mais poderia ser?

— Queriam mostrar que sabem da nossa existência! Foi para nós! Não pode deixar de ter sido. Não acha, 509?

— Também acho.

Era quase o primeiro sinal que recebiam do mundo exterior, depois que tinham sido segregados no campo de concentração. A terrível solidão de todos aquêles anos parecia que enfim fôra quebrada. Acabavam de verificar que não estavam mortos para o mundo. Havia quem estivesse pensando nêles. Desconhecidos salvadores acenavam-lhes do espaço. Já não estavam mais isolados. Haviam recebido a primeira mensagem do mundo livre. Não eram, portanto, o excremento do universo. Haviam arrostado o perigo, mandando-lhes um avião para lhes assegurar que não tinham sido esquecidos e que por causa dêles, tinham se arriscado até ali. Não eram mais o

excremento do universo, espezinhados, cuspidos, mais miseráveis do que os vermes, — eram criaturas humanas, — para criaturas que não os conheciam.

“Que será que está acontecendo comigo?” perguntou tou 509. “Lágrimas? Eu? Um homem velho?”

* * *

Neubauer examinou o terno. Selma deixara-o pendurado bem em evidência. Percebeu a intenção da mulher. Uma roupa civil! Desde 1933 não as usava. Era um terno cinza, côr de sal e pimenta. Ridículo! Retirou-o do cabide e olhou-o de perto. Despiu o uniforme. Foi até a porta, fechou-a a chave e experimentou o paletó. Estava muito apertado. Não o poderia abotoar; nem encolhendo a barriga. Pôs-se em frente ao espelho. Ficava esquisito, com jeito abobalhado. Engordara, no mínimo, uns 15 ou 20 quilos. Afinal, não era de estranhar. Antes de 1933 tinha de se privar de tanta coisa!

Curioso como parecia inseguro quando não estava de uniforme! Tinha um ar indeciso, fraco. Era assim mesmo, aliás, que se sentia. Pegou nas calças. Não valia a pena experimentá-las. Deviam estar ainda mais justas do que o paletó. Afinal de contas de que serviria aquilo tudo?

Passaria o comando do campo às mãos dos vencedores, de maneira correta. Por sua vez os outros o tratariam de maneira militarmente correta. Para aquelas circunstâncias havia as formas tradicionais. Antigas regras militares. Era assim entre soldados. Ele também não era um soldado? Não usava uniforme como os outros? Tinha uma patente superior. Haveriam de compreendê-lo.

Neubauer esticou o corpo. Era provável que fôsse internado. Por pouco tempo com certeza. Talvez o mandassem para um castelo das redondezas, junto com cavaleiros da mesma esfera social. Meditou como deveria fazer para passar o comando do campo. Atitude militar, é claro. Uma continência. Nada de saudação *nazi*, com braço esticado. Era melhor não... Uma continência militar e pronto.

Neubauer deu alguns passos e fêz a saudação. Nada de atitudes forçadas como um subordinado. De igual para igual. Ensaçou mais uma vez. Não era nada fácil combinar bem a mistura — correção, elegância, dignidade. Levantava a mão exageradamente. Tudo por causa daquele maldito cumprimento *nazi*. Pensando bem, era uma forma bem idiota de saudação, pelo menos para adultos. — Erguer o braço! Muito interessante entre escoteiros, mas não para um oficial. Curioso que todos tivessem adotado semelhante absurdo durante tanto tempo.

Recomeçou a ensaiar a continência militar. Mais devagar. Nada de pressa. Estava em frente ao espelho. Recuou alguns passos e se aproximou outra vez: — Sr. General, tenho a honra...

Mais ou menos assim. Antigamente, entregava-se a espada também. Napoleão III em Sedan. Lembrava-se de ter aprendido na escola. Ele, porém não tinha a espada. O revólver? Em absoluto! No entanto, não poderia conservar nenhuma arma consigo. Agora é que sentia a falta de um treinamento militar. Talvez fôsse bom, antes, retirar o cinturão com o revólver.

Fêz uma nova tentativa. Deu uns passos à frente. Não deve ser de tão perto, naturalmente. Deveria parar a uma distância razoável: — Sr. General...

Porque não dizer somente: — Camarada! Não. Se fôsse um general não seria possível! Podia ser que o melhor fôsse, apenas, uma continência e um aperto de mão. Sêco, correto. Nada de ficar sacudindo a mão do outro. Em última análise a correção do adversário para com o adversário; do soldado para com o soldado, visto serem todos colegas, se bem que em campos inimigos. Tinham perdido depois de uma luta corajosa. Honras, por tanto, aos vencidos.

O antigo funcionário dos Correios que vivia em Neubauer, fremia de ansiedade. Sentia-se às portas de um acontecimento histórico: — General... Em seguida um aperto de mão e, quem sabe, — uma refeição ligeira, como era costume entre adversários cavalheirescos? — Rommel com os prisioneiros ingleses. Pena não falar inglês. Bem, deveria haver bastantes intérpretes entre os presos do acampamento.

Como era fácil tornar-se a habituar ao cumprimento militar dos outros tempos! Afinal nunca tinha sido um *nazi* fanático. Mais arraigados eram-lhe os sentimentos de fiel funcionário, velho servidor da pátria. Weber e outros da sua laia; Dietz com a sua camarilha, êsses sim, eram *nazis* convictos.

Neubauer procurou um charuto. Era um "Romeu e Julieta". Seria melhor fumá-los todos. Na caixa, poderia deixar uns quatro ou cinco para, eventualmente, oferecer aos vencedores. Um bom charuto ajuda a transpor muitas dificuldades.

Tirou algumas baforadas. Se o inimigo quisesse visitar o acampamento? Bem, se não acharem que as coisas estão em regra, sempre se poderá dizer que se agia em cumprimento de ordens. Militares compreenderiam uma tal situação. — O coração, sangrando muitas vezes, mas ordens...

Lembrou-se de repente de uma coisa. Comida! Comida farta! Era isso o que se inspecionava em primeiro lugar. Precisava dar ordem para que as rações fôsem reforçadas. Assim poderia mostrar que logo que não tivera mais ordens a cumprir, tentara melhorar a sorte dos presos que estavam sob seu comando. Iria até explicar isso aos dois fiscais do acampamento. Sendo presos também, o seu testemunho, mais tarde, teria valor.

* * *

Steinbrenner estava em frente a Weber. Seu rosto brilhava de entusiasmo:

— Dois presos mortos quando estavam tentando se evadir. Ambos com tiro na cabeça, anunciou.

Weber ergueu-se, vagaroso, da cadeira onde estava e foi sentar-se na beira da escrivaninha:

— A que distância?

— Um a trinta, outro a quarenta metros.

— De tão longe?

Steinbrenner enrubesceu. Matara os presos a uns poucos metros de distância, justo o necessário para que os ferimentos não apresentassem sinais de queimadura.

— Estavam tentando fugir?

— Exatamente.

Ambos sabiam que prêso algum tentara fugir. Era apenas o nome que davam a uma brincadeira muito apreciada entre os "SS": Tiravam o gorro de um dos presos e o atiravam longe. Ordenavam ao infeliz que fôsse apanhá-lo e, quando êste se afastava para cumprir a ordem, baleavam-no pelas costas... por tentativa de evasão. O autor da proeza, em geral, tinha como recompensa, alguns dias de folga.

— Quer uns dias de folga? — perguntou Weber.

— Não.

— Por que não?

— Poderia parecer que estou querendo escapar.

Weber levantou as sobrancelhas e principiou a balançar a perna sôbre a qual estâva sentado na beira da mesa. O reflexo do sol sôbre a bota em movimento, batia aqui e ali na parede nua, como uma clara borboleta solitária.

— V. não tem mêdo, então?

— Não. — Steinbrenner encarou Weber nos olhos.

— Muito bem. Precisamos de homens corajosos, agora, sobretudo.

Weber já vinha observando Steinbrenner há muito tempo. O camarada o agradava. Era muito jovem e ainda possuía aquêlê fanatismo que antes dera fama aos "SS".

— Sobretudo agora, — repetiu, — precisamos de verdadeiros "SS". Compreende o que quero dizer?

— Compreendo. Ou pelo menos, creio que sim.

Steinbrenner tornou a ficar vermelho. Weber, para êle, era o homem padrão. Tinha pelo superior, uma admiração cega, assim como os meninos sentem por um chefe indígena. Ouvira falar da coragem de Weber numa briga no "Saal" em 1933. Sabia também que Weber tomara parte no assassinato de cinco operários comunistas em 1929 e que por isso pegara três meses de prisão; — os tais operários tinham sido apanhados em suas camas, quando à noite estavam dormindo e haviam sido mortos a pontapés diante das famílias. Também ouvira contar como Weber era brutal nos interrogatórios que fazia na

“Gestapo” e a maneira como tratava os inimigos do Partido. O único desejo de Steinbrenner era se parecer com o seu ideal. Crescera sob o régimen nacional-socialista. Tinha sete anos quando o partido subira ao poder. Era um perfeito produto da educação que recebera.

— Há muitos “SS” que foram admitidos no partido sem ter sido feita uma escolha devidamente rigorosa. Vai haver uma depuração. Agora é que vamos ver quem é que tem classe, ou não. Os belos dias de corrupção se acabaram. Sabia disso?

— Perfeitamente. — Steinbrenner estava perfilado.

— Reunimos aqui uma dúzia de homens de confiança. Todos examinados com uma lente.

Weber observava Steinbrenner com atenção. Continuou:

— Venha, hoje às oito e meia, até aqui. Veremos depois.

Steinbrenner, entusiasmado, fez meia volta e se afastou. Weber levantou-se e deu uns passos em roda da escrivaninha enquanto meditava: “Mais um. É o bastante para no último momento cortar as vazas do velho.” Sorriu. Havia muito percebido que Neubauer estava se preparando para, quando fôsse ocasião, representar o papel de anjo de pureza e jogar tôda a responsabilidade para as suas costas. Isso seria o de menos. Teria de ajustar tantas contas que mais uma, menos uma, não tinha importância. A questão era que não suportava anjos de pureza.

* * *

A tarde chegava ao fim. Os “SS” já não apareciam nem no “grande” nem no “pequeno acampamento”. Ignoravam que os presos tivessem armas. E mesmo que o soubessem não se atemorizariam com isso. Num campo aberto, com metralhadoras mesmo que possuíssem cem vezes mais revólveres do que possuíam, os presos não poderiam contar com nenhuma possibilidade de vencer. O que afastava os “SS”, era a quantidade de prisioneiros ali reunidos,

As três horas, os altofalantes gritaram os nomes de vinte presos políticos e a ordem para que, dentro de dez minutos, todos estivessem reunidos perto da entrada do acampamento. Aquela chamada podia significar muita coisa: um interrogatório, correspondência, ou a morte. A direção secreta do campo escamoteara os vinte presos dentro das barracas; sete tinham sido escondidos no "pequeno acampamento". A ordem foi repetida. Os presos requeridos eram todos políticos. Ninguém obedeceu. Pela primeira vez o pessoal se recusava a obedecer. Pouco depois, houve uma chamada geral. Todos os presos deveriam se apresentar ao pátio de chamada. A direção secreta mandou que ninguém saísse das barracas. Weber teria logo pôsto as metralhadoras em ação. Não ousou, porém, agir abertamente contra a ordem de Neubauer. A direção secreta sabia que aquelas ordens provinham de Weber e não do comandante. Em seguida os altofalantes anunciaram que o rancho não seria distribuído enquanto os presos não se reunissem no pátio de chamada e que os vinte convocados não se apresentassem.

As quatro horas chegou uma ordem de Neubauer; os fiscais do acampamento deveriam se apresentar a êle imediatamente. Os fiscais obedeceram. Os presos esperavam ansiosos o regresso dos companheiros.

* * *

Uma meia hora depois estavam de volta. Neubauer lhes mostrara a ordem para o transporte de presos. Dentro de uma hora, dois mil prisioneiros deveriam abandonar o campo. Era já a segunda vez que recebia ordem naquele sentido. O comandante prometera esperar até o outro dia. Em seguida a direção secreta se reuniu no hospital. Primeiro, trataram de conseguir que o médico "SS", Dr. Hoffmann, que há tempos tinha virado a casa, obtivesse de Neubauer que a chamada dos vinte presos políticos também fôsse por vinte e quatro horas e que a chamada geral ficasse sem efeito bem como a ordem de não distribuir as rações. O médico se apressou em satisfazê-los. A direção secreta resolveu que no dia seguinte, nenhum destacamento sairia para trabalhos externos. Se os "SS" tentassem reunir os dois mil homens,

seriam igualmente sabotados. Os presos tratariam de escapar, fugindo para as barracas ou correndo pelos caminhos do acampamento. Para isso, os presos armados os ajudariam na medida do possível. Era de supor que os "SS", com exceção de uma dúzia de fanáticos, não mostrassem tanto interesse em se distinguir pelo zelo em cumprir tais disposições. Aquela notícia lhes chegara através o chefe de pelotão, "SS" Bieder, homem em quem se podia ter confiança. Por fim duzentos presos tchecos se prontificaram a partir, caso o transporte de presos se verificasse, com a condição de poupar outros duzentos que não estivessem em estado de suportar o transporte.

Werner, metido num avental de enfermeiro, mantinha-se no hospital, perto da enfermaria do tifo.

— Um dia é o suficiente, — murmurava. — O tempo trabalha para nós em cada hora que se passa. Hoffmann ainda está com Neubauer?

— Ainda.

— Se não conseguir nada, teremos de nos arranjar por nós mesmos.

— Pela força? — indagou Lewinsky.

— Não completamente. Usaremos de meia violência. Mas não já. Amanhã estaremos muito mais fortes do que hoje.

Werner olhou pela janela e voltou a se ocupar com as tabelas que estava fazendo:

— Vamos repetir: teremos pão para quatro dias, dando uma ração por dia; farinha, semolina e macarrão...

* * *

— Muito bem, Doutor. Tomarei a responsabilidade. Até amanhã.

Neubauer olhou o chefe do hospital se afastar e se pôs a assobiar baixinho. "Este também", pensou. "Por mim tanto faz. Até será melhor se forem muitos. Poderemos nos ajudar uns aos outros." Colocou a ordem para o transporte de presos, num envelope especial, com todo o cuidado. Depois bateu à máquina portátil suas instruções sobre o adiamento da execução da mesma ordem e pôs junto com a outra no mesmo envelope. Aquela

ordem de transporte fôra providencial. Neubauer tornou a abrir o envelope e se sentou outra vez em frente à máquina. Começou a bater um *memorandum* — anulava a disposição tomada por Weber de suprimir o rancho. Dava ordem contrária, mandando distribuir ração dobrada a todos os presos. — Ninharias, porém, de muito valor no futuro.

* * *

No quartel dos “SS” os ânimos estavam deprimidos. O comandante de destacamento, Kammler, se interrogava amargurado, se teria direito à pensão e ainda se as pensões seriam pagas. Estudante fracassado, nada aprendera com que pudesse ganhar a vida. O “SS” Florstedt, ex-açougueiro, preocupava-se em saber se todos aqueles com os quais tivera negócio, de 1933 a 1935, já estariam mortos. Fazia votos que sim. Sôbre o destino de uns vinte estava seguro. Ele mesmo os liquidara, a chicotadas ou pauladas. Restavam uns dez, dos quais, porém, nada sabia. O chefe de pelotão, Bolte, ex-empregado no comércio, gostaria de consultar um profissional a fim de saber se as suas prevaricações na vida civil estavam legalmente prescritas. Niemann o especialista em injeções, tinha um amigo homossexual, que prometera arranjar-lhe uns documentos falsos. Niemann, não depositando muita confiança na promessa do amigo, resolvera ter uma injeção pronta para si mesmo, caso fôsse preciso. O “SS” Duda fazia planos de escapar para a Espanha ou para a Argentina. Era de opinião que nos tempos que corriam, sempre se tinha necessidade de um homem capaz de levar ao fim qualquer empresa, sem se preocupar com os meios que para tal se tivesse de empregar. No calabouço, Breuer matava serenamente um vigário católico, o padre Werkmeister. Era um estrangulamento suave, entrecortado de muitas pausas. O chefe de pelotão, Sommer, indivíduo baixinho que sentia a vaidade satisfeita ao conseguir que um prêso de grande estatura soltasse gritos de horror, estava melancólico como uma solteirona murcha, pensando nos belos dias da sua mocidade. Uma meia dúzia de outros “SS” tinha esperança que os presos intercedessem por eles. Havia os que con-

tinuavam acreditando na vitória da Alemanha, outros que estavam prontos a se passarem para os comunistas. Existiam ainda os que tinham acabado se convencendo de que nunca haviam sido *nazis* convictos; muitos não estavam pensando em nada porque não haviam aprendido a raciocinar com as próprias cabeças. Todos, porém, estavam conscientes de só terem agido em obediência a ordens superiores, não tendo, portanto, nada de pessoal a se re-criminar.

* * *

— Já faz mais de uma hora, — anunciou Bucher.

Olhava para as torres de metralhadoras. As sentinelas tinham abandonado os postos sem que outras as viessem render. Aquilo já tinha acontecido, mas só no “pequeno acampamento” e por pouco tempo. Agora, porém, em parte alguma se avistavam sentinelas.

Não se poderia dizer se o dia tinha cinquenta horas ou apenas três, tal era a emoção que a todos agitava. Estavam todos derreados, mal podendo falar. No princípio não tinham observado a ausência das sentinelas. Bucher notara o fato, verificando logo que o mesmo acontecia também no “grande acampamento”.

— Talvez já tenham abandonado o campo.

— Não. Lebenthal ouviu dizer que ainda continuam por aí.

Continuaram a esperar. As sentinelas não apareciam. Quando a ração foi distribuída, os homens do rancho vieram com a notícia de que os “SS” ainda andavam por lá, mas que davam a impressão de já estarem se apressando para partir.

À chegada das marmitas houve uma espécie de pancadaria sem força. Fêz-se mister afastar os esfomeados “esqueletos” para, então começar a distribuição.

— Há comida suficiente para todos, — berrou 509.
— Mais do que de costume. Muito mais! Cada um receberá a sua parte.

A calma foi restabelecida. Os mais fortes formaram um cordão de isolamento em volta das marmitas, enquan-

to 509 fazia a distribuição. Berger permanecia escondido no hospital.

— Vejam só! — disse Ahasverus. — Temos batatas!

— E nervos! Um verdadeiro milagre!

A sopa estava muito mais grossa do que em geral e havia quase o dobro da quantidade. A ração de pão também fora dobrada. Ainda não era suficiente. Em todo o caso, para o “pequeno acampamento”, era algo de inacreditável.

— O velho estava presente em pessoa, — contou Bucher. — Desde que estou aqui nunca vi nada tão formidável.

— Ele está querendo arranjar um álibi.

Lebenthal balançou a cabeça:

— Julga que somos mais idiotas do que somos.

— Nem ao menos isso. — 509 depôs a marmita vazia a seu lado. — Não se dão ao mínimo trabalho de pensar o que é que somos. Somos aquilo que eles querem que sejamos e pronto. Têm a mesma atitude em toda a parte. Sabem tudo e sempre melhor. Por isso acabaram perdendo a guerra. Conheciam melhor tudo sobre a Rússia, sobre a Inglaterra, sobre a América.

Lebenthal deu um arroteio:

— Que som maravilhoso — disse com respeito. — Quando foi que arrotei pela última vez?

Estavam excitados e cansados. Falavam e mal ouviam o que os outros diziam. Sentiam-se como em uma ilha invisível. Em volta deles morriam os “mulçumanos.” Morriam não obstante terem tomado uma sopa consistente. Moviam devagar as pernas de aranha, davam um gritinho ou um gemido e emborcavam para sempre.

Bucher se dirigiu vagoroso, tão esticado quanto podia, em direção à cerca que separava o acampamento das mulheres. Encostou-se no arame farpado e chamou:

— Ruth!

A jovem estava de pé do outro lado. A luz rósea do crepúsculo, tingia-lhe o rosto, dando-lhe uma aparência de saúde, como se já estivesse há muitos dias recebendo alimento conveniente.

— Aqui estamos nós, — disse Bucher. — Aqui estamos sem nos esconder e sem nos preocuparmos com coisa alguma.

Ruth fêz um gesto com a cabeça. A sombra de um sorriso aflorou-lhe aos lábios.

— Pela primeira vez.

— Como na cêrca de um jardim, podemos nos debruçar e conversar um com o outro. Sem medo. Como se fôsse a grade de um jardim, na primavera.

Apesar de tudo, não estavam sem medo. A todo o instante viravam as cabeças para observar as tórres de metralhadoras, abandonadas. Aquêlê sentimento já os havia penetrado muito fundo. Sabiam disso. Também sabiam que teriam de vencê-lo. Sorriram um para o outro e se esforçaram para ver qual dos dois permanecia mais tempo sem virar a cabeça.

Outros presos principiaram a sair das barracas. Os que podiam se locomover, vinham para o lado de fora e ficavam vagando de um lado para o outro. Alguns se aproximavam dos arames farpados mais do que era permitido. Tão perto que se as sentinelas estivessem nos postos, já teriam feito fogo. Havia naquilo uma estranha satisfação. Parecia pueril. No entanto, nada tinha de pueril. Caminhavam cautelosos com as pernas mal seguras, mas chegavam até ali. Muitos cambaleavam e precisavam procurar um ponto de apoio. As cabeças se erguiam; os olhos, nos rostos devastados, já não estavam voltados para o chão fixando o vazio, — começavam a tornar a enxergar. Alguma coisa já quase esquecida, agitava-lhes os cérebros. Qualquer coisa de doloroso e inquietante, cujo nome ainda não tinham descoberto. Vagavam pelo campo, por entre os montes de cadáveres; por entre camaradas indiferentes, moribundos, ou daqueles que só à vista de um pouco de comida ainda se animavam. Um fantástico cortejo de esqueletos, onde, apesar de tudo, ainda brilhava uma centelha de vida.

As luzes do crepúsculo se apagavam. Manchas azuladas invadiram o vale e envolveram a colina. As sentinelas não tinham voltado a seus postos. A noite caíra escura e profunda. Bolte não aparecera para fazer a chamada. Lewinsky surgiu, trazendo novidades: No

quartel reinava grande alvoroço. Esperavam a chegada dos americanos, dentro de um ou dois dias. O transporte de prisioneiros fôra cancelado. Neubauer descera para a cidade. Lewinsky ria-se, mostrando todos os dentes.

— Já não será por muito tempo! Preciso voltar. Vou levar comigo, três dos que estão escondidos aqui.

A noite estava serena. O céu cobrira-se de estrêlas.

24

O barulho começou de madrugada. Primeiro 509 ouviu a gritaria. Vinha de longe, através o silêncio. Não eram gritos de criaturas torturadas; era a algazarra de um bando de bêbados alegres.

Soaram detonações. 509 apalpou o revólver. Trazia-o debaixo da camisa. Procurou ouvir se o fogo era só dos "SS" ou se o pessoal de Werner estava respondendo. Percebeu então uma descarga de artilharia.

Acocorou-se atrás de um monte de cadáveres e ficou observando a entrada do "pequeno acampamento". Ainda estava escuro. Além disso, em volta do monte havia tantos corpos espalhados que, em caso de necessidade, êle poderia ficar ali deitado sem causar suspeitas.

A gritaria e o tiroteio já duravam há alguns minutos. Foi ficando mais forte e chegando mais perto. 509 encostou-se mais aos defuntos. Via cintilar o clarão da metralhadora. Balas silvavam por todos os lados. Uma meia dúzia de "SS" vinha atirando pelo caminho principal do acampamento. Atirando para a direita e para a esquerda, visavam as barracas de ambos os lados. De vez em quando, balas isoladas iam perder-se no meio dos cadáveres.

De tôda a parte surgiam prisioneiros como pássaros assustados. Sacudiam os braços, indecisos sem saber para onde se dirigiam.

— Deitados! — ordenou 509. — Deitados como mortos! Tratem de ficar deitados imóveis.

Alguns que o ouviram, deixaram-se cair no mesmo lugar onde estavam.

O bando se dirigia ao "pequeno acampamento", pas-

sando pelas privadas. Escancararam o portão. 509, no escuro, distinguia silhuetas e rostos contraídos que os disparos dos revólveres iluminavam.

— Para cá! — berrou alguém. — Para as barracas de madeira. Por uma vez, vamos aquecer os coitados. Com certeza estão sentindo frio!

— Vamos! Venham para cá. Depressa, Steinbrenner! Traga aqui a lata!

509 reconheceu a voz de Weber.

— Ali tem alguns em frente à porta — anunciou Steinbrenner.

A metralhadora portátil cuspiu fogo sôbre o grupo sombrio diante da porta. Atingidos, os vultos foram, lentamente, caindo uns sôbre os outros.

— Muito bem! E agora, vamos!

509 ouviu um gluglu de água derramada. Percebeu umas latas escuras de onde saía um liquido com o qual molhavam de alto a baixo as paredes das barracas. Sentiu o cheiro da gasolina.

A súa elite de Weber estava festejando a despedida. À meia noite chegara ordem de retirada. A maior parte da tropa já se encontrava marchando. Weber e o seu bando, porém, dispunham de bebida suficiente para se embriagarem mais uma vez. Não queriam sair dali assim. Precisavam, antes, dar uma volta pelo acampamento. Weber ordenara que levassem latas de gasolina. Desejava fazer uma fogueira, cuja lembrança perdurasse por muito tempo.

As barracas de alvenaria foram deixadas em paz. Em compensação, nas velhas barracas da Polônia, tinham tudo o que desejavam para a festa.

— Vamos soltar os fogos! — gritou Steinbrenner.

A chama de um fósforo brilhou. Em seguida, ardia a caixa inteira. O homem que a segurava, largou-a no chão. Outro atirou uma caixa em chamas dentro de uma lata que estava rente a uma das barracas. A caixa se apagou, mas da primeira, jogada no chão, um fiozinho de fogo azulado correu da terra para a barraca, subiu pela parede, se abriu em forma de leque e se alastrou, formando uma superfície gasosa, trêmula e azulada. No princípio tinha um aspeto inofensivo. Parecia uma fraca descarga elétrica, prestes a se extinguir. Num momen-

to, porém, começou a se ouvir um crepitar e da superfície azulada, subiram para o telhado, umas amareladas lâminas em forma de coração — eram as chamas.

A porta se abriu um pouco.

— Lasquem fogo em todos os que forem saindo — comandou Weber.

Trazia uma metralhadora portátil embaixo do braço. Atirou. Uma silhueta, na porta, tombou para dentro. “Bucher, pensou 509, Ahasverus. Dormem todos junto à porta.” De um salto, um “SS” retirou dali aquele que acabara de cair e tornou a fechar a porta.

— Agora podemos começar! Caça à lebre!

O fogo subia em alegres feixes. Através a azoada dos “SS”, ouviam-se os gritos dos prisioneiros. A porta da seção mais próxima, escancarou-se e um grupo de homens se arremessou para fora, as bocas escancaradas como buracos negros. Ouviram-se disparos. Nenhum escapara. Como um amontoado de aranhas, tombaram logo à saída.

Até então, 509 mantivera-se deitado junto com os mortos. Aos poucos foi se levantando cauteloso. De encontro ao clarão das chamas, distinguia os “SS” com nitidez. Percebeu Weber de pé com as pernas abertas. “Devagar”, pensou, enquanto um tremor o agitava. “Devagar, um depois do outro.” Puxou o revólver. Num silêncio que se fez, ouviu o clamor dos presos aumentar de intensidade. Era um clamor agudo inumano. Sem refletir mais, apontou as costas de Weber e apoiou no gatilho.

Não ouvira a detonação no meio das outras detonações. Tampouco Weber caíra. De repente notou que não sentira o tranco da arma ao disparar. Sentiu como se alguém tivesse lhe desferido um golpe no coração. O revólver não funcionara.

Nem percebeu que estava mordendo os lábios. Uma vertigem escureceu-lhe a vista. Apertava os dentes convulsivamente para não afundar nas trevas de um desmaio. A arma apanhara umidade e se estragara. Lágrimas, gosto de sal, raiva, uma última apalpadela e a enorme surpresa — escorregando a mão pela superfície polida, encontrara uma pequena alavanca que cedeu. — Esquecera que a arma estava travada!

Tivera sorte. Nenhum dos "SS" se virara para trás. Nada receavam daquele lado. Continuavam nos mesmos lugares gritando e mantendo as portas sob as balas das suas armas. 509 ergueu o revólver à altura dos olhos. Na claridade vacilante, verificou que agora estava desatracado. Suas mãos tremiam. Curvou-se sobre o monte de cadáveres e apoiou os cotovelos. Sustentava a arma com as duas mãos. Weber se achava a uma distância de uns dez passos. 509 respirou devagar, algumas vezes. Depois prendeu a respiração, firmou o braço, tanto quanto lhe era possível, e apertou o gatilho.

O tiro se perdeu no meio dos outros tiros, mas 509 sentiu o tranco da arma com tôda a fôrça. Tornou a atirar. Weber curvou-se para a frente, virou-se um pouco como se estivesse assombrado e caiu de joelhos. 509 apontara o próximo "SS" que levava uma metralhadora portátil debaixo do braço. Continuou ainda apertando o gatilho muito tempo depois de já se ter acabado a munição. O "SS" não caíra. 509 ficou um momento indeciso, segurando a arma, agora inútil. Estava certo de que seria morto no mesmo momento, mas ninguém se apercebera da sua presença no meio daquele alarido. Deixou-se cair atrás do monte de cadáveres.

No mesmo instante um dos "SS" reparou em Weber:

— Eh! — gritou. — Chefe de campo!

Weber estivera um pouco para trás. Os companheiros, por isso, não haviam notado logo o que acontecera.

— Chefe de campo!

— Que foi que aconteceu?

— Está ferido!

— Quem foi que fêz isso? Qual de vocês?

— Chefe de campo!

Não suspeitaram que Weber não tivesse sido ferido por acaso.

— Excomungado! Que idiota!

Novas detonações ecoaram. Desta vez, porém, vinham do "grande acampamento". Distinguiam-se os rápidos clarões.

— Os americanos! — berrou um dos "SS". — Depressa! Desaparecer!

Steinbrenner atirava na direção das latrinas.

— Desaparecer pela direita! Pelo pátio de chamada! — gritou alguém. — Depressa, antes que nos cortem a retirada!

— E o Chefe de campo?

— Não podemos arrastá-lo conosco!

Os tiros soavam de mais perto.

— Vamos! Vamos!

Os "SS" em disparada contornaram a barraca em chamas. 509 se levantou e se dirigiu cambaleando para a barraca. Caiu uma vez, mas alcançou a porta, conseguindo escancará-la:

— Para fora! Para fora! Os outros já fugiram!

— Ainda estão atirando!

— Agora são os nossos! Saiam! Saiam!

Inúmeras criaturas se arremessaram para fora, passando por cima dos corpos dos que tinham tombado. 509 continuou para a frente. A porta da seção A estava ardendo. Não pôde se aproximar. Pôs-se a gritar com toda a força. Ouviu tiros, um estalido; do teto, um pedaço de madeira em chamas, veio cair-lhe em cheio sobre o ombro. 509 caiu, se levantou e tornou a cair. Recebera uma pancada violenta e só voltou a si quando já estava no chão. Tentou erguer-se, mas não conseguiu. Ouviu vozes distantes e viu como se estivessem muito longe, homens que vinham correndo. Não eram mais os "SS"; eram presos que estavam transportando feridos e que tropeçavam nêle. 509 se arrastou para um lado. Não podia fazer mais nada.

De repente, foi dominado por uma fadiga terrível. Queria apenas deixar o caminho livre para os outros. Não acertara no segundo homem em que atirara, talvez nem tivesse pegado Weber em cheio. Tudo fôra em vão. Fracassara.

Continuou a arrastar-se para mais longe. O monte de cadáveres lá estava, era ali o seu lugar. Não valia mais nada. Bucher devia estar morto. Ahasverus também. Deveria ter dado o revólver a Bucher. Decerto êle teria feito melhor uso da arma. Que adiantara com tudo aquilo?

Encostou-se ao monte de corpos, extenuado. Uma dor aguda o torturava. Passou a mão no peito e levantou-a à altura dos olhos. Notou com indiferença que estava coberta de sangue. Aquilo já não era mais com ele. Sentiu ainda o calor que o incêndio produzia, ouviu algumas vozes e tudo desapareceu.

* * *

Quando voltou a si a barraca ainda continuava a arder. No ar havia um cheiro forte de incêndio, de carne queimada e de corpos em decomposição. O fogo esquentara os mortos que jaziam ao relento já há vários dias, tornando-os viscosos e nauseabundos.

Cessara a horrível gritaria. Uma interminável procriação passava carregando os que tinham escapado; todos, no entanto, seriamente queimados. 509 reconheceu a voz de Bucher. O companheiro não morrera. Então, não tinha sido tudo inútil! Olhou em redor. Percebeu que, perto dêle, alguma coisa estava se mexendo. Custou um pouco até que reconheceu Weber.

Estava de bruços. Conseguira arrastar-se para trás dos mortos antes da chegada de Werner com o seu pessoal. Passara despercebido. Estava com os braços abertos e uma das pernas curvada. Um fio de sangue lhe escorria da boca. Estava vivo ainda.

509 tentou erguer a mão. Queria chamar alguém, mas não teve fôrças. De sua garganta sêca, não conseguiu tirar mais que um som fraco, que o estrépito das labaredas crepitando na madeira, abafava por completo.

Weber notou o movimento da mão. Seguiu-a com a vista até encontrar os olhos de 509. Ambos se encararam.

509 não poderia dizer se Weber o reconhecera. Tampouco sabia o que aquêle olhar queria traduzir. De súbito, porém, sentiu que seus olhos precisavam conservar-se abertos mais tempo do que os do seu inimigo. Precisava viver mais tempo do que Weber. De uma maneira estranha, sentia que se tornara de importância decisiva que a vida continuasse a animá-lo mais tempo do que a seu adversário. Como se daquela insignificante vitória dependessem tôdas as crenças que tivera durante a sua

vida. Crenças pelas quais lutara e sofrera. Era como um duelo; como um julgamento final. Se sáísse vencedor, também seria vencedora a causa, para êle tão importante pela qual se batera, comprometendo a vida. Era preciso fazer aquêlê último esforço. Uma vêz mais dependia dêle o triunfo.

Respirou devagar, cautelosamente, só até onde não doía. Vía o sangue escorrer dos lábios de Weber e quis verificar se também êle estava sangrando pela bôca. Sentiu um certo gosto de sangue, mas ao examinar os lábios, lembrou-se de que os havia mordido até feri-los.

Os olhos de Weber acompanharam o movimento da mão de 509; depois ficaram de novo se encarando.

509 tentava refletir; queria se lembrar como começara aquela questão e o que era. A reflexão lhe daria fôrças. Não conseguia, porém, se concentrar. Seu fatigado cérebro sabia que se tratava daquilo que há de mais simples na criatura, sem o que o mundo estaria votado à destruição. Aquela coisa insignificante extirparia o mal absoluto; o anticristo; o crime contra o espírito. "Palavras", pensou. "Palavras que traduzem muito pouco". Que importância tinham já as palavras? O importante era resistir. O outro devia morrer antes dêle. Era só o que importava.

Curioso que ninguém os tivesse visto. Que não o vissem era compreensível, havia tantos mortos por ali! Mas o outro! Talvez porque estivesse deitado à sombra do monte de cadáveres. O uniforme era preto e a luz não estava se refletindo nas botas. Nas proximidades já não havia muita gente. Estavam mais afastados, olhando as barracas. Em diversos pontos, as paredes tinham afundado. Com aquelas tábuas estavam se queimando muitos anos de miséria e de morte; nomes e inscrições que recordavam inúmeras vítimas.

Houve um crepitar mais forte. As chamas se elevaram. O teto da barraca desabou produzindo uma chuva de fagulhas. 509 viu os pedaços em fogo, subirem pelos ares. Davam a impressão de ir voando lentamente. Um dos tições, veio caindo na direção do monte de corpos. Bateu num pé, rolou, indo parar sôbre a nuca de Weber.

Weber começou a pestanejar. De dentro da gola de seu uniforme saía fumaça. Curvando-se, 509 poderia ter

afastado o pedaço de madeira. Ao menos supunha que o poderia fazer. Não sabia exatamente se seus pulmões estavam feridos e se aquêle movimento não iria provocar uma hemoptise. No entanto, não era essa a razão que o impedia de agir. Não era nem mesmo o desejo de vingança, que, aliás, seria muito branda. O que estava em jôgo era algo muito mais complexo.

Weber agitou as mãos. A cabeça estremeceu. O pedaço de pau continuava a queimar-lhe o pescoço. O uniforme começava a arder. A cabeça teve mais um estremecimento e o tição rolou mais para a frente. Imediatamente os cabelos principiaram a pegar fogo. Uma chama se alongando, lambeu-lhe as orelhas e subiu-lhe para o crânio. 509 fixou com mais atenção os olhos do adversário. Estavam esbugalhados. Da bôca, os borbotões de sangue jorravam intermitentes. Os lábios moviam-se sem emitir som algum.

Além do crepitar das barracas queimando, o silêncio era completo. A cabeça pelada estava enegrecida. 509 não podia tirar-lhe os olhos de cima. O tição apagava-se aos poucos. Os jorros de sangue se haviam extinguido. Tudo se extinguía. Nada mais havia além dos olhos. Para aquêle corpo o mundo já não existia; em breve a luz daqueles olhos se apagaria para sempre.

509 não sabia se aquela espera durara horas ou minutos; mas num dado momento, teve a impressão de que os braços de Weber, sem se terem movido, haviam se esticado. O olhar então se alterou; deixara de ser um olhar... Os olhos não eram mais do que uma superfície glauca. 509 ficou ainda sentado, imóvel, durante alguns minutos. Depois esticou um braço; queria escorregar para mais perto. Era preciso certificar-se para, enfim, poder se entregar. Não tinha mais firmeza, a não ser dentro do cérebro; sentia o corpo vazio e ao mesmo tempo pesado como se carregasse todo o pêso do universo. Perdera o contrôlle dos movimentos. Era impossível chegar mais à frente.

Com dificuldade curvou-se um pouco, levantou um dedo e o encostou num ôlho de Weber. Não houve nenhuma reação. O inimigo estava morto. 509 tentou esticar o corpo, mas já agora, não o conseguia mais. O esforço para curvar-se, produzira o que antes receara:

um líquido quente, vindo de tão profundo que parecia subir das entranhas da terra, subiu-lhe até a boca e transbordou. O sangue jorrava com facilidade e sem dor. Caía sobre a cabeça de Weber. Parecia que aquêlê sangue não escorria só da boca; dava a impressão de que saía de todo o corpo e voltava para a terra de onde tinha brotado como uma fonte encantada. 509 não procurava conter aquêlê fluxo. Sentiu os braços amolecerem. Com a vista enevoada, distinguiu a gigantesca figura de Ahas-verus de frente da barraca. “Então êle também não...” ainda pôde pensar. Depois, a terra embaixo dêle se transformou num pântano e êle afundou...

* * *

Acharam-no só uma hora mais tarde. Logo depois que o primeiro momento de alvoroço se dissipou, haviam principiado a procurá-lo. Por fim, Bucher teve a idéia de investigar mais uma vez nas proximidades das barracas, onde achou o companheiro atrás do monte, misturado com outros corpos.

Lewinsky e Werner se aproximaram.

— 509 está morto. Foi baleado. Weber também. Estão caídos juntos ali adiante.

— Baleado? — Estava do lado de fora?

— Estava cá fora, na hora do barulho.

— Tinha trazido o revólver?

— Tinha.

— E Weber também está morto? Então foi 509 quem o matou — disse Lewinsky.

Levantaram o corpo do companheiro e tornaram a deitá-lo bem esticado. Depois examinaram Weber.

— É — declarou Werner. — Está parecendo. Tem duas balas nas costas.

Olhou em volta e avistou a arma:

— Está aqui! — disse pegando no revólver. Está descarregado. 509 usou-o.

— Precisamos tirá-lo daqui — opinou Bucher.

— Levá-lo para onde? Está tudo repleto. Mais de setenta presos foram queimados; cento e tantos estão feridos. Deixe-o aí, por enquanto, até haver lugar.

Werner olhou distraído para Bucher e perguntou:

— Sabe guiar?

— Não.

— Estamos precisando... — Werner se interrompeu. — De que é que estou falando! V. é do “pequeno acampamento”. Precisamos de alguém para o caminhão. Venha Lewinsky!

— Sim... Tenho uma bruta pena dêste aí.

— É...

Afastaram-se. Lewinsky ainda se virou uma vez. Depois seguiu o camarada.

Bucher continuou parado onde estava. A manhã despontara acinzentada. Os restos da barraca ainda queimavam. “Mais de setenta presos tinham morrido queimados. Sem a intervenção de 509, teriam sido muito mais”, pensou Bucher.

Ficou muito tempo ali parado. A barraca queimando, irradiava calor como um verão extemporâneo. A quentura o envolvia. Bucher a sentiu, mas logo a esqueceu. 509 tinha morrido. Era como se não fossem só setenta mortos, — era como se algumas centenas de homens tivessem desaparecido.

* * *

O pessoal de Werner tomou logo a direção do campo. Durante o dia a cozinha já estava funcionando. Presos armados guardavam a entrada do campo para impedir a entrada dos “SS”, caso quisessem voltar. Organizaram um comitê constituído por representantes de todas as barracas e imediatamente se propuseram a trabalhar. Foi enviado um destacamento incumbido de requisitar víveres, nas imediações.

— Vou substituí-lo — disse alguém junto de Berger.

O médico levantou os olhos. Estava tão cansado que já não compreendia coisa nenhuma.

— Aplique uma injeção — disse esticando o braço.

— Do contrário não agüento ficar de pé. Já não estou mais enxergando direito.

— Eu dormi — respondeu o outro. — Agora, vou substituí-lo.

— Já quase não temos anestésicos. Precisamos providenciar algum com a maior urgência. O pessoal que foi mandado à cidade, já voltou? Tinham ordem de ir procurar os hospitais.

O professor Swoboda, de Brunn, prêso da seção tcheca, percebeu do que se tratava: o colega estava extenuado a ponto de cair; como um autômato, estava trabalhando mecânicamente, sem interrupção.

— Agora é preciso ir dormir — disse em voz mais alta.

Os olhos inflamados de Berger piscaram:

— Sim, sim, concordou, tornando a curvar-se sobre um corpo queimado.

Swoboda segurou-o pelo braço!

— Dormir! Vou ficar no seu lugar. O Dr. precisa ir dormir!

— Dormir?

— Sim. Dormir!

— Está bem, está bem. A barraca... — Berger ficou lúcido por um momento — a barraca pegou fogo.

— Na rouparia. Arrumaram algumas camas para nós. Durma. Dentro de algumas horas irei acordá-lo.

— Horas. Não me acordarei nunca mais se não ficar de pé. Preciso... Minha barraca... Preciso...

— Venha! — disse Swoboda com energia. — Já trabalhou demais.

Chamou um ajudante:

— Leve-o para a rouparia. Lá armaram umas camas para os médicos.

Pegou Berger pelo braço e virou-o.

— 509... disse Berger já meio adormecido.

— Sim, sim. Está bem — respondeu Swoboda que não compreendera nada daquilo. — 509 naturalmente. Está tudo em ordem.

Berger deixou que lhe tirassem o avental branco e que o conduzissem. Do lado de fora o ar bateu-lhe em cima como um vergalhão enorme. O médico cambaleou, mas se firmou nas pernas. Aquela espécie de onda continuava a escorrer-lhe pelo corpo.

— Meu Deus! Eu operei!

Encarou o ajudante a seu lado.

— É claro. Todo o tempo — respondeu o rapaz.

— Eu operei — repetiu Berger.

— Mas é lógico! Primeiro, fêz curativos em vários feridos. Depois pegou o bisturi e zás-trás. Só se interrompeu para tomar duas injeções e quatro xícaras de chocolate. Não parou de trabalhar. Também, com essa quantidade de feridos!

— Chocolate?

— É. Tinham tudo isso para êles. Chocolate, manteiga e quanta coisa mais!

— Operei! Operei de verdade — murmurava Berger.

— E como! Eu nunca teria acreditado se não tivesse visto. Assim magro e abatido!

Olhou para o médico:

— Mas agora está precisando é de uma boa cama. Vai se deitar numa que foi de um chefe de destacamento. Do outro mundo! Venha.

— E eu que pensava...

— O quê?

— Pensava que não saberia mais...

Berger examinou as mãos. Virou-as de todos os lados e deixou-as cair.

— Sim — disse. — Dormir.

* * *

O dia estava cinzento. A agitação crescia. As baracas zumbiam como grandes colmeias. Era um estranho período de incertezas. Uma liberdade ainda na prisão, repleta de esperanças, de boatos e de um opressivo receio. A qualquer momento poderiam surgir forças "SS" ou pelotões organizados da juventude hitlerista. As armas encontradas no depósito tinham sido distribuídas, mas algumas companhias bem armadas dariam muito que fazer ao acampamento. Umas poucas peças de artilharia liquidariam tudo de uma vez.

Os mortos haviam sido levados para o crematório e ali empilhados como feixes de lenha. Não havia alternativa. O hospital não comportava mais ninguém.

No comêço da tarde, apareceu um avião. Surgira do meio das nuvens, voando sôbre a cidade.

Os presos estavam alvorçados.

— Para o pátio de chamada! Todos os que puderem andar, para o pátio de chamada!

Mais dois aviões se desenharam no horizonte, fizeram um círculo e seguiram o primeiro.

Os motores roncavam. Milhares de olhos fixavam o firmamento.

Os aparelhos se aproximavam com rapidez. A nova direção do campo reunira grande parte dos homens no pátio de chamada, dispondo-os em duas extensas filas, que formavam uma cruz gigantesca. Lewinsky trouxera lençóis que eram agitados por quatro prisioneiros em cada uma das extremidades da cruz.

Os aviões, tendo atingido a altura do acampamento, descreviam círculos cada vez mais baixos.

— Vejam! gritou alguém. As asas estão se movendo outra vez.

Os presos agitaram os lençóis. Centenas de braços se ergueram acenando. O clamor de milhares de vozes se elevou através o roncar dos motores. Muitos dos homens tiraram os paletós para fazerem sinais. Os aparelhos baixaram o máximo, agitaram as asas, elevaram o vôo e desapareceram no infinito.

— Toicinho — disse alguém. — Depois da guerra de 14, recebemos pacotes de toicinho do estrangeiro.

A massa de presos se dispersou, mas, amiúde os olhares se voltavam para o céu.

De repente avistaram o primeiro tanque americano, que com o seu aspeto severo e inquietante, subia a estrada devagar.

* * *

O jardim da chácara estava banhado por uma luz prateada. O perfume das violetas enchia o ar. As árvores frutíferas do lado sul, davam a impressão de esta-

rem envoltas por um bando de borboletas brancas e róseas.

Alfred ia na frente. Três homens o acompanhavam. Todos caminhavam em surdina. Alfred, com um gesto, mostrou-lhes o estábulo. Cada um dos americanos tomou uma direção, sempre sem fazer ruído.

Alfred escancarou a porta:

— Neubauer! — disse. — Saia daí!

Um grunhido veio da escuridão tépida.

— O quê? Quem é que está aí?

— Saia!

— O quê? Alfred? É V.?

— Sou eu.

Neubauer soltou outro grunhido.

— Puxa! Como dormi! Sonhei... Pigarreou limpando a garganta. Sonhei uma porção de besteiras. V. disse — saia — para mim?

Um dos soldados surgira de mansinho, ao lado de Alfred. Uma lanterna de bôlso clareou o interior do estábulo.

— Mãos ao alto! Saia daí!

O círculo de luz iluminou Neubauer sentado sôbre uma cama de campanha meio despido. Os olhos inchados de sono, piscaram à claridade da lanterna.

— O quê? — perguntou com voz empastada. — Que quer dizer isto? Quem é V.?

— Mãos para o alto — insistiu o americano. — Chama-se Neubauer?

Neubauer levantou um pouco os braços e fêz que sim com a cabeça.

— Comandante do campo de concentração de Mellner?

Neubauer concordou outra vez.

— Saia daí!

Neubauer percebeu o cano de uma metralhadora portátil, virado para êle. Levantou-se e ergueu os braços com tanta vivacidade que as mãos bateram de encontro ao teto baixo do estábulo.

— Não estou vestido.

— Para fora!

Neubauer saiu hesitante. Estava em mangas de camisa, de calças e de botas. Ficou esperando de pé, coberto de poeira e ainda sonolento. Um dos americanos apalpou-lhe os bolsos; um outro inspecionou o estábulo.

Neubauer olhou para Alfred:

— Foi V. que os trouxe até aqui?

— Fui.

— Judas!

— V. não é nenhum Cristo, Neubauer, respondeu Alfred com serenidade. E eu não sou nenhum *nazi*.

O soldado que estava inspecionando o estábulo saiu sacudindo a cabeça.

— Para a frente — ordenou o que falava alemão.

Era um sargento.

— Posso vestir o paletó? Ficou atrás das coelheiras, explicou Neubauer.

O soldado ficou indeciso um momento. Depois se afastou e voltou trazendo um paletó de civil.

— Esse não — explicou Neubauer. — Sou um soldado. Por favor, o paletó do uniforme.

— V. não é soldado nenhum!

Neubauer estremeceu:

— É o uniforme do partido a que pertença.

O soldado tornou a se afastar e trouxe o paletó do uniforme. Apalpou os bolsos e entregou ao dono. Neubauer vestiu-se e disse perfilando-se:

— Chefe de companhia de assalto, Neubauer. A sua disposição.

— Muito bem, muito bem, disse o americano. Para a frente!

Atravessaram o jardim. Neubauer reparou que abotoara errado o paletó. Desabotoou tudo e tornou a se abotoar direito. No último momento, tudo se passara diferente do que planejava. Weber, aquêle traidor, quiçara deixá-lo em maus lençóis com o tal fogo de artifício que acendera. Não seria difícil provar que o outro agira por conta própria. Neubauer não voltara ao campo desde a véspera. Recebera a notícia pelo telefone. No entanto, aquela história justo naquele momento, não deixaria de trazer-lhe complicações. Ainda por cima, Alfred, segundo traidor, não tinha aparecido e não dera satisfações. Neubauer ficara sem carro para fugir, como

acabara decidindo, no último momento. As tropas já tinham partido; êle não poderia, simplesmente, se embrenhar pelo mato. Tivera, então, a idéia de se ocultar na chácara. Julgara que jamais teriam a lembrança de o procurar ali. Na última hora ainda raspava o bigodinho à Hitler, mas Alfred, aquêles patife!...

— Sente-se atrás — disse o sargento apontando o assento.

Neubauer guindou-se para o carro, pensando: “Decerto isto é o que chamam de Jeep. Os soldados não tinham sido agressivos. Podia-se até dizer que estavam sendo corretos. Um dêles talvez fôsse um teuto-americano. Tinha ouvido falar de alemães radicados na América. Formavam o “Bund” ou coisa que o valha”.

— Fala bem alemão — disse cauteloso.

— Claro, — respondeu-lhe o outro com frieza — sou de Frankfurt.

— Ah!...

Na verdade, era um dia de azar. Os coelhos tinham sido roubados. Quando chegara à chácara, encontrara as coelheiras com as portas arrombadas, vazias. Era um mau sinal. A esta hora, com certeza, os pobrezinhos já estavam sendo assados no forno de algum canalha.

* * *

A porta do acampamento estava escancarada. Em tôdas as barracas tinham arvorado bandeiras improvisadas.

O grande altofalante difundia informações. Um dos caminhões chegara trazendo latões de leite. Bandos de prisioneiros fervilhavam pelos caminhos do acampamento.

O auto que transportava Neubauer parou em frente ao edifício da administração. A porta, um coronel dava instruções a outros oficiais. Neubauer desceu, ajeitou as calças e se apresentou:

— Chefe de companhia de assalto, Neubauer, à sua disposição.

Fêz uma continência militar. Não fêz o cumprimento *nazi*.

O coronel olhou para o sargento que servia de intérprete e perguntou:

— “Is this the son of a bitch?”*

— “Yes, sir”.*

— “Put him to work over there. Shoot him, if he makes a false move”.*

Neubauer fizera fôrça para entender a ordem dada em inglês.

— Vamos, disse o sargento. Para o trabalho. Ajudar no transporte de cadáveres.

Até aquêlo momento, Neubauer sonhara com um tratamento especial:

— Sou um oficial, tartamudeou. Tenho o pôsto correspondente a coronel.

— Tanto pior.

— Tenho testemunhas. Sempre fui humano! Pergunte ao pessoal!

— Pois eu creio que precisaremos escoltá-lo bem para impedir que o seu pessoal o corte em pedacinhos. Por mim poderiam fazer o que quisessem. Vamos adiante!

Neubauer deu ainda uma olhadela para o coronel que já não lhe prestava mais atenção.

O ex-comandante pôs-se a caminho. Seguia escoltado por três homens. Um de cada lado e um atrás. Logo aos primeiros passos foi reconhecido. Os americanos esperavam um ataque, encostaram-se bem a Neubauer e continuaram a marcha. Neubauer começou a transpirar. Olhava fixamente para a frente e andava como se, ao mesmo tempo, quisesse ir mais depressa e demorar muito a chegar.

Nada aconteceu, porém, durante o trajeto. Os presos paravam, ficavam olhando Neubauer passar. Não avançavam contra êle; deixavam-lhe o caminho livre. Nenhum se aproximou. Nenhum lhe dirigiu uma palavra. Ninguém lhe atirou uma pedra. Olhavam-no apenas. Formavam alas e o acompanharam com a vista durante todo o longo caminho até o “pequeno acampamento”.

No princípio, Neubauer respirou aliviado, porém logo começou a transpirar. Gaguejou qualquer coisa.

(*) “E’ êste o filho de uma cadela?” — “Sim, senhor”. — “Ponha-o a trabalhar lá do outro lado. Se fizer algum movimento suspeito, meta-lhe uma bala”. Em inglês no original. — N. da T.

Não levantava os olhos, mas sentia todos os olhares pregados nêle. Era como se estivesse numa prisão e, por inúmeros orifícios nas paredes, centenas de olhos o espreitassem. Como se, estando prêso, incontáveis olhos o observassem fria e atentamente.

Sentia o rosto queimando. Apressava o passo. Os olhares continuavam a segui-lo, sempre mais penetrantes. Sentia como se lhe estivessem verrumando a carne. Eram sanguessugas grudadas à sua pele que lhe estavam chupando todo o sangue. Neubauer deu uma sacudidela no corpo, mas as sanguessugas não se despregaram. Tinham lhe atravessado a epiderme, estavam presas às suas veias esvaziando-as.

— Eu... gaguejou. Dever... não fiz nunca... fui... sempre... Afinal o que é que querem de mim?

Estava encharcado quando atingiu o pátio onde existia a barraca 22. Seis "SS" que tinham sido fígados, estavam trabalhando em companhia de alguns cabos, guardados por uns poucos soldados americanos.

Neubauer parou num sobressalto. Diante dêle o solo estava coberto de esqueletos carbonizados:

— Que significa isto?

— Não se faça de idiota — respondeu-lhe o sargento. — Isto significa a barraca que vocês incendiaram. Aí dentro ainda deve haver uns trinta corpos. Vamos ao trabalho. Trate de tirar do meio das ruínas todos os ossos que encontrar!

— Nunca ordenei uma coisa dessas...

— Claro que não!

— Eu não estava aqui... Não soube de nada... Outros fizeram isto por sua própria conta...

— É claro. Foram sempre os outros. E todos aquêles que morreram aqui durante êstes anos? Também não foi por sua culpa?

— Foram ordens. Era o dever...

O sargento virou-se para um companheiro que estava a seu lado e comentou:

— Durante os próximos anos, por aqui só haverá duas frases correntes: Agi cumprindo ordens e: Não tive conhecimento disso.

Neubauer não o ouvia:

— Tentei sempre fazer o melhor...

— Esta — disse o sargento em tom amargo, será a terceira frase que teremos de agüentar. — Vamos! berrou de repente. Comece o trabalho. Desenterre os mortos. Pensa que é por gosto que não lhe arrebento a cara?

Neubauer curvou-se e, sem jeito, principiou a remexer nos restos carbonizados.

* * *

O transporte de feridos era feito em caminhões, em padiolas improvisadas, nas costas dos companheiros. Os que podiam se mover, iam apoiados nos camaradas. Conduzidos aos corredores do quartel dos "SS", eram despojados dos trapos sebentos que os vestiam, os quais iam para uma fogueira, enquanto seus donos eram metidos nas banheiras dos "SS".

Muitos estavam em tal estado que não percebiam o que era que pretendiam dêles. Ficavam deitados ou sentados por ali, em absoluto silêncio, na maior indiferença. Só quando o vapor de água quente saía pelas portas abertas, é que alguns saíam daquêl torpor e tentavam fugir, dando gritos angustiados.

— Vão para o banho! — gritavam-lhe os companheiros. — Precisam se lavar!

Era inútil. Os "esqueletos" se grudavam uns nos outros como uma corda de caranguejos e disparavam em direção à saída. Aquêles infelizes só conheciam a palavra banho e o vapor d'água, como sinônimos de câmaras asfixiantes! Mostravam-lhes o sabonete e as toalhas. Não adiantava nada. Já haviam assistido a tudo aquilo. Os *nazis* tinham usado daquele estratagema para convencer vários presos com mais facilidade. De posse de um pedaço de sabonete e de uma toalha, os desgraçados acreditavam na história do banho. Só quando o primeiro grupo de presos voltou dos banheiros, e com palavras e gestos lhes afiançaram que se tratava realmente de um banho, ficaram mais calmos.

O vapor se espalhava pelas paredes de azulejo. A água morna os acariciava. Os presos deixavam-se ficar

ali dentro, batendo com os braços finos, onde as articulações grossas sobressaíam, sôbre o líquido que esborrifava para todos os lados. As crostas de sujeira iam amolecendo. O sabão se espalhava sôbre a pele ressequida, dissolvendo a imundície; a quentura penetrava até os ossos. Água quente! Haviam esquecido o que aquilo significava. Ficavam deitados nas banheiras e foi ali que muitos, pela primeira vez, tiveram consciência de que estavam livres.

* * *

Bucher estava sentado ao lado de Lebenthal e de Berger. A quentura os envolvia. Aquela sensação causava-lhes um prazer animal. Era como um renascimento; a própria vida que brotava da quentura, restituindo ao sangue congelado as células gastas. Um prazer vegetal; aquela água ensolarada afagando-os, reavivava os germes da vida que pareciam estar mortos. Com a crosta de sujeira que se desagregava da pele, também se desagregava a crosta de sujeira que aderira à alma. Sentiam uma sensação de segurança. Como os homens das cavernas diante do primeiro fogo, sentiam-se protegidos pelo mais simples dos elementos: o calor.

Receberam toalhas. Depois de se enxugarem, olharam admirados para a pele que cobria os seus corpos devastados. Continuava flácida e macilenta, no entanto pareceu-lhes suave e branca.

Fizeram distribuição de roupas limpas. Antes de vesti-las examinavam as peças virando-as de todos os lados. Depois de prontos, foram conduzidos a outro compartimento. O banho, ao mesmo tempo que os animara, deixara-os fatigados. Caminhavam sonolentos, prontos para assistirem a outros milagres.

Ao chegarem ao dormitório não ficaram muito surpreendidos, vendo as fileiras de camas. Olharam para tudo e iam passando adiante.

— É aqui — disse o americano que os acompanhava.

Olharam-no espantados:

— Para nós?

— Sim. Para dormir.

— Para quantos?

Lebenthal mostrou a cama mais próxima e apontou para si e para Bucher, perguntando:

— Para dois?

Depois apontou para Berger.

— Ou para três?

O americano rindo-se, pegou em Lebenthal e o empurrou para cima de uma das camas. Foi fazendo o mesmo com Bucher, Berger e Sulzbacher.

— Assim — disse afinal. — Cada um em sua cama.

— E com uma coberta!

— Desisto de compreender — declarou Lebenthal.
— Até travesseiros nós temos!

* * *

Acabaram conseguindo um ataúde. Era um caixão prêto de madeira leve e de tamanho normal, mas ainda assim, muito grande para o corpo de 509. Sem dificuldade teriam podido colocar outro defunto ali dentro. Depois de anos e anos, era a primeira vez que o 509 dispunha de tanto espaço para si só.

Cavaram-lhe uma sepultura no lugar onde havia existido a barraca 22. Achavam que aquêle era o lugar indicado para enterrar o companheiro. Já anoitecera quando o pequeno cortejo chegou ao pátio do “pequeno acampamento”. A lua nascia num céu nublado. Alguns presos do “grande acampamento” os tinham ajudado a carregar o caixão.

Munidos de uma pequena pá, cada um se aproximou da beira da tumba para atirar um pouco de terra sôbre o esquife. Ahasverus chegou-se tanto para a beirada que acabou caindo dentro do buraco. Foi preciso que o içassem para cima. Depois os presos mais fortes ajudaram a tapar a sepultura.

Terminada a singela cerimônia, voltaram para o outro lado do acampamento. Rosen carregava a pá que tinham tomado emprestada. Ao passarem pela barraca 20, cruzaram com dois “SS” que transportavam um morto. Rosen parou em frente a êles. Os “SS” quiseram

evitá-lo. Um dêles era Niemann, o homem das injeções, o mesmo de quem 509 livrara Rosen. Os americanos o haviam fígado fora da cidade e o haviam reconduzido ao campo. Rosen recuou alguns passos, levantou a pá e desferiu-lhe um golpe na cara. Ergueu-a de novo mas antes que pudesse continuar, a sentinela americana, tirou a ferramenta de suas mãos trêmulas, dizendo com calma:

— “Come... we'll take care of that later.”*

Rosen estava tremendo. Niemann não ficara muito machucado. Apenas um talho na face.

Berger tomou o braço de Rosen:

— Venha. Ainda está muito fraco para estas coisas.

Rosen desatou em pranto.

Sulzbacher tomou-lhe o outro braço:

— Ele será julgado por tudo que fêz, Rosen.

— É preciso matá-los. Matá-los, a todos. Do contrário nada vai adiantar. Tornarão a voltar!

Conseguiram arrancá-lo dali. O americano devolvera a pá a Bucher. Continuaram a andar.

— Curioso — disse Lebenthal depois de um silêncio.

— V. era aquêles que não queria saber de vingança!

— Deixe-o em paz, Leo.

— Está certo, vou deixá-lo em paz.

* * *

Todos os dias, bandos de prisioneiros iam deixando o acampamento. Os trabalhadores escravos, vindos do estrangeiro e que estavam com saúde, foram os primeiros a seguir. Uma parte dos poloneses, porém não quis acompanhar os compatriotas. Não desejavam cair na zona russa. Quase todos os do “pequeno acampamento” tinham de continuar ainda no acampamento por uma boa temporada. Estavam muito enfraquecidos e precisavam de um tratamento especial. Havia alguns que não sabiam para onde se dirigir. Os parentes tinham se dispersado ou estavam mortos; seus bens haviam sido roubados, as cidades onde viviam estavam devastadas. Estavam livres, todavia, não tinham como usar a liberdade. Iam

(*) “Venha... cuidaremos disso mais tarde”. Em inglês no original. — N. da T.

ficando no acampamento. Não possuíam dinheiro. Ajudavam a limpar os alojamentos. Em troca recebiam casa e comida. Formavam um pequeno grupo. Eram aquêles que sabiam que em lugar nenhum havia alguém ou alguma coisa que os estivesse esperando.

Havia também os que não podiam acreditar na adversidade total. Partiam à procura da vida que passara. Todos os dias grupos e grupos desciam a colina. Levavam nas mãos um cartão de identidade com o qual obteriam viveres e, no coração, algumas datas imprecisas.

Tudo, porém, se havia transformado. A perspectiva de liberdade fôra tão precária, que a maior parte dêles não tomara sèriamente nenhuma decisão. Agora constavam que a vida não era um paraíso cheio de encontros miraculosos, de reuniões maravilhosas, um encantado retórno aos anos de antes da desgraça. A vida lhes oferecia apenas, de um lado, a desolação de suas pobres recordações, do outro, um deserto onde brilhava uma esperança incerta. Desciam a colina e a única coisa de que dispunham, eram as vagas indicações de alguns lugares e de alguns nomes. Um pálido talvez. Seria possível ainda encontrarem uma ou duas das criaturas que lhes tinham sido caras. Ninguém ousava esperar mais do que isso.

— O melhor é irmos embora o mais depressa possível — disse Sulzbacher: As coisas não vão se modificar e quanto mais tempo se ficar aqui, tanto mais complicado tudo vai se tornando. Quando menos se esperar terão organizado um campo de concentração para aquêles que não sabem para onde ir.

— V. acha que já pode agüentar?

— Engordei cinco quilos.

— Não é suficiente.

— Não pretendo fazer muito esforço.

— Para onde é que vai? — perguntou Lebenthal.

— Para Düsseldorf. Vou procurar minha mulher.

— Como é que pretende chegar até lá? Já há trens em circulação?

Sulzbacher encolheu os ombros.

— Ignoro. Só sei que aqui há mais dois que desejam fazer o mesmo trajeto. Querem ir a Soligen e Duisburg. Poderemos fazer juntos a viagem.

— São seus conhecidos antigos?

— Não. Mas já é alguma coisa não ter de caminhar sozinho.

— Tem razão.

— Também acho.

Apertou as mãos dos companheiros.

— Tem o que comer? — perguntou-lhe Lebenthal.

— Tenho comida para dois dias. Depois poderemos nos apresentar às autoridades americanas. De qualquer modo dará certo.

Sulzbacher desceu a encosta acompanhado pelos dois que iam rumo a Soligen e Duisburg. Virou-se uma vez e acenou aos que ficavam. Depois continuou sem tornar a olhar para trás.

* * *

— Ele tem razão — comentou Lebenthal. — Também vou deixar o acampamento. Hoje à noite já vou ficar na cidade. Preciso falar com alguém que quer fazer uma sociedade comigo. Vamos abrir um negócio. Ele entra com o capital e eu com a experiência.

— Muito bem, Leo.

Lebenthal tirou do bolso um maço de cigarros americanos e ofereceu em redor.

— Este será o grande negócio — disse. — Cigarros americanos. Exatamente como depois da outra guerra. É preciso aproveitar a ocasião.

Olhou o maço colorido:

— Melhor do que dinheiro — garanto a vocês.

Berger sorriu:

— Leo — disse. — V. é que está certo.

Lebenthal olhou-o desconfiado:

— Nunca disse a ninguém que era um idealista.

— Não se ofenda. Não tive segunda intenção. Muitas vezes foi V. a nossa tábua de salvação.

Lebenthal sorriu lisonjeado:

— Fêz-se o que se pôde. Sempre foi bom ter entre vocês um comerciante experimentado. Se puder fazer al-

guma coisa por vocês... Como é que estão as coisas com V., Bucher? Pretende continuar aqui?

— Não. Estou esperando que Ruth fique um pouco mais forte.

— Muito bem. Lebenthal puxou do bolso uma caneta-tinteiro americana e escreveu qualquer coisa. Aqui está o meu enderêço na cidade. No caso de...

— Onde arranjou esta caneta? — perguntou Berger.

— Fiz uma troca. Os americanos são loucos por lembranças do acampamento.

— O quê?

— Colecionam lembranças. Qualquer coisa. Pistolas, sabres, distintivos, chicotes, bandeiras. É um ótimo negócio. Tratei de arranjar o mais que pude de tudo isso.

— Leo — disse Berger. — É bom que existam criaturas como V.

Lebenthal concordou sem se admirar.

— E V.? Ainda fica por aqui?

— Sim. Ainda continuo por aqui.

— Então ainda nos veremos de vez em quando. Vou morar na cidade, mas pretendo subir até cá para fazer as refeições.

— Isso foi o que imaginei.

— Claro. Têm bastante cigarros?

— Não.

— Tomem. — Lebenthal tirou do bolso dois maços ainda fechados e deu um a Bucher e outro a Berger.

— Que é que tem mais? — perguntou Bucher.

— Algumas conservas.

Lebenthal consultou o relógio:

— Preciso ir.

Tirou debaixo da cama uma capa impermeável americana e vestiu-a. Os outros não fizeram mais nenhum comentário. Mesmo que tivesse aparecido com um automóvel, os companheiros não se teriam admirado.

— Não perca o enderêço — disse virando-se para Bucher. — Seria pena se não nos tornássemos a encontrar.

— Não o perderemos.

— Vamos partir juntos. Karel e eu — disse Ahasverus.

Estavam parados diante de Berger.

— Fiquem aqui mais algum tempo — aconselhou o médico. — Vocês ainda não estão suficientemente fortes.

— Não. Queremos ir embora.

— Sabem para onde vão?

— Não.

— Então por que é que querem ir tão depressa?

Ahasverus fez um gesto vago:

— Já estivemos bastante tempo aqui dentro.

O velho estava paramentado com uma antiquada vestimenta. Era uma espécie de capa com uma gola igual à que os cocheiros usavam e que lhe batia à altura dos cotovelos. Lebenthal que já estava com a sua loja funcionando, lhe arranjava aquilo. Pertencera a um professor de ginásio, morto num dos últimos bombardeios. Karel estava fantasiado com diferentes peças dos uniformes americanos.

— Karel vai-se embora — explicou Ahasverus.

Bucher se acercara e examinava a figura de Karel:

— Que é que há? — perguntou.

— Os americanos adotaram o pequeno. O primeiro regimento que chegou aqui. Agora mandaram um jipe buscá-lo. Vou aproveitar e fazer um pedaço da viagem com êle.

— Adotaram V. também?

— Não. Vou só aproveitar um pedaço da viagem.

— E depois?

— Depois? — Ahasverus espraçou o olhar pelo vale lá embaixo. Sua capa esvoaçava ao vento. — Há tantos acampamentos onde tenho conhecidos...

Berger o contemplava. Lebenthal lhe havia dado a roupa que lhe convinha. Estava vestido como um peregrino e como um peregrino iria de um acampamento a outro. De uma sepultura a outra. Mas... qual seria o prisioneiro que se poderia ter dado ao luxo de ter uma sepultura? Que iria procurar, então?

— Sabe? — continuou Ahasverus. — Acontece, às vezes, que sem se esperar, encontramos, de repente, um velho amigo no meio da rua.

— Tem razão, Velho.

Olharam para os dois que estavam prontos para partir.

— É esquisito que todos nós tenhamos de nos separar — comentou Bucher.

— Pretende também deixar o campo breve?

— Sim, mas não devemos nos perder de vista por completo.

— Ao contrário — disse Berger. — Ao contrário.

— Devemos nos encontrar de novo, depois de tudo o que aqui passamos juntos.

— Não.

Bucher encarou o médico.

— Não — repetiu Berger. — Não devemos esquecer o que se passou aqui, mas não devemos ter um culto por este passado. Do contrário, nunca nos libertaremos da sombra dessas tôrres de metralhadoras.

* * *

O “pequeno acampamento” fôra esvaziado. Haviam-no desinfetado e mudado os seus habitantes para as barracas do “grande acampamento” ou para o quartel dos “SS”. Apesar de terem gasto água em abundância, muito sabão e muito desinfetante, o cheiro da morte, da sujeira e da miséria, continuava a se exalar das infectas barracas.

Na cêrca de arame farpado, inúmeras passagens tinham sido abertas.

— Acha que não vai ficar cansada? — perguntou Bucher a Ruth.

— Não.

— Então, tratemos de ir embora. Que dia é hoje?

— Quinta-feira.

— Quinta-feira. Como é bom que os dias tenham um nome novamente! Aqui só tinham números. Eram 7 na semana, mas sempre todos iguais.

Haviam arranjado os documentos com as autoridades que estavam dirigindo o acampamento.

— Para onde vamos? — perguntou Ruth.

— Para lá,

Bucher apontou o outeiro, onde a casinha branca se encontrava.

— Vamos primeiro até lá. Aquela casa nos deu sorte.

— E depois?

— Depois? Podemos voltar até cá. Aqui sempre distribuem comida.

— Que nunca tenhamos de voltar para cá!

Bucher olhou admirado para Ruth:

— Está bem. Espere, enquanto vou buscar as nossas coisas.

Não era muito o que tinham de carregar. Um pouco de pão que chegaria para alguns dias e algumas latas de conservas e de leite condensado.

— Vamos mesmo embora? — perguntou a jovem.

Bucher reparou na fisionomia tensa da companheira:

— Vamos sim, Ruth.

Despediram-se de Berger e se encaminharam para a passagem que fôra aberta na cêrca do “pequeno acampamento”. Já tinham estado do lado de fora algumas vêzes, sem terem ido até muito longe, mas de cada vez sentiam a mesma emoção quando estavam do outro lado. Parecia-lhes que a corrente elétrica dos arames e as metralhadoras viradas para aquela faixa de terreno, continuavam sempre a ameaçá-los. Um calafrio percorreu-lhes o corpo, quando atravessaram a passagem aberta na cêrca. Depois o mundo sem fim se estendeu diante dêles.

Caminhavam devagar, lado a lado. Era um dia quente e suave. Durante anos haviam se arrastado, corrido ou se esgueirado. Agora estavam andando tranquilos e esticados sem que nenhum perigo os estivesse ameaçando. Atrás dêles não se ouviam disparos nem gritos. Ninguém os estava perseguindo.

— É fantástico! — disse Bucher.

— É. Chega quase a fazer mêdo.

— Não olhe para trás. Ia virar a cabeça?

— Ia. É instintivo. A gente se vira sem querer.

— Vamos tentar esquecer. Ao menos enquanto pudermos.

— Está bem.

Seguiram para a frente. Cruzaram um caminho. Um prado verde, semeado de primulas amarelas se alargava diante deles. Do acampamento tinham visto muitas vezes aquela paisagem. Bucher lembrou-se das pobres primulas que, no último momento, Neubauer mandara plantar em volta da barraca 22. Afastou a recordação.

— Vamos. Quero atravessar êste campo.

— Será que se pode fazer isto?

— Creio que agora poderemos muitas coisas. Sobretudo, creio que não deveremos mais ter medo de coisa alguma.

Sentiam a grama debaixo dos pés, roçando-lhes os sapatos. Já tinham se esquecido daquela sensação. Há muito só conheciam o chão duro do pátio de chamada.

— Vamos pela esquerda — declarou Bucher.

Tomaram a esquerda. Esbarraram nos galhos de uma nogueira. Contornaram-na. Curvaram os galhos da árvore e sentiram o perfume das fôlhas e das flôres. Também aquilo era novo para os dois.

— Venha. Agora vamos pela direita — resolveu Bucher.

Tomaram a direita. Parecia pueril, mas aquilo lhes dava uma sensação de tranqüilidade. Podiam fazer o que lhes agradasse. Ninguém os estava ameaçando. Estavam livres.

— Parece um sonho — disse Bucher. — Tenho até medo de ter de acordar e de encontrar de novo a barraca com tôda a sua miséria.

— Aqui se respira um ar diferente. O ar é vivo e puro.

Ruth estava com as faces rosadas e os olhos brilhantes.

— É um ar vivo, perfumado. Não está cheirando a morte.

Pararam perto de um choupo:

— Podemos nos sentar aqui. Ninguém virá nos enxotar. Podemos até dançar se tivermos vontade.

Sentaram-se e ficaram olhando os besouros e as borboletas. No acampamento só havia ratos e môscas varejeiras. Ouviram o murmurejar de um regato perto

do choupo. As águas eram claras e corriam depressa. No acampamento havia sempre falta de água. Aqui o líquido corria em abundância sem que ninguém o utilizasse. Os dois teriam de se reacostumar a muita coisa!

Continuaram a descida. Avançavam com calma, descansando muitas vezes. Depois alcançaram o vale e quando se viraram para trás o acampamento tinha desaparecido. Ficaram muito tempo sentados, silenciosos. Dali não podiam mais ver nem o acampamento nem a cidade em ruínas. Avistavam apenas um prado e o infinito céu azul. Sentiram uma brisa morna bater-lhes no rosto. Era como se umas mãos suaves afastassem de suas fronteiras a negra teia do passado.

“Talvez seja assim que devemos começar”, pensou Bucher. “Começar do princípio, sem amarguras, sem ódio, sem recordações. Princípiar com aquilo que há de mais primitivo — o sentimento da vida — e não com o sentimento de que vivemos apesar de tudo, como no campo de concentração. Simplesmente, com o sentimento de que vivemos”. Sabia que aquilo não era uma evasão. Estava consciente do que 509 esperava dê-lo: — que fôsse um dos que saindo dos anos de tortura tivesse fibra, para dar testemunho e para lutar. Ao mesmo tempo, porém, tinha sentido que a confiança que os mortos nê-lo haviam depositado, só não seria um fardo insuportável, se o escudasse aquê-lo sentimento de vida simples e forte. Então poderia ter a fôrça de não esquecer, sem se arriscar a sucumbir sob o pêso de tais recordações, tal como Berger se expressara ao se despedirem.

* * *

— Ruth! — disse, depois de algum silêncio. — Quando se começa de tão baixo como nós estamos começando, deve haver ainda uma grande faculdade de se desfrutar a felicidade.

O jardim estava todo florido, mas quando penetraram na casa, verificaram que uma bomba caíra ali, destruindo tôda a parte detrás. Só a fachada permanecera intacta, com a sua porta de madeira entalhada. Abriram-na e se encontraram defronte de um monte de ruínas.

— Já não era mais uma casa quando a olhávamos!

— Foi bom não sabermos de nada.

Contemplaram os destroços. Tinham acreditado que enquanto aquela casa agüentasse de pé, eles também agüentariam. Tinham se agarrado a uma ilusão, a uma ruína que só tinha fachada. Havia uma grande ironia naquilo e ao mesmo tempo um grande consolo. A ilusão os tinha ajudado e no momento era só do que necessitavam.

Não havia nenhum cadáver soterrado. A casa já devia estar abandonada quando a bomba ali caíra. De um lado, sob os escombros, havia uma porta estreita que estava meio inclinada. Dava para a cozinha. O compartimento não ficara muito danificado. O fogão estava intacto e até umas frigideiras e panelas ainda existiam. A chaminé do fogão poderia ser consertada com facilidade e, utilizando uma janela quebrada para passar o cano para fora, podia-se acender o fogo.

— Podemos acendê-lo — disse Bucher. — Lá fora há bastante madeira para queimar. — Começaram a procurar dentro do entulho para ver se encontravam alguma coisa.

— Aqui há uns colchões. Com um pouco de trabalho poderemos desenterrá-los. Mãos à obra!

— Esta casa não é nossa.

— Não é de ninguém. Para começar poderemos ficar aqui durante alguns dias.

* * *

Quando anoiteceu já tinham esticado dois colchões no chão da cozinha. Havia encontrado umas cobertas sujas de calça e uma cadeira em perfeito estado. Na gaveta de uma mesa, encontraram garfos, facas e colheres. Um bom fogo crepitava no fogão. A fumaça saía pela chaminé enfiada no buraco da janela. Bucher continuava a explorar os escombros.

Ruth encontrara um pedaço de espelho que, em segredo, metera dentro da bolsa. Agora colocara-o perto da janela e estava se mirando. Ouviu o chamado de Bucher e respondeu, mas não pôde desviar a vista do que

estava vendo refletido no cristal. Os cabelos grisalhos. Os olhos fundos. A bôca amargurada, onde havia muitas falhas de dentes. Mirou-se longamente e sem piedade. Depois jogou o caco de espelho dentro do fogo.

Bucher vinha entrando. Achara um travesseiro. O céu se tingira de um verde maçã. A noite estava calma. Olharam pela janela quebrada e, de repente, tiveram consciência de que estavam inteiramente sós. Não conheciam mais aquela sensação. No acampamento havia sempre gente por todos os lados. As barracas superlotadas. Até as privadas sempre repletas. Era bom se estar no meio de camaradas, mas nunca estar sozinho, era opressivo! Aquela multidão esmagava a individualidade, transformando-a numa massa impessoal.

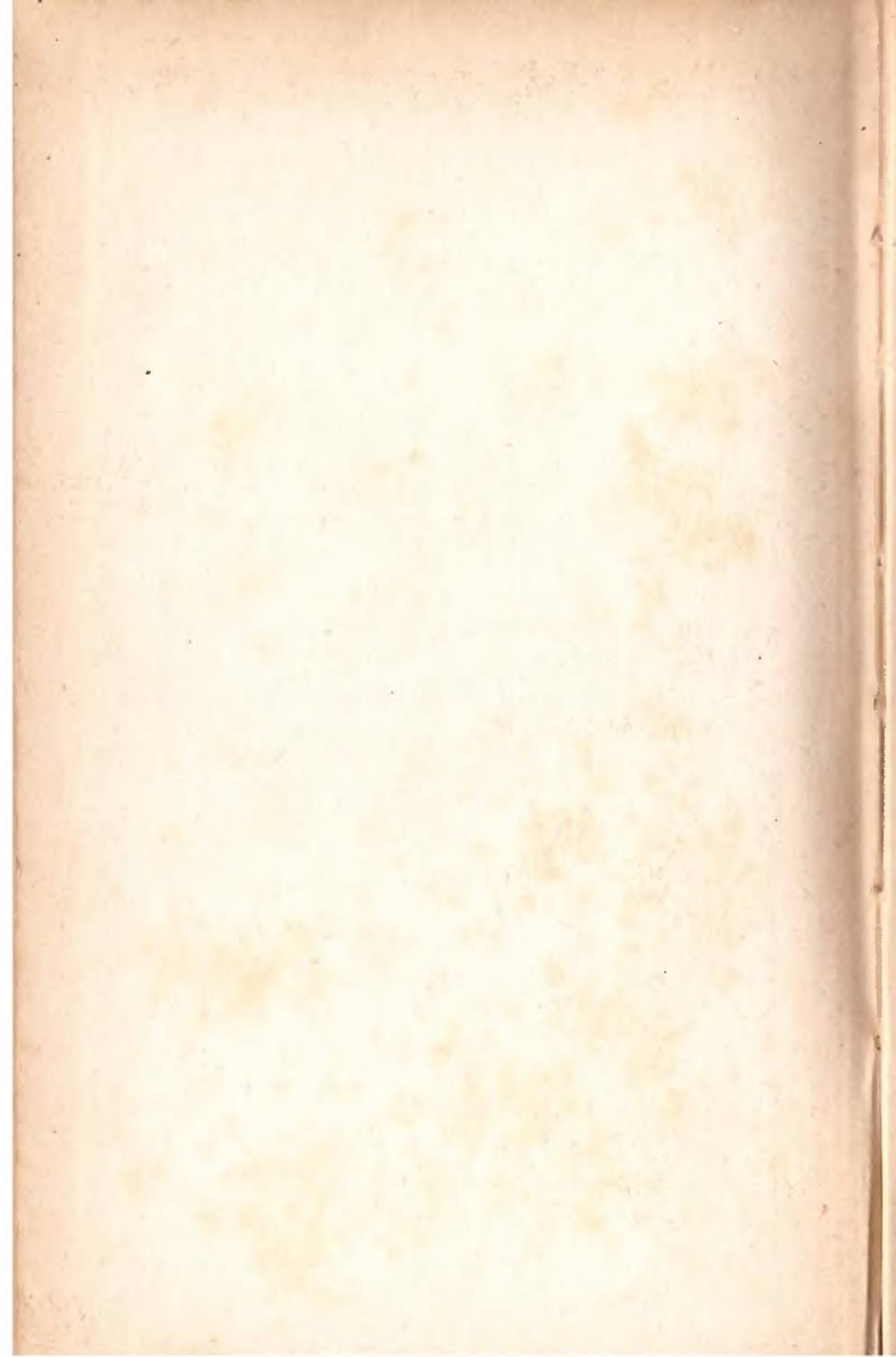
— É esquisito ficar de repente sozinho, Ruth!

— Como se fôssemos as últimas criaturas sobre a terra.

— As últimas não. As primeiras.

Colocaram os colchões de maneira que, deitados, pudessem olhar para fora. Abriram algumas conservas e comeram. Depois, sentaram-se à porta, um ao lado do outro. Por detrás dos escombros, os últimos clarões do dia se extinguíam.

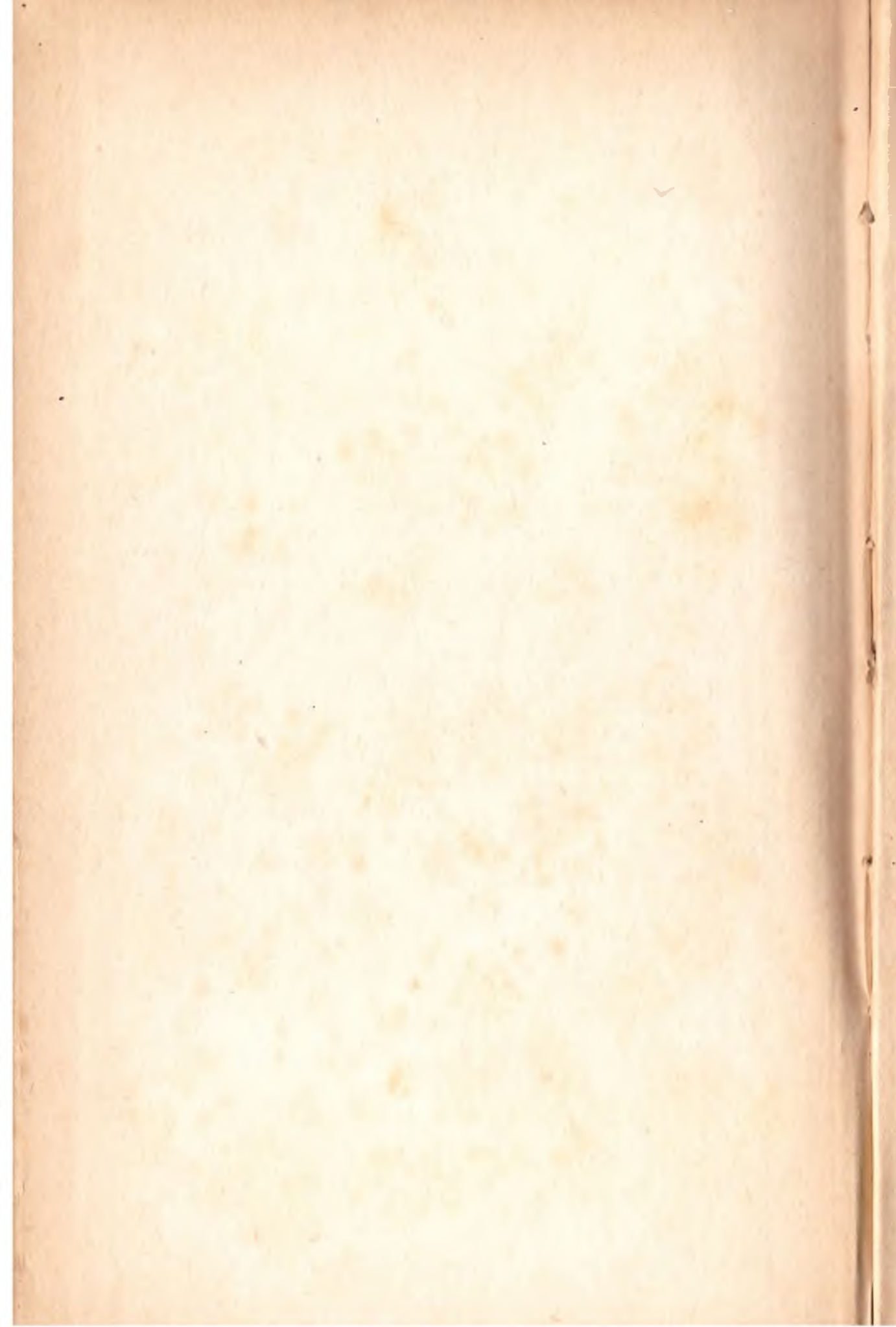
F I M



ÍNDICE



<i>Caps.</i>	<i>Pag.</i>
1	5
2	15
3	30
4	44
5	53
6	71
7	94
8	111
9	128
10	142
11	157
12	177
13	192
14	211
15	224
16	245
17	259
18	276
19	292
20	303
21	321
22	332
23	348
24	364





ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS DA EMPRESA GRÁFICA DA
"REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA., A RUA
CONDE DE SARZEDAS, 38, SÃO PAULO,
PARA A
LIVRARIA *JOSÉ OLYMPIO* EDITORA
RIO,
EM 1954.

